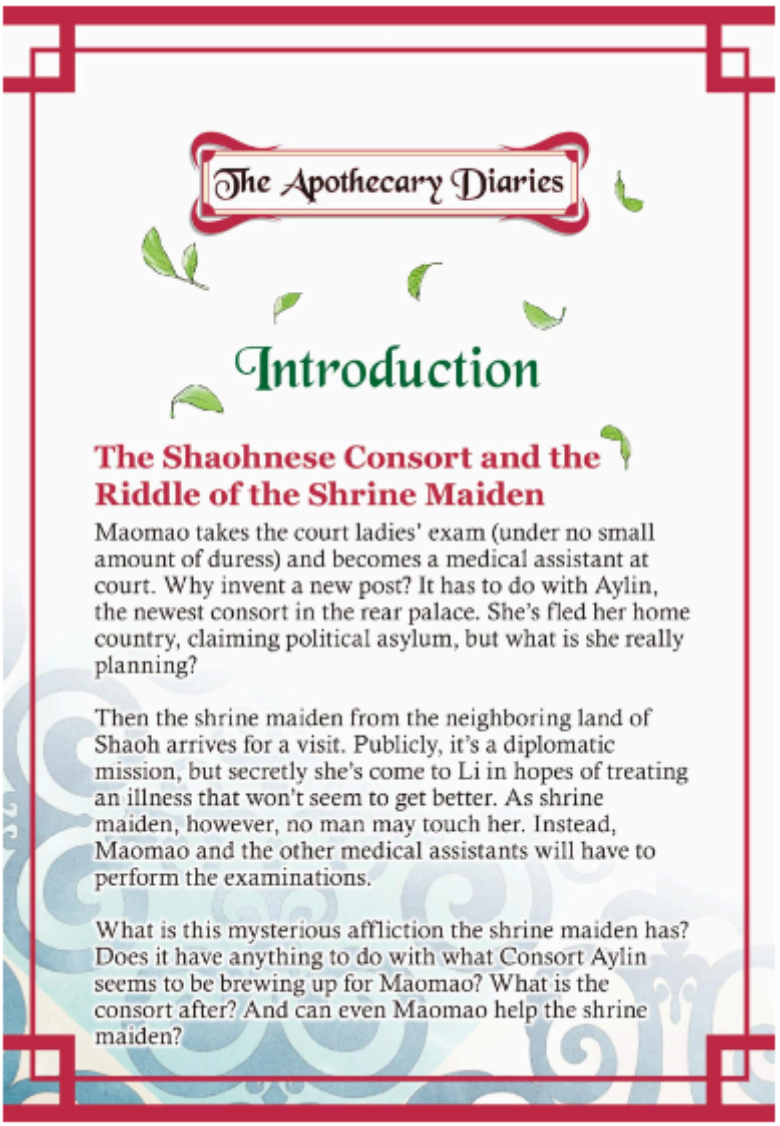
Olá, fás de Kusuriya no Hitorigoto! Aqui é a página JinMao Diaries (https://x.com/jinmaok?s=20). Estamos com um projeto de traduzir todas as *novels* da obra disponíveis no J novel para o português!

Algumas considerações extremamente importantes:

- A novel foi traduzida pelo próprio dispositivo do google docs, mas foi revisada do inglês para o português 2 VEZES. O docs traduziu o bruto, mas lemos a novel nos dois idiomas para ajustar a precisão da tradução;
- Caso tenha algum erro nos avisem na DM do twitter;
- Não considerem como tradução oficial, ela foi feita de fã para fã;
- Aproveitem!

Com carinho, JinMao Diaries!

Maomao tenta mais uma vez o exame de dama da corte, conseguindo um cargo de assistente em um dos consultórios médicos. Isso é apenas o começo de seus problemas, pois uma nova consorte entra no palácio interno e traz consigo novos enigmas. O que quer uma ex-emissária do tribunal com três jovens assistentes médicas? Como isso está ligado a uma misteriosa sacerdotisa de Shaoh? E será que algum maluco de monóculo em particular cuidará da própria vida?



Perfis de personagens

Maomao
Uma apotecária no bairro do prazer. Totalmente obcecada por remédios e venenos, mas em grande parte desinteressada por outros assuntos. Dezenove anos de idade.

Jinshi
O irmão mais novo do imperador. Desumanamente lindo. Ele não consegue tirar Maomao da cabeça, mas por bem ou por mal, ela sempre consegue evitá-lo. Nome verdadeiro: Ka Zuigetsu. Vinte anos.

Basen
Filho de Gaoshun; Atendente de Jinshi. Não sente dor tão intensamente quanto a maioria das pessoas, o que lhe confere limites físicos muito maiores do que a maioria tem. Ele é muito sério, mas isso o torna fácil de ajustar. Apaixonado pela consorte Lishu.

Gaoshun
O pai de Basen. Um soldado bem construído, ele foi anteriormente assistente de Jinshi, mas agora serve pessoalmente ao imperador.

Lakan
Pai de Maomao e sobrinho de Luomen. Uma aberração com um monóculo. Ele é um militar de alto escalão, mas seu comportamento bizarro faz com que as pessoas o evitem.

Lahan
Sobrinho e filho adotivo de Lakan. Um homem pequeno com óculos redondos, ele tem uma queda por mulheres bonitas e tentará conversar com elas sempre que vir uma, não importa que sua aparência não combine com a delas.

Luomen
O pai adotivo de Maomao; Tio de Lakan. Outrora eunuco no palácio interno, ele agora atua como médico da corte. Ele está sem uma rótula, um castigo que lhe foi infligido há muitos anos.

Ah-Duo
Anteriormente uma das quatro consortes favoritas do imperador. Uma mulher bonita que se veste com roupas masculinas. Trinta e sete anos.

Imperatriz Gyokuyou
A esposa legal do imperador. Uma beleza exótica com cabelos ruivos e olhos verdes. Vinte e um anos.

Consorte Lihua
Uma das consortes do imperador. Tem um peito farto. Vinte e cinco anos de idade.

Kokuyou
Um médico. Ele é bonito o suficiente, mas tem cicatrizes de varíola em metade do rosto. Ele é suspeitamente alegre para um homem com um passado tão trágico.

Aylin
Anteriormente uma emissária de Shaoh. Uma bela mulher com cabelos dourados e olhos azuis, ela fugiu para Li em busca de asilo depois de perder uma batalha política.

A senhora
A velha senhora que dirige a Casa Verdete. Aterrorizante quando está com raiva.

O imperador
Um verdadeiro empreendedor e possuidor de pelos faciais prodigiosos. Prefere suas mulheres bem dotadas. Trinta e seis anos.

O charlatão
Um eunuco no palácio interno e seu médico residente. Um sujeito mais velho e rechonchudo, com um bigode que lembra os bigodes de uma botia.

Prólogo

A boca de Jazgul ficou aberta de espanto com o maior barco que ela já tinha visto em sua vida.

O barco iria descer o rio, sair para o mar e depois viajar para um país vizinho, ou pelo menos foi o que lhe disseram. Jazgul passaria muitos dias no barco, mais dias do que ela poderia contar nos dedos de ambas as mãos (que era o máximo que Jazgul conseguia contar). Havia muitas pessoas ao redor que vieram se despedir delas.

O barco era esplêndido. Ela nunca sonhou que algum dia poderia viajar em tal navio. Ela veio de uma família pobre; seus pais não lhe deram nada além de seu nome e a mais escassa das refeições todos os dias. Então, finalmente, eles a venderam como escrava.

Jazgul não conseguia falar. Ela podia ouvir, mas por algum motivo não tinha voz desde o dia em que nasceu. Ela poderia trabalhar, embora talvez não tanto quanto muitas pessoas. Mas sua família não tinha meios para sustentá-la.

Jazgul tinha certeza de que ela se tornaria uma "concubina". Ela não era tão feia, e se seu nariz fosse um pouco baixo, bem, sua aparência geral era charmosa o suficiente para compensar isso. Sim, ser concubina a deixaria feliz. Não era como ser uma "prostituta"; aqueles tinham que trabalhar o tempo todo, todos os dias. Uma concubina, ela ouviu, tinha apenas um homem para agradar.

Assim, quando foi levada para a casa grande, ficou radiante, certa de que estava prestes a se tornar uma concubina.

"Que prazer ter você aqui", foi a saudação com que foi recebida naquela casa. Ela tinha ouvido falar que seu dono era um velho pervertido, mas nada poderia estar mais longe da verdade. Em vez disso, ela se viu servindo alguém muito, muito amável. Alguém com cabelos brancos e puros e que fosse um pouco gordinho.

Ninguém ficou chateado porque Jazgul não conseguia falar e não sabia ler ou escrever. Em vez disso, ela recebeu papel caro e muita tinta e foi informada de que, se não soubesse escrever, deveria fazer desenhos.

Ela aprendeu seus deveres diligentemente para que pudesse ser útil neste lugar e, enquanto aprendia, foi capaz de comer bastante e usar roupas bonitas. Ela descobriu que servia alguém muito gentil e que fazer desenhos era muito divertido. Ela desenhava a paisagem lá fora, ou o dono da casa, ou os criados mais antigos. E, de vez em quando, ela desenhava algo que tinha visto em um sonho. Certa vez, ela sonhou em andar em um barco, tão grande quanto o que estava à sua frente agora. Quando ela fez aquele desenho, o dono lhe disse que era especialmente bom.

Sim, ela encontrou um trabalho muito bom.

Perguntaram-lhe se ela desejava ir com sua amante em um barco para um país distante, e ela decidiu que sim. Ela esteve em um barco uma vez, depois de ter sido vendida como escrava, mas foi horrível. Aquele barco parecia muito mais divertido.

Ela não ficou enjoada nem no barco negreiro, então não achou que haveria algum problema com esse. Mas essa pessoa que Jazgul servia era frágil e fraca, então Jazgul teria que trabalhar muito e ter muita energia.

A pessoa a quem ela servia estava doente, ela percebeu, com pele clara, cabelos brancos e olhos vermelhos como a polpa de uma fruta. Pele que ficou vermelha e queimada ao sol do meio-dia; essa pessoa não conseguia nem suportar lugares muito claros. Mas pele, cabelos brancos e olhos vermelhos eram sinais de terem sido escolhidos por Deus, e isso os tornava especiais. Sua senhora insistiu que as características não eram um fardo. Jazgul achou que sua amante tinha sorte e, como se fosse capaz de ler seus pensamentos, uma mão pálida estendeu a mão e acariciou sua garganta, e ela foi informada de que ela também era especial. Ela tinha algo ainda mais especial do que uma voz. O pensamento a deixou muito feliz.

Essa pessoa que Jazgul serviu era muito importante, alguém que tinha os ouvidos do rei. Por que alguém tão importante teria que ir para tão longe? O motivo era o trabalho. Elas eram tão especiais que podiam fazer coisas que o rei não conseguia.

Jazgul servia a alguém muito inteligente, que lhe ensinou muitas coisas diferentes – mas ela descobriu que as outras damas de companhia começavam a lhe lançar olhares desagradáveis se ela passasse muito tempo com a patroa, então ela não poderia estar lá muito tempo.

"Ei, você está pronto?", chamou um homem corpulento que devia ser um dos marinheiros.

Jazgul estava praticamente pulando de excitação. Ela estava tão ansiosa para entrar no barco. Será que esta terra estranha e distante estaria cheia de vegetação espalhada como ela viu em seu sonho?

"Jazgul", disse uma voz, e ela se assustou: sua senhora estava lá, usando um véu para fugir do sol. Seu rosto estava coberto com grandes quantidades de pomada, e uma assistente permaneceu diligentemente por perto com um guarda-chuva. A mulher tinha que ficar na ponta dos pés – sua amante era quase uma cabeça mais alta que a dama de companhia.

“Honrada sacerdotisa, por favor, embarque rapidamente no navio, se desejar. Sua pele vai queimar.”

"Sim, eu entendo."

O sol escaldante era assustador, mas a brisa lá fora era agradável. Olhos vermelhos semicerrados contra a luz.

Jazgul sabia de fonte segura que a donzela do santuário já tinha mais de quarenta anos. Idade suficiente para uma pessoa ser avó ou avô na aldeia de Jazgul, onde as pessoas raramente viviam por muito tempo. Na verdade, os pais de Jazgul tinham mais ou menos essa idade. A pele deles estava bronzeada e enrugada devido aos longos anos de trabalho no campo e cuidando do gado. A linda pele da donzela do santuário parecia bastante jovem em comparação. Talvez ela estivesse mais magra há muito tempo, mas agora tinha um pouco de barriga. Isso era um sinal de riqueza e, na aldeia de Jazgul, teria sido considerado muito bonito.

“Este país para onde vamos tem muito mais água do que Shaoh.”

Jazgul assentiu obedientemente. As outras damas de companhia lhe disseram isso quando ela decidiu ir.

“Lá eles cultivam trigo e arroz, e é muito verde.”

As colheitas de grãos eram um luxo; mesmo aqueles que os cultivavam encontravam a maior parte dos frutos do seu trabalho considerados como impostos e nunca os provavam. O centro urbano de Shaoh fervilhava de comércio, mas não era preciso ir muito longe para encontrar uma infinidade de aldeias indigentes. Quando os insetos começaram a se multiplicar, a fome veio rapidamente. A própria Jazgul foi vendida porque a sua família não conseguia cultivar o suficiente para comer.

Era muito importante que elas se tornassem amigos de um país que tinha muita comida. Foi por isso que a honrada sacerdotisa estava fazendo essa longa jornada. Elas falavam uma língua diferente neste novo país, mas Jazgul não conseguia falar de qualquer maneira, então ela não teria que falar. Ela teria, no entanto, que se concentrar em aprender a ouvir.

A donzela do santuário olhou para Jazgul e deu um tapinha em sua cabeça. Jazgul fechou os olhos e sorriu como um cabrito satisfeito.

“Eu me pergunto, que tipo de sonhos você teve ontem à noite?”

Ela sonhava em caminhar por uma cidade repleta de belas águas. Mais tarde, no barco, haveria tempo para fazer um desenho.

Enquanto os marinheiros se preparavam para partir, Jazgul, as outras damas e a sacerdotisa dirigiram-se para a cabine.

Capítulo 1: O Exame de Serviço das Damas da Corte

“Já faz muito tempo.”

"Sim, senhor. Muito tempo”, repetiu Maomao, praticamente repetindo as palavras do homem que estava diante dela. Ela estava preguiçosamente preparando alguns remédios em sua farmácia no distrito do prazer, quando quem deveria aparecer senão o indutor original de sensação de confusão, Gaoshun.

“Se me permite perguntar, senhor, o que está acontecendo?” Até onde ela sabia, Gaoshun não era mais o assistente de Jinshi, mas servia ao próprio imperador. Ela se preparou: certamente Sua Majestade não tinha nada a tratar com ela?

"Não é nada. Meu filho, maldito seja, deveria ter vindo, mas considerando que recentemente ele se machucou da maneira mais ridícula possível...”

Então Gaoshun veio em seu lugar, juntando-se a Jinshi por um breve período enquanto o menino se curava.

“Ah. Sim, os ferimentos foram bastante graves”, disse Maomao, recordando os acontecimentos recentes: houve um verdadeiro alvoroço naquele canto do tribunal. Ela ainda conseguia imaginar o jovem espancado; foi doloroso só olhar para ele.

“Sim, ele estava um desastre absoluto”, concordou Gaoshun.

“Estou impressionada que ele tenha sobrevivido.”

“Meu filho sempre foi durável, pelo menos.” A observação pode ter soado cortante, mas o “filho tolo” de Gaoshun – isto é, Basen – sofreu esses ferimentos enquanto cumpria seu devido dever. Ele sacrificou sua própria saúde e bem-estar para salvar a consorte Lishu, que se jogou de uma varanda sob a influência das drogas da Dama Branca.

Foi uma exibição louvável, mas, com exceção da mão direita, cada pedaço dele estava quebrado, arranhado ou rasgado. Maomao ficou francamente surpresa por ter mantido a consciência.

“Ele jurou que voltaria a trabalhar de muletas, então tive que contê-lo em casa. Ele está atualmente se recuperando sob o olhar atento de sua mãe e irmã mais velha.”

Maomao assentiu com compreensão enquanto abria uma gaveta. Devia haver chá em algum lugar.

Gaoshun, entretanto, disse: **“Você não precisa se importar comigo, Xiaomao”.**

“Tem certeza, senhor? Tenho alguns pães da rua principal que dizem que acabam ao meio-dia todos os dias.”

Ela os obteve das cortesãs, que disseram que planejavam entregá-los as aprendizes até perceberem que não tinham o suficiente e não queriam começar uma briga. Havia apenas uma de Maomao, então não haveria nenhuma briga de ciúmes.

Os pães consistiam em massa cozida no vapor trabalhada com açúcar mascavo e inhame; eles eram conhecidos por sua doçura delicada e exterior rico.

“Você me convenceu”, disse Gaoshun. Ele poderia parecer um soldado severo, mas tinha uma queda insaciável por doces.

Maomao preparou o chá, pegou um pouco que ela fez naquela manhã e esfriou com água de poço. Poder servir uma bebida gelada a um convidado durante a estação quente era o cúmulo do luxo. A senhora não hesitou em permitir que Gaoshun fosse servido em uma vasilha de vidro, algo normalmente reservado apenas para seus melhores clientes. (Aliás, Basen foi servido com algo um degrau abaixo na escala de luxo.)

Gaoshun começou com o pão, com um sorriso feliz no rosto. Por que ele poderia estar lá? Ele certamente não veio apenas para trocar conversa fiada. Quando percebeu que Maomao o estava observando, Gaoshun enfiou o resto da guloseima na boca e rapidamente engoliu com um pouco de chá. **“Aham! Se me permite voltar aos negócios”,** disse ele.

Maomao imediatamente teve um mau pressentimento sobre isso. **“Eu tenho outro pãozinho aqui, senhor. Por favor, se sirva.**" Ela ofereceu a ele aquele que ela mesma

planejava comer. Ela gostava mais de vinho do que de doces, de qualquer maneira. Gaoshun era um cara atencioso – ela sabia que um dia o pãozinho voltaria para ela na forma de uma bebida decente.

Gaoshun devorou o segundo pão e depois limpou a garganta. **“Xiaomao, você tem alguma intenção de se tornar uma oficial médica?”**

“Você sabe que isso não é possível.” As mulheres não podiam tornar-se médicas oficiais, não segundo as leis do país tal como estavam.

"Perdoe-me. Acho que coloquei a questão de forma errada. Você tem alguma intenção de chegar a um posto equivalente ao de um oficial médico?”

Desta vez Maomao não foi tão rápida em responder. Um posto equivalente ao de um médico: em outras palavras, um que lhe permitisse algum acesso aos medicamentos no consultório médico. Ela tentou manter os lábios em uma linha neutra e reta, mas não conseguiu evitar um leve tremor.

Um brilho apareceu nos olhos de Gaoshun. **“Você também poderia experimentar novos medicamentos. Temos pessoas que fazem isso, você sabe.”**

Mesmo assim, Maomao ficou em silêncio, mas sentiu sua bochecha começar a se contorcer e os cantos dos lábios começarem a subir.

Não! Não desista! Há um problema. Tem que haver.

A ideia toda era boa demais para ser verdade e isso significava que era uma armadilha. Além disso, foi Gaoshun quem veio até ela com a sugestão. Não haveria almoços grátis com ele, e ela sabia disso. Sem mencionar que havia essa loja para pensar. Ela tinha um aprendiz de apotecário, é verdade, mas ele começaria a gritar se ela o deixasse sozinho novamente. Ele ainda estava longe de estar pronto para ficar de pé sozinho.

Ok, essa é a parte em que eu recuso.

Gaoshun devia saber que as coisas não estavam indo do seu jeito, porque ele atacou primeiro.

"Você conhece Shaoh, é claro? No oeste? Você se lembra da emissária daquele país?"

"Ah, você quer dizer..." Aylin. Esse era o nome dela. Maomao e Lahan encontraram-se com ela na sua recente estada na capital ocidental. Pensar nela fez Maomao hesitar. Essa foi a mulher que lhes pediu provisões ou asilo político. Mesmo antes daquele encontro no oeste, ela e sua prima tinham vindo para Li.

Então, novamente, Gaoshun falou apenas de uma emissária. Talvez ele quisesse dizer outra pessoa. Maomao escolheu a maneira mais segura de descobrir: **"Você quer dizer as duas que estiveram no banquete onde Mestre Jinshi trabalhou tanto no ano passado, certo?"**

Ela provavelmente poderia tê-los descrito como "a dupla problemática que estava tão ansiosa para ver o espírito da lua de décadas atrás" sem se meter em problemas. A dupla incluía Aylin, a mulher que ela conheceu na capital ocidental, junto com outra mulher, Ayla. Ela era tão distorcida quanto sua prima e era fortemente suspeita de ter vendido o mais novo tipo de arma de fogo para o clã Shi. Ambas estavam com problemas de locomoção, sem dúvida.

"Presumo que você saiba que Aylin foi recentemente admitida no palácio interno como consorte intermediária."

"Sim, senhor. E se me permite perguntar, você tem certeza de que está tudo bem? A chegada dela pareceu muito precipitada."

"Não tenho certeza. Sendo ela estrangeira, as outras consortes e mulheres do palácio não são de forma alguma bem-intencionadas com ela. Sem mencionar que ela não trouxe nem uma empregada solteira de Shaoh com ela. Considerando sua posição, parecia um acordo bastante justo, mas também a faria parecer bastante triste."

"Então é assim que isso me envolve?" Maomao perguntou. Se ela ocupasse um status equivalente ao de uma oficial médica, ela poderia entrar facilmente no palácio interno.

“Normalmente, seria ideal para você entrar como dama de companhia. Mas...” A expressão de Gaoshun era conflituosa.

Contra todas as probabilidades, Maomao tinha sido até o ano anterior provadora de comida da consorte – aham, imperatriz – Gyokuyou. Então ela deixou aquele posto e voltou para o distrito do prazer. Sob ordens diretas, é verdade, mas se ela se virasse e se tornasse atendente de outra mulher teria levantado muitas questões. Sem mencionar que a própria imperatriz Gyokuyou pode ter ficado um pouco fora de forma com isso.

“Com os privilégios de um oficial médico, você pode até se reunir com a imperatriz Gyokuyou como assistente. A ideia a deixou muito feliz quando tocamos no assunto.”

“Ainda não concordei”, disse Maomao, mas ela sabia que se a imperatriz Gyokuyou já estivesse a bordo...

"Certamente. Tenho aqui uma carta de recomendação da própria imperatriz.” Totalmente imperturbável, Gaoshun entregou-lhe uma carta. *Era estranho*; ela pensou ter visto algo semelhante antes em algum lugar. **“E eu também tenho um do Mestre Jinshi.”** Gaoshun apareceu com outra carta. O rosto de Maomao começou a se contorcer. **“E aqui está uma de Sua Majestade.”**

“Não consigo imaginar por que Sua Majestade faria...” Maomao recuou fisicamente desta última e mais suntuosa carta.

Gaoshun, com a testa firmemente enrugada, fechou lentamente os olhos. **“Você se lembra de como uma vez fizemos você fazer o exame de serviço de damas da corte para que pudesse trabalhar na corte externa, certo?”**

"Sim. E você se lembra que falhei miseravelmente?”

Houve um breve período em que Maomao trabalhou como subordinado direto de Jinshi. Durante esse tempo, ele e Gaoshun a incentivaram a se tornar uma dama da corte qualificada, e muitos tomos grossos foram impressos sobre ela.

"Eu faço. Presumimos que você passaria facilmente. Sabíamos o quão apaixonada você era em seu estudo sobre drogas e venenos, e que você é uma aprendiz pronta.”

"Sim, bem, infelizmente, temo ter decepcionado você."

Maomao não era especificamente uma pessoa mais inteligente ou melhor aluna do que qualquer outra pessoa. Ela simplesmente se importava menos com algumas coisas que

interessavam à maioria das pessoas e, em vez disso, desviava essa atenção extra para campos nos quais estava interessada.

"Só para ter certeza, Xiaomao, não é que você seja incapaz de aprender coisas que não lhe interessam, é apenas difícil para você, certo? Por exemplo, você aprendeu os costumes do distrito de prazer."

"Não me deram escolha."

A senhora poderia parecer uma múmia ambulante, mas ainda tinha muita vitalidade. Maomao teria sido disciplinada por não aprender o que lhe foi ensinado e, pior, não lhe teria sido dado nada para comer. Seu pai, Luomen, tentou encobri-la, mas seu velho aposentado nunca iria vencer com a senhora. Assim, para sobreviver, Maomao aprendeu os costumes do bairro do prazer, recorrendo às suas "irmãs mais velhas" para ajudá-la.

"Tudo bem, então o que você está dizendo é que pode aprender algo se se sentir suficientemente compelido. Um sentimento que, devo observar, as ordens diretas do Mestre Jinshi não parecem ter inspirado em você."

Maomao recuou mais um passo.

Gaoshun segurava três cartas: de Jinshi, da imperatriz Gyokuyou e do imperador. Podiam não ser comunicados oficiais, mas mesmo assim ela sentiu que estava sendo encarada por três das pessoas menos capazes de dizer não no país.

"Por bem ou por mal, Xiaomao, precisamos que você passe no teste."

"Fá-fácil para você dizer..."

Gaoshun abriu a porta da loja. Um homem que parecia ser um de seus subordinados estava esperando do lado de fora com um pacote embrulhado em pano, que ele trouxe e desembrulhou, revelando uma pilha brilhante de grãos prateados.

"Desta vez", disse Gaoshun, e Maomao percebeu que podia ver a senhora parada ao fundo, segurando uma de suas varas disciplinares favoritas e olhando avidamente para a colina de prata. *Encurralada!* Maomao pensou. **"Desta vez, você vai passar no teste. Não quero nenhuma desculpa."**

E isso foi o fim.

O planejamento de Gaoshun foi uma obra de arte. A senhora já havia sido paga, a farmácia ficaria sob a responsabilidade do aprendiz Sazen e Maomao receberia um quarto vago na Casa Verdete para estudar.

De vez em quando, o pirralho Chou-u aparecia e interrompia o trabalho, mas a senhora ou os criados sempre o agarravam pela nuca e o arrastavam. Foi uma pena para ele, mas ele estava interrompendo Maomao enquanto ela tentava estudar. O que mais ele esperava?

Na sala, queimavam incenso que deveria aumentar o foco, e as notas doces de *erhu* e *qin* soavam na sala ao lado, onde cortesãs que eram especialmente talentosas haviam sido escolhidas para manusear os instrumentos.

Estudar deveria fazer você desejar coisas doces, mas, em vez disso, ofereceram a Maomao biscoitos de arroz salgados e suco de frutas gelado.

Eles pensaram em tudo. Quanto custou isso?, ela imaginou.

Com ou sem custo, ela frequentemente desejava poder tirar uma soneca, mas a madame fazia patrulhas regulares, o que acabava com essa ideia. Ela própria, tendo sido uma cortesã de alta classe em sua juventude, era mais educada do que a média das pessoas.

"Você não consegue recitar nem um desses poemas?", ela exigiu.

"É um exame médico! Por que a poesia está presente nisso?" Maomao respondeu.

A rigor, ela não faria o exame de oficial médico, mas sim o exame para damas da corte que desejassem servir no consultório médico. Havia uma série de qualificações necessárias para se tornar uma dama da corte, mas a posição de uma dama da corte especializada em medicina era algo novo. Na opinião de Maomao, se quisessem se dar ao trabalho de criar uma nova especialidade, deveriam ter aproveitado para tirar a poesia da prova. **"Não tem nada a ver com medicina. Há história ali também – até mesmo cópias de sutras!"** Ela reclamou.

"Conhecer a história muda uma pessoa de dentro para fora. E quanto melhor for a sua caligrafia, mais fácil será de ler. Copiar sutras é uma prática excelente."

Imaginei que este era o momento em que a senhora falaria com bom senso. Maomao gostaria de dizer algo como ***"Não se preocupe em aprender nada que não dê dinheiro",*** como ela costumava fazer. Talvez fosse esperar demais, dada a quantidade de prata envolvida desta vez.

Os caracteres que a velha escreveu para Maomao copiar eram adoráveis. Sua mão poderia agora ser como um galho seco, mas antigamente ela ostentava unhas brilhantes e dedos tão ágeis quanto peixes deslizando na água.

Os homens gostavam de mulheres com uma caligrafia bonita. Os homens gostavam de mulheres com aparência bonita. Ela passou a vida se aprimorando para o benefício dos homens, e agora aqui estava ela ensinando as mesmas lições às damas do bairro do prazer. Se ela era tão bonita, por que não escolheu outra vida? Talvez não houvesse escolha.

Maomao expressou um pensamento que às vezes lhe passava pela cabeça: **"Você pode escrever caracteres lindos e ainda assim dizer coisas horríveis com eles".**

Ela pensou que a próxima coisa que sentiria seriam os nós dos dedos da senhora batendo em sua cabeça, mas nada aconteceu. **"Ninguém sabe se você é bonita ou suja por dentro"**, disse a velha. **"Então você também pode escrever bonito."** Então ela olhou para os exemplos incisivamente, como se dissesse ***Agora, vamos lá***! Os caracteres perfeitos e perfeitamente equilibrados pareciam ter sido uma folha de respostas para o próprio concurso público.

"Sim, tudo bem", disse Maomao, sabendo que a vara esperaria por ela se ela tentasse relaxar. Ela arregaçou as mangas e pegou o pincel.

O teste das damas da corte foi aplicado com alguma regularidade. Ao contrário do concurso público, essa prova era realizada exclusivamente por mulheres jovens, que não serviriam tanto quanto os homens, por isso havia rotatividade frequente de funcionários e necessidade constante de sangue fresco.

Na sua maioria, as mulheres que procuravam tornar-se damas da corte eram filhas de funcionários ou de famílias ricas de comerciantes; para eles, o serviço na corte era uma conquista para se gabarem como noiva em potencial, ou então uma forma de encontrar um marido; muito poucas mulheres se candidataram ao serviço por paixão pelo trabalho. Maomao havia sofrido alguma maldade nas mãos de algumas damas da corte durante seu tempo como assistente de Jinshi, e certamente não lhe parecia que as mulheres estivessem levando seu trabalho muito a sério.

A prova aconteceu em um prédio escolar da zona norte da capital. O concurso para o serviço público propriamente dito era realizado em outra cidade, em algum lugar ao norte da capital, mas para uma prova realizada com a mesma frequência que o concurso para o serviço feminino, era muito mais fácil fazer as coisas na própria capital.

Depois de duas semanas de estudos ininterruptos, Maomao chegou ao exame desanimada. Havia cerca de cem pessoas lá, o que não é surpreendente, considerando que não eram apenas aspirantes a assistentes médicos que estavam presentes.

Não há muito a dizer sobre o exame em si. Acabou em algumas horas e Maomao voltou imediatamente para casa. Eles já haviam verificado sua documentação preliminar, não

que ela esperasse falhar naquele estágio. Ela quase começou a se preocupar por ter morrido por causa de tratamento especial.

Não... Se eles fossem fazer isso por mim, então por que me obrigariam a estudar tanto? Ela preferiu pensar que poderia passar por mérito próprio. De qualquer forma, ela estava bastante confiante em seu trabalho - se alguma coisa pudesse fazê-la tropeçar, seria a poesia clássica e a cópia de sutra, assuntos pelos quais ela não tinha interesse. Francamente, se ela tivesse cometido um erro em qualquer outra coisa, ela gostaria que eles a informassem, porque o exame médico consistiu em conhecimentos totalmente elementares sobre drogas e remédios. Maomao poderia ter respondido dez vezes mais perguntas do que fizeram no tempo previsto para o teste.

Depois de responder às pressas, Maomao não tinha nada em particular para fazer, então decidiu começar a caminhar para casa. E ela teria feito isso, se não tivesse ouvido a voz idiota.

"O que? O que você quer dizer com não posso fazer o teste?"

Houve algum tipo de discussão acontecendo em frente ao centro de testes envolvendo o oficial encarregado do exame e alguém que parecia ter feito o teste – mas havia algo estranho sobre essa pessoa em particular. Ela estava vestida com roupas femininas, mas eram fisicamente bem grandes. Claro, havia mulheres altas por perto, mas essa pessoa também tinha uma voz baixa... uma que Maomao reconheceu.

Sinto que não é a primeira vez que vejo algo assim, pensou ela. Ela desejou poder ignorar o mau pressentimento que tinha, mas não conseguiu descartar a cena bizarra.

"Por que, senhor? Por que você não me deixa entrar?", perguntou a "mulher", tendo o cuidado de falar com uma polidez impecável. O rosto dela estava escondido com um pano e nesse momento as suspeitas de Maomao transformaram-se em certeza. É verdade que a pessoa parecia uma mulher, se você apenas olhasse para o rosto dela. Eles tinham traços faciais atraentes, equilibrados e delicados, para não falar de um trabalho de maquiagem perfeitamente bom. Mas a pessoa estava claramente falando em falsete, e a forma como se contorcia era particularmente desagradável.

"O que você está fazendo?" Maomao perguntou. Ela poderia ter ignorado toda a situação, mas se sentiu mal pelo oficial pego no meio. Ele era um homem bastante legal. Se Maomao estivesse em seu lugar, ela teria chamado imediatamente a segurança. **"Kokuyou!"**

A "mulher" era na verdade um homem que Maomao conheceu num navio que voltava da capital ocidental. Ele tinha cicatrizes de varíola em metade do rosto, que era o que o pano cobria. Ele era médico, mas, infelizmente, as cicatrizes o impediram de conseguir

um trabalho decente. Por outro lado, sua personalidade idiota não poderia ser atribuída ao infortúnio.

“Ah, Maomao! Faz um tempo que não vejo você! Ouça, você não vai acreditar nisso! Esse homem malvado não me deixa fazer o exame!” Ele piscou para ela com seu único olho visível, como se dissesse ***Jogue junto!*** Ela desejou que ele não fizesse isso. Era assustador.

Não importa se eu queria jogar junto com ele. **“O teste já acabou.”**

"O que? Você está brincando!", ele gritou, colocando as mãos nas bochechas teatralmente. Muito útil.

“O pobre rapaz está apenas fazendo seu trabalho. Vamos”, disse Maomao, e arrastou Kokuyou para longe do centro de testes.

É assustador ser apanhado no fluxo dos acontecimentos: por exemplo, o que foi dito acima levou imediatamente, inexoravelmente, a Maomao almoçar com um esquisito vestindo roupas de mulher. Ela desejou que ele se trocasse, mas infelizmente ele não trouxe outra roupa com ele. (Informou a Maomao, ele tinha pedido emprestado o traje à esposa do chefe da aldeia onde vivia, o que fez com que Maomao também tivesse dúvidas sobre ela.)

“E aqui eu finalmente pensei que tinha encontrado meu novo emprego. Então o próximo exame é daqui a dois meses, hein?”

"Não importa. Você não aguenta. Você não está qualificado. Embora se você deseja ser castrado, ficarei feliz em ajudar...”

"Oh, por favor, não faça isso!" Kokuyou disse, recuando e se contorcendo novamente. Muito assustado.

“Eu pensei que você estava ajudando o velho, de qualquer maneira. O que aconteceu com aquilo?"

Da última vez que Maomao soube, Kokuyou estava ajudando um velho médico em uma aldeia vizinha. Eles pareciam se dar bem, mesmo que o velho fosse meio esquisito.

“Vovô não tem se sentido muito bem ultimamente. Ele disse que acha que vai se aposentar do trabalho médico em breve e que eu deveria encontrar um lugar novo enquanto a descoberta for boa.”

A expressão de Maomao era conflituosa, pois ela tinha uma ideia do motivo pelo qual o velho médico poderia estar se sentindo tão fraco.

“Foi quando ouvi falar desta nova oportunidade de ser assistente de consultório médico!”

Bem, verifique os requisitos da próxima vez!

Na verdade, provavelmente sim – foi por isso que ele apareceu com roupas femininas. Ela ainda desejava que ele fizesse algo a respeito. Na verdade, ele parecia bastante atraente e estava atraindo olhares de alguns dos homens ao redor. Seu rosto meio escondido também lhe dava um ar de mistério. Porém, se eles tivessem ouvido a voz dele, isso teria tirado o fôlego de suas velas.

Maomao comia um pão pequeno e leve, enquanto Kokuyou comia alguns bolinhos cozidos no vapor.

“Vovô disse que me daria a casa se eu quisesse ficar na aldeia”, comentou Kokuyou. **“Há muitas ervas medicinais por lá também.”**

“Então você simplesmente assume o lugar dele. Parece bom para mim. Qual é o problema?" Maomao perguntou.

"Não é tão simples assim. Vovô era um ex-médico, certo? As pessoas vinham de longe para vê-lo porque ele tinha essa autoridade. Não acho que as pessoas virão de longe para ver um cara que por acaso apareceu e assumiu o controle do lugar.”

Havia verdade nisso. Kokuyou pode ter conquistado alguma confiança das pessoas da própria aldeia, mas um povoado tão pequeno não daria trabalho suficiente para colocar comida na mesa. Reúna e venda ervas e misturas médicas suficientes e você poderá sobreviver por pouco.

Naquele momento, Maomao ergueu o dedo indicador. Esses problemas se resolvem! **“Diga, você estaria interessado em ir ao distrito do prazer algumas vezes por mês?”**

Kokuyou só teve que pensar nisso por um momento. **“Se você pagar minhas despesas de viagem, claro. E seria ótimo se eu pudesse fazer uma refeição com isso.”**

“Temos tanto arroz que podemos vender um pouco, então não acho que isso deva ser um problema.” Eles tinham o arroz e o trigo que ganharam depois dos acontecimentos na aldeia do médico charlatão, e agora também tinham batatas-doces, tantas que estavam pensando em cozinhá-las e adoça-las.

Maomao continuou: **“Sua missão seria ensinar conhecimentos medicinais e fitoterápicos ao aprendiz de apotecário de lá e continuar fornecendo as ervas que compramos no passado. Também quero que você misture todos os remédios que o aprendiz não consiga administrar, embora ele e nossa proprietária, a senhora, precisem examinar tudo o que você preparar.”** Isso era justo quando ela estava efetivamente pedindo a um estranho de origem desconhecida para fazer o trabalho. **“O aprendiz de apotecário pode cuidar da administração da loja, então você nem precisará falar com os clientes.”**

“Ah, mas sou um ótimo vendedor!” Kokuyou disse, se contorcendo novamente. Considerando que não conseguiu encontrar emprego precisamente porque a sua aparência impedia os clientes de quererem falar com ele, Maomao optou por ignorá-lo.

“Que tal esse salário?” Maomao ergueu um dedo. Combinado com o trabalho na aldeia, daria para comer, mesmo que fosse pouco para a remuneração de um apotecário.

"Como é isso?" Kokuyou disse, puxando mais alguns dedos de Maomao. Então os dois começaram a rir. Maomao, porém, também lançou-lhe um olhar furioso: para alguém que agia como um idiota, ele certamente tinha uma noção aguçada do mercado. Chega de contar os dedos; ela acabou debatendo com ele todos os detalhes do orçamento. Pelo menos ela conseguiu mastigar um pãozinho enquanto fazia isso.

Capítulo 2: Assédio

Sazen pareceu extremamente aliviado quando Maomao lhe contou que havia encontrado outro apotecário.

“Estou tão feliz por não ter que cuidar da loja sozinho novamente”, disse ele. Francamente, Maomao teria preferido ouvir um indignado **“*Posso cuidar disso sozinho!*”** Mas muito bem.

Os dias após o exame foram um breve interlúdio de paz. Ela fez o que lhe disseram para fazer, mas as duas semanas inteiras sem permissão para nada além de estudar só lhe trouxeram dor. Ela ficou muito satisfeita por poder voltar a trabalhar no campo e fazer alguns remédios.

Alguns dias depois, chegou uma carta – sua aceitação, ela presumiu, e, na verdade, ela estava certa.

“Seria surpreendente se alguém falhasse naquele teste”, dissera a senhora quando Maomao lhe contou sobre o conteúdo do exame. Conseguir uma pontuação perfeita foi um verdadeiro desafio, mas a nota para aprovação foi de apenas sessenta por cento. Até

Maomao, que dependia principalmente de estudos, calculou que tinha tirado pelo menos oitenta, e as mulheres que estudaram adequadamente para o exame dificilmente poderiam ter se saído pior do que ela. Mesmo quando se tratava da parte do conhecimento médico propriamente dito, havia poucas questões especializadas; a maioria dos itens seria fácil de responder se você dedicasse seu tempo e pensasse bem neles.

"Só uma pessoa realmente inteligente poderia pensar isso. Olá, vovó, Maomao." Pairin entrou na sala, parecendo particularmente desleixada. Essa princesa da Casa Verdete, uma das três, devia ter recebido um cliente na noite anterior, pois sua pele estava brilhando. O cliente, por sua vez, provavelmente foi tão sugado em sua essência que voltou para casa parecendo uma fruta murcha. Algumas pessoas afirmavam que foi o domínio do *fangzhongshu*, as artes do quarto, que deixou a beleza de Pairin inalterada, apesar do fato de que, bem depois dos trinta anos, ela era a cortesã mais velha do estabelecimento. **"Só de pensar nessas coisas minha cabeça dói. Tentei aprender, mas simplesmente não entra na minha cabeça!",** ela disse.

Bem, todos tinham qualidades diferentes. Em geral, você poderia alcançar a maioria das coisas, mais ou menos, se trabalhasse duro o suficiente, mas havia algumas coisas nas quais o esforço por si só não poderia ajudar. A "irmã mais velha" de Maomao, Pairin, não sabia escrever muito bem; quando ela tentava, os caracteres muitas vezes saíam ao contrário, como se estivessem em um espelho. A velha senhora fez várias tentativas para melhorar a caligrafia de Pairin, mas a peculiaridade permanecia, e ela sempre precisava que alguém verificasse sua escrita ou simplesmente escrevesse para ela. Porém, quase como que para compensar, ela era uma dançarina incomparável; não havia ninguém melhor em todo o distrito de prazer.

"Que bom que você passou e tudo mais, mas e daí? Você tem roupas para trabalhar?"

"Presumo que isso seja problema deles", disse Maomao, perfeitamente feliz por deixar outra pessoa fazer o trabalho e não se sentindo nem um pouco obrigada a fazer ela mesma quaisquer preparativos especiais. Mesmo no dia anterior ao teste, um mensageiro chegou de Gaoshun trazendo roupas e utensílios de escrita. Ela teve a impressão de que o mensageiro também deveria acompanhá-la de e para o centro de testes, mas ter uma babá como aquela parecia uma dor de cabeça, então ela o ignorou. Para o bem ou para o mal, isso a deixou livre para acabar almoçando com o transformado Kokuyou.

A carta de aceitação dizia que todos os que tivessem passado no teste deveriam se reunir no tribunal no dia seguinte, antes de cada um ir para os departamentos designados. Foi acompanhada por uma ficha de madeira chamuscada com o símbolo de uma flor. Sua passagem para os terrenos do palácio, ela imaginou.

Maomao murmurou e colocou a carta em cima do armário de remédios, depois começou a moer algumas ervas.

No dia seguinte, Maomao foi ao local indicado na carta; ficava perto de um prédio lotado de autoridades civis e não muito longe do consultório médico. Ela julgou ter visto cerca de oitenta por cento dos participantes do teste entre os aprovados, e saber que oito em cada dez candidatos haviam passado no teste a deixou duplamente feliz por não ter desmaiado. Por outro lado, ela também sentiu um pouco mais de simpatia pelo quão exasperados Jinshi e Gaoshun pareciam quando ela falhou da última vez.

As idades das mulheres reunidas variavam de quatorze ou quinze a cerca de vinte anos. Algumas eram mais velhas do que isso, mas Maomao não conseguia afastar a sensação de ter detectado um brilho nos olhos delas. (Ela preferiu não pensar muito sobre o motivo, ou seja, que elas provavelmente estavam ingressando no serviço militar do palácio na esperança de encontrar um marido. Era um assunto que se tornava cada vez mais urgente à medida que a pessoa envelhecia.)

Na verdade, acho que o ideal é ter pelo menos vinte anos antes de ser mãe. Era comum as meninas se casarem aos quatorze ou quinze anos e começarem a ter filhos, mas o corpo ainda não estava totalmente desenvolvido. Algumas mulheres ainda nem tinham menstruado pela primeira vez. Alguns anos depois de o "visitante mensal" ter chegado e estar vindo de forma confiável, então você poderia ter certeza de que o corpo estava maduro o suficiente para gerar filhos. Casar muito jovem não era, na opinião de Maomao, uma boa ideia.

A *pélvis tem que ser firme, ou será difícil fazer o parto*, ela pensou, a mão roçando o quadril. Ela não esperava que seu próprio corpo crescesse muito mais, mas se algum dia ela ficasse grávida, não faria mal nenhum ter um pouco mais de carne em seus ossos. O nascimento era considerado beijar a morte.

Maomao estava ansiosa para tentar dar à luz pelo menos uma vez, mas isso não era algo que você pudesse simplesmente dizer por aí. As pessoas podem pensar que você estava simplesmente sendo grosseira se afirmasse que queria dar à luz como um experimento. Além disso, se soubessem a outra coisa que Maomao pensava sobre o assunto, provavelmente ficariam chateados. Nomeadamente: *Eu não seria capaz de tirar uma placenta decente disso.*

Quando uma criança nasce, a placenta é expelida. Havia certas regiões onde a mãe comia a placenta descartada como forma de se fortalecer. Dizia-se que era muito saboroso, como o sashimi de fígado. É claro que o fígado animal pode conter parasitas se você tentar comê-lo cru, mas a placenta deve ser segura. Afinal, teria sido parte de seu próprio corpo.

O pai de Maomao sempre a advertiu severamente para não usar qualquer parte de um ser humano como ingrediente em seus remédios, e também para não ter qualquer contato com cadáveres, para que uma curiosidade terrível não fervesse dentro dela. Mas a própria placenta dela – e quanto a isso? Não era um cadáver e não seria como se ela estivesse usando outra pessoa como ingrediente. Era uma parte dela mesma! O que haveria de errado em tomá-la de volta? Em suma, seria uma forma de Maomao explorar um aspecto da medicina que até então não conhecia, respeitando ao mesmo tempo as regras do pai. Claro que ela queria fazer isso.

“Todas aqui, por favor”, disse uma senhora idosa da corte. Seu olhar era afiado. Todas receberam um uniforme padrão para usar, mas algumas pessoas os embelezaram com modificações especiais. Entre os pavões, os machos tinham plumagem ostentosa, mas entre os humanos as fêmeas da espécie eram as mais luxuosamente vestidas.

Maomao simplesmente usou o uniforme que lhe foi dado. Ela não achava que deveria chamar a atenção, então por que ela sentia que as pessoas estavam olhando de relance para ela? *Estou usando errado*?, ela imaginou. Era o mesmo vestido simples de mangas que todo mundo usava. Para ela, a parte superior era rosa claro e a inferior vermelha, mas as cores variavam de acordo com o departamento atribuído a cada pessoa. Não poderia haver cinco pessoas vestindo as mesmas cores de Maomao. Assistente do consultório médico ainda era um cargo novo, então talvez ainda não houvesse muitos deles.

Se houve algo que realmente se destacou, talvez tenha sido a faixa no cabelo de Maomao. Ela sentiu que a cor dela era um pouco mais escura que a de todos os outros. Decidindo que não havia necessidade de pensar muito no assunto, ela foi até onde a senhora mais velha da corte havia indicado e ficou na fila com algumas outras mulheres – quando esbarrou em alguma coisa.

Não, não; não foi isso que aconteceu. Antes que ela pudesse estender as mãos, ela estava no chão. Talvez ela tenha tido sorte de seu nariz não ter ficado muito saliente, pois ela ficou de cara e acabou coberta de terra da testa ao queixo.

Ela se levantou, enxugando o rosto com a palma da mão, sem dizer uma palavra. Pelo menos o nariz dela não estava sangrando.

"Oh meu Deus, me desculpe!" disse uma mulher com um sorriso elegante no rosto. Ela usava as mesmas cores de Maomao, assim como todos que passavam com ela.

"Você está bem?", perguntou a senhora mais velha da corte, apressando-se.

“Não é nada”, disse Maomao, com o rosto impassível. Mas ela pensou: Isso traz lembranças. Ela estava novamente em um local de trabalho cheio de mulheres, e as consequências inevitáveis disso quase trouxeram um brilho caloroso ao seu coração.

O primeiro dia de trabalho seria passado sendo doutrinado com os princípios do serviço judicial. Assim, as novas damas da corte, que eram menos de cem, foram escoltadas até um grande salão onde receberam palestras de suas contrapartes mais experientes. A própria Maomao certa vez deu uma palestra em uma sala semelhante no palácio interno, o que foi muito bom, mas, francamente, ouvir a conversa de outras pessoas a deixou com sono.

Havia cadeiras e mesas mais do que suficientes para todos os participantes, então as damas da corte recém-formadas sentavam-se em grupos de acordo com suas atribuições. Exceto que ninguém se sentou perto de Maomao; a mulher que havia esbarrado nela antes estava sentada em grupo em algum lugar à sua frente.

A maioria das mulheres que se tornavam damas da corte eram filhas de funcionários, ou às vezes de famílias mercantis prósperas, e parecia que, tal como no palácio interno, as brigas entre as damas não eram incomuns. No palácio interno, porém, havia uma certa fome no ar, uma sensação de que o baixo poderia superar o alto. Não é assim ali, onde parecia mais importante descobrir onde melhor se posicionar na hierarquia existente, um fato que era óbvio pela forma como as pequenas panelinhas já se tinham formado. Você poderia dizer quem governava cada uma delas apenas pela maneira como andavam.

Acho que ter um pai importante faz de você uma garotinha importante. Uma pessoa vinda de lugar nenhum como Maomao seria obviamente excluída de tal sistema, ou pelo menos seria levada a compreender o seu lugar. Isso deu ao seu comportamento anterior uma certa lógica. Mesmo assim, Maomao achou que era infantil.

Depois de quase uma hora de palestra, as mulheres foram divididas por departamento, Maomao dirigiu-se ao consultório médico com as outras senhoras que tinham recebido essa tarefa. Na verdade, havia vários consultórios médicos ao redor do palácio; por exemplo, aquele onde Maomao costumava ir enquanto trabalhava para Jinshi ficava no bairro oeste. Foi para lá que seu pai, Luomen, foi designado. Havia outro escritório no lado leste, para onde pareciam estar indo.

Maomao franziu a testa: o lado oeste dos terrenos do palácio era o lar de muitos funcionários civis, enquanto o lado leste era a província dos soldados. Seu pai fora designado para o escritório ocidental como um ato de consideração, para permitir que ele evitasse os soldados tanto quanto possível, embora isso não lhe tivesse feito muito bem a longo prazo.

E por que ele quis evitar os soldados? Pela mesma razão que Maomao fez.

Como ele já me encontrou?

Ela estava tentando seguir as outras mulheres da maneira mais silenciosa e discreta possível. Seu grupo recebeu olhares dos militares musculosos enquanto passavam; Com exceção de Maomao, as novas damas da corte eram todas jovens e adoráveis. É claro que os homens iriam querer dar uma olhada rápida.

Agora era realmente verão, a estação complicada. Basta andar por aí para fazer você começar a sentir cheiro de suor. Os homens estavam malhando sem camisa, atraindo olhares interessados das damas da corte enquanto passavam.

E em algum lugar no meio de tudo isso havia uma sombra muito perturbadora, seguindo o grupo por trás. Maomao tentou ignorar, mas ela continuava vendo com o canto do olho. Talvez a pessoa pensasse que estava sendo sorrateira, mas era péssima nisso. Quem era essa figura estranha? Ele não tinha pelos faciais, olhos de raposa e um monóculo inútil (talvez ele pensasse que isso o fazia parecer elegante). Agora você já deve saber de quem estamos falando. Ninguém gostaria de dizer seu nome.

"**Quem é aquele?",** algumas das senhoras começaram a sussurrar.

Ele é mais importante do que você imagina por aqui...

Havia oficiais militares de alto escalão por aí, mas a maioria deles ficava em mesas na parte central do complexo do palácio. Este homem tinha o título que o tornava importante, mas parecia ter muito tempo livre para perder por aí.

Quando perceberam que o excêntrico estrategista estava em cena, os outros soldados pararam de tentar olhar de relance para as mulheres que passavam e ficaram hilariantemente sérios sobre seu exercício. Havia uma regra rígida entre os soldados: não se envolva com ele. Ele sempre significou problemas, e muitos deles.

Detestável, pensou Maomao. Ela queria se apressar e sair dali, mas a senhora mais velha da corte andava muito devagar e não havia nada que pudesse fazer. Embora a saia da mulher escondesse os pés, Maomao suspeitou, pelo movimento dos quadris, que eles estavam amarrados. Não deve ser fácil andar assim.

As novas damas da corte, cinco delas incluindo Maomao, caminhavam com agilidade. Com tantas filhas de funcionários num só lugar, Maomao poderia esperar que pelo menos uma delas tivesse os pés enfaixados, mas, por coincidência, todos os pés pareciam bons e saudáveis.

“Aquele é o consultório médico”, disse a senhora que as liderava, apontando para um edifício robusto e severo perto do campo de treinamento. Certamente era menos bonito que o escritório ocidental.

Foi então que Maomao ouviu gritos atrás delas. Todos se viraram e viram um homem sendo carregado em uma maca. Ele estava mole e havia hematomas por todo o corpo.

"**Saiam da frente! Vamos levar este homem ao consultório médico!”,** gritaram alguns soldados bem constituídos, empurrando a maca de uma forma que sugeria que isso não era novidade para eles.

“Vamos segui-los”, disse alguém, e Maomao e as outras foram atrás deles.

Elas chegaram ao consultório médico e encontraram os soldados preocupados. "**Qual é o problema?**" Maomao perguntou.

“Bem, normalmente haveria um médico aqui”, disse um dos homens. Mas não havia ninguém lá dentro, nem mesmo um bilhete informando que os médicos haviam saído ou quando voltariam.

O homem ferido estava deitado em uma das camas, ainda flácido. Maomao não pôde deixar de olhar para ele: junto com a pele machucada, ela viu que ele ainda era jovem o suficiente para não ter barba, enquanto sua pele bronzeada mostrava que ele treinava duro ao ar livre todos os dias.

“O que fez com que ele desmaiasse?” Maomao perguntou, olhando para o rosto do jovem.

“Agora só um segundo, você!”, disse uma das outras novas assistentes médicas, mas a senhora mais velha da corte a impediu. Ela lançou a Maomao um olhar que dizia: *Cuide dele, se souber como.*

“Estávamos treinando e ele caiu de repente. Não o atingimos muito em lugar nenhum... eu acho”, disse um dos soldados. Ele não parecia muito feliz com isso – talvez porque fosse óbvio ver que eles estavam trabalhando esse homem até o limite. Então, novamente, talvez fosse a aberração, meio visível, espiando pela janela, que a estava deixando desconfortável.

O homem ferido estava suando e sua temperatura corporal estava normal. A única coisa que Maomao notou foi que seu pulso parecia um tanto lento. **“Não estou tão preocupada com onde você bateu nele”,** disse ela. Ela pegou vários panos do estoque do escritório e os colocou em uma jarra de água, depois os colocou sobre o corpo do jovem para esfria-lo.

“Posso usar suprimentos do armário de remédios?” Maomao perguntou. Ela estava dirigindo a pergunta à senhora mais velha da corte, mas a resposta foi estranha. Em vez de a mulher responder imediatamente, a pessoa do lado de fora da janela levantou o polegar. Quando ela viu isso, a mulher respondeu: **“Sim, você pode”.** Então a aberração era uma monstruosidade, mas ele poderia ser uma monstruosidade útil.

Maomao colocou um pouco de água em uma tigela e depois acrescentou sal e açúcar, exatamente como fez quando Jinshi desmaiou de calor durante a caçada. O jovem aqui sucumbiu à desidratação induzida pelo calor. Ela gentilmente levantou a cabeça dele, molhando seus lábios com a água da tigela. Quando ele começou a acordar, ela o deixou beber sozinho.

Os soldados que trabalhavam com o jovem pareceram aliviados, embora Maomao estivesse decidida a encará-los com toda a severidade que pudesse. Enquanto ela ensopava novamente as toalhas mornas para continuar a esfriar o jovem, ouviu-se um som de aplausos.

Vários homens com roupas brancas, mostrando que eram médicos, apareceram. Um deles era idoso, os outros dois de meia-idade.

“Você passa”, disse um deles.

“Quem passa? Passa o quê?”, perguntou uma das damas da corte recém-formadas.

“Passa o quê? Vocês realmente acharam que as consideraríamos qualificadas para serem nossas assistentes com base em um simples exame escrito? Só queríamos dar uma olhada em todas vocês.”

Em outras palavras, eles estavam escondidos em algum lugar, observando o que Maomao e as outras faziam. Não é muito gentil da parte deles.

“Se você não se parecesse com alguém que pudéssemos usar, poderíamos ter a dispensado aqui e agora”, disse o médico idoso. Ele estava bebendo água do jarro e olhando para Maomao com o que poderia ser arrependimento.

Esse cara vai ser um problema. Eu posso sentir o cheiro. Maomao teve que ter cuidado para que sua avaliação particular não saísse de sua boca. Aliás, o excêntrico estrategista ainda estava espiando de fora, mas, no momento, ela imaginou que poderia ignorá-lo com segurança.

Capítulo 3: Assistente Médica

As cinco novas assistentes médicas, incluindo Maomao, passariam o primeiro mês do seu emprego no consultório médico perto dos campos de treino do exército, aprendendo o funcionamento. Por que aquele escritório específico? Porque era de longe o mais movimentado.

Não importava que Maomao tivesse a recomendação pessoal de Jinshi; ela não recebeu nenhum tratamento especial. Se ela quisesse ir para o palácio interno, teria que provar seu valor através de seu trabalho. Todos os dias, soldados eram levados ao consultório para serem cuidados. Arranhões e cortes eram o pão com manteiga das assistentes, mas mais de uma vez elas também tiveram que costurar alguém. Certamente foi a maneira perfeita de se acostumar com o trabalho.

Talvez elas levem isso mais a sério do que eu pensava, disse Maomao para si mesma. Tanto o novo departamento, que ela achava que poderia ser apenas uma exibição externa, quanto suas colegas, que ela presumia que estavam lá apenas para encontrar parceiros adequados para o casamento.

Duas delas parecem particularmente dedicadas. Das outras quatro novas damas da corte, duas desempenhavam o seu trabalho com notável entusiasmo: uma que Maomao considerava ser a líder do bando de mulheres e outra que parecia introvertida e calada.

Quanto às duas mulheres restantes, menos entusiasmadas, desmaiaram ao ver sangue pela primeira vez. Depois de alguns dias, elas começaram a se acostumar, embora ainda parecessem enojadas regularmente. Maomao não tinha certeza se era a melhor ideia fazer caretas assim para soldados suados e enlameados.

"En'en, pegue algumas dessas bandagens."

“Sim, Senhora Yao.”

Portanto, a mulher recatada e quieta, En’en, parecia ser a atendente da dama da corte chamada Yao. Naquele consultório, elas eram tecnicamente colegas, mas ficou claro pelas suas interações que havia uma diferença de status entre elas.

Yao era uma jovem bem desenvolvida e vivaz; mesmo sem o trabalho palaciano em seu currículo, deve ter havido muitas pessoas que ficariam felizes em tê-la como noiva. En'en era menos extrovertida e não demonstrava muita expressão, mas tinha um rosto bastante bonito e exalava uma competência inconfundível.

Maomao lavava os curativos o mais rápido que podia. Eles seriam enrolados em feridas abertas, então tinham que estar o mais limpos possível o tempo todo. Após a lavagem, foram fervidos para desinfetá-los e depois secos.

As colegas de Maomao continuaram a incomodá-la. Elas pouparam-lhe apenas o mínimo de conversa - embora, como Maomao também não iniciava conversas, fosse um pouco difícil dizer quem era a culpada. Os médicos pretendiam aproveitar ao máximo as mulheres e, como Maomao já sabia fazer o trabalho, raramente precisava pedir ajuda. Ela apenas fez coisas. O resultado foi que ela terminava os trabalhos sem ser particularmente amigável com ninguém.

Ela estava colocando os curativos fervidos para secar quando um dos médicos disse: **"Posso lhe perguntar uma coisa?"**

"Sim, senhor?"

"Você está achando algo difícil neste trabalho?"

O médico parecia familiar. Depois de um segundo, ela percebeu que ele era o médico que ela conheceu enquanto trabalhava para Jinshi.

"Nada específico, senhor."

"E noto que você come sozinha na hora das refeições."

"A comida aqui é deliciosa, se assim posso dizer."

Por um lado, na verdade tinha gosto de alguma coisa - o consultório médico provavelmente servia a mesma coisa que os soldados - e, ao contrário do palácio interno, você poderia se servir de novo.

"Não é isso que estou querendo dizer. Não faz mal que as outras estejam obviamente ignorando você?"

"As coisas poderiam ser mais fáceis para elas se me fizessem perguntas, senhor, mas o contrário não é verdade." Se alguém ficou em desvantagem com o tratamento silencioso que Maomao estava recebendo, foram aquelas que o trataram. Ok, às vezes ela perdia mensagens importantes porque ninguém contava a ela sobre, mas toda vez que um dos médicos tentava dar-lhe uma bronca, ele encontrava uma aberração olhando para ele pela janela e, eventualmente, as repreensões pararam. As aparições da aberração continuaram, no entanto, de tal forma que ele teve que ser arrastado por seus subordinados várias vezes ao dia.

Na verdade, devem ter sido os médicos, tentando ensinar, os que foram colocados na posição mais difícil devido à discórdia entre as mulheres. Maomao se sentiu um pouco mal por eles. **“Receio não ter muita certeza de como fazer amizade com elas... Mas talvez eu saiba um pouco sobre como lidar com essa aberração.”**

Houve uma batida. "**Por favor, diga.**"

O truque era simples: invocar o nome de Luomen. Ela se sentia mal por seu pai, mas era realmente uma droga ter aquela aberração constantemente à espreita. Outra tática que você poderia usar seria dar a ele o registro de uma partida de Go; ele seria um bom menino enquanto demorasse para lê-lo. O risco era que, se ele visse algum movimento particularmente ruim, ele pudesse entrar no modo de ensino.

“Posso perguntar mais uma coisa?”, disse o médico, perfeitamente consciente do velho de monóculo olhando para eles das sombras das árvores. *Quando ele voltou*? Seu olhar estava focado, afiado como uma faca, no médico conversando com Maomao. **“Qual é exatamente a sua relação com o estrategista honrado?”**

“Ele é um estranho para mim”, disse Maomao.

"Mas seguramente..."

“Um total estranho”, ela disse com firmeza, e voltou ao seu trabalho.

Quando começou a trabalhar no consultório médico, Maomao fixou residência num dormitório próximo, nos terrenos do palácio. O bairro do prazer não ficava tão longe que ela não pudesse ter se deslocado, mas havia o desejo de evitar qualquer boato desagradável caso se espalhasse a notícia sobre onde ela estava morando. Ela estava preocupada com sua farmácia, mas saber que Kokuyou estaria de olho nas coisas a deixou um pouco mais tranquila.

Seu velho também morava em um dormitório. Os médicos tinham plantões noturnos frequentes, e muitos médicos acabaram praticamente morando na “sala de plantão” perto do consultório médico. Até o pai de Maomao parecia voltar ao dormitório raramente. Quanto a Maomao, o quarto dela não era grande, mas também não era pequeno; havia uma cama, uma cômoda e espaço suficiente para uma escrivaninha, então ela não tinha queixas.

Aconteceu também que havia uma estante de livros. Os livros eram muito caros para ela comprar muitos, mas você poderia pegá-los emprestados no consultório médico se pedisse permissão. No geral, Maomao achou a vida ali bastante agradável. O único problema era que cada um tinha que preparar as suas próprias refeições. Havia um

restaurante não muito longe, mas Maomao costumava pegar emprestado um fogão para fazer mingau para si mesma.

Ela sentou-se na cama e abriu uma correspondência que evidentemente havia chegado durante o dia. Havia duas cartas: a primeira era do bairro do prazer, informando-a sobre como estava a loja. A senhora estava desconfiada de Kokuyou, mas até agora ele não tinha feito nada que a preocupasse. Sazen também parecia estar bem.

A outra carta era de Jinshi. Tinha vindo em nome de Gaoshun, mas a caligrafia era de Jinshi. Parecia um resumo básico do que estava acontecendo recentemente, sem nada que pudesse ser problemático se visto. Na verdade, ele estava falando sobre a nova consorte intermediária no palácio interno – Aylin, a mulher de Shaoh. Apenas no caso de a carta ser interceptada por algum destinatário não intencional, ela foi escrita em termos de uma "linda flor" de uma nação estrangeira.

Ainda assim, algo estava estranho. Essa nova mulher certamente tinha suas peculiaridades, mas quando chegou ao palácio interno, fez isso sozinha. *Por que ser tão cauteloso com ela*? Maomao terminou de ler a carta e guardou-a na caixa de correio. Aylin, relatou o relatório, não parecia ter feito nada suspeito ainda.

Alguns dias depois, ela entenderia. Mas naquele momento, ela não tinha como saber.

Maomao já estava bastante acostumada com o consultório médico. Todos os dias ela trabalhava, e o estrategista esquisito espiava interminavelmente pela janela, até que seu pai ia buscá-lo.

O pai dela, Luomen, tinha uma perna ruim, então não era muito bom para ele ter que fazer viagens de ida e volta repetidamente. Recentemente, ele começou a levar a aberração em uma carroça. Não parecia muito confortável, mas seu pai estava sem a rótula de um joelho, então o que ele deveria fazer?

"Hum?" Maomao disse. Luomen tinha acabado de aparecer de novo – ele não tinha arrastado a aberração alguns minutos antes? *Talvez ele tivesse esquecido alguma coisa*, ela pensou, mas ele entrou no consultório médico. Maomao pegou as bandagens secas e entrou. As outras damas da corte já estavam em uma fila organizada. Aparentemente, ela mais uma vez foi deixada de fora. Carrancudo, o médico disse-lhe para entrar na fila.

"Estou planejando ir ao palácio interno hoje e gostaria de um assistente", disse Luomen. *Então foi isso que o trouxe aqui.* O palácio interno tinha o médico charlatão, mas recentemente Luomen também estava indo para lá. Os outros médicos do palácio ainda tinham seus bens mais importantes, então apenas o eunuco Luomen poderia entrar no palácio interno.

“Se você está procurando voluntários, eu irei”, disse Yao, aquele que parecia estar encarregada das outras damas da corte, dando um passo à frente. Assim que ela fez isso, duas das outras se juntaram a ela.

“Receio que já tenhamos decidido quem irá”, disse o médico.

Yao olhou para ele. **“Isso estaria se referindo a essa jovem?”** ela perguntou, olhando para Maomao, mas não se dignando a usar seu nome.

Maomao não se importava muito se Yao não quisesse se lembrar do nome dela, mas desejou não tentar interferir em sua ida para o palácio interno. Esse deveria ser o trabalho que ela estava aqui para fazer.

“Ela só lava roupa”, interveio outra das damas da corte, cujo nome Maomao não se preocupou em lembrar. **“Eu nem sei se ela pode fazer um trabalho médico de verdade. Embora eu suponha que ela seja boa em limpar. Você acha que ela é mais adequada para ser empregada doméstica do que como dama da corte?”** Duas das mulheres riram uma para a outra.

Eu tenho que fazer isso porque você não faz isso, pensou Maomao. Ela não ficou particularmente ofendida com a ideia de ser empregada como tal, já que já era exatamente isso há um bom tempo. Ela desejava, porém, que elas não tentassem impedi-la de fazer seu trabalho literal.

Justamente quando ela estava pensando que talvez precisasse responder algo a elas, o segundo médico – o idoso que havia testado as mulheres quando elas chegaram ao consultório – bateu com a mão nos ombros das senhoras anônimas, sorrindo, e disse: , **"Sim, eu entendo. Vocês duas podem ir para casa agora.”**

O pronunciamento repentino as deixou de olhos arregalados. **“M-Mas por quê?”,** uma delas perguntou.

“Porque eu disse a todas vocês para lavarem a roupa, mas vocês parecem ter decidido que isso não se enquadra no escopo de suas funções. E vocês acham que posso mantê-las aqui assim? Eu particularmente não gosto desse tipo de pessoa.” Seu tom era bastante gentil, mas estava claro que não haveria discussão. **“Vocês passaram no teste, mas descobri que não estão preparadas para o trabalho médico. Em vez disso, vocês poderão ir para um departamento diferente, mas devem se preparar para o fato de que a maioria dos lugares lava muito mais roupa e limpeza do que nós aqui.”**

Com isso, ele gesticulou para o médico mais jovem mostrar-lhes a saída.

“La-Lady Yao!”, uma delas exclamou, esperando por uma tábua de salvação. Yao e En'en, porém, apenas olharam para ela. Maomao as considerava uma camarilha, mas descobriu-se que talvez elas não fossem tão próximos, afinal.

O médico virou-se para Maomao, para as outras duas damas da corte restantes e para Luomen e disse: **“Agora que está um pouco mais silencioso aqui, talvez eu deva acrescentar mais uma coisa. Há outra coisa que desprezo: o nepotismo.”**

As sobrancelhas de Luomen franziram-se em uma expressão de consternação.

Não me diga, pensou Maomao, olhando de um para o outro. Ela acreditava ter passado com sucesso no teste, mas a julgar pela aparência dos homens... talvez não. Mesmo que tivesse feito isso, não havia como negar que a produtividade havia sofrido um impacto desde sua chegada, graças às constantes incursões do estrategista maluco.

“Aquelas que não estão aqui por ligações familiares são convidadas a demonstrá-lo através da excelência do seu trabalho. Isso é tudo o que tenho a dizer. Agora, corram para o palácio interno ou para onde quer que vocês estejam indo.”

O velho de Maomao, ainda parecendo preocupado, baixou a cabeça. Ele acabou levando as três consigo para o palácio interno

Capítulo 4: O Palácio Interno

Quer fossem uma mulher do palácio ou um eunuco, todos os que entravam no palácio interno eram submetidos a uma inspeção física. Maomao e seu pai estavam acostumados com isso, mas Yao e En'en pareciam achar isso muito embaraçoso. Elas recuaram diante da ideia de serem tocadas por um eunuco; os olhares em seus rostos quase gritavam: *Não nos toque!* Luomen finalmente desistiu e convocou uma das mulheres da retaguarda do palácio.

“Essa é a única vez”, ele as aconselhou.

“Sim, senhor”, disseram elas. Pelo menos parecia que elas não iriam discutir com ele. Mesmo assim, Maomao não conseguia afastar a sensação de que as atitudes delas em relação a ele haviam piorado desde que descobriram que ele era eunuco. Isso não é incomum. Os eunucos foram amplamente rejeitados e desprezados. O próprio Luomen estava muito acostumado com isso e parecia rolar de suas costas, mas ainda assim deixou Maomao furiosa.

Era tão familiar estar de volta ao palácio interno. Neste jardim de mulheres, os únicos homens por perto eram eunucos. Era uma situação estranha – mas ali também era perfeitamente comum. A combinação criou alguns personagens reais.

As pessoas olhavam furtivamente para Maomao e os outros; quando você não podia entrar ou sair livremente, você desenvolvia uma sensibilidade para com qualquer pessoa do mundo exterior. Os olhos brilharam quando se fixaram nos recém-chegados, perguntando-se se teriam alguma fofoca interessante para compartilhar. Maomao até reconheceu alguns dos rostos que viram. Não era ninguém de quem ela fosse muito próxima, apenas empregadas que às vezes estavam por perto quando todas conversavam na área de serviço. Elas ficaram abertamente perplexas com o fato de que toda vez que Maomao saía do palácio interno, ela parecia acabar voltando.

Para começar, Luomen foi direto para o consultório médico. As outras duas damas da corte olharam em volta fascinadas enquanto caminhavam, mas Maomao e o seu pai não demonstraram nenhum interesse especial pelo local enquanto caminhavam. Isso deve ter incomodado Yao, porque pela primeira vez ela falou com Maomao.

“Por que você parece tão acostumada com isso?”, ela perguntou.

“Porque trabalhei aqui por dois anos.” Não de forma consecutiva, mas ela esteve lá até o outono passado. **“Esse é o período de serviço para as damas do palácio interno.”**

Contar a história toda teria sido uma dor, então ela deixou por isso mesmo e esperou que Yao também o fizesse. Isso pôs fim à conversa e elas ficaram em silêncio até chegarem ao consultório médico, onde encontraram um homem familiar de bigode de lombo dormindo profundamente.

"Olá?" Luomen disse se desculpando, pegando o homem bem no meio de um ronco, que se transformou em uma fungada, depois em um grunhido, e então o médico charlatão sentou-se ereto.

"**Oh! Ah, Luomen, é você”**, disse ele. **“E a jovem! Já faz um bom tempo**.” Ele caminhou até eles, as mãos cruzadas em volta da barriga grande. Já se passaram vários meses desde que Maomao o acompanhou até sua aldeia natal.

Falando em nepotismo, pensou ela, lembrando-se do que o oficial médico do acampamento militar havia dito.

“E quem são suas amigas lá?”, o charlatão perguntou, olhando para Yao e En’en. As duas pareciam um pouco em conflito. Esse homem era um eunuco, mas também era um oficial médico e, embora isso fosse fácil de entender intelectualmente, elas pareciam estar lutando para decidir exatamente como se comportar com ele.

Incapaz ou sem vontade de ler a expressão em seus rostos, o charlatão disse: **"Quem quer chá e lanches?"** Ele começou a vasculhar o armário de remédios. Em certo sentido, sua ignorância era de fato sua felicidade.

"Essas três são damas da corte que irão ajudar nos consultórios médicos do palácio no futuro", explicou Luomen. **"Eu as trouxe comigo hoje como um experimento. Você e eu sozinhos não podemos cuidar de todo o palácio interno para sempre. Você não recebeu minha mensagem?"**

Com isso, o charlatão olhou com ar culpado para sua mesa, onde havia uma carta fechada. Mas vamos poupá-lo de mais constrangimentos com o assunto.

"Ahh, sim, claro", disse ele, como se, de fato, tivesse plena consciência de que eles viriam. **"E o que você planeja que elas façam?"**

Maomao sabia que isso era bastante normal para o charlatão, e seu pai estava lhe dando um sorriso irônico; enquanto isso, Yao e En'en já haviam começado a sentir que havia algo errado aqui e olhavam para o charlatão com desconfiança. Maomao imaginou que não demoraria muito para que descobrissem que ele era um charlatão.

"Vamos visitar o palácio da consorte Lihua hoje e depois as consortes intermediárias."

Entre as altas consortes, Loulan desapareceu após a rebelião Shi, Gyokuyou tornou-se imperatriz e deixou o palácio interno, e Lishu ficou efetivamente presa em seu convento. Lihua foi a única que permaneceu no palácio interno.

Ouvi dizer que ela deu à luz um menino. Eu me pergunto como ele está, pensou Maomao. Já fazia muito, muito tempo desde a última vez que ela viu a consorte Lihua. Ela tinha um certo apego a consorte, a quem ela cuidou pessoalmente por um longo período enquanto cuidava de uma doença. Pode-se dizer que Lihua teve sua cota de infortúnio, talvez não tanto quanto Lishu. Ela havia se livrado de suas damas de companhia mais problemáticas e Maomao se perguntava como as coisas estavam indo para ela.

Ela também estava curiosa sobre o verdadeiro motivo de eles estarem ali: Aylin, a nova mulher de Shaoh. Ela era a razão pela qual Maomao se tornou uma dama da corte.

"De qualquer forma, que tal começarmos indo para o Palácio de Cristal?" Luomen disse, e então eles partiram.

Como visitavam uma alta consorte, eram acompanhados não apenas pelo médico, mas por outros eunucos que atuavam como guarda-costas. Em parte, eles estavam lá para a segurança do oficial médico, mas também manteriam um olhar atento para que nenhum

dano fosse causado a consorte. A rotatividade não era tão alta entre os eunucos, então Maomao reconheceu seus guardas.

Sempre fiéis ao seu dever, os homens só falavam com Maomao e os outros quando era absolutamente necessário, por isso ela nem sabia os seus nomes. Isso não a incomodou, no entanto. Ela percebeu que, desde que não causasse problemas para eles, eles também ficariam felizes. Ela estava perfeitamente satisfeita com esse tipo de relacionamento bem definido.

Lihua, também conhecida como consorte Sábia, sempre manteve uma casa linda e seu palácio estava mais deslumbrante do que nunca. Agora havia rosas por todo o lado, um legado da época em que Maomao tinha pego emprestado um edifício nos terrenos do Palácio de Cristal para cultivar algumas; ela deu a consorte todas as flores que não usou, e elas foram plantadas por toda parte. Maomao cultivava apenas rosas brancas, mas o zelador deve ter considerado as flores incolores um pouco tristes, pois agora havia rosas vermelhas e amarelas, e até uma variante verde vibrante. Eles poderiam ter renomeado o local como Palácio Rosa. Maomao só lamentou que a estação das flores estivesse próxima do fim.

A dama de companhia que veio cumprimentá-los viu Maomao parada na entrada do Palácio e soltou um **"Eep!"** Aparentemente, nem todas as velhas damas de companhia tinham ido embora, pois várias delas exibiam olhares indisfarçáveis de angústia quando viam Maomao. Elas nunca pararam de tratá-la como uma espécie de monstro, e Maomao teve a sensação de que isso estava ganhando novas suspeitas de Yao e En'en. Aliás, até o pai dela estava olhando para ela, com olhos ansiosos perguntando: *Você causou algum tipo de problema até aqui*?

Eles foram conduzidos à câmara interna, não ao quarto, mas à sala de recepção. Poucos minutos depois, houve um farfalhar de tecido e uma consorte que parecia uma rosa gigantesca apareceu. Ela carregava um bebê rechonchudo nos braços, cuja boca abria e fechava suavemente. Havia um leve aroma de leite no ar, sugerindo que ela estivera alimentando a criança até um momento antes.

A consorte Lihua usava apenas um toque de rouge nos lábios e nenhum pó clareador no rosto; ela tinha uma pele tão linda que nem precisava dela para ficar mais pálida.

Maomao e os outros seguiram o exemplo de Luomen e do charlatão na forma de cumprimentar a consorte. Maomao ficou satisfeita ao descobrir que ela parecia tão saudável. A criança em seus braços também tinha uma bela palidez e já havia passado da idade em que o ex-príncipe herdeiro havia morrido. Lembrar que realmente deveria haver outro menino indisciplinado correndo por aí trouxe uma pontada de tristeza ao coração.

O filho da imperatriz Gyokuyou era agora o suposto herdeiro, mas o menino nos braços da consorte Lihua seria o próximo na fila.

A *menos que eles ainda estejam tratando Jinshi como o herdeiro aparente*? A ideia das disputas sucessórias que poderiam surgir fez com que Maomao hesitasse, mas no momento ela estava simplesmente feliz porque a criança parecia estar bem.

"Não há necessidade de gastar muito tempo em saudações. Poderíamos ir direto para o meu check-up?" Lihua disse, passando o bebê gentilmente para Maomao. Ela ficou um pouco surpresa ao encontrar de repente uma criança em seus braços, mas o menino, sem se importar em ser segurado por uma estranha, enfiou o polegar na boca e sorriu.

Ser babá não é realmente um dos meus talentos...

Talvez Lihua quisesse que Maomao visse a criança. Saber que a consorte, que era como uma concha vazia após a morte do primeiro filho, deu à luz este menino lindo e saudável. Sabendo disso, quem poderia deixar de apreciá-lo?

As novas damas de companhia trazidas para o Palácio de Cristal revelaram-se muito boas no seu trabalho: trouxeram uma cadeira para que Maomao pudesse segurar a criança com segurança e preparou-se uma chávena com um pedaço de algodão absorvente. Se a criança quisesse um pouco de água, Maomao poderia colocar na boca.

Enquanto isso, Luomen começou o exame da consorte Lihua, medindo seu pulso. O charlatão ficou sorrindo, sem fazer nada em particular. Em seu lugar, En'en passou a Luomen todas as ferramentas de que precisava.

Maomao deu uma boa olhada na criança. Havia um pouco de suor em volta do pescoço, talvez porque estivesse bastante quente. Fora isso, ela não viu nada fora do comum; ele era a imagem da saúde. Ela sussurrou isso para o charlatão sorridente, que passou a mensagem para seu pai. Luomen não pareceu nem um pouco surpreso; ele disse ao charlatão para pegar um remédio para suor no armário de remédios.

O mais importante era que a criança estava crescendo saudável – mas Maomao não conseguia se livrar da sensação de que Yao estava olhando para ela o tempo todo em que ela segurava o bebê.

Depois da consorte Lihua, eles foram ver a nova consorte intermediária de Shaoh. Havia três palácios extras disponíveis, mas Aylin não morava em nenhum deles. Como as outras consortes intermediárias, ela recebeu um prédio mais modesto para si mesma. Então ela não estava recebendo nenhum tratamento especial. Estava localizado um pouco a leste do centro do palácio interno e parecia que não era usado há algum tempo; a paisagem ao redor era um pouco desolada.

As damas de companhia que vieram cumprimentá-los sorriram amplamente para Maomao e os outros e mostraram-lhes o interior. Eram cinco, um número bastante médio para uma consorte intermediária.

"Olá." Eles foram recebidos pela nova consorte, uma mulher de cabelos dourados, vestindo um manto de mangas largas, provavelmente uma roupa desconhecida para ela. Ela era voluptuosa e alta, a pele tão pálida que parecia quase translúcida e os olhos da cor do céu. Certamente uma aparência que a fez se destacar da multidão.

Você pode entender por que elas pensaram que conseguiriam chegar aqui apenas pela aparência, Maomao pensou. Mesmo que Jinshi tivesse aparecido quando vestiu roupas femininas. De qualquer forma, isso pouco importava. Aylin finalmente alcançou o que era seu objetivo: entrar no palácio interno. Quando ela chegou, não falou bem da outra ex-emissária, Ayla – elas teriam se desentendido em algum momento durante o ano anterior? Elas certamente pareciam se dar bem o suficiente. Maomao sabia que as amizades entre mulheres podiam ser frágeis e facilmente rompidas, mas não conseguia deixar de se perguntar o que teria destruído aquela. Ela sabia que não devia perguntar, é claro.

Aylin reclinou-se em um sofá, observando uma de suas damas preparar chá.

Ela certamente verifica todas as exigências de Sua Majestade. Notavelmente, as curvas. As mulheres estrangeiras tendiam a parecer mais velhas do que eram, e Maomao ouvira dizer que Aylin tinha apenas vinte e tantos anos. O imperador certamente conseguia ser enérgico depois de escurecer, mas Maomao também sabia que ele era um pensador perspicaz. Ele já tinha dois filhos perfeitamente saudáveis; ele não precisava ter pressa para adicionar um terceiro. Aliás, se ele tivesse um filho com uma mulher que procurasse asilo político, isso poderia ser uma fonte de muitos conflitos diplomáticos mais tarde.

E já existem fontes suficientes disso.

Maomao olhou para a mulher com quem Lahan teve tanto prazer em conversar no oeste. No momento, ela estava sentada recatadamente tomando seu chá, mas era impossível dizer quais pensamentos ela abrigava no mais íntimo de seu coração.

A dama de companhia ao lado de Aylin provou o chá como veneno e depois serviu-o para os visitantes. Luomen parecia sem pressa ao iniciar a conversa. **“Você se acostumou com a vida no palácio interno?”** Aylin falava o idioma local fluentemente, mas desacelerar um pouco só facilitaria seu entendimento.

“Sim, graças à gentileza com que todos me trataram.” Seus longos dedos envolveram sua xícara, uma caneca de estilo estrangeiro com alça. Suas unhas estavam cuidadosamente pintadas de vermelho. Pelo leve aroma adocicado do chá, Maomao adivinhou que era o produto fermentado que serviam no oeste. Ela estava ansiosa para experimentar um gole, mas apenas seu pai e o charlatão tinham recebido xícaras. *Elas nos incluíram no Palácio de Cristal*, pensou ela. Um pouco de educação por parte da consorte Lihua, talvez. Aparentemente, normalmente não haveria chá para as assistentes.

Luomen começou seu exame medindo o pulso da consorte. Uma coisa que o diferenciava dos outros médicos era que ele anotava números enquanto fazia os exames. Ele não era tão louco por eles quanto Lahan, mas valorizava muito os números como guias concretos para a saúde de uma pessoa. Ele colocou um conjunto de escrita portátil sobre a mesa e começou a rabiscar números.

Maomao percebeu que sua escrita não era do tipo comum. *Caracteres ocidentais*?, ela imaginou. À primeira vista, pareciam retorcidos, como minhocas. Há muito tempo, seu pai havia registrado seus conhecimentos médicos em caracteres como aquele, mas Maomao trabalhou arduamente para decodificá-los e acabou mudando para outro modo de escrita.

Mesmo enquanto Maomao se perguntava por que seu pai havia decidido usar aqueles caracteres, ela notou várias pessoas espiando ele e seus escritos. O charlatão claramente não tinha a menor ideia do que aquilo dizia e simplesmente entregou a Luomen suas ferramentas quando ele as pediu. Uma das damas de companhia preparava mais chá, mas também dava uma olhada rápida nas anotações do médico. E havia mais alguém também: En’en estava absorvendo tudo com uma expressão moderada.

As notas não diziam nada particularmente interessante. Até Maomao conseguia lê-los. Pulso normal, saúde boa — palavras curtas e simples como essas.

“Não vejo nada de incomum”, disse Luomen por fim.

“De fato, senhor?” A fala fluente de Aylin ainda tinha um tom ocasional. Talvez tivesse algo a ver com a pronúncia de sua língua nativa. Ela continuou olhando para Maomao – ela se lembrava dela?

Sem nada fora do comum para relatar e com o trabalho concluído, eles estavam prestes a sair quando Aylin os deteve. **“Já que vocês vieram até aqui, talvez pudessem levar algumas guloseimas com vocês”**, disse ela.

Ela estendeu pacotes de produtos assados embrulhados em lindos tecidos. Pareciam biscoitos de formato incomum; o aroma de manteiga emanava deles. Apenas as damas

da corte recebiam lanches; o médico charlatão ficou olhando com inveja para as guloseimas únicas. Maomao teria que compartilhar um pouco de sua generosidade com ele quando voltassem ao consultório médico.

O tecido de En'en, e somente o dela, ostentava um padrão em vez de uma cor sólida. Talvez Aylin não tenha conseguido encontrar três peças de tecido da mesma cor.

Então não há chá, mas temos lanches? Parecia estranho, mas elas não podiam recusar um presente. Maomao enfiou os biscoitos nas dobras do manto e depois o pai as levou para a próxima consorte.

O céu estava ficando vermelho quando eles visitaram as demais consortes intermediárias e voltaram para o consultório médico. Foi mais ou menos na hora do dia em que Maomao, que sempre comia modestamente, começou a sentir fome. Ela se perguntou se conseguiria convencer o charlatão a servir um pouco de chá no escritório.

"Isso cuida das consortes intermediárias, mas teremos que ir até as consortes inferiores e, eventualmente, ver as damas de companhia também", disse Luomen cordialmente. Maomao parecia lembrar que só costumava visitar as consortes intermediárias. Parecia que ele estava ocupado ultimamente. O charlatão estava olhando para ele com admiração.

Luomen estava de volta como médico e também havia damas da corte para ajudar. Ele estava envelhecendo e não poderia fazer esses exames para sempre; ele provavelmente pretendia entregar o trabalho às damas da corte eventualmente. Provavelmente, ele também estava levando em conta o fato de que a população do palácio interno estaria diminuindo, o que tornaria as coisas mais fáceis no longo prazo.

Luomen não as conduziu ao consultório médico, mas dirigiu-se ao portão por onde entraram. **"Acho que é melhor voltarmos para casa",** disse ele.

"**Certamente você poderia ficar um pouco mais?",** o charlatão disse.

Sim! Temos lanches! Maomao acrescentou silenciosamente, mas o pai balançou a cabeça.

"Receio que não possamos. Ainda há mais trabalho a fazer."

O charlatão parecia positivamente desanimado. Ele não tinha muitos amigos com quem tomar chá e comer alguma coisa, apenas os eunucos que apareciam ocasionalmente. Até mesmo a amiga de Maomao, Xiaolan, havia partido, já que seu período de serviço terminara no ano anterior. *Eu me pergunto como ela está, de qualquer maneira*, Maomao pensou. Xiaolan era uma garota doce e conseguiu trabalho em boa parte da cidade. Maomao achou que talvez devesse enviar-lhe uma carta em breve.

O médico charlatão ainda olhava tristemente para as guloseimas, então Maomao pegou a dela, com a intenção de compartilhar algumas. Ela parou quando percebeu algo estranho: os biscoitos tinham formato essencialmente cilíndrico e parecia haver algo dentro deles. Ela agarrou um, conseguindo extrair um pequeno pedaço de papel. Havia um em cada um dos biscoitos.

O que é isso?

Ela colocou o lanche de volta no roupão e saiu do palácio interno. Quanto ao médico claramente desapontado, ela decidiu fingir que não o tinha visto.

Capítulo 5: Biscoitos da Sorte

Assim que Maomao voltou para o dormitório, ela tirou as guloseimas, abriu o pano e colocou os biscoitos por cima. Eram sete no total, todos com papéis do mesmo tamanho dentro deles.

O que diabos é isso?

Os caracteres pareciam um cruzamento entre cobras e minhocas. Eram caracteres de faroeste, exatamente como o pai dela vinha usando; ela pensou ter se lembrado de que isso se chamava cursivo, uma forma de letras adaptada para escrita rápida. Os papéis estavam cobertos de pequenos aglomerados de duas ou três letras, mas não eram palavras; ao contrário da língua Li, no Ocidente era preciso juntar vários caracteres ou eles não significariam nada. Portanto, ela não conseguia "ler" as letras isoladas e individuais. Elas deveriam significar alguma coisa?

Ela está nos testando, pensou Maomao. Aquela consorte certamente tinha suas peculiaridades. Afinal, ela era corajosa o suficiente para entrar no palácio interno quase completamente sozinha.

Perceber que ela estava sendo colocada à prova irritou Maomao. Mas ainda mais, isso a fez querer resolver o enigma.

Ela olhou dos biscoitos para os papéis e vice-versa. Cada um dos papéis tinha duas ou três letras, e os papéis em si não tinham cantos perfeitos, mas sim bordas irregulares, algumas delas um pouco inclinadas. Talvez eles estivessem rasgados. O papel estava manchado com a gordura dos biscoitos, mas graças à alta qualidade do material não se desfez.

Isso é terrivelmente complicado para uma brincadeira. O que a mulher estava procurando? Maomao folheou o papel, mas não viu nada.

Ela ainda estava intrigada com isso quando alguém bateu na porta. Ela atendeu, com um pedaço de papel ainda na mão, para descobrir Yao e En'en paradas ali. Elas moravam no mesmo dormitório – o que não importava muito para Maomao, já que nunca falavam com ela.

"**Posso ajudar?",** Maomao perguntou educadamente.

Yao, no entanto, parecia indignada. **"Eu sei que você recebeu alguns presentes da consorte esta tarde. Dê-os para mim."**

O engraçado é que Maomao nem tinha um apego especial a doces, mas no momento em que ouviu o tom exigente na voz de Yao, decidiu que não iria entregar os biscoitos. Para ser justa, ela percebeu que Yao não os estava pedindo como lanche. Então ela decidiu ajustá-la um pouco.

"Sinto muito, mas comi no jantar. Os cookies ocidentais são um pouco parecidos com papel, não são? Você acha que eles contêm germes?" Ela tentou fazer parecer que ainda sentia a textura engraçada em sua boca.

O sangue foi drenado do rosto de Yao e ela praticamente atacou Maomao. **"Cuspa-os! Cuspa-os agora mesmo!"** Ela estava sacudindo ela. *Ah. Os biscoitos dela também deviam ter papel.* **"Onde estão os outros?! Você não poderia ter comido todos eles sem perceber!"**

"Lady Yao", disse En'en, finalmente impedindo-a do tremor violento que estava dando a Maomao. Ela parecia tão desapaixonada como sempre. **"Acho que detecto um leve sorriso no rosto de Maomao, como se ela pensasse que fez você de boba. Eu acredito que você está sendo provocada."**

Então En'en lembrou-se do nome de Maomao! E podia ler suas expressões, nada menos.

"Você está me provocando?! Isso é verdade?!"

Jig levantou-se[*1], pensou Maomao, ajeitando o colarinho e encontrando os olhos de Yao. **"Admito que estava me divertindo um pouco com você, mas posso sugerir que você foi rude comigo primeiro. Não sei o que você tem contra mim, mas invadir o quarto de uma pessoa e tentar roubar suas coisas é roubo e nada mais."**

O que Maomao estava dizendo era perfeitamente certo e verdadeiro; ninguém poderia ter se oposto. O sangue voltou ao rosto de Yao, até que ela ficou tão vermelha que

parecia que o vapor deveria sair dela como um bule de chá. Ela respirou fundo, soltou o ar novamente e olhou diretamente para Maomao. **“Tinha algo incomum nos biscoitos que você recebeu? Se tinha, quero que você os dê para mim. Pagarei o suficiente para você conseguir outro lanche.”**

“O que você quer dizer com ‘algo incomum’?”

“Qualquer coisa, você sabe, incomum! Tipo, havia algo estranho dentro deles?”

A ideia de conseguir alguns trocados atraiu Maomao, mas ela não conseguia se livrar do enigma do papel misterioso. Ela não queria apenas desembolsar os biscoitos. Parecia que Yao e En’en haviam encontrado algo semelhante em seus lanches, mas Maomao duvidava que elas estivessem muito ansiosas para contar a ela o que era.

Ela olhou para En'en. A jovem desempenhou o papel de assistente de Yao com perfeição, mas quando olhou para Maomao, parecia muito mais fria do que sua patroa. *Talvez eu devesse tentar conversar com ela*, pensou Maomao, tentando descobrir como levar a conversa adiante.

“Se você está perguntando se havia alguma coisa dentro das guloseimas que recebi, isso implica que havia algo nas suas, certo? Se você me contar sobre isso, compartilharei o que sei também.”

Yao não disse nada, mas parecia muito chateada. En'en estava observando atentamente as reações de sua senhora. Maomao estendeu o pedaço de papel na mão. **“Mostre-me o que você encontrou e você poderá ver o resto.”**

Cada pedaço de papel tinha letras diferentes escritas. Se algum dia quisessem decifrar o significado, precisariam de todos eles, o que significava que Maomao não teve escrúpulos em revelar apenas um.

"**Onde eles estão?**" Yao disse.

“Você me mostra o seu e eu lhe mostrarei o meu”, respondeu Maomao.

No final das contas, ela e Yao eram iguais. Ambas fizeram o mesmo teste e passaram, então agora as diferenças de status social não deveriam importar. Muitas pessoas podem achar que ainda o fazem, mas aqui, neste momento, elas estavam em pé de igualdade.

“Lady Yao”, disse En’en.

“Tudo bem”, Yao disse finalmente. Tudo o que ela pôde fazer foi acenar em concordância. **“Mas não permitirei que essa conversa se destaque no corredor.”**

"**Certamente. No meu quarto, então”**, disse Maomao.

“Não, no meu quarto!” Yao respondeu. Maomao não poderia ter se importado menos em qual sala elas conversavam, mas simplesmente rolar e deixá-la fazer o que queria teria lhe dado a iniciativa.

Foi En'en quem salvou a situação de se tornar um impasse. **“Que tal usarmos uma das salas de reunião, então? Posso reservar uma para nós.”** Ela estava se referindo às salas de reuniões do dormitório, que poderiam ser usadas para negócios — e trancadas para conversas mais privadas.

"**Muito bem. Vou me preparar”,** disse Maomao. Ela colocou o resto dos biscoitos em um pano e elas saíram da sala.

En’en conseguiu reservar imediatamente uma das salas de reunião. O lugar era grande o suficiente para pelo menos dez pessoas, o que fazia com que parecesse enorme com apenas três ali.

“Cada um de nós mostra o que tem ao mesmo tempo”, disse Yao.

“Eu sei, eu sei”, disse Maomao. Elas estavam de cada lado de uma longa mesa, com En’en sentada na cabeceira.

Cada uma delas abriu seus panos de transporte simultaneamente, revelando pilhas de biscoitos numerados de sete, sete e seis. Uma pessoa comeu menos biscoitos do que as outras — e essa pessoa era Yao, que desviou timidamente o olhar de Maomao. **“Eu... eu poderia ter provado um.”**

“Ah”, disse Maomao, vendo que um dos pedaços de papel estava parcialmente rasgado, os caracteres úmidos. Pelo menos Yao tinha um conjunto completo de sete pedaços de papel. Assim como o de Maomao, cada um tinha algumas letras.

Depois En'en, que tinha biscoitos, mas não tinha papel.

"**Você ainda não tirou os seus?**" Maomao perguntou, mas En’en balançou a cabeça.

“Nenhum dos meus tinha nem um pedaço”, disse ela, mostrando-lhes os buracos nos misteriosos biscoitos cilíndricos. Estava claro que não havia nada lá dentro. Se ela estava dizendo a verdade, então elas tinham sete e sete pedaços de papel, quatorze no total. Elas poderiam entender algum sentido nas letras escritas neles?

Talvez se os alinharmos da maneira certa, veremos alguma coisa? Maomao pensou. Yao parecia ter tido a mesma ideia, porque estava colocando as peças uma ao lado da outra, experimentando-as em arranjos diferentes. Ela fazia pequenas dobras nas peças de Maomao para que elas se lembrassem de quem era quem. Não importa como elas trocassem as peças, tudo o que qualquer uma delas poderia fazer – incluindo Maomao e En'en, e muito menos Yao – era olhar para as letras, perplexa.

"Você pode dizer o que diz, En'en?" Yao perguntou.

"Eu sinto muito. Eu só me interessei por Shaohnese. Posso conversar um pouco, mas isso..."

Então Maomao estava certa: En'en observava o pai escrever durante a consulta porque ela mesma conseguia ler um pouco da língua.

Yao virou-se para Maomao, embora ela não estivesse muito feliz com isso. **"E você?"**

"Não estou muito melhor, infelizmente. Se eu tivesse palavras reais diante de mim, poderia ser capaz de entendê-las, mas juntá-las a partir de pedaços?" Ela provavelmente tinha tanta probabilidade quanto En'en de descobrir isso. Enquanto elas organizavam e reorganizavam os pedaços de papel, ela ficava pensando que o papel estava prestes a chegar até ela, mas não fez nenhum clique. Se elas continuassem tentando combinações, ela sentia que eventualmente encontrariam algo, mas isso levaria muito tempo. Sem falar que, infelizmente, as letras de um dos pedaços de papel estavam obscurecidas por marcas de dentes e cuspe e não eram mais legíveis. Talvez arrependida pelo que fez, Yao estava um pouco menos autoritária agora.

"Eu me pergunto se há mais alguma coisa que possa servir de pista aqui", disse Maomao, olhando para os biscoitos. Todas as guloseimas tinham o mesmo formato. Bem, não idênticos, é claro, mas não seria possível diferenciá-los a olho nu.

"Qual é o gosto deles?" Maomao se perguntou em seguida, dando uma cheirada experimental nos biscoitos. Todos tinham o mesmo cheiro e, quando ela provou alguns pedaços, também tinham o mesmo sabor: faziam sua língua formigar levemente. Deve ter havido gengibre na receita, para dar sabor.

Nesse ponto, não havia como saber qual pedaço de papel tinha saído de qual biscoito.

“Você acha que é possível que simplesmente não haja nenhum significado?” En'en perguntou.

“Sabe, lembro-me de ouvir falar de um templo onde eles colocavam fortunas em suas guloseimas”, disse Yao.

Fortunas. As letras nas tiras de papel podem referir-se à boa ou à má sorte? Não pareceu nada para Maomao. **“Mas se isso deveria ser uma fortuna, por que uma de nós ganhou biscoitos sem nada dentro?”** Maomao disse.

As outras duas assentiram. A consorte não parecia estar tomando uma decisão deliberada sobre quem dar quais biscoitos quando os distribuiu. Mas se não fossem apenas lanches, então o que...

"Poderia ser?" Maomao disse. Ela olhou para o pano em que os biscoitos estavam embrulhados. Os dela e de Yao eram de cores sólidas, mas os de En'en tinham um padrão. Ela estudou o padrão: havia ângulos por toda parte; o pano parecia ter sido tingido somente depois que o padrão foi aplicado. Ela podia ver algo, muito tênue – eram pinceladas?

“Olhe isso”, disse ela, espalhando a toalha sobre a mesa. Ela olhou dos pedaços de papel para o padrão e vice-versa, então começou a alinhar os papéis com os ângulos do padrão. Em pouco tempo, ela descobriu que havia preenchido todas as lacunas com perfeição. **"Eu sabia."**

As letras formavam duas fileiras compostas por várias palavras cada. Uma mensagem.

“Hum... O que está escrito?” Yao perguntou, semicerrando os olhos. Claramente a incomodava ser a única que não conseguia ler as palavras.

“Vejo ‘pálido’ e um ponto de interrogação”, disse Maomao.

“E este significa ‘saber’, certo? E este... ‘a verdade’?” En'en acrescentou.

Entre elas, elas tentaram descobrir o que podiam. Mesmo com o papel desbotado e ilegível, ao juntar as peças do resto do contexto, elas pensaram que poderiam entender.

“Isso diz... ‘mulher’?”

"Parece que sim."

Elas juntaram as cabeças e, pouco a pouco, decodificaram a mensagem, até lerem: *Você quer saber a verdadeira identidade da mulher pálida?*

Maomao começou a ficar arrepiada. *Me dá um tempo!* Ela tinha tanta certeza de que tudo estava acabado. Por que isso estava voltando para assombrá-la agora?

A mulher pálida: devia ser aquela que chamavam de Dama Branca. Mas ela deveria estar presa, incapaz de fazer mais nada. Aylin sabia algo sobre ela que ela não havia contado a Jinshi ou Basen? E por que ela escolheria revelá-lo a algumas damas da corte que trabalhavam como assistentes médicas?

“Quem ou o que é a mulher pálida?” Yao perguntou, inclinando a cabeça. Aparentemente ela não sabia da Dama Branca nem de toda a conversa que ela havia provocado entre a população.

En’en apenas estudou a fileira de letras em silêncio. De sua parte, Maomao achou que isso era algo que elas deveriam reportar a Jinshi imediatamente, mas quando ela se levantou, alguém agarrou seu pulso. Foi En'en. **"Onde você pensa que está indo?",** ela perguntou.

"Onde? Para relatar isso aí. Precisamos, não é?” Maomao era uma pessoa cuidadosa; ela não gostava de ter que guardar segredos perigosos só para si. O que ela estava fazendo era perfeitamente racional.

“Acho que é certo contar a alguém sobre isso”, disse Yao, pela primeira vez ficando do lado de Maomao.

Maomao presumiu que En’en cederia e seguiria a decisão de Yao, mas em vez disso disse: **“Que tipo de pessoa daria um enigma como este a alguns aprendizes de médico**

que acabou de conhecer?" Ela olhou para Maomao; pela maneira como ela fez a pergunta, quase parecia que ela pensava que Maomao conhecia Aylin.

Eu realmente não, objetou Maomao em particular. Ela sabia de uma coisa: Aylin era uma operadora habilidosa. Mesmo que elas contassem essa história para alguém, ela provavelmente já havia preparado alguma maneira de escapar disso. Ou poderia ser...

"Você acha que isso também é algum tipo de teste?" En'en disse.

"Um teste?", perguntou Maomao.

Quando ela pensou sobre isso, parecia plausível. As candidatas ao cargo de assistente médica foram selecionadas de forma mais agressiva do que as outras damas da corte, e mesmo aquelas que passaram no teste poderiam ser dispensadas sem aviso prévio se fossem consideradas inadequadas. Sim, a possibilidade certamente existia.

Mas então novamente...

Se isto fosse um teste, parecia ir muito além do que normalmente se poderia esperar das auxiliares do consultório médico. Por um lado, resolver o problema exigia algum conhecimento da língua ocidental – e, claro, nunca foi garantido que as três jovens partilhassem entre si as informações dos seus lanches. Alguém estava procurando pessoas com capacidade de considerar os vários lados de uma situação e se adaptar.

Quase como...

Quase como um espião.

Se Jinshi tivesse alguma participação nisso, então seria possível. Mas que conexão poderia haver? Mas vá longe o suficiente e...

Não. Eu não entendo.

Se fosse esse o caso, então elas não teriam que relatar as coisas quer queira quer não. Elas poderiam tentar falar com Aylin, tocar de ouvido. Sim, elas poderiam, mas...

"Estou relatando", disse Maomao.

"Você acha que não consigo ouvir vocês duas conversando? E se for um teste?!" Yao exigiu.

Se fosse um teste, ela falharia; isso foi tudo. Maomao já havia se qualificado como assistente médica. Ela não esperava que eles tirassem o trabalho dela por causa disso. Francamente, ela já estava trabalhando mais do que sua dose máxima tolerável.

"Por favor, não se preocupe. Vocês duas podem conversar com a consorte."

E estarei misturando remédios no consultório médico.

As outras duas jovens poderiam passar no teste; elas seriam mais que suficientes. Não havia como saber o que elas seriam chamados a fazer quando e se passassem nesse teste adicional.

Não estou interessada, Maomao pensou. Ela estava perfeitamente contente em ficar no consultório médico, lavando roupa ou fazendo chá ou quaisquer outras pequenas tarefas que fossem necessárias, tendo seu pai e os outros médicos ensinando-lhe novas fórmulas. Talvez ocasionalmente testá-los em algum soldado de aparência robusta que aparecesse. Isso era tudo que ela realmente queria. Uma felicidade modesta, mas suficiente para ela.

As outras duas senhoras, porém, exibiam olhares assustadores. Elas seguravam Maomao com firmeza e olhavam para ela. Principalmente Yao.

"Não poderíamos ter resolvido isso sem nós três juntas. Se você for contar, ela vai presumir que concordamos."

Então, o que ela estava tentando dizer?

"Você está nisso conosco!" Yao e En'en cantaram em coro.

Tudo o que Maomao pôde fazer foi levantar um pouco as mãos e sorrir ironicamente.

[1] The Jig is up = O jig se "levantou": uma ação desonesta que foi descoberta e não terá continuidade.

Capítulo 6: Estrategista em baixa

Maomao suspirou enquanto lavava a roupa sob o sol escaldante. Isso era realmente uma dor enorme. A roupa não, não. A rede em que ela se viu presa desde que Aylin lhes deu aquele enigma e elas o resolveram. Durante toda a manhã, Yao e En'en olharam mal para ela, certificando-se de que ela não as traísse.

Eu também estou nisso, né...

Isso explicava por que En'en estava bem ao lado dela, com o balde bem ao lado do de Maomao. Ela estava trabalhando diligentemente em algumas bandagens e, como pensou no futuro e preparou um pouco de polpa de saboneteira, as bandagens ficaram bem limpas.

Depois que as bandagens fossem limpas, elas seriam fervidas. O sangue pode conter toxinas, e colocar sangue de outras pessoas em você ou ingeri-lo pode espalhar infecções. Depois, havia as doenças sexualmente transmissíveis, cuja devastação Maomao conhecia bem.

Yao saiu com os médicos; eles iriam ensiná-la a comprar remédios.

Eu queria fazer aquela viagem, pensou Maomao, mas ela foi deixada para trás, junto com En'en, que achava que Maomao não deveria ser deixada sozinha. Era terrivelmente chato. Tão chato que em pouco tempo ela se viu querendo descontar em sua companheiro.

"Aqui eu pensava que lavar roupa era trabalho de empregada doméstica", disse ela.

"Eu nunca disse tal coisa", respondeu En'en, e era verdade – foram as damas da corte, agora demitidas, que disseram isso. Maomao se perguntou como elas estavam ultimamente. Dado que nem Yao nem En'en pareciam particularmente angustiadas com a partida delas, parecia que as senhoras não eram tanto velhas amigas, mas sim bajuladoras que tentavam cair nas boas graças de Yao quando souberam de sua história familiar. Infelizmente para elas, Yao não era gentil o suficiente para arriscar o pescoço por esses bajuladoras de bom tempo.

"Eu queria ir às compras", resmungou Maomao.

"Eu também", disse En'en. **"Por falar nisso, eles poderiam simplesmente ter levado você, pelo que me importa."** Em outras palavras, ela só queria estar com Yao. Acontece que nenhum das duas estava exatamente feliz, então Maomao resolveu parar de reclamar disso.

Elas estavam torcendo os curativos lavados e colocando-os em um balde quando várias pessoas entraram correndo no consultório médico. Maomao semicerrou os olhos, tentando ver o que estava acontecendo, e viu que havia alguém em uma maca.

"Uma lesão?" Maomao perguntou enquanto ela e En'en voltavam para o consultório carregando os baldes. Com os verdadeiros médicos fazendo compras, o médico aprendiz era o único que vigiava o local, então acharam melhor voltar e ver o que estava acontecendo.

"Uh! Umm..." O médico aprendiz estava nervoso, sem saber o que fazer. Dada a proximidade com o acampamento militar, homens feridos não eram incomuns aqui, e até mesmo o aprendiz já deveria estar mais do que confortável com eles. Quando Maomao abriu caminho no meio do bando de pessoas e viu quem estava deitado na maca, no entanto, ela não conseguiu evitar um enojado **"Ugh!"**

Quem ela deveria encontrar senão a aberração de monóculo deitada na maca, se revirando de dor.

"Dizem que ele foi envenenado", disse-lhe o aprendiz, com o rosto pálido.

"Inacreditável..." Relutantemente, Maomao deu uma olhada no excêntrico estrategista. Ele estava pálido e tremendo, segurando o estômago. O que foi bom estava bom, até que...

"Eu não consigo segurar..."

Com isso, nem é preciso dizer, seus padioleiros empalideceram, depois o levantaram e o levaram às pressas para o banheiro. Evitemos dizer de que fim "isso" saiu.

A situação veio em ondas durante cerca de uma hora, até que a condição do estrategista finalmente se estabilizou. Porém, expelir tanto o deixou seco, então Maomao e os outros deram-lhe água com um pouco de sal e açúcar misturados para facilitar a absorção. Só para constar, foi o médico aprendiz quem administrou a bebida; Maomao apenas ficou parada e observou. Ela sabia que poderia ter sido ainda mais fácil para ele beber se tivessem misturado com um pouco de suco, mas não se sentia obrigada a ir tão longe. Pelo menos ele conseguiu baixar a água. Quando se tratava de vômitos e diarreia, manter-se hidratado era fundamental.

Quando as coisas se acalmaram um pouco, Maomao pegou uma panela com a intenção de ferver os curativos limpos, mas foi interrompida quando Lahan entrou correndo.

"Recebi a notícia de que meu honrado pai desmaiou!", ele disse.

Maomao simplesmente apontou para o quarto onde a aberração estava dormindo. A multidão de seus subordinados havia diminuído para apenas um, deixado para trás para ficar de olho nele, e o aprendiz foi chamar os médicos de volta. Maomao não culpava o cara por estar um pouco perturbado, mas suspeitava que não era uma boa ideia deixar a supervisão do importante consultório médico para duas damas da corte.

En'en lançou um olhar engraçado para Maomao enquanto colocava água na panela. **"Você conhece ele?"**

"Infelizmente."

“Você parece ter algum tipo de conexão com o Grande Comandante Kan também. Posso perguntar-"

"Nenhuma relação." Maomao começou a preparar o fogo intencionalmente.

“Se você não quiser falar sobre isso, tudo bem”, disse En’en, mas havia algo em sua voz. Ela estava perguntando, mas provavelmente ela mesma já havia investigado.

É tudo culpa daquele velho bastardo, Maomao pensou. Seria muito mais fácil fazer-se de boba com ele se ele não estivesse constantemente espreitando no local de trabalho.

Lahan voltou da enfermaria quando as bandagens estavam fervendo bem. **“Não vejo meu tio-avô”**, disse ele.

“Ele está fazendo compras hoje. Ele provavelmente só estará de volta em algumas horas. E acho que o restante dos médicos está em um dos outros consultórios médicos.”

“Hum...”

Por mais estranho que fosse o estrategista, ele também era uma pessoa bastante importante, e talvez fosse melhor manter sua indisposição em segredo. Apesar dos ferimentos, no entanto, provavelmente o levaram ao consultório médico na esperança de chamar o velho de Maomao, Luomen.

“Eles disseram algo sobre ele ter sido envenenado”, arriscou En’en enquanto Lahan permanecia com os braços cruzados. Maomao percebeu como era incomum ver En'en tomando a iniciativa daquela forma.

“Sim, está certo”, disse Lahan. **“Mas meu honrado pai não é qualquer um. Quem poderia ter conseguido envenená-lo?”**

“Certamente há muitas pessoas que guardam rancor dele”, disse Maomao, em tom relativamente educado. Ela poderia ter falado menos formalmente com Lahan, mas com En'en ali, ela decidiu se importar com suas palavras. De qualquer forma, quando alguém subia tão alto quanto o estrategista, e o fazia em parte depondo seu próprio pai, devia haver tantas queixas contra ele quanto havia estrelas no céu.

“Meu pai é um excelente juiz de caráter, pelo menos. Não acredito que ele deixaria alguém em sua órbita que o envenenasse.”

"Concordo com você. Tire sua capacidade de julgar as pessoas e você não terá nada além de um homem velho começando a cheirar a velhice", disse Maomao.

"Que rude. Ele pode jogar Go e Shogi, você sabe."

"Vocês dois são absolutamente horríveis", disse En'en calmamente, mexendo o conteúdo da panela com alguns pauzinhos. Ela era bonita o suficiente para que Lahan sentisse claramente que valia a pena conversar com ela. Pela maneira como seus óculos brilhavam, você quase podia vê-lo transformando o corpo dela em uma série de números. Seu olhar estava ficando perigosamente pervertido, então Maomao deu-lhe um tapa na cabeça.

"Minhas desculpas se esta pergunta for errada vinda de alguém de fora, mas para minha referência futura, talvez você possa me dizer com o que ele foi envenenado?" En'en disse.

"Boa pergunta", respondeu Maomao. **"Todo mundo está usando a palavra veneno, mas será possível que isso seja simplesmente devido à comida ruim? Ele comeu algo que encontrou no chão?"**

"Tenho um guarda vigiando-o o tempo todo para garantir que isso não aconteça", disse Lahan com orgulho.

Você tem? Maomao pensou.

"Hum... Com licença..."

Eles se viraram ao ouvir a voz para encontrar o soldado que havia sido destacado pelo excêntrico estrategista. Ele era bastante magro e parecia um tanto retraído.

Rikuson também era um menino bonito, lembrou Maomao. Ajudante de campo do estrategista era uma posição militar, mas sem dúvida envolvia muita papelada. Agora que ela pensou sobre isso, percebeu que quase não tinha visto Rikuson recentemente. Ele foi afastado do estrategista?

"Eu anotei o que você pediu", disse o soldado. Ele entregou-lhes um pedaço de papel surrado, com alguns caracteres borrados e indistintos. Eles explicaram o que a aberração estava fazendo e o que comeu nos últimos dias.

"Vamos ver. Imediatamente antes do incidente ele estava... Aham. Bem, sinto muito pelo Príncipe da Lua. Parece que meu honrado pai estava se intrometendo com ele novamente", disse Lahan.

Em outras palavras, imediatamente antes de adoecer, a aberração estava incomodando Jinshi. Às vezes parecia que aquele esquisito nem tinha emprego, exceto quando parecia que tinha. Ocasionalmente, ele colocava sua marca em alguma papelada importante ou tomava uma decisão pessoal precipitada. Ele poderia ser útil se uma guerra estourasse, mas em tempos de paz era menos útil do que uma lanterna ao meio-dia. Embora uma coisa fosse ser inútil, ele tinha que incomodar todo mundo.

“Isso diz que ele comeu um bolo lunar e bebeu um pouco de suco, e que ofereceu o bolo lunar ao Príncipe da Lua. Também diz que ele estava com raiva porque não lhe ofereceram chá.”

"Isso mesmo. O príncipe estava lindo como sempre, se assim posso dizer”, respondeu o assistente do estrategista, com os olhos brilhando com a lembrança. Outra vítima de Jinshi.

De qualquer forma, alguém poderia tentar envenenar Jinshi, mas Maomao não achava que Jinshi tentaria envenenar mais ninguém.

“Maomao, de quanto veneno provavelmente estaremos falando aqui?” Lahan perguntou.

“Não há uma resposta única. Depende do veneno. Além disso, com alguns venenos a vítima pode parecer melhorar, apenas para que os efeitos voltem mais tarde e causem a morte.” Ela olhou em direção à enfermaria. O rosto do assessor estava pálido. **“Embora eu ache que ele ficará bem”**, acrescentou ela.

“Sua atitude ao lado da cama deixa a desejar”, rosnou Lahan. Ele colocou o pedaço de papel sobre a mesa. Antes de visitar Jinshi, o estrategista aparentemente estava descansando em um pavilhão ao ar livre em um dos jardins do palácio. Com a brisa fresca e o rio fluindo, aparentemente era um de seus lugares favoritos. Ele trouxe um lanche, um pãozinho cozido no vapor, que estava comendo.

“Ladrão de salário”, resmungou Maomao.

“Este pode ser um bom momento para não dizer tudo o que pensamos”, repreendeu En’en, mas, no íntimo, Maomao tinha certeza de que ela concordava com ela. A aberração chegou trinta minutos atrasada para o trabalho pela manhã, realmente o tipo de privilégio concedido apenas aos chefes. No café da manhã ele comeu mingau com batata-doce misturada e bolo lunar.

“É tudo doce”, observou En’en.

“Ele vai ficar com diabetes”, disse Maomao.

“Meu honrado tio-avô disse a ele a mesma coisa”, respondeu Lahan. **“Aliás, Maomao, alguma ideia ainda?”** Ele estava olhando atentamente para ela. Ele normalmente teria recorrido ao pai dela, mas como ele não estava aqui, Lahan não teve escolha a não ser Maomao. Sem dúvida que a tentativa de envenenamento de um oficial militar era um caso que queriam resolver o mais rapidamente possível.

“Se sobrar alguma coisa da comida que ele estava comendo, talvez eu consiga descobrir alguma coisa”, disse ela.

"Receio que não. Ele comeu tudo.”

“U-Um,” o assessor mais uma vez se ofereceu fracamente. **“Ainda há alguns goles do suco que ele estava bebendo...”**

“Você pode trazê-lo aqui? Agora mesmo?" Maomao perguntou.

"Sim, senhora."

O assessor saiu da sala, mas logo voltou; ele levou exatamente o mesmo tempo que as bandagens fervidas levaram para secar.

“Aqui está”, disse ele. Ele deu a ela um recipiente de vidro com tampa de madeira, com cerca de um terço cheio de um líquido claro. A coloração implicava suco de uva, diluído em água para torná-lo mais bebível.

“Isso é muito grande”, disse En’en, olhando para a embarcação com interesse. Não devia ser fácil carregá-lo o tempo todo, mas como o maluco sempre bebia suco em vez de água ou chá, provavelmente precisava dele.

“Não acredito que esteja envenenado”, disse o assessor.

"O que te faz dizer isso?" Maomao perguntou.

“Porque eu também tive alguns. De qualquer forma, acho que seria extremamente difícil colocar veneno em um recipiente que nunca sai do seu lado.”

“Então acho que podemos ignorar isso”, disse Lahan, pegando a garrafa e colocando-a sobre a mesa.

“É lindo, não é?” En'en disse.

“Não tão bonito quanto você”, Lahan respondeu suavemente. *Cara de ábaco idiota.* Ele próprio não era atraente, mas nunca deixava de conversar com uma garota bonita.

En’en apenas disse **“Obrigada”** e sorriu cortesmente. Puramente profissional. Era óbvio que ela não tinha nenhum interesse no homem de cabelos desgrenhados.

Enquanto isso, Maomao estudava a garrafa de vidro, observando o líquido dentro dela. **“Hum?”** Ela inclinou a cabeça. **“Essa é realmente uma peça bastante impressionante.”**

“Eu concordo, senhora. Acredito que Mestre Rikuson deu a ele. Ele gosta muito disso.”

“Falando no Mestre Rikuson, não o tenho visto ultimamente. O que aconteceu com ele?" A oportunidade perfeita para fazer a pergunta que estava em sua mente.

“Ah. Ele foi para a capital ocidental. Essa garrafa foi seu presente de despedida para o estrategista. Sou seu sucessor e devo dizer que ele deixou cargos importantes para ocupar.” O assessor baixou a cabeça.

"Você não sabia?" Lahan disse.

“Eu certamente não sabia disso.” Ela e Rikuson estiveram na capital ocidental recentemente. E agora ele voltou?

“Com a chegada do Mestre Gyokuen à capital, ele solicitou que alguém conhecedor dos assuntos das regiões centrais fosse enviado para o oeste em seu lugar.”

“Mestre Rikuson foi atender a esse pedido”, disse o assessor.

Gyokuen: o pai da imperatriz Gyokuyou. Como pai da imperatriz, seria de se esperar que ele chegasse ao centro nacional. Maomao achou que parecia um pouco repentino, mas então ela ouviu que o filho da imperatriz Gyokuyou - ou seja, o neto de Gyokuen e, se as coisas permanecessem como estavam, o futuro imperador - seria formalmente apresentado em breve.

A apresentação do Príncipe Herdeiro seria um evento luxuoso, com a presença até mesmo de VIPs de outras nações, então Gyokuen dificilmente poderia deixar de comparecer, mesmo que ele fosse a pessoa mais poderosa da capital ocidental, e mesmo que fosse uma viagem muito longa.

“Ele insistiu e temo que não estávamos em condições de recusá-lo”, disse Lahan. **“E ele foi tão útil...”** Lahan conhecia bem Rikuson e estava claramente angustiado com sua perda. O antigo assessor do estrategista era capaz de se lembrar de qualquer rosto que

visse, pelo menos uma vez, o que certamente o tornava uma excelente contrapartida para o próprio maluco, que não conseguia nem distinguir um rosto do outro.

En'en provavelmente não conseguiu acompanhar nem metade da conversa, mas ela estava ouvindo sem muito interesse de qualquer maneira. Ela parecia ser uma excelente dama de companhia, pois sabia ser reservada nos momentos certos – mas, novamente, era intimidante quando não se podia ter certeza do quanto da conversa ela realmente entendia.

"Tudo bem, vamos voltar ao assunto. Quanto a quem envenenou o estrategista..." Lahan disse.

"Ah, eu já descobri isso", disse Maomao espontaneamente, com o olhar ainda na garrafa.

"O que?" exclamaram todos os outros ao mesmo tempo.

"Bem, quem foi?" Lahan exigiu, ajustando os óculos no rosto.

"A própria aberração", respondeu Maomao. Ela sacudiu a garrafa com a ponta do dedo; produziu um anel delicado e o suco dentro dele ondulou.

"Você está fora de si. Acho que posso afirmar com certeza que meu honrado pai nunca tentaria o suicídio. Mesmo que ele possa levar outros a isso."

"Horrível", En'en interrompeu.

"No entanto, ele mesmo colocou aqui – bem neste suco", disse Maomao.

"E-espere um segundo. Não parecia que havia nada nele. Ele colocou alguma coisa lá quando eu não estava olhando?", disse o assessor.

"Oh, ele colocou algo nele, tudo bem. E ele fez isso bem diante dos seus olhos." Maomao apontou para a boca da garrafa, que estava fechada com a rolha de madeira. **"Pergunta: eu sei que ele sempre leva suco com ele, mas ele costuma usar um copo também?"**

"Não, ele só bebe direto da garrafa."

"Você fez o mesmo, bebendo diretamente dele?"

"Absolutamente não! Quando o acompanhei de volta à sua mansão ontem à noite, compramos o suco no caminho para casa. Foi quando ele me deu um pouco. As pessoas

frequentemente compravam bebidas em suas próprias embalagens. O estrategista provavelmente lavou uma garrafa vazia e depois a encheu de suco."

"Então você comprou isso ontem, correto?"

"Sim, está certo."

Agora ela tinha certeza: o estrategista havia se envenenado.

"Então? Que tipo de veneno ele usou? Se essa é a sua ideia de piada, então deixe seu querido irmão mais velho informá-la de que foi longe demais", disse Lahan.

"Quem é meu irmão mais velho?" Maomao rosnou, esquecendo-se temporariamente de ser educada. Ela lançou um olhar para En'en, que estava fazendo uma cara de *eu sabia*. Ela realmente deve ter verificado Maomao. Maomao pigarreou e recuperou a compostura. **"É o mesmo veneno que todos carregamos conosco. Bem aqui,"** ela disse, e apontou para sua boca. Ou mais especificamente, no que havia dentro dele. **"Saliva."**

"Saliva?"

Se o estrategista não estivesse bebendo de um copo, então ele estaria bebendo diretamente da garrafa, e um pouco de sua saliva seria misturada novamente ao suco.

"O que poderia ser venenoso na saliva?" Lahan disse.

"Você sabe que se um cachorro morder sua mão e você deixá-lo sem tratamento, sua mão vai inchar? É a mesma coisa. A saliva canina e humana não são exatamente idênticas, mas ambas podem ser venenosas." E se o veneno tivesse nutrientes para se alimentar, ele se multiplicaria. **"Se ele estiver descansando em um pavilhão ao ar livre em uma noite quente, carregando aquele suco para todos os lugares sem nunca esfriá-lo, então o veneno dentro dele vai crescer, até ficar ruim o suficiente para ser prejudicial."**

A garrafa de vidro parecia ser especialmente boa em reter calor. Maomao já havia usado um aquário para focar a luz do sol e ela suspeitava que essa garrafa pudesse fazer algo muito semelhante.

"As pessoas sabem que o peixe apodrece se for deixado de fora, mas por alguma razão nunca imaginam que uma bebida pode estragar em apenas meio dia. Mas acontece. E então você obtém..." Ela apontou na direção do estrategista indisposto. **"Um monte de problemas."**

"Problemas, sim..." Lahan cruzou os braços, imaginando como iria explicar isso.

“Deveríamos simplesmente dizer que ele comeu algo que encontrou por aí? Parece mais fácil de acreditar”, disse o assessor – parecendo relutante, pois a sua sugestão certamente não ajudaria a autoridade do estrategista.

“Não, quando descobrir que o conteúdo da garrafa estava envenenado, a situação vai se explicar. Maomao, experimente o suco para ver se há veneno. Eu sei que essa é a sua especialidade”, disse Lahan.

"Absolutamente não."

"Por que não? Normalmente você dificilmente consegue evitar provar um veneno."

“Porque não vou beber de algo que aquele velhote colocou na boca. Você quer tentar?"

Lahan não disse nada por um momento, mas sua expressão era de total compreensão. Por fim, ele disse: **“Você não poderia ser um pouco mais gentil com ele? Ele ainda está de luto, você sabe.”**

“Eu não gostaria que isso subisse à cabeça dele”, disse Maomao categoricamente.

Todo o incidente foi uma dor de cabeça generalizada.

Pouco tempo depois, os médicos voltaram.

“Meu Deus, sério?” O velho de Maomao perguntou exasperado ao ouvir a história. Enquanto isso, En’en parecia abatida; Yao estava preenchendo a papelada referente às compras e ainda demoraria um pouco para voltar.

O estrategista maluco parecia basicamente bem, então Maomao o mandou para casa. Especificamente, ela o levou enquanto ainda dormia, para que não acordasse e causasse ainda mais dores de cabeça.

Pelo menos os médicos estavam de volta, mas agora ela se viu encarregada de separar e organizar os remédios que haviam comprado. Maomao gostou do trabalho, mas depois dos acontecimentos do dia ela estava terrivelmente cansada.

“Isso é exaustivo”, disse En’en a ela.

“Sim”, respondeu Maomao. En’en parecia extraordinariamente disposta a conversar com ela naquele dia, talvez graças à ausência de Yao. Ela era fundamentalmente reticente e pouco expressiva, por isso nunca foi atrás de Maomao, que percebeu agora que En'en

não necessariamente desgostava dela. Acontece que com Yao por perto, ela provavelmente não falava muito pelo mesmo motivo que Maomao não falava.

Porque falar dá muito trabalho.

Ela provavelmente era muito parecida com Maomao, na verdade.

"Acho que deveria pedir desculpas por parte do que aconteceu até agora", disse En'en enquanto organizava alguns remédios em uma gaveta.

"O que você quer dizer?" Maomao disse.

"A maneira como tenho agido. Eu sei que não tenho sido muito legal com você. Quanto a Lady Yao... Bem, só posso pedir que seja generosa com ela. Ela tinha tanta certeza de que entraria neste trabalho como a melhor aluna, mas aqui está você."

"Melhor aluna?"

"Você não ouviu? A pessoa que obtiver a melhor nota no teste receberá uma faixa de cabelo de cor ligeiramente diferente."

"Ah." Maomao lembrou-se de como só a faixa de cabelo dela era de uma cor mais escura. *Não, eu não tinha ouvido falar...*

Ela deixou a questão de sua roupa inteiramente para Gaoshun, e quando ele trouxe uma muda de roupa para ela, houve muita insistência por parte da senhora para deixar tempo para explicações. Ela se sentiu um pouco mal com isso agora, mas também ficou surpresa. Ela percebeu que mal havia passado no teste.

"Deixando de lado a parte de educação geral do teste, quando se trata de conhecimento especializado, acertar até metade das questões é considerado bom", disse En'en.

Educação geral? Isso se referia à história e à poesia que Maomao havia engolido tão relutantemente? Ela se torceu por causa dessas perguntas. Oh, como ela trabalhou!

"Lady Yao jurou que acertou todas as perguntas gerais, então ela deve ter perdido para você na parte de conhecimento especializado. Eu estava confiante de que minha nota também era tão boa quanto a de qualquer pessoa, então admito que a princípio me perguntei se você tinha sido contratado por causa de suas ligações familiares."

"É disso que se trata?" Maomao disse. Seu único arrependimento foi que, se ela realmente tivesse se saído tão bem, isso significaria que ela poderia ter se dado ao luxo

de estudar um pouco menos. Não que isso fizesse muita diferença; desde o momento em que foi vendida à velha senhora, ela ficou sem escolha. **“Sou apotecária por vocação, sabe...”**

"Sim, eu sei. Você provou isso hoje. Mas não acho que isso vai aliviar a dor de Lady Yao.”

Maomao conseguia entender e ela não tinha necessariamente problemas com pessoas assim. Ela certamente gostou muito mais do que se Yao tivesse tentado bajulá-la. O problema é que era muito fácil para outras pessoas interpretar mal tal indiferença. Como Yao era da melhor família de todas as damas da corte recém-formadas, as outras se sentiram obrigadas a segui-la.

“Ela não é uma pessoa má”, disse En’en. **"Espero que você não use isso contra ela."** A forma como En’en lidou com a situação foi absolutamente adulta. Maomao não perguntou quantos anos ela tinha, mas suspeitava que elas tivessem mais ou menos a mesma idade. En'en acrescentou: **“Lady Yao tem apenas quinze anos. Ela ainda tem muito o que crescer.”**

"Você disse quinze?" Isso a tornava quatro anos mais nova que Maomao – mas seu corpo era muito desenvolvido! **“Ela é bem grande para a idade dela.”** (Maomao não especificou onde.)

“Sim, trabalhei duro para ajudá-la a crescer”, respondeu En’en, parecendo estranhamente orgulhosa do fato.

Se ela tem apenas quinze anos, acho que não posso culpá-la, pensou Maomao, embora suspeitasse que, se dissesse em voz alta que Yao ainda era um pouco infantil, En’en ficaria chateada.

Tudo isso ainda deixou um problema. Ou seja, En'en era obviamente a assistente de Yao, mas ela também era bastante inteligente por si só, como evidenciado pelo fato de que ela conhecia um pouco da língua ocidental, que nem mesmo Yao falava.

“Posso te perguntar uma coisa?” Maomao disse.

"Sim? O que?"

“Se eu não estivesse aqui, Lady Yao ainda não teria sido a melhor examinada, não é? Você teria."

Um sorriso fixo surgiu no rosto de En’en. Enquanto guardava o próximo remédio na gaveta, ela disse: **“Tal coisa nunca teria acontecido”.**

Com certeza, hein?

Trapacear para aumentar a nota era um problema, mas perder deliberadamente perguntas para as quais você sabia as respostas? Isso nem era trapaça.

En'en foi educada e circunspecta, mas Maomao percebeu que ela precisava ficar alerta perto dela. Ela era uma jovem astuta.

Capítulo 7: Intenções de Aylin

Aproximadamente a cada dez dias, um dos médicos externos, principalmente o pai de Maomao, visitava o palácio interno. O sistema era bastante simples. As consortes superiores eram atendidas uma vez por mês, enquanto as consortes médias e inferiores recebiam exames a cada três meses. Mesmo isso tornava ver todas um desafio, mas se Luomen recebesse ordens de fazê-lo, então ele teria que fazê-lo.

Fazia nove dias desde a última visita ao palácio interno. Nove dias perfeitamente normais para Maomao, exceto pelas duas damas da corte que a vigiavam constantemente.

Se havia um problema, era que todas as cartas que chegavam a ela eram examinadas. Felizmente, nenhuma delas veio pessoalmente de Jinshi; elas geralmente vinham em nome de Gaoshun. Além disso (não que isso importasse para ela), parecia que Basen estava de volta ao trabalho. Sua recuperação lhe pareceu sobrenaturalmente rápida, considerando a gravidade de seus ferimentos.

Talvez ele apenas tenha sido construído de forma diferente. Um dia, ela esperava poder testar seus poderes de recuperação contra os de outras pessoas.

Chegou uma carta de Sazen informando que a farmácia estava indo muito bem, embora ele também reclamasse que Kokuyou era desagradável. Sim, Maomao sabia que podia ser terrivelmente alegre, mas Sazen teria de conviver com isso.

De vez em quando, desenhos da gata Maomao se misturavam às letras; vieram de Chou-u. Em vez de um selo pessoal, as patas de Maomao eram desenhadas nas imagens em tinta escarlate. Os arranhões no papel sugeriam que ela as assinou sob coação.

Em nome de uma inspeção cuidadosa, Yao estudou com especial atenção um desenho da gata. Por fim, ela o devolveu a Maomao com pesar. Mais tarde, En'en perguntou se Maomao não lhe daria a pintura da gata; Maomao suspeitava que ela iria então para Yao.

Yao e En'en pareciam pensar que a "mulher pálida" era apenas um codinome. Parecia incomodar En'en, mas Yao não prestou muita atenção, então En'en não levou o assunto muito longe.

A *mulher pálida...* Maomao tinha quase certeza de que era a mesma pessoa que ela conhecia como a Dama Branca, embora não tivesse certeza absoluta.

Se não for... Ela pensou no pintor que salvou de uma intoxicação alimentar. Sua casa tinha uma pintura de uma linda mulher de cabelos brancos e olhos vermelhos, alguém que ele afirmava ter visto no oeste. Poderia ser essa a mulher a quem Aylin, que veio de Shaoh, estava se referindo?

Mas por que o enigma, então? Não, tem que ser a Dama Branca, pensou Maomao, balançando a cabeça. Mesmo assim, a mulher da pintura não saía de sua mente. Poderia haver algum tipo de conexão?

Sua pergunta seria respondida no dia seguinte, quando voltassem a ver Aylin.

Não havia cem mulheres no palácio interno com o posto de consorte. Os rumores sempre circulavam sempre que uma consorte superior deixava o palácio interno, mas as consortes de posição inferior muitas vezes partiam sem que ninguém comentasse. Às vezes, eram dados em casamento a funcionários merecedores ou devolvidos às suas famílias, sem nunca terem sido visitados pelo imperador. Muitas das mulheres do palácio zombaram da ideia de deixar interior do palácio, mas isso não incomodou particularmente Maomao.

Maomao, Yao e En'en estavam com Luomen e o médico charlatão, circulando pelo palácio interno. Aquela era a segunda vez que cumpriram essa função. Eles encontraram o quarto com a flor e o número indicados na etiqueta. Pertencia a uma consorte inferior, mas a porta tinha um pano preto por cima, um sinal de perda que indicava que a dona da câmara havia morrido.

"Você acha que ela estava doente?" Yao perguntou. Mas essa era uma das mulheres que o pai de Maomao vira na última visita e ele não notara nada. O que implicava...

"Suicídio, eu suspeito", disse Maomao. Não era tão incomum. Enquanto a morte foi obviamente autoinfligida, sem sinais de crime, o palácio interno nem piscou. Não era exatamente uma ocorrência cotidiana, mas não era nada para ficar animado.

As damas no palácio interno podiam representar todos os tipos diferentes de "flores", mas a maioria delas chegou convencida de sua própria beleza. Muitas tinham uma grande consideração por si próprios, e muitas foram levadas ao desespero pelo abismo entre as suas expectativas em relação ao palácio interno e a realidade.

O grupo ouviu algumas senhoras conversando: **"Dizem que ela era viciada em álcool".** Elas estavam tão envolvidos em suas fofocas que não notaram o bando de pessoal médico parado bem ali perto. Assim que avistaram os sobretudos brancos, correram de volta aos seus postos.

É realmente um cemitério de mulheres... Ou melhor, um campo de batalha, pensou Maomao. Aqueles que foram derrotados em combate não tiveram escolha senão desaparecer. Em algum nível, pode-se dizer que as criadas são mais livres do que as consortes. Elas podiam trabalhar como cães, mas tinham um período fixo de serviço. Se conseguissem aguentar o tempo suficiente, sairiam dos muros do palácio novamente.

O plano de hoje era visitar os aposentos das consortes inferiores e, por último, ir para a residência de Aylin. Inicialmente não tinham planejado vê-la, pois a visitaram da última vez, mas o plano foi alterado devido a um pedido pessoal da própria senhora. Ela não estava se sentindo bem? Ou havia algo mais que ela queria saber?

Primeiro, chegaram ao quarto de uma consorte inferior com um símbolo de camélia na porta.

"Não, nenhum problema particular", disse a consorte, que cheirava a perfume, enquanto uma de suas damas a abanava. O odor abundante veio em direção a eles, fazendo Maomao querer torcer o nariz. Era verão, mas, surpreendentemente, o quarto estava bem fechado, não dando ao cheiro nenhum lugar para ir.

Que pena para ela. Ela tem o tipo de corpo preferido de Sua Majestade. Mesmo sob o manto de consorte, cuja gola estava meticulosamente fechada, era evidente que ela era voluptuosa. Suas características faciais lhe davam uma aparência um tanto agressiva, mas ela parecia bastante inteligente. Muito dentro do escopo dos interesses sempre enérgicos do imperador.

Maomao deu uma olhada no caderno do charlatão. Estava aberto em uma página com o nome da concubina odorífera diante deles, junto com anotações sobre doenças que ela sofreu no passado – sem mencionar quantas visitas ela recebeu de Sua Majestade.

Eu tinha razão. Ela é o tipo dele.

Apenas uma dessas visitas foi registrada. Ela suspeitava que fosse o cheiro forte do perfume que o impedia de voltar para buscar mais. O odor parecia ser algo importado. Era uma pena, na verdade: um toque atrás das orelhas poderia ter sido bastante agradável.

Pode parecer surpreendentemente franco, até mesmo grosseiro, mas no interior do palácio sempre eram mantidos registros das visitas noturnas do imperador, que deveriam ser relatadas ao médico. Mas ser exigido não tornava tudo menos penoso às vezes. Como para a imperatriz Gyokuyou. Sua Majestade às vezes visitava o Palácio de Jade a cada três noites. Não era apenas para mostrar - ah, definitivamente não era - mas alguém tinha que ficar do lado de fora do quarto só para ter certeza. O dever geralmente cabia a Hongniang, a principal dama de companhia de Gyokuyou, mas quando Sua Majestade aparecia em noites consecutivas ou o trabalho se tornava muito exigente, Maomao às vezes assumia o cargo.

Eu tinha a vantagem de estar acostumada com essas coisas do bairro do prazer...

Pelo que Maomao pôde deduzir, o imperador e Gyokuyou estavam envolvidos em algumas brincadeiras bastante avançadas. Apenas os barulhos que podiam ser ouvidos através da parede... Para Hongniang, com mais de trinta anos e ainda solteira, deve ter sido uma provação.

O simples fato de manterem um registro dessas coisas era suficiente para provar que você não estava no mundo exterior. Maomao suspeitava que as visitas a essa consorte inferior não seriam retomadas nesta altura, mas a única visita que ela fizera parecia ter deixado aquela mulher imperiosa e orgulhosa, embora aos olhos de Maomao isso apenas a fizesse parecer ainda mais triste. Essa visita solitária colocou o mundo além do palácio interno praticamente fora de seu alcance.

Talvez se não fosse esse fedor... Era tão exagerado que Maomao se perguntou se havia algo errado com o nariz da mulher. Na verdade, parecia que sim: os lábios pequenos e bem torneados da consorte continuavam se abrindo; parecia menos um tique e mais como se ela estivesse respirando pela boca.

As criaturas vivas normalmente respiram pelo nariz, como fazem os cães e os gatos – e, normalmente, os humanos. Se ela estivesse respirando pela boca, isso poderia sugerir que seu nariz estava entupido e, se ela tivesse esse hábito desde criança, isso teria afetado o alinhamento dos dentes.

O *alinhamento dos dentes dela...* Maomao refletiu. O pai dela estava apenas verificando a boca da mulher, evidentemente tendo tido o mesmo pensamento, mas os dentes da mulher estavam mais ou menos retos.

“Você espirra com frequência?” Luomen perguntou.

"Sim."

“Alguma congestão no nariz?”

“Frequentemente, especialmente da primavera ao início do verão. E especialmente desde que cheguei ao palácio interno.”

"Você tem problemas para dormir?"

“Eu poderia dormir bem, se meu nariz não estivesse entupido.”

Luomen rabiscou algumas notas. O charlatão estava simplesmente parado e observando, então Maomao decidiu pegar a caixa de remédios portátil e entregá-la ao pai. Ele tirou algo para inflamação nasal. **“Tente usar isso. Pare se isso lhe causar problemas para dormir. Você também pode urinar com mais frequência, mas não acho que isso deva ser um problema.”** Em seguida, acrescentou: **“Acho que o perfume que você está usando atualmente pode não combinar com você fisicamente. Se precisar usá-lo, use só um pouco ou considere mudar para um tipo diferente.”**

“Tudo bem”, disse a consorte. Talvez a mansidão dela tenha sido inspirada pela gratidão por ele ter entendido sobre o nariz dela.

Maomao sabia que se ela notasse alguma coisa, seu velho dificilmente deixaria de fazer o mesmo. Além do mais, ele conseguiu dizer à consorte que o perfume dela era muito pesado da maneira mais suave possível. Embora se ele não tivesse feito isso, quando o nariz dela melhorasse, ela provavelmente teria percebido o quanto ela havia exagerado.

Assim que saíram do quarto da consorte, Luomen começou a inspecionar o jardim, onde havia flores coloridas de verão por toda parte. **“De onde veio essa consorte, eu me pergunto”,** disse ele.

O charlatão folheou seu caderno. **“Ela vem do extremo noroeste, perto do deserto. Ah, o clima lá deve ser muito desagradável.”**

O velho de Maomao virou-se lentamente para ela e as outras duas assistentes. **“Bem, vamos fazer disso um momento de ensino, certo? O que você acha que causou a rinite da senhora?”** Seu enigma foi acompanhado por um sorriso gentil. A mão de Maomao estava se levantando quando ela o viu lançando-lhe uma olhada e ela a abaixou. Ele não estava perguntando tanto a ela quanto a Yao e En'en.

Lentamente, Yao levantou a mão. **“É porque o quarto dela era tão abafado?”** Era certamente verdade que o quarto dela estava bem fechado; essa era uma das razões pelas quais o cheiro se recusava a se dissipar.

Não terá ajudado, pensou Maomao. O quarto parecia limpo o suficiente, mas não parecia que a consorte estava recebendo muito ar fresco em seus aposentos. E eles não tinham visto o quarto dela; sempre havia a chance de estar empoeirado ali.

"Também é possível que o quarto dela não seja higiênico", continuou Yao. **"Se a área de dormir dela estivesse suja, poderia criar insetos que prejudicassem seu corpo."**

Era possível, mas Maomao não achava que fosse isso que estava acontecendo. Essa consorte não parecia uma mulher que desistiu de atrair a atenção de Sua Majestade. Se ela esperava uma visita imperial, não deixaria de manter o quarto limpo e preparado. Até mesmo seu perfume exagerado era, na verdade, uma tentativa de se embelezar. Ela simplesmente não sabia quando parar graças ao nariz entupido.

Maomao observou a grama e as árvores que cresciam no jardim. Ela disse que a inflamação piorou da primavera ao início do verão. Ela se agachou, arrancando um pouco de grama que crescia na beira do caminho. Artemísia. Maomao sabia disso muito bem; ela costumava usá-lo em tratamentos de moxabustão. Era uma planta perfeitamente comum por ali, mas não, ela suspeitava, de onde a consorte tinha vindo.

Enquanto Maomao se agachava ali, parecendo perplexo, seu pai pegou a artemísia dela como se ela estivesse sendo uma pirralha.

Ele disse: **"Tenho certeza de que o quarto da consorte está em boas condições. Sem dúvida ela o mantém assim para que esteja pronto sempre que Sua Majestade achar conveniente visitá-la. Principalmente porque ela de fato teve uma dessas visitas."**

Yao pareceu desconcertada ao saber (se não com tantas palavras) que ela havia dado a resposta errada.

Luomen, porém, sabia como acalmar um ego ferido. **"Você estava se concentrando nas coisas certas. A doença muitas vezes resulta da falta de saneamento, especialmente nos quartos."**

Agora Yao parecia em conflito: elogio, bom, mas... elogio de um eunuco... bom?

Eu teria obtido a resposta certa, pensou Maomao. Chame isso de algo menos maduro - afinal, Yao era mais jovem que ela -, mas o pai adotivo de Maomao era uma das poucas pessoas cuja aprovação ela ansiava.

"No entanto, espirros também podem ser causados por grama e flores como estas", continuou Luomen. Não era a mesma coisa que estar resfriado; o pólen e os esporos das plantas podem entrar no corpo e causar ataques de espirros ou inundações

aparentemente incontroláveis de ranho. **"O pólen pode causar estragos no corpo. Daí os espirros."**

Era incomum que Luomen expusesse os fatos tão claramente quando estava lidando com Maomao. Foi o suficiente para fazê-la se perguntar se havia algo mais acontecendo com a mulher. Mas não: a abordagem direta foi provavelmente mais fácil para Yao e En'en; até o charlatão olhava para Luomen com admiração indisfarçável.

Você deveria ser um dos professores! Maomao pensou nele.

A mão de Yao subiu lentamente novamente. **"Hum... Se o pólen 'causa estragos' no corpo, por que não estamos todos espirrando?",** ela perguntou.

Luomen sorriu. **"Uma boa pergunta. Assim como há aqueles que pegam resfriados com mais facilidade do que outros, há aqueles cujos corpos não são afetados pelo pólen. Também é possível descobrir que seu corpo foi afetado repentinamente, quando não era antes. Por exemplo, se você já estiver com problemas de saúde devido a outra coisa. Uma longa viagem de um país distante para uma terra desconhecida, por exemplo."**

Mais ou menos como a consorte.

Eu sabia de tudo isso, Maomao fez beicinho. Seu pai olhou para ela se desculpando. Os médicos deveriam emitir pronunciamentos enigmáticos dos quais os estudantes teriam que desvendar a verdade por si próprios, mas o pai de Maomao não trabalhava assim. Ele teve a gentileza de explicar as coisas para que qualquer um pudesse entender.

Ainda doía um pouco, mas Maomao também conseguia agir como adulta, mesmo que nem sempre gostasse. Ela se forçou a assumir uma expressão neutra mais uma vez enquanto iam para a residência da próxima consorte.

Depois de terem visto cerca de dez das outras consortes, eles finalmente voltaram para Aylin. Maomao achou desafiador, de alguma forma, pensar nela como "Consorte Aylin". Não porque ela fosse estrangeira. (Se fosse esse o caso, ela certamente teria enfrentado uma dificuldade semelhante com a imperatriz Gyokuyou.) Não, Maomao teve problemas com o título de Aylin por uma razão simples: ela não acreditava que Aylin tivesse realmente vindo para o palácio interno como consorte.

Uma dama de companhia abriu a porta para eles, exatamente como uma dama de companhia deveria fazer, e eles foram conduzidos à mesma sala da última vez. Pouco antes de entrarem, Maomao sentiu En'en puxar sua manga. *Sim*, *sim*, *eu sei*, ela pensou. Maomao era um co-conspirador, mas Yao faria o papel de líder. Maomao achava que

En'en seria melhor pensando por conta própria, mas não era assim que as coisas funcionavam por ali. O papel de En'en era apoiar Yao.

A primeira questão era quando abordar o assunto. O rosto de Aylin estava vermelho e febril; Maomao não tinha ideia se era uma atuação ou uma condição real, mas certamente ajudou a explicar por que ela os havia pedido especificamente, e o rubor deu ao seu rosto uma beleza impressionante.

Deus, o peito dela é grande, pensou Maomao.

Estando com a saúde debilitada, a consorte usava o que equivalia a roupas de dormir. Uma de suas damas parecia querer se opor ao decoro. Maomao viu En'en comparando discretamente o peito de Aylin com o de Yao, mas ela poderia guardar isso para si mesma. En'en esperava ajudar Yao a "crescer" ainda mais?

"Vou medir seu pulso, então", disse Luomen educadamente. Por mais encantadora que a consorte pudesse parecer, os homens aqui não tinham meios para responder. De qualquer forma, eles eram um homem velho e um homem mais velho, suas libidos já murcharam há muito tempo.

Luomen considerou os sintomas da mulher e depois preparou um remédio: ela reclamou de alguma rigidez no pescoço, então ele fez uma mistura de araruta. **"Você só está resfriada",** disse ele. **"O ambiente desconhecido aqui deve ser estressante."**

"Muito obrigada. Eu estava pensando, depois da sua última visita, fiquei feliz em descobrir que os médicos daqui usam mais do que cânticos e feitiços." Aylin estava com uma expressão de admiração.

"Alguns médicos praticam esse tipo de medicina. Acontece simplesmente que não usamos", disse Luomen, recusando-se a denegrir especificamente práticas populares como "cânticos e encantos".

"Claro, deve haver alguns."

"Se você preferir práticas mágicas, certamente posso trazer alguém especializado nelas."

Aylin balançou a cabeça. **"Não; na verdade, fiquei muito satisfeita por não encontrar nada assim. Certa vez, servi como aprendiz de sacerdotisa, você sabe, e preferiria não me ver submetida aos rituais de outra fé."**

"Ah, eu não tinha percebido. Sim, se você seguir a 'fé da donzela do santuário', isso é certamente compreensível."

O imperador não era cruel o suficiente para fazer com que suas mulheres abandonassem suas crenças quando entrassem no palácio interno. Contanto que praticassem discretamente suas religiões individuais, ele estava disposto a olhar para o outro lado.

Ela abandonou seu país.

Mas parecia que a fé não poderia ser posta de lado tão facilmente.

“Estou familiarizado com o sacerdócio de Shaoh. O que você fará durante os ritos aqui?” Luomen perguntou, referindo-se às observâncias sagradas às vezes realizadas no palácio interno.

“Não é problema. Enquanto eu receber permissão para participar, seguirei os caminhos do meu novo lar.”

Uma resposta muito flexível, então.

Yao ficou inquieta enquanto ouvia a conversa, sentindo claramente que estava perdendo a chance de falar com a consorte. Do jeito que estava, parecia que seria melhor nem tentar falar com ela.

A marca de um bom subordinado, porém, é a capacidade de ajudar nesses momentos. O exame médico foi interrompido por um estalo distinto: o som de En’en (sempre inexpressiva) mordendo uma das bolachas de arroz levemente torradas que haviam sido colocadas na mesa junto com o chá.

"En'en!" Yao exclamou. Como ela havia falado, não havia necessidade de Luomen ou do charlatão intervir – mas Maomao sabia que En’en normalmente nunca faria algo tão indelicado.

“Minhas sinceras desculpas. Elas simplesmente pareciam tão atraentes”, disse En’en.

"Não se preocupe. É por isso que elas estão lá”, disse Aylin, ainda parecendo lânguida.

Com isso, En'en olhou para Yao como se dissesse que era isso que ela estava esperando. Foi só então que Yao finalmente pareceu perceber o que a outra mulher estava fazendo. **“Sim, elas parecem deliciosas”**, disse ela. **“Quase tão bom quanto aquelas guloseimas que você nos deu na última vez que o vimos. Eram muito incomuns, aqueles biscoitos de cor clara.”**

Os biscoitos realmente tinham um formato estranho, mas não eram claros. Yao estava tentando comunicar que elas haviam decifrado o código.

A expressão de Aylin não mudou, embora algumas das damas de companhia parecessem perplexas. Talvez elas não soubessem da existência dos papéis contidos nos biscoitos, ou talvez tivessem sido informadas de que eram simples fortunas.

“Estou tão feliz que você tenha gostado deles. Fazer guloseimas é um hobby meu. Fiz mais para hoje. Espero que vocês os levem”, disse Aylin, com um leve sorriso cruzando seu rosto. O sorriso não revelou se ela havia entendido ou não o que Yao quis dizer - mas as jovens mal podiam esperar para descobrir que tipo de lanches a consorte lhes daria desta vez.

As guloseimas que Aylin lhes deu naquela ocasião não continham enigmas, como as três assistentes médicas confirmaram quando se reuniram para ver o que tinham após o término do trabalho no palácio interno. Em vez disso, as guloseimas continham uma carta, dizendo-lhes para irem a um restaurante perto do dormitório. O fato de a mesma letra estar presente nos três biscoitos sugeria que elas estavam certos ao pensar que precisavam passar no teste juntas ou não.

Muitos dos estabelecimentos na parte norte da capital eram lugares luxuosos, e o local mencionado nas cartas era um estabelecimento sofisticado para bebidas. Muitos burocratas do governo passavam algum tempo lá, então havia muitas salas privadas disponíveis.

“Sou só eu ou parecemos deslocadas aqui?” Yao disse. Este era, novamente, um estabelecimento de bebidas – muito sofisticado – e, apesar da riqueza de sua família, não era o tipo de lugar com o qual Yao, de apenas quinze anos, estivesse muito familiarizada.

Também não era o tipo de lugar onde três mulheres costumavam ir sozinhas. A maioria dos clientes eram homens, as garçonetes eram as únicas mulheres à vista. A pessoa comum provavelmente teria aconselhado as meninas a manterem distância, embora Maomao, bem familiarizada com a bebida e os bêbados do distrito do prazer, não se incomodasse com os olhares frios que seu grupo recebia. Pelo menos ninguém parecia bêbado demais para pensar direito.

Elas foram recebidas por uma garçonete maquiada. **"Posso ajudar?",** ela perguntou, educada, mas obviamente não as considerando como clientes em potencial. Talvez ela pensasse que elas estavam lá para procurar emprego.

“Somos clientes do oeste”, disse Maomao, exatamente como as cartas instruíam. A garçonete entendeu a dica e as conduziu para dentro.

Assim que se acomodaram em sua sala privada, Maomao sentiu-se ficar mole quando a tensão abandonou seu corpo.

“Olá”, disse um homem baixo, de cabelos desgrenhados e de óculos, bebendo um pouco de licor de frutas – não, mais provavelmente suco de frutas. Era o sobrinho e filho adotivo do estrategista maluco, Lahan. Havia outro homem lá também, alguém que Lahan ocasionalmente trazia consigo como guarda-costas, mas Maomao nunca o vira dizer uma palavra e achou que era seguro ignorá-lo.

"Ora, você é..."

"Você conhece este homem?"

En'en conheceu Lahan quando o estrategista desmaiou outro dia, mas Yao estava ausente do consultório médico na época e não sabia quem ele era.

“Estou tão feliz que você chegou aqui com segurança. Não sei o que teria feito se você não tivesse vindo”, disse Lahan.

“Vou para casa”, disse Maomao, girando nos calcanhares.

Yao agarrou o braço dela. **“Por que você está indo para casa? Você também o conhece?”** O ponto de interrogação estava praticamente visível acima de sua cabeça enquanto ela olhava de Maomao para Lahan e vice-versa.

“Este é o Mestre Lahan”, ofereceu En’en. **“Maomao é filha do Grande Comandante Kan, sabe.”**

O título completo do estrategista maluco! Ela realmente tinha feito o dever de casa, Maomao percebeu, franzindo a testa amargamente. Ela recorreu à sua insistência habitual: **“Ele é um estranho”.**

Enquanto isso, Lahan parecia totalmente despreocupado. **“Estou impressionado que você saiba disso”,** disse ele a En’en com admiração genuína.

“Eu naturalmente investigaria qualquer um que insistisse em ficar por aqui com tanta frequência. Mesmo que pareça haver uma certa aprovação tácita de suas ações.”

Maldita aberração! Maomao amaldiçoou o estrategista silenciosamente. Ele sempre foi um incômodo. Ela tinha ouvido falar que desde que ele conseguiu se intoxicar com alimentos, seus subordinados o observavam atentamente em todas as refeições.

“E este homem é filho do Grande Comandante”, disse En’en.

"Então ele é seu irmão mais velho?" Yao disse, lançando um olhar curioso para Maomao.

“Isso mesmo”, disse Lahan.

“Isso está absolutamente errado”, disse Maomao.

"Qual é?!" Yao disse. Maomao estava empenhado em manter Yao, pelo menos, fora da teia de Lahan. Mas a outra mulher continuou: **“Então você teve alguém infiltrado o tempo todo”**. Ela estava sob um mal-entendido, mas não aquele que Maomao temia. E quem poderia culpá-la, quando descobriu que um conhecido de Maomao era o líder?

Foi Lahan quem interveio. **“Agora isso está errado. Não temos utilidade para quem não consegue resolver um enigma tão simples como esse, mesmo que eu seja parente deles. Afinal, se mandássemos alguém sem cérebro funcionando para esta situação, isso só tornaria as coisas mais perigosas para todos.”** Ele semicerrou os olhos já de raposa por trás dos óculos grandes e redondos.

Maomao sabia que não estava simplesmente defendendo-a; era o que ele realmente pensava. Este foi o homem que traiu sua própria família e os expulsou de casa. Este era Lahan.

Havia uma curva nos lábios de En’en; Maomao achou que era um sorriso, mas, nesse caso, era claramente sarcástico. Talvez ela tivesse ouvido rumores sobre Lahan, que tipo de pessoa ele era. Ela certamente parecia mais sábia sobre os costumes do mundo do que Yao, que ainda inclinava a cabeça em confusão.

Talvez ela tenha que estar assim para poder ajudar sua amante mais protegida...

Ela era a mulher certa para o trabalho, então.

“Mas por que ficar conversando quando podemos fazer isso enquanto comemos? Sentem-se, sentem-se e vamos fazer uma refeição agradável.”

Maomao, ainda abertamente chateada, sentou-se. Devido à sua posição social, a refeição provavelmente foi uma delícia para Lahan. Ela aproveitava para pedir o item mais caro do cardápio.

“Então aí está”, disse Lahan, e embora seu tom fosse leve, o conteúdo de sua explicação parecia realmente muito problemático. Certamente justificava reservar uma sala VIP privada em um restaurante luxuoso. O que ele disse não poderia ir além destas paredes.

Em linhas gerais, a história era mais ou menos assim: Lahan esteve envolvido em levar Aylin para o palácio interno. Disso Maomao sabia. Aylin alegou que um inimigo político dela estava tentando chegar ao poder e que ela corria perigo de vida. Seu pedido para que Li exportasse alimentos para Shaoh tinha sido, de certa forma, uma tentativa de dar a si mesma uma tábua de salvação: em tempos de fome, ter um suprimento pronto de alimentos poderia torná-la poderosa. Ela provavelmente esperava que essa fosse uma carta importante para ela jogar.

“Mas, no final das contas, mesmo isso não intimidou seus inimigos”, disse Lahan. A população poderia ser assustadora se irritada, mas nenhuma arma seria poderosa o suficiente se você fosse assassinado antes de poder usá-la. Então, em vez disso, Aylin decidiu entrar no palácio interno de Li. Como tal, aparentemente, Li não lhe estava a oferecer asilo político; na verdade, poderia até parecer estar a reforçar os seus laços com uma nação vizinha.

Maomao parecia confusa.

"**Perguntas?**" Land perguntou.

“Não, só pensando que as mulheres parecem se dar excepcionalmente bem em Shaoh.”

Uma situação como a de Aylin seria quase impensável em Li, simplesmente porque fora do próprio palácio interno, uma mulher não poderia esperar subir mais alto na hierarquia do que um homem. Até mesmo servir como dama da corte era, na maioria dos casos, em última instância, realizado para tornar-se uma noiva mais atraente. As mulheres poderiam ser ferramentas importantes para uso em casamentos políticos, é verdade, mas raramente teriam a influência que Aylin parecia ter.

"**O quê, você não sabia disso?**" Yao riu, parecendo satisfeita em saber algo que Maomao não sabia pela primeira vez. Ela estava obviamente ansiosa para explicar. Maomao começava cada vez mais a ver o charme de sua personalidade. **“O país de Shaoh é sustentado por dois pilares”,** disse Yao. **“Um é o rei e o outro é a donzela do santuário.”**

Maomao tinha ouvido falar da donzela do santuário de Shaoh, pelo menos um pouco. Os seus prognósticos poderiam influenciar a política do país, e era nisso que consistia a fé por vezes chamada de “donzela do santuário”.

"**Isso mesmo. Você conhece o que faz”**, disse Lahan. Yao e En'en eram duas lindas moças e ele sem dúvida estava feliz em conversar com elas.

“Tradicionalmente, o rei tem a palavra final em questões políticas, porque a sacerdotisa sempre foi uma jovem, principalmente uma imagem ou símbolo. Mas nos

últimos anos isso mudou", disse Yao. No passado, as sacerdotisas raramente serviam mais do que alguns anos – talvez uma década no máximo – pois, por definição, apenas uma menina que não tivesse começado a menstruar poderia servir como sacerdotisa. **"A atual sacerdotisa, no entanto, está na casa dos quarenta anos, mais velha que o rei, o que significa que ela pode enfiar o nariz onde uma sacerdotisa não teria ousado antes. Na verdade, tornou as mulheres de todo Shaoh mais influentes politicamente."**

"Entendo", disse Maomao. Novamente, ela já conhecia partes dessa história, mas isso colocou tudo sob uma nova luz.

Quarenta anos e a menarca ainda não começou? Isso definitivamente chamou a atenção de Maomao. Era muito incomum, mas não inédito; isso pode ser causado por uma série de coisas. Maomao não sabia como a sacerdotisa se sentia em relação à situação, mas quanto a ela, estava intensamente interessada. **"Isso já aconteceu antes?",** ela perguntou.

"A resposta a essa pergunta está diretamente relacionada ao motivo de estarmos aqui, então deixe-me continuar a história aí", disse Lahan, mastigando uma orelha de porco em fatias finas. **"Já houve casos no passado. Contudo, quando a *visitante* não chega, a próxima sacerdotisa sempre será nomeada depois que a atual completar vinte anos."**

Isso fazia sentido tanto do ponto de vista político quanto simbólico. **"Então, como a atual sacerdotisa conseguiu permanecer no cargo por tanto tempo?"** Maomao perguntou.

"Ela é especial."

Lahan tirou um pedaço de papel das dobras do manto. Parecia uma pintura clássica de uma bela mulher, exceto que o cabelo parecia apenas esboçado. Parecia a imagem que o artista havia desenhado da mulher com cabelos brancos e olhos vermelhos.

"A atual donzela do santuário é albina. Existem várias condições que regem quais crianças podem ser escolhidas para serem donzelas do santuário, mas as candidatas mais reverenciadas de todas são as crianças 'pálidas'."

Um albino: raro mesmo entre sacerdotisas. Tão venerada que ainda poderia ocupar seu cargo apesar de todos os precedentes. Maomao não disse nada, mas os pontos finalmente se conectaram para ela.

Você quer saber a verdade sobre a mulher pálida?

Ela pensou na pintura da beleza pálida que o artista encontrara no Ocidente. Ela poderia ter sido essa donzela do santuário? Ela teria a idade certa na época.

Dizia-se que os albinos não tinham o que normalmente daria a cor de sua pele. Às vezes, crianças "pálidas" nasciam por puro acaso, mas algumas linhagens eram mais propensas a produzi-las do que outras. Embora devessem ser tão raros em Shaoh quanto em Li.

"A sacerdotisa está atualmente indisposta devido a uma doença", disse Lahan. **"Ela veio ao nosso país para tratamento médico, mas nenhum homem, nem mesmo um eunuco, está autorizado a pôr as mãos nela."**

"Consequentemente, damas da corte servindo como assistentes médicas."

"Portanto, damas da corte, sim. A sacerdotisa vindo de onde vem, há uma longa viagem envolvida, sem falar na clara possibilidade de causar um incidente internacional se algo der errado. Precisávamos de pessoas que soubessem improvisar."

Isso explicava por que o teste tinha assumido uma forma tão estranha.

"E se nenhuma de nós tivesse passado no teste?" En'en disse.

"Então teríamos simplesmente que pedir a outra pessoa para ir. Um último recurso, é claro."

Maomao estava pensando em quem eles poderiam ter enviado quando pensou em uma pessoa adorável que ficava muito bem em roupas masculinas. Com exceção de sua ascendência, Suirei era a pessoa mais adequada em todos os aspectos. Ela provavelmente foi considerada um último recurso porque, no final das contas, era uma prisioneira.

"Se assim posso dizer, a consorte Aylin parecia bastante preocupada com a donzela do santuário e sua doença. Seria porque a donzela controla seus inimigos políticos?" En'en disse.

"Você entendeu a ideia geral", respondeu Lahan. Bem, isso era ambíguo. É verdade que não havia nada especificamente contraditório no que Lahan dissera, mas mesmo assim algo incomodava Maomao. As mentiras de maior sucesso estavam envoltas em um cerne de verdade. Ela suspeitava que, embora Lahan não estivesse mentindo para elas, ele também não estava contando toda a verdade.

Devo tentar insistir? Maomao pensou. Mas não: se ela não tomasse cuidado, En'en ou mesmo Yao poderiam entender. Em vez disso, ela decidiu ficar em silêncio por enquanto.

Capítulo 8: O Pensamento por Trás do Pensamento

No primeiro dia de folga em muito tempo, a suspeita de Maomao de que algo estava acontecendo se transformou em certeza. Ela queria saber como estavam as coisas no distrito do prazer, então saiu do dormitório e se dirigiu para a Casa Verdete.

Ela descobriu mais ou menos o que as cartas insistiam: que estava tudo bem. No meio do dia, o lugar parecia descontraído; uma aprendiz estava varrendo a porta da frente e um pirralho desagradável brincava com a gata Maomao.

"Sardenta!" Chou-u exclamou ao ver Maomao. Ele veio correndo até ela, ainda segurando a gata, que lutou e chutou Chou-u no estômago até que ela conseguiu escapar dele, então procurou abrigo atrás de Maomao (a pessoa). Então pelo menos ela ainda se lembrava dela.

Maomao pegou a criatura e conduziu-a por cima da cerca, de onde ela fugiu. Aquela era uma bola de pelos inconstante. Maomao esperava que a gata lhe trouxesse algumas ervas raras como agradecimento.

“Por que você nunca volta para casa?” Chou-u exigiu.

“Porque estou trabalhando. Eu não tenho muita escolha.” Chou-u parecia prestes a se agarrar a ela, então ela colocou a mão na cabeça dele para segurá-lo.

Hum? Era só ela ou ele ficou mais alto? E a pele dele estava mais bronzeada, talvez porque ele estava brincando lá fora todos os dias. Seus dentes da frente até se endireitaram, fazendo-o parecer menos idiota.

“Sazen está por perto?” Maomao perguntou, olhando em volta em busca do aprendiz de apotecário.

"Sim. Ele está com o cara de um olho só agora." Então Kokuyou também estava aqui.

Maomao dirigiu-se à farmácia, que ocupava um espaço alugado na Casa Verdete, cumprimentando cortesãs conhecidas no caminho. Ela podia ouvir vozes lá dentro.

"Isso mesmo. Você precisa ter certeza de moê-lo até obter um pó muito fino. Se você errar um pouco na quantidade ao preparar os comprimidos, eles não serão tão eficazes."

"Ok..."

Sazen estava pulverizando alguma coisa, Kokuyou dando-lhe instruções diligentes. Era ótimo que eles estivessem fazendo seu trabalho, mas quando ela deu uma olhada nos dois na loja, sua opinião rapidamente azedou.

Estava quente, o que explicava por que todas as portas e janelas estavam abertas, mas isso também causava problemas: várias cortesãs sorriam enquanto observavam os dois homens trabalhando arduamente naqueles espaços tão próximos. Kokuyou poderia ser absolutamente atraente, desde que mantivesse as cicatrizes em seu rosto cobertas e, embora a aparência de Sazen não fosse notável, ele não poderia ser chamado de feio.

Essas senhoras são podres até a medula, pensou Maomao. Havia muitas mulheres por aí com entusiasmo pelo amor entre homens. A Casa Verdete não comercializava prostituição entre homens, então Maomao tinha certeza de que as mulheres estavam gostando disso.

Ela marchou até os dois homens, que pareciam não ter ideia de que eles eram a fonte de tal entretenimento. **"Parece que tudo está indo bem aqui"**, disse ela.

"Ah, sim, estamos indo muito bem!" Kokuyou respondeu, parecendo o idiota que normalmente era.

"Uh, acho que tem sido muito difícil", disse Sazen. Ele mal conseguia manter o ressentimento longe de seu rosto.

"Estou tão feliz que você não esteja tendo problemas."

"Ei, você não está me ouvindo?!" Sazen lamentou. Bem, não foi ele quem escreveu para ela dizendo que estava tudo bem? Ou a velha senhora o forçou a dizer isso? Maomao sabia que perguntar a ele sobre isso só o faria começar uma ladainha de reclamações, então ela decidiu ignorá-lo. Sazen podia ser tão teimoso.

Maomao olhou ao redor da loja para se certificar de que tudo estava em ordem, fazendo uma pesquisa rápida para ver se havia alguma coisa fora de estoque ou se havia alguma coisa lá que não deveria estar.

"**O que é isso?",** ela perguntou. Havia algo no armário de remédios e não eram remédios. Na verdade, ela nunca tinha visto nada parecido com eles. Eles pareciam um pouco com biscoitos finos de arroz. Algum tipo de lanche, talvez?

"Ah, esses. Essa é minha última experiência!" Kokuyou disse, pegando um dos biscoitos e espalhando um pouco de remédio amassado sobre ele. **"As pessoas podem tomar o remédio borrifando-o em um desses e comendo. Ou podem amolecê-lo em água e depois colocá-lo dentro!"**

"**Huh. Isso é novidade."** Maomao ficou legitimamente impressionada. Dizia um velho ditado que o melhor remédio para o corpo era o pior para a língua, e um dos motivos pelos quais algumas pessoas evitavam os medicamentos era o puro sabor ruim. Maomao às vezes fazia as pessoas tomarem seus remédios, aconselhando-as a misturá-los com mel, mas o próprio mel era um item de luxo. Se houvesse uma maneira de as pessoas tomarem remédios sem que eles tocassem a língua, ninguém precisaria se preocupar com o sabor. **"Mas não são um pouco grandes para engolir?"**

"**Sim, sim, eles são. Não posso recomendá-los para crianças ou idosos. Eles podem engasgar**." Ele sacudiu uma jarra de água como se quisesse enfatizar que estava disponível. **"Ouvi dizer que as pessoas tomam remédios dessa forma o tempo todo no Ocidente. Dizem que as pessoas de lá têm mais saliva do que nós."**

"**Realmente? Você tem muito conhecimento..."** Os olhos de Maomao estavam começando a brilhar. Kokuyou poderia parecer um verdadeiro idiota, mas na verdade ele sabia uma coisa ou duas sobre medicina. Ele certamente tinha bases sólidas; ela percebeu isso ao ouvi-lo instruir Sazen. **"Afinal, onde você aprendeu medicina, Kokuyou?"** ela perguntou. **"Você não pode ser totalmente autodidato?"**

"Hahaha! A pessoa que me colocou sob sua proteção veio de um país ocidental. Cabelos dourados, pelos grossos por todo o rosto e corpo."

"Ele era de Shaoh?"

"Hmm, mais a oeste do que isso, eu acho", disse ele.

Isso foi o suficiente para intrigar Maomao. **"Você fala a língua deles?"**

"Só um pouquinho."

“E onde está essa pessoa que criou você?” Ela gostaria de conhecê-los, se pudesse.

“Oh, ele se foi agora. Foi isso que o pegou”, disse Kokuyou, apontando para suas cicatrizes de varíola.

“Entendo...” Ela lamentou ouvir isso. Não era incomum os médicos contraírem uma doença e morrerem – na verdade, isso acontecia o tempo todo. Eles passavam mais tempo com pessoas doentes do que qualquer outra pessoa.

Sazen, que ficou completamente de fora de toda a conversa, cutucou Maomao. **“Uh, sinto muito interromper quando você está tendo uma conversa tão agradável”,** disse ele, **“Mas eles estão perguntando por você”**. Ele apontou para fora, onde ela viu a senhora e Lahan esperando.

Como tantas vezes, Maomao viu-se numa sala reservada para conversas privadas. A senhora sempre oferecia acomodações de acordo com o potencial de lucro que via no visitante; era uma de suas características mais divertidas. Hoje os lanches que ela fornecia estavam acima da média. (Aliás, quando o “pai” de Lahan a visitou, ela colocou apenas água morna numa xícara de chá lascada. Pelo menos ela não o afugentou mais com uma vassoura.)

“Ouvi dizer que você estava de folga hoje, então pensei que você poderia estar aqui. Minha boa sorte, aqui está você!”

“Boa sorte, claro. Eu sei que você verificou antes de vir”, disse Maomao. Lahan nunca teria feito algo assim sem fazer os preparativos adequados. **“Mas de qualquer forma, esqueça as sutilezas e vá direto ao ponto, por favor. Estou ocupada.**"

“Ocupada o quê? Conversando?"

"Talvez. Mas conversar com você sempre parece uma perda de tempo.”

"O tom! O tom! Eu sou seu honrado irmão mais velho e você deveria falar comigo como tal.”

Maomao estava cansado dessas brincadeiras; ela estava ansiosa para levar as coisas adiante. **“Eu sei por que você está aqui. É sobre aquela coisa que você queria com as assistentes médicas, certo?”**

“Que bom que estamos na mesma página”, disse Lahan. Ele era um homem muito cuidadoso. Sem dúvida, ele investigou o passado de Yao e En’en, familiarizou-se com suas personalidades e não viu motivo para preocupação. No entanto, ele ainda não

estava disposto a confiar nelas o verdadeiro cerne da questão. **“Ainda tenho dúvidas sobre o exame que você fará na donzela do santuário Shaoh.”**

"Como?" Maomao perguntou.

“Por exemplo, supondo que a sacerdotisa não seja a sacerdotisa? Se é que me entende."

Ela não.

“Não seja tímido. Apenas me diga o que está acontecendo.” Maomao pegou um pãozinho cozido no vapor e partiu-o ao meio. O recheio era doce e pegajoso. Ela fez uma careta e colocou a metade restante no prato de Lahan. Maomao não ligava muito para coisas doces, mas infelizmente para ela, a senhora não ligava muito para o que ela não ligava muito. Ela queria agradar Lahan.

“Você ouviu o que a consorte disse: apenas uma mulher que não menstruou pode ser donzela do santuário.”

“Sim, eu ouvi, mas há mulheres que passam a vida inteira sem menarca.” Era incomum, mas de forma alguma inédito.

Lahan, porém, disse: **“Sim, mas essa mulher já teve um filho?”**

Isso deixou Maomao paralisada. Ela franziu a testa surpresa.

“Isso viraria tudo de cabeça para baixo, não é?” Lahan disse.

"Quando foi isso?" Maomao perguntou.

“Houve um tempo em que a sacerdotisa se sentia indisposta e deixou a capital Shaoh para se recuperar em outro lugar. Isso foi há cerca de vinte anos, e ela voltou da convalescença apenas alguns anos atrás. Bem quando a consorte Aylin servia como aprendiz de donzela do santuário.”

Aprendiz de sacerdotisa...

Maomao presumiu que, se Aylin fosse uma aprendiz, ela estava se preparando para se tornar a verdadeira donzela do santuário. O que significa que se a atual sacerdotisa não estivesse lá, Aylin poderia muito bem ter preenchido o cargo sozinha.

Maomao tentou lembrar-se de quando o pintor vira a bela e pálida mulher. Não havia muitas pessoas que se enquadrassem em sua descrição, mas um pintor viajante normalmente não seria capaz de colocar os olhos em alguém tão augusto quanto a

donzela do santuário de Shaoh. Se ela estivesse se recuperando no campo, então poderia fazer sentido. E se, durante a sua recuperação, a donzela do santuário tivesse dado à luz um filho...

"Quais são as chances de uma mulher pálida dar à luz uma filha pálida?" Lahan perguntou.

"Suponho que seja superior a alguém nascido de um pai não albino", disse Maomao. Se o pai também fosse albino, seria quase garantido um filho pálido, mas mesmo que fosse apenas a mãe, era uma possibilidade distinta. Se a sacerdotisa realmente tivesse dado à luz uma criança, isso daria origem a uma série de questões. **"Você está sugerindo que essa criança era a Dama Branca?"**

Lahan sorriu. A expressão era perturbadora em seu rosto. **"Não posso dizer com certeza, mas faria sentido, não é? Temos a Dama Branca trancada a sete chaves no momento, mas uma coisa que ela não fará é nos dizer de quem eram as ordens que ela estava cumprindo. Embora a consorte Aylin esteja mais do que feliz em afirmar que foi sua colega emissária, Ayla."**

Todos pareciam estranhamente fixados na Dama Branca. **"Você está dizendo que Lady Aylin viu esse bebê quando ele nasceu?"**

"Talvez seja por isso que ela se voltou para nós."

A Dama Branca, por qualquer motivo, estava enlouquecida em um país estrangeiro – Shaoh não acharia isso mais politicamente agradável do que Li. Algumas pessoas, no entanto, podem ficar pessoalmente satisfeitas com isso.

"Só para ter certeza, o inimigo político que expulsou Lady Aylin de sua casa não é essa donzela do santuário, é? Se fosse, isso explicaria algumas coisas", disse Maomao.

Aylin afirmou que Ayla estava por trás de tudo, mas e se fosse ela quem puxasse os cordelinhos da Dama Branca, provocando problemas nas nações vizinhas, a fim de derrubar a donzela pálida do santuário, cuja posição ela invejava? Garantir que a donzela do santuário não atrapalhasse quando, mais cedo ou mais tarde, Shaoh tivesse que contar com a ajuda de Li?

Talvez Maomao estivesse sendo solicitada a descobrir se a Dama Branca era filha da donzela do santuário, porque tal conhecimento por si só seria um poderoso trunfo.

Ela balançou a cabeça. *Talvez eu esteja apenas pensando demais nas coisas.* Mas por que, então, ela estava sendo solicitada a investigar isso?

“Por enquanto, estou assumindo que a consorte Aylin está dizendo a verdade”, disse Lahan. **“Não acho que ela seja hostil com a donzela do santuário, mas ela quer descobrir se a mulher está escondendo alguma coisa.”**

Muito simplesmente, ela pode estar pensando que quando a verdade for revelada, isso fornecerá uma vantagem que ela poderá usar para ter a donzela do santuário ao seu lado. Ela afirma que Ayla libertou a Dama Branca para minar a donzela do santuário, então ela pode muito bem sentir que o inimigo do seu inimigo é seu amigo.

“É incrível como essas coisas desagradáveis saem facilmente da sua língua.”

Os governos, contudo, não eram monolíticos; eles poderiam, pode-se dizer, ser trilíticos ou mesmo quadrilíticos. Aylin politicamente destituída pode estar disposta a usar todos os meios disponíveis para se vingar.

Ela certamente não parecia assim quando esteve aqui no ano passado...

As duas emissárias vieram vestidas com roupas combinando, parecendo praticamente irmãs gêmeas. Poderia tanta coisa ter acontecido em apenas um ano?

“Tem certeza de que não está ajudando Lady Aylin apenas porque tem uma queda por mulheres bonitas?” Maomao perguntou.

“Que coisa para acusar seu honrado irmão mais velho!”

Ela decidiu ignorar isso. Ela não tinha tempo para isso.

Na política, você nunca sabe quem pode se tornar seu inimigo ou quando. Talvez Aylin tenha entrado no palácio interno porque sabia que Li havia prendido a Dama Branca. Se ela conseguisse trazer a sacerdotisa para seu rebanho, ela pretendia voltar para Shaoh?

Isso tudo é tão complicado. Havia tantas perguntas, tanto espaço para dúvidas. Será que ela realmente compartilharia a verdade sobre a Dama Branca tão prontamente com alguém de outro país, mesmo que fosse para ter a donzela do santuário ao seu lado? Isso não se tornaria uma grande dor de cabeça para Shaoh? *Acho que ela tem seus próprios motivos.*

Até Maomao, que não era um animal político, entendeu uma coisa: Li não poderia simplesmente executar a Dama Branca. Esse tinha que ser o ponto de partida para tudo.

Lahan, felizmente, pareceu perceber o que ela estava pensando. **“Você não parece entender onde estou querendo chegar. Deixe-me colocar desta forma: se a Dama Branca é filha da donzela do santuário, então, enquanto a tivermos sob nossa custódia,**

teremos influência sobre a donzela do santuário - e teremos controle sobre Ayla, que expulsou Aylin de Shaoh."

A Dama Branca era a chave para a atual situação internacional. Maomao franziu a testa.

"Você entende por que não posso falar sobre isso com mais ninguém." Presumivelmente significando Yao e En'en.

"Isso não é desculpa para me arrastar para isso", disse Maomao. Ela estava decidida a quebrar os óculos estúpidos dele.

"Eu estava realmente preocupado com o que faria se você não passasse no nosso teste. Acho que teria que ir até a nobre 'Sui', mas dada a posição dela, o incômodo envolvido teria sido inimaginável."

Maomao adivinhou que ele estava se referindo a Suirei. Fazer uso de alguém que não deveria mais existir exigiria uma identidade falsa. Eles poderiam alegar que ela era filha de algum burocrata ou outro com bastante facilidade, mas suas verdadeiras origens ainda poderiam voltar para assombrá-los – sem mencionar que ela tinha sido uma visitante regular do consultório médico no passado. Todos ficariam surpresos, na melhor das hipóteses, se uma mulher que morreu voltasse à vida.

Maomao estava preocupada com o "status" que lhe seria dado como resultado deste teste mais recente. Ela os incentivou desde o início a simplesmente tratá-la como filha adotiva de Luomen. Agora que ele era um membro adequado da equipe médica, não deveria haver problema.

"Então, você quer que eu vá para Shaoh desta vez? Já foi bastante difícil chegar à capital ocidental e voltar." Maomao praticamente perdeu a noção de quanto tempo durou a viagem de ida e volta.

"Isso é uma coisa com a qual você não precisa se preocupar", disse Lahan, mastigando a outra metade do pão descartado por Maomao. **"A donzela está vindo para cá."**

"Ela é o quê?!" Maomao quase gritou, assustando tanto Lahan que ele engasgou com o pão e teve que tomar um gole de chá. **"O que você quer dizer com vir aqui? Se ela estiver doente, você não pode fazê-la viajar até ali!"** Ela esfregou as têmporas.

Lahan limpou um pouco de chá da boca com a mão e depois estendeu-a imperiosamente para detê-la. **"Isso é política. Li é um fator tão importante no pensamento de Shaoh quanto Shaoh é no nosso. Naturalmente, eles gostariam de estar presentes em uma cerimônia importante."**

“Cerimônia importante?”

“Você não ouviu? Com a imperatriz Gyokuyou agora esposa legal de Sua Majestade e seu filho o próximo na linha de sucessão, sua família receberá oficialmente um nome. Da perspectiva de Shaoh, isso significaria um clã forte com laços diretos com a família imperial bem na sua fronteira. Eles não gostariam de parecer o segundo melhor.”

"Certo."

Ele estava falando sobre a estreia formal do jovem príncipe, uma ocasião significativa o suficiente para que emissários de outros países estivessem presentes.

Os outros filhos de Sua Majestade tiveram vida demasiado curta, refletiu Maomao. Todos eles morreram antes que tal cerimônia pudesse ser realizada. Então, novamente, o atual príncipe tinha menos de um ano de idade. Pode ter havido considerações políticas ao apresentá-lo tão cedo.

“Admito que a viagem não é curta, não importa como você a faça, mas Shaoh tem uma rota marítima importante. Se você puder ir com o vento sazonal, será muito mais rápido do que fazer a viagem por terra”, disse Lahan.

"Ainda não tenho certeza." Se alguma coisa acontecesse à sacerdotisa enquanto ela estava no estrangeiro, seria fácil – e preocupante – imaginar que a responsabilidade seria atribuída ao país anfitrião. Hospedar dignitários estrangeiros sempre acarretava tais riscos; os inimigos políticos dos dignitários podem até ver esses momentos como oportunidades. Se as coisas corressem bem, entretanto, resultaria em laços mais fortes com Shaoh.

“Eu sei que você pode não querer fazer isso, mas você precisa. É por isso que estou aqui, perguntando.”

Maomao caiu em um silêncio taciturno, bebendo seu chá frio. Ela tinha ouvido o suficiente para não poder mais fingir que ignorava a situação.

“Aliás, essa foi ideia do Mestre Jinshi.”

Aquele bastardo, pensou Maomao. As palavras chegaram perigosamente perto de sair de sua boca, mas ela de alguma forma as forçou a recuar. Com seu status social sendo o que era, Jinshi não poderia se envolver pessoalmente em qualquer coisa, mas Maomao gostaria de pensar naqueles que ele incomodava em seu lugar.

“Presumo que serei recompensada por este trabalho”, disse Maomao.

“Deixe a negociação comigo.” Lahan bateu no peito, a luz brilhando em seus óculos. No mínimo, Maomao sabia que ela poderia confiar nele para fazer isso.

Capítulo 9: Imperatriz

E assim a consorte tornou-se imperatriz. Gyokuyou agora estava formalmente casada com Sua Majestade, e era importante que ela deixasse isso claro para aqueles ao seu redor. Na batalha, você poderia minimizar as baixas se tivesse uma vantagem esmagadora de força. Se uma consorte de posição semelhante a Gyokuyou tivesse dado à luz um filho ao mesmo tempo que ela, poderia ter havido um banho de sangue. Mas foi Gyokuyou quem se tornou imperatriz porque deu à luz seu filho antes de Lihua produzir seu próprio herdeiro homem.

A linhagem familiar de Lihua a tornava mais do que qualificada para ser imperatriz, mas embora ela já tivesse dado à luz um filho antes, ela não havia sido elevada a esse posto. Não sem razão.

Por um lado, não havia como saber quanto tempo seu filho viveria. Mas a própria linhagem era um problema.

O imperador parecia estar tentando evitar se casar com alguém que fosse muito próximo dele, pois no passado foi precisamente isso que enfraqueceu a linhagem imperial e permitiu que uma única doença matasse seus membros, um após o outro. Lihua tinha todo o direito de ser imperatriz, mas seus ancestrais, sobre os quais ela não tinha controle, atrapalhavam seu caminho.

Talvez houvesse mais um motivo também: a necessidade de aproximar a família de Gyokuyou com vistas à diplomacia futura.

O que quer que a tenha levado até lá, a imperatriz Gyokuyou agora tinha status ainda maior que outros que viviam “acima das nuvens” na corte imperial. Seria de se esperar que as pessoas que ainda não a conheciam pessoalmente se encolhessem em sua presença, e o fizeram.

“Ei, ei, ei! Espero que você goste dos meus lanches.” Já se passaram quase seis meses desde que Maomao ouviu o tom doce da preparadora dessas guloseimas não muito doces: Yinghua, uma dama de companhia eminentemente competente, mas que também tinha ouvido atento para rumores e fofocas. Maomao ficou feliz em ver que Yinghua a tratou da mesma maneira que sempre, mesmo que Maomao não ousasse fazer algo tão tolo como falar com ela. A chefe dama de companhia, Hongniang, observava as duas de perto. No entanto, o guarda logo saiu.

E se eu pudesse ter um? Maomao se perguntou.

Nem todas na sala tinham os recursos para tais reflexões frívolas. Ao lado de Maomao, Yao estava congelada como um bloco de gelo. En'en manteve uma expressão impassível, mas os pequenos olhares que ela lançava para Yao sugeriam que ela estava preocupada com ela. Depois que as mulheres se acostumaram a fazer visitas médicas às consortes no palácio interno, finalmente foram chamadas para fazer parte de uma visita à própria imperatriz Gyokuyou.

Gyokuyou sem dúvida estava ansiosa por isso. Afinal, ela havia recomendado pessoalmente Maomao para fazer o exame de assistente médica. Ela considerava a visita de Maomao um dos seus poucos prazeres e tratava-a como uma espécie de festa de chá.

"Uh, onde está o Dr. Kan?" Yao perguntou a Yinghua. Dr. Kan – isso se referia ao pai de Maomao, cujo nome completo era Kan Luomen.

"Ele foi examinar o jovem príncipe", respondeu Yinghua. **"Já que todas vocês estão aqui, Lady Lingli e as damas de companhia também farão exames. Não há nada para fazer enquanto isso, então Lady Gyokuyou sugeriu chá."** Hongniang deve ter ido ficar de olho nos exames.

A princesa Lingli ficou grande desde que Maomao a viu pela última vez. Quando chegaram ao palácio, a criança que antes era apenas uma criança veio correndo para ver as visitantes. Ela parecia ter a tendência obstinada da mãe. Infelizmente, ela não se lembrava de Maomao, mas considerava as recém-chegadas como companheiras de brincadeira e as seguia por toda parte até que Hongniang a arrancou. A princesa parecia bastante abatida. Maomao percebeu que elas não a tinham visto pela última vez.

Pelo menos ela está saudável. Ambos são. A imperatriz Gyokuyou sentou-se em frente a Maomao, com os olhos brilhando, ansiosa por qualquer indício de uma história divertida, excitante ou geralmente interessante. *O que, infelizmente, não tenho e, se tivesse, provavelmente não conseguiria falar sobre isso.* Bem, ela tinha algumas histórias para contar sobre o comandante militar, mas preferiu não falar dele e optou por guardá-las para si.

Yinghua sentou-se com eles e disse: **"Eu adoraria ouvir algum tipo de história interessante. Você não tem nada?"**

Sempre com a bajulação! Maomao pensou. Se ela pudesse ter inventado alguma anedota envolvente quando solicitada, as pessoas poderiam considerá-la uma conversadora melhor, mas, infelizmente, o bate-papo não era seu forte.

Porém, alguém inesperado se ofereceu: En'en. **“Tenho uma história, mas não sei se é exatamente do tipo que você deseja ouvir.”**

"Ooh realmente?"

“É sobre algo que aconteceu há muito tempo. Se estiver tudo bem?”

“Mal posso esperar para ouvir”, disse Gyokuyou, cheia de curiosidade. En’en, normalmente tão reticente, começou a contar a história.

○●○

Há muito tempo, dois chefs se viram confrontando suas habilidades culinárias, não apenas por uma questão de orgulho, mas para ganhar um lugar como chefe de cozinha da casa de um homem rico. Um dos chefs nasceu e cresceu naquela terra, enquanto o outro era um jovem emergente de outro lugar. Chamemos-lhes Chef e Jovem Chef.

A competição envolveu cozinhar as comidas preferidas do mestre: ovos e bolinhos. Ele também adorava cogumelos, então alguns caros foram preparados para uso dos chefs. Ambos os concorrentes eram cozinheiros experientes; eles poderiam mostrar sua habilidade até mesmo nos pratos mais simples.

Por todos os direitos, deveria haver pouca diferença entre eles. Para o Jovem Chef, porém, as coisas não correram bem. Os ovos saíram especialmente mal, em condições de não serem apresentados ao mestre. O Jovem Chef pelo menos conseguiu preparar alguns bolinhos, mas quando o mestre os experimentou, ficou furioso e ameaçou matar o Jovem Chef na hora.

O Jovem Chef estava completamente confuso. A comida foi preparada apenas com os ingredientes fornecidos, que deveriam ser idênticos aos que o outro chef estava usando.

O que diabos deu errado?

○●○

Não é tanto uma história quanto... um enigma, Maomao pensou. Ela olhou para En’en e percebeu que via isso como uma espécie de teste.

“Você sabe por que os pratos saíram tão errados?”, ela perguntou olhando na direção de Maomao. Essa situação parecia estranhamente familiar.

“O jovem chef não cometeu simplesmente um erro na receita?” YingHua perguntou. Ela ainda parecia a mais doméstica de todas, assim como era quando Maomao morava e trabalhava no Palácio de Jade. **“Ser jovem, afinal.”**

“Sim, mas ainda é um chef de primeira linha. Caso contrário, eles não teriam sido convocados de tão longe.” Enquanto En’en dava essa explicação, sua senhora Yao ficou sentada em silêncio, intensamente concentrada nas ondulações de seu chá.

Deve ter sido um erro grave. Se os bolinhos tivessem produzido uma reação tão furiosa, eles estavam falando de uma confusão ao nível da mistura de sal e açúcar. Talvez o paladar do chef tenha sido prejudicado? Não, isso não parecia provável. Maomao achou mais provável que algo estivesse errado com o sabor desde o início.

“Algumas perguntas”, disse ela, levantando a mão.

“Vá em frente”, respondeu En’en.

“Que tipo de água foi usada para cozinhar?”

“Água não é só água? Você não usaria deliberadamente água do mar ou algo assim, usaria?” Yinghua objetou.

Maomao teria balançado a cabeça, mas En’en fez isso primeiro. **“Não era água do mar. Porém, a água doce era muito valiosa neste local, por isso era comum usar água salgada para qualquer coisa que não fosse ser bebida. A água lá era dura de qualquer maneira, e o lugar era produtor de sal-gema, então era comum acrescentar isso.”**

“O que significa que um chef que não conhecesse intimamente as qualidades da água local poderia acabar cozinhando com água salgada sem perceber”, disse Maomao. Isso lhe rendeu um aceno de cabeça de En’en, enquanto Yinghua batia palmas como se de repente isso fizesse sentido para ela. Ela mesma cozinhou um pouco no Palácio de Jade e parecia ter percebido o que deve ter acontecido.

A imperatriz Gyokuyou, porém, continuou perplexa. **“Seria realmente tão ruim ferver seus bolinhos com água salgada?”,** ela perguntou.

Foi Maomao quem respondeu. **“Você tira os bolinhos da água assim que eles são aquecidos. Eles flutuam até o topo; é assim que você sabe que eles terminaram. A presença de sal na água mudaria as coisas. Isso tornaria a água mais pesada, o que significa que os bolinhos flutuariam antes de estarem totalmente cozidos.”**

“Então os bolinhos estavam mal cozidos?”

“Sim, senhora”, disse Maomao. En'en assentiu. Aparentemente Maomao tinha a resposta certa.

“E os ovos, então? Água salgada não teria nada a ver com isso, teria?” Yinghua disse.

“Se soubéssemos exatamente qual prato de ovo foi cozido e exatamente quais ingredientes foram usados, acredito que também poderíamos responder a essa pergunta”, disse Maomao.

“O que você acha que eles cozinharam, então, e o que você acha que eles usaram?” En'en respondeu.

“Vou adivinhar creme de ovo cozido no vapor e cogumelo de galinha do bosque.” A galinha do bosque era um ingrediente luxuoso em alguns lugares. Foi a primeira coisa em que Maomao pensou quando En’en mencionou cogumelos. **“Sua textura agradável é parte do que o torna agradável de comer, então presumo que o Jovem Chef queria evitar cozinhá-lo demais. No entanto, a galinha do bosque crua pode ser usada para amaciar a carne. Presumivelmente o ovo não endureceu corretamente.”**

"Oh!" Os olhos de Yinghua brilharam de interesse.

“Isso mesmo”, disse En’en, chegando ao ponto de erguer uma sobrancelha. Ela permaneceu praticamente inexpressiva, mas pareceu tirar o fôlego de suas velas com a rapidez com que Maomao lhe respondeu.

Já fazia algum tempo que En’en estava mais falante do que o normal; por outro lado, Yao ficou em silêncio. Ela estava olhando para o chão, quase como se estivesse envergonhada.

“Bem, o que aconteceu com eles? O que aconteceu com o Jovem Chef?” Yinghua perguntou.

“Ah, não se preocupe. Eles foram resgatados por outro excelente personagem. Eles não se tornaram chefs da mansão daquele homem rico, mas encontraram trabalho em outra casa, onde morava alguém que desejava comer um creme de ovo decente. Felizmente, essa jovem era filha de alguém que o jovem Chef conhecia.”

“Bem, é bom ouvir isso”, a imperatriz Gyokuyou riu.

“**Sim, senhora. Acontece que o Jovem Chef tinha uma irmã mais nova e, graças a essa reviravolta, os dois foram salvos de não ter para onde ir.”** Os cantos da boca de En’en subiram.

Uau, parece que ela pode sorrir? A expressão era gentil e parecia dirigida à tímida Yao. *Entendo.* Maomao pensou ter entendido por que En'en escolheu contar essa história em particular. A escolha de Maomao de manter a paz sobre isso e fingir ignorância foi sua própria forma de bondade.

A conversa pareceu tão agradável para a imperatriz Gyokuyou quanto indutora de ansiedade para Yao e as outras. Depois da história de En'en, houve algumas fofocas amigáveis, até que o velho de Maomao retornou em meio a um clamor: Hongniang estava lá segurando o príncipe herdeiro, com a princesa Lingli ao lado dela.

"A criança é a imagem da saúde", anunciou Luomen.

"É maravilhoso ouvir isso", disse Gyokuyou, parecendo profundamente aliviada. Os dentes do bebê já estavam nascendo; brilhos brancos podiam ser vistos quando ele abria a boca.

"Tenho algumas preocupações sobre o desmame dele", disse Luomen a Hongniang e à imperatriz. Os corpos das pessoas toleravam as coisas de maneira diferente. Você não poderia dar mel aos bebês, e peixe ou trigo poderiam causar uma reação alérgica. **"Quando você introduzir novos alimentos na dieta do príncipe, faça isso aos poucos, e apenas um alimento novo por vez."** Comece a criança a comer vários alimentos novos de uma só vez, e seria impossível dizer qual era o problema se ela tivesse uma reação negativa.

Estamos lidando com o filho do próprio imperador, pensou Maomao. Os plebeus, especialmente aqueles que viviam nos bairros mais pobres, não se preocupavam em dar a comida errada a um bebé – muitas vezes não tinham comida para lhe dar.

Yao e En'en ouviram atentamente o que Luomen dizia. Aliás, o médico charlatão também estava tomando notas.

"Será seguro para o príncipe comparecer à sua apresentação?" Gyokuyou perguntou, com uma nota de preocupação em sua voz.

"Na verdade, eu não recomendaria mantê-lo em um ambiente desconhecido por muito tempo. As crianças acham isso cansativo." Ele pode começar a chorar quando todos deveriam ficar quietos ou precisar trocar a fralda. Ele poderia ficar com fome.

Dois anos antes, a princesa Lingli compareceu a uma das festas no jardim e foi uma experiência desafiadora. Elas tiveram que colocar pedras quentes em seu berço para evitar que ela pegasse um resfriado. Essa apresentação seria ainda mais longa do que isso.

“Vou dizer a Sua Majestade que acho que nosso menino não deveria ficar muito tempo”, disse Gyokuyou.

“Obrigado pela compreensão, senhora”, respondeu Luomen.

Maomao percebeu por que a imperatriz poderia estar preocupada. O filho dela era apenas um dos filhos do imperador; havia a princesa Lingli também – e o filho da consorte Lihua. Ele também tinha direito ao trono. Embora Maomao não acreditasse que Lihua faria o impensável, outros com desejo de poder poderiam não ser tão escrupulosos. Lihua não conseguia controlar todos que pudessem se sentir tentados a atentar contra a vida do príncipe. Poderia haver outros que ela não conhecia nem poderia influenciar na conspiração de prejudicar o príncipe herdeiro.

No passado, houve uma dama do palácio que tentou envenenar uma das consortes. Ela fez isso por amor à sua própria amante e inteiramente sem o conhecimento ou consentimento da consorte. Sua trama falhou. Qualquer um que desejasse que a consorte Lihua fosse a mãe da nação veria o atual príncipe herdeiro como um obstáculo a ser removido.

Sim, havia muitos perigos.

Falando em perigos potenciais... Já fazia algum tempo que Maomao não via Jinshi pela última vez, mas qual era a sua posição em tudo isso? *Ele tem seu próprio direito à sucessão.*

Jinshi viria atrás do filho do príncipe herdeiro e consorte Lihua. Normalmente, uma criança não teria sido nomeada príncipe herdeiro; ele teria tido mais tempo para crescer e ser observado por aqueles ao seu redor. Jinshi, entretanto, mostrou total desinteresse em ser imperador; ele ficou abertamente satisfeito com o nascimento do príncipe e até esperava ser reduzido ao status de conselheiro comum. Essa, porém, não foi sua decisão.

Então, como tudo isso vai funcionar? Maomao perguntou, olhando para a mão do príncipe, tão vermelha e delicada quanto uma folha de bordo.

“Já acabou? Quando você voltará?”, perguntou a imperatriz Gyokuyou, que queria continuar conversando. Hongniang ficou em silêncio ao lado dela.

Eles estavam prestes a deixar a residência da imperatriz quando passos soaram atrás deles. Era Yinghua.

“Pare com isso, é impróprio”, disse Hongniang. Ela estava se limitando a uma reprimenda silenciosa porque os médicos estavam presentes, mas Maomao sabia que Yinghua iria provar seu nó do dedo mais tarde.

“Acredito que você deixou algo aqui. Você poderia fazer a gentileza de vir buscá-lo?” Yinghua disse, puxando o pulso de Maomao. Ela estava sorrindo.

Assim que desapareceram da vista dos outros, ela soltou Maomao.

“Eu realmente deixei alguma coisa?” Maomao perguntou.

“Ah, claro que não. Acabei de inventar isso”, disse Yinghua. **“A menos que isso conte.”** Ela pressionou algo na palma da mão de Maomao: um palito de cabelo com um enfeite de jade. O símbolo de Gyokuyou. Maomao ganhou um colar do mesmo material quando serviu no Palácio de Jade.

“Lady Gyokuyou mandou fazê-los para todas as suas damas de companhia quando ela se tornou imperatriz. Eu também tenho um!”

“Isso é legal, mas eu não sou uma de suas damas.”

“Ela mandou fazer um extra para você, esperando que você voltasse. Ela me pediu para dar a você agora há pouco. Ela disse que seria um desperdício deixá-lo por aí.”

Se isso fosse verdade, seria rude não aceitar o presente dela. No entanto, Maomao sabia agora que havia significado em aceitar um palito de cabelo.

“Lady Gyokuyou gostaria que você continuasse trabalhando para ela. Você pode voltar quando quiser”, disse Yinghua.

É mais fácil falar do que fazer, pensou Maomao. Era uma oportunidade tremenda, não do tipo que surge todos os dias, e, de certa forma, foi uma pena ter de recusar. Maomao acreditava que a vida trabalhando para a imperatriz Gyokuyou seria agradável, à sua maneira. Mas simplesmente não estava em forma. Não apenas em termos de estatuto social; A personalidade de Maomao seria uma espécie de pino quadrado no buraco redondo do estilo de vida da imperatriz.

“Ah, isso mesmo. As pessoas fariam perguntas se o palito de cabelo fosse a única coisa que eu lhe desse.” Yinghua deu a Maomao três pacotes de papel que cheiravam levemente a manteiga. **“Compartilhe isso com as outras garotas, certo? Desculpe, eu sei que você gosta mais de coisas salgadas.”**

Então ela ainda tinha um presente apropriado pronto. Maomao pegou os lanches e voltou para a entrada da frente, onde os outros esperavam.

Capítulo 10: Operações Secretas

O ar úmido e estagnado era nojento, e a umidade fazia seu cabelo grudar no pescoço. Jinshi sentou-se em seu escritório e olhou para a pilha de papéis com um desejo crescente de fugir.

Não havia nada mais deprimente do que fazer trabalhos administrativos durante a estação quente e chuvosa. Jinshi afastou o cabelo da nuca, sentou-se na cadeira e folheou algumas páginas. Os caracteres estavam borrados um pouco; talvez alguém tenha manuseado o papel com as mãos suadas. Ele soltou um suspiro e pegou a xícara de chá, servida fria, que estava no canto da mesa.

Ele deixou o chá ondular na xícara. Quando apareceu lá? Ele teve a sensação de que aquilo havia sido deixado quando ele foi ao banheiro alguns minutos atrás.

"Quem colocou este chá aqui?", ele perguntou ao funcionário que estava no escritório com ele. Gaoshun voltou para o imperador e não estava mais lá. Basen retornaria quando estivesse totalmente recuperado. Nesse ínterim, Jinshi estava recorrendo a um burocrata com um dom especial para a papelada.

"Uma senhora da corte trouxe enquanto você estava fora de seu assento, senhor."

Jinshi era apenas humano; a natureza às vezes até o chamava. Mas para alguém, nada menos que uma dama da corte exterior, esperar aquele exato momento para lhe trazer chá, isso era estranho. Um guarda ficava postado na porta de seu escritório o tempo todo — exceto quando Jinshi saía do escritório, para usar o banheiro, por exemplo. Então o guarda o acompanhou. Talvez a mulher soubesse.

O escritório de Jinshi normalmente era proibido para damas da corte. Na época em que ele fingia ser um eunuco, havia brigas reais entre as mulheres sobre quem iria trazer o chá para ele. Mesmo depois de ele ter saído do palácio interno, as mulheres às vezes colocavam pedaços de seus cabelos ou unhas em seus lanches como um amuleto de amor, ou simplesmente atacavam quando ele estava sozinho e arrancavam suas roupas. Nada além de problemas. O burocrata designado para ele poderia ser bom com a papelada, mas parecia que não estava familiarizado com os detalhes da situação de Jinshi.

Jinshi abriu uma gaveta de sua mesa e tirou um item embrulhado em pano. Com movimentos medidos, desembrulhou-o e revelou uma colher de prata, que segurou com o pano e usou para mexer o chá.

A prata brilhante imediatamente ficou turva. Jinshi estava pelo menos grato por seu agressor ter usado um veneno bom e óbvio.

O sangue sumiu do rosto do oficial enquanto ele observava. Na verdade, Jinshi queria que ele visse isso para avaliar sua reação. Pelo menos o homem entendeu o que significava a prata manchada. Parecia que ele realmente não sabia sobre o veneno.

Jinshi entregou a colher ao guarda na porta, que nem piscou enquanto embrulhava o utensílio e o colocava nas dobras de suas vestes. Seu alívio viria em breve. Ele provavelmente entregaria a colher depois disso.

"Você pode descrever a mulher que trouxe isso?" Jinshi perguntou ao burocrata.

"B-Bem," o homem começou. Ele estava indisposto e não forneceu muitas informações úteis. Ela era "jovem". Não muito alta. Pelo menos provou uma coisa: que o homem era dedicado ao seu trabalho. Ele estava tão concentrado em sua papelada que não prestou atenção especial à mulher que havia entrado. Jinshi observou, aliás, que também havia uma xícara de chá na mesa do burocrata – meio vazia.

Suspirou. *Muito bem.* Jinshi pegou outra colher e mexeu o chá do oficial, mas aquela colher não mostrou reação. **"Você está seguro",** disse ele. Um inconfundível olhar de alívio passou pelo rosto do homem antes que ele recuasse, obviamente decepcionado.

Jinshi não estava com vontade de repreendê-lo. Ele só queria alguém para cuidar da papelada. Aquele homem parecia bom o suficiente em sua tarefa e, além disso, ele nunca olhou para Jinshi como se tivesse algum negócio engraçado em mente. Tudo o que Jinshi precisava era que o cara fizesse um trabalho decente até Basen voltar.

"Tire isso da sua mente. Há mais trabalho a fazer", disse Jinshi. Ele colocou o chá envenenado em um canto da mesa e voltou aos seus papéis. Seu assistente, ainda pálido como um túmulo, voltou para sua mesa.

Jinshi tentou não deixar o outro homem notar enquanto soltava um suspiro.

Seus dias foram agitados, tensos. Ele havia perdido a noção de quanto tempo se passou desde que parou de fingir ser um eunuco. Meses. Fazer parte da corte propriamente dita significava muito, muito mais trabalho, e ele parecia dormir menos a cada dia. Ele pelo menos estava fugindo para a cidade para respirar a cada dez dias ou mais, mas não havia mais nada disso.

Jinshi havia terminado seu trabalho do dia e estava sentado no sofá de seu quarto. Ele jantou e tomou banho, então agora só faltava ir para a cama. Mas ele não tinha vontade de dormir, não depois do que acontecera naquela tarde.

"Que tal algumas boas frutas, Mestre Jinshi?" Sua sempre atenciosa dama de companhia, Suiren, trouxe para ele algumas fatias de pêra, cada uma em seu espeto.

"Dê", ele disse. Talvez parecesse um pouco infantil, mas aquela era sua mãe de leite, uma mulher que o conhecia desde antes de ele ser desmamado. Eram só eles dois; ela não ficaria chateada.

Ele colocou um pedaço de pêra na boca, saboreando a crocância e o sabor leve e doce. O suco era fresco e refrescante enquanto descia pela garganta. Ele pensou em pedir uma taça de vinho, mas decidiu que esta noite ficaria satisfeito com isso.

"Você deve estar tão cansado. Você não tem estado na cidade ultimamente, mesmo nos seus dias de folga. Seu trabalho está consumindo todo o seu tempo e energia", disse Suiren.

"Sim, bem, é isso que acontece quando o trabalho é interminável. No futuro, acho que precisarei de mais assistentes."

"E mais damas de companhia, devo acrescentar."

A mãe de leite de Jinshi estava à beira da velhice e às vezes comentava como os anos pesavam sobre ela. Ele teria gostado de contratar algumas damas de companhia, mas, dadas as circunstâncias, não era fácil.

"Ah, como eu gostaria que Maomao voltasse!" Suiren disse.

Você e eu, Jinshi pensou, mas apenas balançou a cabeça. Ele sabia que não era possível. **"Tenho certeza que ela sabe que você a faria trabalhar como um cachorro novamente."**

"Bem, qual é o sentido de contratar alguém que não consegue fazer o seu trabalho?" Suiren respondeu, sua voz tão doce quanto suas palavras eram duras. Ela podia ser muito branda com Jinshi, mas dizia-se que todas as damas de companhia que serviam sob seu comando a consideravam um monstro. **"Devo dizer que a quantidade de trabalho que faço todos os dias é demais para esses ossos velhos",** ela continuou, acompanhada por uma esfregada demonstrativa nos ombros. "**Oh, se você se apressasse e pegasse uma consorte, Mestre Jinshi, mesmo que apenas uma, minha vida poderia ser um pouco mais fácil...**"

Jinshi só conseguiu dar um sorriso seco. **“Não se preocupe se eu escolhesse a senhora errada, seu trabalho só aumentaria?”**

“Não, de fato. Isso tornaria a contratação de novas damas de companhia muito mais simples. É porque cobiçam a posição de sua esposa que elas vêm atrás de você com tanto fervor. Não que eu imagine que esses tipos desapareceriam, mas poderíamos reduzi-los significativamente.” Parecia que ela estava falando sobre pragas de jardim.

Quando Suiren começou a falar de consortes, só havia uma pessoa em quem Jinshi pensava. Ele sabia que ela considerava a ideia nada além de problemas. Poderia ter sido uma coisa se ela fosse filha enclausurada de alguma família abastada, mas para alguém que já tinha meios para se sustentar e viver sua própria vida, ser consorte de Jinshi só poderia ser sufocante.

“Jovem mestre”, disse Suiren com tristeza, observando o semblante sombrio de Jinshi. **“Antes de servir você, servi Sua Majestade. Talvez eu não fosse tão próximo dele como sou de você, mas o conhecia.”**

"Eu posso imaginar."

“Sua primeira consorte, Lady Ah-Duo, passou por momentos difíceis! Eu sei que ela foi alvo de assédio por parte de muitas mulheres.”

Jinshi pensou na bela senhora que se vestia com roupas masculinas e agora estava em reclusão. Era difícil imaginá-la sendo objeto de brincadeiras maldosas.

“Elas poderiam ser terrivelmente cruéis. Foi tão ruim que me perguntei se deveria tentar intervir, até que de repente descobri que tudo estava alinhado com ela.”

Jinshi não respondeu. Então Ah-Duo sempre foi Ah-Duo.

“No início, quando Sua Majestade procurou Lady Ah-Duo, pensei que fosse algum tipo de piada. Ela era sua irmã de leite, praticamente um dos meninos. Eles ainda jogavam pega-pega até sabe-se lá quando.” Sim, Jinshi tinha ouvido pessoas dizerem que se ela tivesse nascido homem, Ah-Duo teria sido o braço direito do imperador. **“Com todo o respeito possível à imperatriz Gyokuyou, devo dizer que Sua Majestade ficou profundamente desapontado ao perceber que aquele que ele realmente queria ao seu lado não estava em condições de estar lá.”**

"**O que você quer chegar?**" Jinshi finalmente disse.

"**Oh nada. Apenas as divagações de uma velha. Eu simplesmente esperava que você escolhesse um caminho que o deixasse sem arrependimentos.”** Com isso, Suiren pegou o prato, que ainda tinha uma fatia solitária de pêra, e saiu da sala.

“Sem arrependimentos”, Jinshi murmurou. Isso não seria fácil.

Capítulo 11: Antes da Celebração

Era alto verão e havia um clima festivo na capital. Visitantes de países estrangeiros significavam que o dinheiro fluía livremente. Os eventos e acontecimentos iriam crescer naturalmente até que houvesse uma festa espontânea e não oficial em andamento.

As celebrações não eram inerentemente ruins. Elas deixavam todos animados e felizes, tanto na corte quanto fora dela. E como é que essa vivacidade se manifestou dentro das paredes do palácio?

"**Excesso de trabalho.**" Esse foi o veredito de uma só palavra que o médico deu ao burocrata de rosto pálido. O homem tinha olheiras e um olhar de mil metros. **“Certifique-se de dormir um pouco. Você vai trabalhar até a morte, literalmente.”**

O sono era tão importante. As pessoas pensavam que poderiam ficar sem ele por um dia ou dois, mas ele iria alcançá-las – voltaria para assombrá-las – à medida que envelheciam. A certa altura, Jinshi também dormia perigosamente pouco. Cada vez que ele ia ao bairro do prazer, Maomao o fazia tirar uma soneca.

Estabelecer-se na capital significou obter a permissão da burocracia. Barracas de rua podiam aparecer por capricho, mas uma vitrine adequada exigia licenças, pelo menos para fins fiscais. Se você fosse pego fugindo da burocracia necessária, o melhor que poderia esperar era uma multa pesada – você poderia até ser jogado na prisão.

Os festivais sempre atraíram multidões. Os estrangeiros estavam chegando, o que significava que os bens comerciais estariam mais facilmente disponíveis, e muitas pessoas tinham vindo para a capital na esperança de conseguir alguns. Tudo isso significava que as autoridades civis cuidavam da papelada de manhã, ao meio-dia e à noite.

Os soldados também estavam ocupados. A frequência das visitas do estrategista maluco diminuiu, o que Maomao ficou grata. Por outro lado, poderia ter sido mais correto dizer que, após o incidente da intoxicação alimentar, seus subordinados armaram uma espécie de rede de arrasto para ele.

Mais pessoas significavam mais potencial para o crime, e cabia aos soldados reforçar a segurança pública. Entre o fato de poderem simplesmente atribuir tempo de formação ao trabalho e o fato de serem geralmente cérebros musculados, houve muito menos colapso entre os soldados do que entre os infelizes burocratas. Houve, no entanto, mais feridos.

"Hff! Você não pode ser um pouco mais cuidadosa?!", exigiu um soldado enquanto Yao aplicava um remédio em um corte de uns bons 9 centímetros de comprimento.

É apenas um ferimento superficial, pensou Maomao. O soldado sustentou-o, disse ele, quando confrontou um homem que abriu uma barraca sem autorização e vendia medicamentos duvidosos. Quando tentaram fechar sua loja, ele apontou uma faca para eles.

"Sinto muito", disse Yao com firmeza, embora Maomao pudesse ver seus lábios franzidos. Ela não parecia tão zangada, mas sim contendo as lágrimas.

En'en foi discretamente ajudar. Ela ofereceu uma xícara ao soldado. **"Isso deve aliviar a dor",** disse ela, embora Maomao estivesse bastante confiante de que ela simplesmente havia feito uma xícara de chá frio de cevada.

Os médicos ainda raramente permitiam que as jovens cuidassem dos pacientes, mas tinham em alta consideração os pequenos e atenciosos toques de En'en como aquele. As reclamações sobre o consultório médico teriam diminuído.

E o que Maomao estava fazendo? Ela estava ocupada fazendo remédios. Os médicos achavam que ela poderia pelo menos ser encarregada de preparar bálsamos simples, e se ela reprimisse o desejo de trabalhar em misturas mais exóticas, não seria tão ruim. Era o lugar certo para ela: ela não tinha atitude nem, comparada às outras duas, aparência para lidar com pacientes.

“Maomao, bálsamo?” Desde o incidente com os biscoitos, En’en passou a falar com Maomao num tom nitidamente mais informal. Sua mudança de atitude levou Yao a começar a conversar um pouco mais com Maomao, então talvez En'en tenha feito isso para mudar o comportamento infantil de sua amante. Talvez.

“Bálsamo, aqui está”, disse Maomao. Quando ela estava prestes a entregar as coisas, ela olhou para o paciente. Era o soldado chorão. Ele fez muito barulho para um ferimento bem leve. Sem dizer uma palavra, Maomao pegou um bálsamo que tinha nas dobras das vestes e trocou pelo remédio que estava prestes a dar a En’en.

A oportunidade perfeita. Um paciente tão animado seria a oportunidade perfeita para testar sua nova pomada.

Maomao se assustou com uma voz atrás dela: **“O que você pensa que está fazendo?”** Ela olhou para trás e encontrou um médico idoso olhando carrancudo para ela. **“Você acabou de trocar esses remédios, não foi?”**

"Por que, o que você quer dizer, senhor?", ela perguntou. Ela estava tentando parecer o mais inocente possível, mas o médico pegou seu remédio experimental. Ainda olhando para ela, ele passou um dedo por ele.

“Isso tem algo a ver. Algo incomum misturado.”

"Eu reitero, senhor, o que você quer dizer?"

Desta vez, a tentativa de desvio de Maomao só lhe rendeu um soco na cabeça.

“Para sua informação, Luomen nos pediu para sermos especialmente rigorosos com você.” Seria difícil para ela escapar dessa situação com alguém que conhecia seu pai. Esse médico era o mais rígido do consultório médico e já suspeitava que ela tivesse conseguido o cargo por causa de ligações familiares. **“O que você colocou nisso?”**

Depois de um momento, Maomao respondeu: **“Um pedacinho de sapo”.** Ela tinha ouvido falar que o óleo de rã era considerado bom e quis experimentá-lo, mas foi difícil obter óleo de rã e, no final, ela só conseguiu fazer o que o médico segurava na mão. **“Ouvi dizer que usam óleo de rã como remédio em países estrangeiros.”**

“E você, agora? Certamente não.”

Na verdade, Maomao também não. Ela simplesmente pensou que seria possível que tivesse algum tipo de efeito. Ela teve o cuidado de escolher um sapo não tóxico e confirmou que não havia efeitos nocivos óbvios ao testá-lo em si mesma. Ela não era

selvagem o suficiente para submeter alguém a uma mistura que ela nem sequer havia verificado quanto à toxicidade.

“De qualquer forma, estou confiscando isso.”

"O que? Não!"

Assim ela encontrou seu remédio levado embora. E depois de passar o dia de folga vasculhando os arrozais!

"Você disse... sapo?" Yao perguntou, com o rosto pálido. Parecia que ela não conseguia acreditar no que estava ouvindo. **“Você colocaria sapos na medicina? Deve haver algo errado com você!”**

Maomao enfiou o dedo em uma orelha e a ignorou. Ela devia ter ultrapassado os limites, pois En’en a cutucou com o cotovelo. Então ela disse: **“Posso entender que você talvez não esteja familiarizada com essas coisas, mas elas são uma refeição típica entre as pessoas comuns”.**

Yao parecia ainda mais incrédula do que antes. Ela se virou para En'en como se perguntasse se isso poderia ser verdade.

“Ela está certa, senhora. As rãs são comidas com frequência. Você também pode estar interessada em saber que às vezes as pessoas tentam fazer com que a carne fatiada de cobra seja peixe.”

Qualquer cor que restasse no rosto de Yao desapareceu com a menção de cobras.

“Não se preocupe, vou garantir que nenhuma cobra acabe na sua mesa”, assegurou-lhe En’en.

“Eu ficaria muito feliz em vê-los na minha mesa”, disse Maomao. A profusão de ossinhos dava trabalho para comer, mas bastava fritá-los e estava tudo bem. Se o cheiro te incomoda, algumas ervas perfumadas ou medicinais podem resolver isso. Na verdade, Maomao levava consigo alguns espetos de carne seca de cobra como um belo lanche, caso ela começasse a ficar com fome. Ela tirou um da bolsa e estendeu-o para Yao num convite silencioso, mas Yao apenas balançou a cabeça e virou-se inerte para a parede. Maomao encolheu os ombros e colocou o espeto de volta.

“Sem folga, senhoras!”, retrucou o médico, e as três mulheres abandonaram a conversa e voltaram ao trabalho.

Maomao e as outras almoçaram em um refeitório próximo. A comida era de graça e você podia até comer de novo, mas se não quisesse o que estavam servindo, tinha que trazer sua própria refeição ou lanche.

As damas da corte comiam separadamente dos homens. Normalmente, Yao agia com indiferença em relação a Maomao, mas na hora das refeições ela se aproximava um pouco mais por causa da atmosfera na sala de jantar.

Quer fosse o palácio interno ou o bairro do prazer, havia um lado feminino que só saía com outras mulheres. Quando as senhoras estavam no seu canto do refeitório, onde os homens não as veriam nem as ouviriam, foi aí que a conversa realmente começou.

"Desisto. Eu simplesmente não suporto soldados. Ele é bem pago, mas está muito ocupado e grande parte do seu dinheiro vai para toda a comida de que precisa. Ele nem me oferece uma refeição decente!"

"Ugh, isso é horrível. Mas as autoridades civis também não são tão boas. Aquele que conversou comigo outro dia? Lembra dele? Bem, foi gentil da parte dele perguntar, mas... argh. Só acho que não tenho nada para conversar com um homem que abriu caminho na vida organizando estantes e mais estantes de livros mofados! Eu não posso nem aceitar o palito de cabelo dele. É tão antiquado que eu não seria pego de surpresa com isso!"

"Ah, pegue. Eu conheço você, você vai penhorar de qualquer maneira."

Muitas das damas da corte vinham de famílias de alto escalão, mas suas personalidades nem sempre eram tão boas quanto sua educação. Era uma realidade difícil para uma jovem genuinamente afetada e adequada.

Maomao geralmente escolhia um assento em um canto da sala de jantar e, aonde quer que fosse, Yao corria atrás dela. Ela sabia que se Maomao estivesse lá, as senhoras mais cruéis, especialmente aquelas que eram hostis às assistentes médicas recém-nomeadas, manteriam distância.

Eu apenas tentei avisá-las com justiça, pensou Maomao, mas agora elas não chegariam nem perto dela. Era como se fosse o Palácio de Cristal novamente.

Então o que aconteceu? Houve uma senhora da corte que decidiu lançar um ataque preventivo contra o que ela considerou serem as jovens assistentes médicas ingênuas. Ela se aproximou delas com um grupo de parasitas, na verdade parecendo muito com Yao no início. Mas embora Yao obviamente fosse apaixonada por seu trabalho, essa mulher dava a impressão de que estava principalmente no palácio na esperança de conseguir um companheiro. A forma como ela parecia ter um companheiro de jantar

diferente em cada refeição, era quase como se ela se orgulhasse de ser uma mulher de virtudes fáceis.

Maomao não pôde deixar de notar uma erupção na boca da mulher. **"Parece que você tem um número substancial de parceiros",** ela disse. **"Você está ciente dos riscos da doença?"** Ela estava apenas se certificando.

"Eu não estaria com um homem doente!", dissera a mulher, após o que Maomao lhe contou como as doenças sexualmente transmissíveis podiam estar presentes, mas latentes, e como, mesmo que o seu parceiro não estivesse doente, um dos seus outros parceiros poderia estar, e a doença ainda poderia ser transmitida a ela. Afinal, ela não era a única que conseguia dormir por aí. Finalmente, Maomao explicou que várias doenças sexualmente transmissíveis poderiam ser transmitidas ao mesmo tempo.

"Você está se sentindo cansada?" ela perguntou. **"Algum inchaço ou dor em suas áreas íntimas? Ou sangrando, aliás?"**

À medida que Maomao prosseguia com o seu interrogatório, a mulher foi ficando cada vez mais pálida e finalmente abandonou a cena. Talvez, refletiu Maomao, tenha sido um erro de julgamento tratá-la da mesma maneira que tratava as cortesãs da Casa Verdete. Mas se a mulher não fosse tratada imediatamente, o seu nariz poderia apodrecer e cair.

Maomao estava conversando muito seriamente com a mulher, mas enquanto isso o rosto de Yao estava vermelho brilhante. En'en não devia saber muito sobre doenças sexualmente transmissíveis, pois vinha tomando muitas notas.

Agora, para voltar ao momento presente. A refeição de hoje era mingau, sopa e um dos vários acompanhamentos. A escolha dos lados era gratuita, mas chegue tarde demais e eles podem estar fora dos seus favoritos. Mencionamos as pequenas quantidades de comida, mas isso porque em geral as refeições completas eram servidas apenas de manhã e à noite. O serviço da tarde era essencialmente um lanche farto.

Como acompanhamento, Maomao levou frango cozido no vapor com legumes frios. Os pratos de carne eram populares e sempre agradavam aos madrugadores. As outras duas mulheres pegaram a mesma coisa.

"Só para você saber, não estou copiando você", disse Yao.

Eu não disse que você estava, pensou Maomao. À sua maneira, o comportamento dela era encantador e, desde que percebeu isso, Maomao começou a desenvolver uma afeição pela outra dama da corte. Ela era muito mais fácil de lidar do que um bajulador que mantinha suas verdadeiras intenções escondidas.

Os outros acompanhamentos incluíam peixe e algo com vinagre. O peixe parecia um pouco com carne de cobra, se você apertasse os olhos; talvez fosse por isso que Yao não queria. Chame-a de distorcida, mas a constatação fez com que Maomao quisesse ajustar um pouco a jovem. Elas montaram acampamento no seu canto habitual, mas enquanto Maomao normalmente comia em silêncio, hoje ela disse: **"Dizem que algum tipo de dignitário estrangeiro está chegando, certo?"** Foi tudo o que se falou recentemente. **"Você sabia que no deserto cobras e lagartos são considerados importantes fontes de nutrientes? Eles comem o tempo todo lá."**

A cultura alimentar difere de lugar para lugar, como se descobriria rapidamente indo para oeste – e na verdade como Maomao aprendera em primeira mão na sua viagem à capital ocidental. Ela não tinha conseguido fazer nenhum passeio turístico, mas havia muitas ofertas estranhas nas barracas de comida nas ruas. Suirei, com sua aversão a cobras e insetos, estava perdendo o juízo, lembrou Maomao com um brilho caloroso.

"Maomao", disse En'en, lançando-lhe um olhar desanimador.

A colher de Yao estava congelada no ar. **"Não estou mais com fome",** disse ela, largando a colher. Parecia que Maomao tinha ido longe demais.

"Lady Yao, você precisa de sua comida", disse En'en.

"Talvez eu esteja com apetite para um lanche", respondeu Yao, ainda parecendo um pouco irritada. En'en pensou nisso por um segundo, depois pegou um pacote de pano e desembrulhou para revelar um cilindro de bambu – um cantil. As porções do refeitório nunca eram suficientes para o apetite voraz de Yao, e En'en sempre era preparada com um suplemento.

"Você pode comer isso depois de terminar a refeição", disse ela, olhando na direção de Yao. Yao resmungou, mas começou a comer seu mingau novamente.

Ela sabe como lidar com ela, pensou Maomao. Quanto ao que havia na cantina, En'en pegou uma tigela e esvaziou o conteúdo nela, revelando algo com cheiro doce, translúcido e úmido.

"Esse é o seu lanche?" Maomao disse. Yao realmente era rica – isso era um luxo. A sobremesa de verão perfeita. Até aparecia nas refeições noturnas da imperatriz Gyokuyou de vez em quando.

"É o favorito de Lady Yao", disse En'en. Ela acompanhou o comentário com um dedo nos lábios, adivinhando corretamente que Maomao sabia o que era a sobremesa.

Aqui eu pensei que ela estava cuidando de Yao! Era cruel o que ela estava fazendo. Seria isso também no interesse de ajudar Yao a crescer?

“Hum! Está um pouco quente, mas ainda está bom”, disse Yao, comendo com gosto seu lanche agitado.

O nome do prato? Hasma. A natureza dos ingredientes? Órgãos reprodutivos das rãs. Pelo bem de Yao, Maomao decidiu não dizer nada.

Capítulo 12: Filho de uma Terra Estrangeira

“Bastante animado hoje, não é?” Luomen disse, embora parecesse perfeitamente relaxado. Ele não estava usando sua roupa branca de médico hoje; ele estava com roupas de homem, embora sua silhueta rechonchuda e sua expressão calorosa ainda lhe dessem a aparência de uma senhora idosa. Ele avançou lenta mas firmemente ao longo da via pública, apoiado na bengala.

“Cuidado para não tropeçar”, disse Maomao, mantendo um olhar atento enquanto caminhava ao lado dele. As estradas normalmente não eram um problema para ele, mas esta era particularmente movimentada, ainda mais devido ao ambiente do festival. Para um velho sem uma rótula, uma pancada perdida de um transeunte pode ser suficiente para fazê-lo cair esparramado.

"Oh eu estou bem."

"Eu tenho certeza que você está. Apenas me agrade.”

Normalmente Maomao teria falado de forma mais direta com o pai, mas hoje ela tentou ter boas maneiras. Havia outras pessoas presentes. Nomeadamente Yao e En'en, juntamente com o médico que estava sempre zangado com Maomao. Um soldado também estava com eles, como guarda-costas.

O que os trouxe para fora dos limites do palácio? Uma viagem de compras. Apenas Yao tinha ido da última vez, mas hoje as três garotas estavam junto. Em parte porque não havia muito para carregar e em parte porque o consultório médico estava ocupado demais para dispensar todos os seus médicos. A última ida às compras demonstrou como as coisas poderiam ficar complicadas sem a presença de médicos.

Provavelmente havia mais um motivo: a pessoa de quem comprariam remédios era estrangeira. O pai de Maomao era o mais talentoso na língua estrangeira entre a equipe médica, enquanto Maomao, En’en e o outro médico sabiam pelo menos um pouco. Nesta viagem, Yao estava apenas acompanhando o passeio.

“Devíamos ter pegado uma carruagem”, resmungou Maomao.

"Uma carruagem? Com todas essas pessoas por perto? Seríamos apenas um incômodo”, disse Luomen. Ele parecia alegre, mas Maomao achou cruel fazer um velho ferido percorrer todo esse caminho.

Fora isso, ela estava muito feliz com a situação. Ela teve que estar com o pai e ver alguns remédios incomuns**. Excitante!**

“Não faça nada a menos que nós mandemos”, disse o outro médico – chame-o de Doutor Assustador – olhando feio para Maomao. (Ei, ela sabia como se comportar em público.) Há muito tempo ela tinha a sensação de que ele estava de olho nela, e desde o incidente com a pomada à base de sapo outro dia, a vigilância dele só se tornou mais intensa. Aliás, ela finalmente começou a lembrar o nome dele recentemente. Era Dr. Liu.

“Desculpe por isso”, disse Luomen, mas não contradisse o outro homem. Ele iria submeter-se ao Dr. Liu.

Yao parecia ter um pouco mais de respeito pelo pai de Maomao do que antes. Como sempre, En’en estava fazendo tudo o que podia para ajudar Yao, e a jovem amante recentemente tinha sido bastante gentil.

Ela estava apenas protegida.

Yao tentava parecer indiferente, mas Maomao via os olhos dela dispararem para as vitrines das lojas de vez em quando. Ela parecia impaciente, pronta para correr; ela não parecia acostumada com o volume de pessoas. En’en estava observando tão atentamente quanto Maomao e, embora seu rosto permanecesse impassível, havia algo escondido por trás daquela expressão deliberadamente vazia. Seus olhos brilharam como se ela tivesse visto um bebê esquilo e estivesse gostando da vista. Talvez Yao tenha sido trazida dessa vez porque os médicos perceberam que ela não estava acostumada a fazer compras da primeira vez.

Acha que ela realmente está preparada para isso? Maomao se perguntou. En'en estava cuidando diligentemente de Yao. *Se eu tivesse que adivinhar, diria que ela está gostando. Bem, isso era melhor do que forçá-la a chutar e gritar.*

Enquanto Yao estava ocupada se distraindo ao passar por um fabricante de doces, o grupo chegou ao seu destino. Era um restaurante luxuoso – um que Maomao já havia utilizado antes. Era amplamente abastecido com salas privadas onde sua clientela tipicamente rica podia ter conversas privadas.

Extremamente convenientes, esses quartos...

Os produtos estrangeiros, mesmo apenas medicamentos, eram valiosos. Se você não tomasse cuidado ao ir buscá-los, poderia ser assaltado no caminho para casa. Isso explicava o guarda-costas também.

Sendo o meio do dia, havia algumas clientes do sexo feminino. Na hora do almoço, o restaurante vendia lanches leves e os pães frescos cozidos no vapor pareciam atraentes.

"Esse caminho por favor." Um garçom os conduziu até o quarto, onde um estrangeiro de cabelos claros esperava. Ele era muito peludo, exceto no queixo; ele usava um bigode grosso, mas não tinha barba.

Luomen entrou na sala, mas quando Maomao e os outros começaram a segui-lo, o estrangeiro ergueu a mão. Ele e Luomen conversaram. O grupo estava muito longe para ouvir o que diziam, mas Maomao viu o pai balançar a cabeça e olhar para eles. **"Ele diz que apenas três pessoas podem entrar."**

"O que?"

Três pessoas? Isso significava que Maomao e as outras duas assistentes teriam de esperar do lado de fora. Obviamente os dois médicos seriam essenciais e, por precaução, iriam querer o guarda-costas com eles.

"Na verdade, ele acha que não deveríamos ter trazido mulheres", disse Liu. **"Acho que deveríamos ter você nos acompanhando quando estávamos lidando com outra pessoa."** Os ombros de Maomao caíram. Ela seria condenada a esperar no corredor o tempo todo? Então o Dr. Liu entregou-lhe um pedaço de papel. **"Tenho certeza que você sabe como lidar com uma viagem de compras. Você poderia pegar alguns outros itens para nós enquanto fazemos isso?"**

O papel continha uma lista detalhada dos doces e guloseimas preferidos dos médicos que não puderam se juntar a eles. A lista era bastante extensa e o Dr. Liu a acompanhou com uma quantidade substancial de mudanças.

"Se sobrar dinheiro, você pode comprar o que quiser com ele. Doces, digamos. Volto aqui em algumas horas."

"Sim, senhor", disse Maomao. O Dr. Liu não fez nada além de ficar com raiva dela, mas não se esqueceu de fornecer doces para elas. Ele não deixou de notar Yao olhando as barracas de rua.

“Você sabe como lidar com dinheiro, não é?” Yao perguntou a Maomao, talvez irritada por ter recebido o dinheiro.

Ela percebe o que está dizendo? Yao praticamente anunciou que ela mesma não sabia como usar o dinheiro até recentemente. Ela parecia bastante orgulhosa de seu conhecimento recém-adquirido. *Talvez eles esperassem ensinar-lhe algumas coisas sobre compras trazendo-a junto*, pensou Maomao. Atrás dela, os olhos de En'en brilhavam, como se dissesse *Minha amante não é a mais fofa*?

Maomao sabia que manter o dinheiro só lhe renderia mais reclamações, mas não se sentia totalmente confortável em entregá-lo a Yao. Por processo de eliminação, ela entregou a lista e o dinheiro para En’en. Yao ainda parecia pouco satisfeita, mas ela não iria lutar contra En'en pelo controle da bolsa.

“Que tal começarmos com os pães cozidos no vapor?” En'en sugeriu. Ela tinha o dinheiro, então era natural que ela ditasse a agenda. Porém, quando Maomao deu uma espiada e viu o nome da loja, ela franziu a testa. **“Alguma coisa acontecendo?”** En'en perguntou.

“Aquele lugar está sempre esgotado na hora do almoço”, disse ela, apontando na direção da loja.

“Você a ouviu, Lady Yao.” Ah, En'en realmente foi rápida em entender.

"O que? Ouvi o quê?” Yao ainda não tinha ideia quando Maomao agarrou uma das mãos dela e En'en agarrou a outra. Ambos começaram a puxar.

“Se eles venderem, seremos nós que teremos problemas!” En'en disse.

Yao se encolheu. **“Vamos nos apressar então!”**

De mãos dadas, as três correram em busca dos pães com todo o seu valor.

Se imaginaram uma tarde agradável vagando juntos pela rua principal, estavam muito enganadas. Por fim, elas pararam à sombra de um salgueiro, Maomao, Yao e En’en, com a respiração ofegante.

“Os médicos devem ganhar um salário muito bom”, disse Maomao, com um tom mais do que amargo enquanto olhava para a montanha de guloseimas em lindos pacotes. **“Tem muita coisa fresquinha aqui.”** Acha que conseguirão comer tudo antes que estrague? Elas estiveram no que pareciam ser todos os lugares da cidade. O Dr. Liu dissera que elas poderiam gastar o que sobrasse — mas sobrou alguma coisa?

Yao ofegou; ela não estava acostumada a correr e estava tão exausta que não conseguia falar. En'en, sempre atenta, comprou suco para ela em uma loja próxima.

Todos os salgadinhos que foram instruídos a comprar vinham de estabelecimentos conhecidos; Maomao também reconheceu uma série de guloseimas servidas na Casa Verdete. O Dr. Liu provavelmente deu o dinheiro a Maomao porque sabia que ela conhecia muitas das lojas.

"Eu realmente acho que isso deveria ser suficiente", disse En'en, examinando o pedaço de papel. Havia mais um nome na lista.

"Ah, aquele lugar." Os ombros de Maomao caíram. Não era exatamente perto e ela não tinha vontade de caminhar tão longe. **"Eles provavelmente ainda têm estoque e ainda temos uma hora..."**

Ela olhou para Yao, que parecia rejuvenescido pelo suco. **"Estou pronta para ir",** disse ela.

Maomao e En'en se entreolharam, ambos inclinando a cabeça, imaginando o que fazer.

"Posso perguntar o que você está fazendo, En'en? Vocês duas parecem... sinalizar muito uma para a outra ultimamente", disse Yao.

"Eu simplesmente não gostaria que você se esforçasse demais, Lady Yao", disse En'en.

"Bem, isso é uma pena, porque eu estou indo. Eu vou e ponto final!"

"**Muito bem.**" En'en permaneceu imperturbável, mas por dentro ela sem dúvida estava maravilhada com o quão adorável sua amante era quando ela tentava fazer uma cara corajosa. Por trás, Maomao pôde ver que o traseiro bem torneado de En'en tremia de alegria.

Maomao as guiou. **"A loja fica numa rua lateral um pouco afastada da estrada principal..."** Era um incômodo ter os braços cheios de pacotes. Por outro lado, Yao, ainda tentando provar que estava preparada para esse tipo de coisa, insistiu em carregar mais bagagem do que qualquer uma. Pelo menos Maomao se saiu melhor do que ela.

Admiro a recusa dela em ser espancada, pensou ela. Havia muitas pessoas por aí que se contentavam em dominar os outros simplesmente porque nasceram bem. Pelo menos Yao não era assim. Maomao suspeitava que era a mesma faceta da sua personalidade que a levou a candidatar-se para se tornar assistente médica quando fez o exame para damas da corte.

A rigor, a loja para onde se dirigiam não era uma lanchonete. Era mais um fornecedor de ingredientes exóticos. Qualquer médico que misturasse remédios também poderia cozinhar um pouco, e aquele lugar era especializado em condimentos e aromas incomuns.

A cidade parecia muito diferente quando saíram da estrada principal. Elas viram mais moradias de plebeus enquanto caminhavam entre as lojas. Um gato bocejava à sombra de uma árvore, enquanto crianças pequenas de babadores tentavam chamar sua atenção com um rabo de raposa balançando. Havia mulheres lavando roupa no canal e um cachorro amarrado observando uma galinha em uma gaiola que provavelmente seria o jantar daquela noite.

“É-é aqui que fica a loja?” Yao perguntou, inquieta. Em resposta, Maomao apontou para uma pequena placa. Tinha o nome do último lugar da lista. Yao ficou visivelmente aliviada. **“Eles deveriam se estabelecer em algum lugar mais, você sabe... respeitável.”**

“Quanto mais perto você estiver da rua principal, mais altos serão os impostos”, disse Maomao. Quanto melhor a sua localização, mais pessoas passavam pela sua loja – e mais dinheiro o fiscal imaginava que poderia arrancar de você. **“Vamos, vamos encerrar esta lista”**, disse ela. Ela foi até a loja, mas de repente En’en parou. **"O que está errado?"** Maomao perguntou.

En’en apontou para o outro lado do canal, onde viram um bando de crianças cercando uma menina. Maomao se perguntou se eles estavam jogando algum jogo, mas não, não parecia. O que estava acontecendo aqui? Enquanto ela ainda tentava descobrir, ela viu alguém correndo pela pequena ponte sobre o canal – era Yao.

"O que você está fazendo?", ela gritou, assustando as crianças. **“Você está intimidando aquela pobre garota!”** Seus gritos fizeram as crianças se dispersarem.

Ela é tão... como posso dizer isso? Jovem, pensou Maomao, mas trotou atrás dela mesmo assim. Havia apenas uma criança parada na frente de Yao agora: a garota que estava cercada pelas outras. A vítima do bullying, se Yao estivesse certa.

"Huh?" Yao disse, intrigada. **"Você vê essa garota?"**

Maomao olhou nos olhos da criança e ela também ficou confusa.

“Parece que ela é de uma terra estrangeira”, disse En’en. As roupas da garota eram do estilo típico de Li, mas seus traços faciais não eram o visual típico de Li. Maomao considerou que ela tinha menos de dez anos. Seus cabelos e olhos eram escuros, mas sua pele era mais clara e mais rosada que a delas. Ela tinha um rosto lindo, com olhos perfeitamente posicionados e sobrancelhas pronunciadas.

A pele dela me lembra a da imperatriz Gyokuyou.

Ela poderia então ser de ascendência mista, mas Maomao percebeu por que En'en presumira que ela era estrangeira: havia marcas em redor dos seus olhos. Isso era extremamente incomum em Li, já que aqui as tatuagens eram normalmente impostas aos criminosos. Poucas pessoas as obteriam voluntariamente (tornando Maomao e suas sardas uma notável exceção à regra). Aquela não era a marca de nenhum crime, no entanto. Parecia mais uma proteção ou amuleto. Um padrão vermelho semelhante a uma videira.

"Você está bem?" Yao perguntou, mas a garota apenas olhou para ela com uma expressão confusa. Yao ficou consternada. **"Acho que você não me entende",** disse ela. Se ao menos conseguissem arrancar uma palavra dela... mas a criança não disse nada.

"Eu não acho que ela possa falar!", disse uma das crianças que Yao mandou correr. **"Ela parecia estar perdida, então perguntamos de onde ela era, mas ela não disse uma palavra! Todos nós tentamos convidá-la juntos, mas não acho que ela tenha voz."** Com isso, a criança fugiu novamente.

"Hum..." Yao estava tão disposta a intervir, mas agora ela parecia não saber o que fazer.

Não olhe para mim, pensou Maomao. Elas foram confrontadas com uma criança muda que era de outro país, então elas não poderiam ter se comunicado mesmo que ela falasse.

"O que nós fazemos?" Yao perguntou.

Isso é o que eu gostaria de saber!

Os seres humanos são criaturas que se comunicam por meio da linguagem. Ser privado dessa capacidade é, no mínimo, inconveniente, como Maomao e as outras estavam descobrindo.

Yao se agachou na frente da menina. **"Ok, uh... Seu nome! Qual o seu nome?"** ela se aventurou. A garota continuou a olhar de volta, doce, mas sem compreender. Ela não disse nada, mas parecia estar ouvindo Yao, tentando entendê-la — então, aparentemente, ela podia ouvir.

Se ela pudesse dizer alguma coisa, poderíamos pelo menos descobrir de que país ela é... Mas não tivemos essa sorte; a criança não deu um pio.

Tendo se metido nisso, Yao estava empenhada em pelo menos descobrir de onde a criança era, mas parecia cada vez menos esperançosa. Ela olhava de vez em quando para Maomao e En'en, mas En'en apenas observava, sem fazer nenhum movimento para ajudar sua senhora. *Ela poderia ajudar*, pensou Maomao. No início, ela considerou En'en a serva fiel de Yao, mas com o tempo ela percebeu que era mais complexo do que isso. Sim, Yao era muito importante para En'en, e sim, En'en a serviu impecavelmente, mas...

Há algo um pouco... distorcido nisso. Essa foi a conclusão de Maomao. Às vezes, quando alguém era adorável demais, você tinha vontade de provocá-lo um pouco - mas também não era bem isso. Seja como for que descreveu, En'en assistiu com distinta satisfação enquanto Yao se debatia.

Elas ficariam sem tempo se isso continuasse por muito mais tempo, então Maomao estava prestes a intervir e tentar ajudar - mas ela foi impedida por En'en. **"Lady Yao, não acho que ela fale a nossa língua. Deixe-me tentar",** disse ela.

"Sim, por favor!" Yao disse, aliviada. Ela estava obviamente grata pela ajuda. Talvez ela não se sentisse tão feliz se percebesse que En'en estava saboreando a visão de sua luta até aquele momento.

Ignorância é o que, de novo? Maomao pensou, observando as duas com os olhos semicerrados.

En'en perguntou à criança o nome dela em uma língua estrangeira. Claro, havia muitas línguas estrangeiras. Maomao falava um pouco de Shaohnese e sabia ler e escrever algumas palavras simples nas línguas de lugares mais a oeste, mas era autodidata e não tinha confiança em sua

pronúncia. En'en, como ela mesma admitiu, não falava muito mais do que Maomao, então foi um trabalho lento conversar com a garota. Seus esforços, porém, fizeram a criança arregalar os olhos; ela começou a pular para cima e para baixo. Alguma coisa, seja lá o que fosse, havia passado.

"Ela deve ser de Shaoh", disse En'en. Aylin tinha cabelos dourados e olhos azuis, mas isso não acontecia com todos da região. Cabelos e cores de olhos escuros tinham maior probabilidade de serem transmitidos de pais para filhos, tornando natural que preto e marrom fossem os mais comuns.

"Acho que ela entendeu você... mas ainda não sabemos o nome dela", disse Yao. A menina ainda não tinha falado uma palavra. Ela, no entanto, tocou a garganta e começou a fazer um x com as mãos na frente do pescoço.

"Acho que ela quer dizer que não consegue falar", disse Maomao. Então ela arriscou algumas palavras em Shaohnese: "***Você não pode falar*?"** Desta vez a garota fez um círculo com as mãos, em sinal de aprovação.

Maomao pegou um galho que estava no chão e riscou alguns caracteres na poeira para demonstrar o que tinha em mente. Então ela deu o galho para a menina. **"*Você pode escrever seu nome*?",** ela perguntou.

A menina balançou a cabeça. Em vez disso, ela fez um desenho – algum tipo de flor, embora fosse difícil dizer exatamente de que tipo.

"Parece que ela também não sabe escrever", comentou Maomao.

"Então, o que fazemos?" Yao perguntou.

"Diga-me você", disse Maomao. Yao foi quem entrou na situação. Agora ela parecia realmente se sentir estranha.

A garota continuou desenhando ocupada. **"O que é isso?"** Maomao disse. A imagem parecia representar algum tipo de vaso padronizado.

"Você acha que é comida?" Yao se ofereceu.

"Eu me pergunto o que isso deveria significar", disse En'en. A garota bateu na foto com o bastão.

"Talvez ela esteja procurando seja lá o que for", disse Yao. Quando En'en comunicou a pergunta à criança em seu empolado Shaohnese, ela foi recompensada com um grande

círculo. A garota estendeu a mão para elas. Na palma da mão havia uma pequena peça de ouro.

“Ei, ei!” Maomao disse. Não havia muito, mas era ouro. Não é o tipo de coisa que se pode mostrar a qualquer pessoa. Ela apertou a mão da garota novamente. **“Acho que ela tem dinheiro e quer fazer compras.”**

“Parece certo para mim”, disse En’en.

“Sim”, Yao concordou.

“Mas até agora não temos ideia do que ela quer comprar”, disse Maomao. Ela olhou para a foto e perguntou: **“*Você quer um recipiente como este*?”**

A menina balançou a cabeça. Isso teria sido mais fácil se ela fosse uma artista melhor. *Talvez pelo menos tão boa quanto Chou-u*, pensou Maomao. Ela descartou a ideia. Esse tipo de pensamento não os levaria a lugar nenhum. O desenho da garota era realmente muito bom, considerando o quão jovem ela era.

“Acho que parece algum tipo de comida. Alguma pista sobre o quê?” Maomao disse. Mas elas não estavam fazendo nenhum progresso.

A garotinha olhou para o canal, onde as crianças que Yao havia espalhado começaram a brincar perto da água. Eles estavam pescando alguma coisa — lagostins, percebeu Maomao. Eles poderiam ser muito saborosos se você limpasse a lama e os cozinhasse. A menina, porém, balançava a cabeça como se dissesse que o lagostim não era o seu objetivo.

“Não acho que possamos fazer mais nada de bom aqui. Por que não a levamos de volta conosco? Os médicos falam Shaohnese melhor do que nós”, disse Maomao.

“Isso é verdade”, concordou Yao, que estava sem ideias. **“Vamos, vamos juntas”**, disse ela e pegou a mão da menina.

A criança parecia confusa, então Maomao explicou: **“*Vamos levá-lo a pessoas que falam melhor do que nós.*”**

A garota balançou a cabeça novamente. Ela estava obviamente ansiosa para comunicar algo, mas como ela não conseguia falar, isso simplesmente não estava sendo transmitido. Ela só conseguia riscar fotos na terra.

“Isso parece um pãozinho cozido no vapor para você?” En'en disse.

“Agora que você mencionou isso, meio que faz.”

Era difícil dizer; a imagem era apenas uma espécie de círculo. Maomao e as outras inclinaram a cabeça e olharam para ele. A garota também inclinou a cabeça, como se dissesse: *Você ainda não entendeu*?

“Talvez seja uma fruta”, disse Maomao.

“Sim, como uma maçã?”, disse Yao. Era verdade que o círculo tinha o que parecia ser um caule e uma folha presos a ele. Os outros itens pareciam frutas e salgadinhos, se você pensasse neles dessa maneira.

“Espere...” En’en disse. **“*Você quer um lanche*?”**

A garota acenou com os braços vigorosamente. Essa parecia ser a resposta certa.

Maomao espalhou os embrulhos de pano, mostrando à menina as diversas guloseimas que haviam comprado naquela tarde. Mas a criança balançou a cabeça para cada um deles.

“Acho que temos praticamente tudo que você pode comprar”, disse Maomao. Guloseimas assadas, guloseimas cozidas no vapor, doces, salgados – era uma longa lista. **“Praticamente a única coisa na cidade que ainda não conseguimos é o último lugar da lista.”**

Ela apontou para a loja e a garota começou a pular.

"Huh?" Elas não tinham certeza se estavam no caminho certo, mas conseguiram comunicar que iriam a uma loja de guloseimas. A garota começou a pular ainda mais rápido. **"Ela quer que a levemos conosco?"** Essa parecia ser a mensagem. Havia algo que ela queria naquela loja.

Maomao e o resto da pequena tropa atravessaram a ponte e dirigiram-se para o local em questão, um edifício de estilo casa popular com uma placa no exterior. Estava bem fechado e parecia sombrio e um tanto triste. A menina não devia saber que aquele era o lugar; afinal, ela não conseguia ler a placa.

“Esse lugar vende lanches?”, perguntou um Yao profundamente cética.

“A rigor, não é uma lanchonete. É um lugar muito... interessante”, disse Maomao.

Ela abriu a porta com um estrondo. Elas descobriram que havia outro cliente lá, junto com o rechonchudo dono da loja. A cliente parecia ser uma mulher – mas muito alta,

com pele visivelmente bronzeada. Maomao não era boa em adivinhar a idade dos estrangeiros, mas presumiu que a mulher tivesse pelo menos trinta e poucos anos.

Ela é estrangeira? Maomao se perguntou.

“Jazgul!” a mulher disse.

Jazgul? Maomao não sabia o que a palavra significava. A menina, porém, correu até a mulher.

“*Meu Deus! Onde você foi?*”, a mulher perguntou em Shaohnese. Aparentemente, Jazgul era o nome da garota. Parecia muito mais difícil de pronunciar do que um nome como Aylin, embora ambos fossem da mesma língua.

“Então esse é a guardiã dela? Talvez a mãe dela ou algo assim?” Maomao disse.

“Parece um palpite seguro... Mesmo que elas não sejam muito parecidas”, disse En’en. Todas as três se sentiram exaustas. Foi para isso que serviu todo aquele estresse?

Jazgul estava comunicando algo à mulher, apontando para Maomao e as outras.

“Talvez tenha sido você quem trouxe Jazgul em segurança aqui?”, a mulher perguntou a elas. Ela tinha sotaque, mas era perfeitamente compreensível.

“Ela estava perto do canal ali. Ela parecia querer lanches”, disse Yao.

“Ah. Então foi isso que aconteceu.” Resumindo, a companheira de Jazgul esteve aqui, mas elas se separaram e a garota não sabia qual loja era qual. Irônico que estivesse tão perto. **"Eu devo pedir desculpas. Essa criança foi inflexível em ir para lá."**

Enquanto a mulher conversava, o lojista vasculhava as prateleiras em busca do que ela havia pedido.

“Oh, eu conheço este lugar”, disse En’en quando viu o logotipo em um papel de embrulho. O papel não era de muito boa qualidade, mas era bom o suficiente para o seu propósito.

"Qual é a história?" Maomao disse.

"Nada realmente. Acabei de perceber que este lugar tem relações com a mansão.” Presumivelmente significando a casa de Yao.

"Aqui estamos. Isso é tudo que temos em estoque no momento. Está tudo bem?", disse o lojista.

“Hmm?!” Yao exclamou ao ver o que ele segurava: um feixe de sapos, esticado, seco e embalado como um pequeno buquê. Talvez a menina tenha visto as crianças pescando lagostins e tenha ficado entusiasmada, pensando que estavam atrás de sapos. Daí sua decepção.

Mas existem tantos tipos diferentes de sapos, pensou Maomao. Se eles estivessem sendo usados para o lanche de alguma pessoa chique, não seriam como um sapo que você poderia pegar na rua. *Sapos...* A palavra provocava algo que estava em um canto da memória de Maomao, uma coisa de tamanho decente que se poderia chamar de sapo. Ela balançou a cabeça. Foi um choque tão grande que às vezes ainda lhe vinha à mente espontaneamente.

“P-Para que serve isso?” Yao perguntou.

Provavelmente um lanche gostoso e fresco de verão, pensou Maomao. A gordura dos órgãos reprodutores de certas rãs fêmeas que viviam no campo era pegajosa e deliciosa — como Yao deveria saber muito bem. *Acho que é melhor ela ficar sem saber.*

E aí está.

“Então os estrangeiros realmente comem cobras e sapos”, Yao sussurrou para En’en.

“Sim, é o que parece”, respondeu En’en, inocente como uma pomba.

No entanto, para Maomao, havia um problema com o que os “forasteiros” estavam a comprar naquele momento. **“Hum...”,** ela começou. Os sapos eram uma coisa, mas também haviam comprado o estoque de romãs (cristalizadas com açúcar cristal) e figos secos da loja. **“Será possível pedirmos que você deixe apenas alguns figos para nós?”** Esse era um dos itens da lista deles.

“Ah, sinto muito. Quantos você precisa?", a mulher disse. Maomao mencionou uma quantidade e a mulher concordou de bom grado.

“Os figos estão na temporada agora. Podemos pegá-los para você sempre que quiser. Romãs... Bom, talvez ainda seja um pouco cedo”, disse o lojista.

“Muito obrigada”, disse a mulher. Jazgul também inclinou a cabeça educadamente.

Maomao semicerrou os olhos para ver as compras da mulher. Gostaria de poder perguntar sobre elas. Mas ela não o fez, tanto porque seria enfiar o nariz onde poderia

não ser bem-vinda, quanto porque ela não tinha certeza se elas compartilhavam linguagem suficiente para tornar a conversa possível.

A mulher empacotou seus itens e ficou na frente de Maomao e das outras. **“Por favor, aceite esta pequena lembrança”,** disse ela, e estendeu pedaços de pano branco, um para cada uma delas. **“Por cuidar tanto de Jazgul.”**

Então as clientes estrangeiras saíram da loja. Maomao tocou o tecido e exclamou: **“Com licença!”**

Antes que ela pudesse perseguir a mulher, porém, o lojista disse: **“Seus itens estão prontos”.** Quando recolheram as compras e saíram da loja, as duas estrangeiras não estavam mais à vista.

“Por que você está tão nervosa?” Yao perguntou.

“Esse pano”, disse Maomao, balançando-o suavemente. Parecia simples e branco, mas os cantos eram trabalhados com elaborados bordados de grama e árvores. **“É legal ao toque. Eu diria que é seda.”**

"É sim. E quanto a isso?” Fácil para a garota do colo do luxo dizer.

Maomao abriu as mãos e balançou a cabeça num gesto de exasperação. **“Senhora Yao. Um pedaço de seda é uma recompensa muito generosa por algo tão simples como ajudar uma criança perdida. Pelo menos para nós, pessoas comuns.”**

“S-Sim, claro! Eu sabia."

Tudo bem, Yao era muito fofa. En'en estava fazendo um sinal de positivo para Maomao de onde Yao não conseguia ver.

Assim, essas estrangeiras poderiam comprar o estoque de uma loja e distribuir seda como se fossem doces. *Estamos lidando com algumas pessoas ricas aqui*. Maomao suspirou, pensando que talvez ela devesse ter bajulado elas um pouco mais.

Naquele momento, uma campainha tocou sinalizando a hora.

“É-é a hora!” todas as três exclamaram. Já fazia muito tempo que elas deveriam estar de volta. Elas acabaram correndo o mais rápido que puderam... de novo.

Capítulo 13: Dama de companhia do irmão mais novo de Sua Majestade

Durante dias após a expedição às compras, Maomao viu-se fazendo a mesma coisa todos os dias: lavar e desinfetar bandagens. As assistentes médicas estavam todas ficando cansadas disso quando uma mensagem chegou. Especificamente, uma mensagem para En'en.

"Só para mim?", ela perguntou.

"Eu me pergunto o que poderia ser", disse Yao, muito intrigada, dando uma olhada. Dos três, ela era a mais desenvolvida, mas seu comportamento, incluindo seus acessos de curiosidade descarada, refletia mais sua idade do que sua aparência.

"Parece que há um aviso de uma nova missão", disse En'en. Quando viram o que dizia, as três franziram a testa.

Elas olharam para o médico que trouxera o aviso. **"Bem, todas vocês viram. En'en terá outro trabalho para fazer por um tempo."**

En'en franziu a testa com mais força. **"Sinto muito, senhor, mas devo dizer que odeio me separar de Lady Yao."**

"Essa tarefa vem de alguém a quem você não diz não", respondeu o médico. Seu tom ainda era amigável, mas claramente não havia espaço para discussão.

O que estava escrito neste aviso perturbador?

"Então... ela foi ordenada a servir o estimado irmão mais novo do imperador? Pelo menos por enquanto?" Yao disse, pegando o papel e lendo novamente. Então ela seria babá de Jinshi.

"Posso perguntar uma coisa, senhor? Por que eu? Se se trata de nossos exames, Lady Yao obteve notas melhores do que eu."

Sim, porque você errou deliberadamente, pensou Maomao, mas ela foi decente o suficiente para resistir ao impulso de dizer isso em voz alta.

"E dificilmente acho que minha origem familiar me torne adequado para este serviço", continuou En'en. Yao vinha de boa linhagem, mas En'en era uma plebeia. Normalmente, seria de se esperar que as damas de companhia da família real viessem de famílias meio

respeitáveis. Maomao, porém, achava que tinha uma ideia do motivo pelo qual En'en havia sido escolhida.

“Na verdade, acho que ele está evitando mulheres cujo status é muito elevado”, disse o médico, parecendo um tanto satisfeito em saber disso. **“Escolha alguém de status elevado e há todas as chances de ela estar tentando torná-lo seu marido.”**

Jinshi tinha vinte anos, um ano mais velho que Maomao, e parecia ainda mais velho. Certamente uma idade razoável para encontrar uma esposa ou consorte. Na verdade, estava começando a parecer estranho que ele não tivesse feito isso.

“Com aquela cara dele, a pessoa errada poderia tornar sua vida um pesadelo”, disse o médico.

Como Maomao suspeitava então. En’en podia ser distorcida à sua maneira, mas era incondicionalmente devotada à sua amante. Ela não faria nada ultrajante com Jinshi. Na verdade, ela era tão dedicada a Yao que estava escrito claramente em seu rosto que ela não tinha interesse em assumir esse cargo. Que rude da parte dela.

“Dizem que Maomao estava concorrendo...” O médico olhou para fora, onde uma aberração com um monóculo estava encostada na janela. Evidentemente ele estava de volta do hiato. Todos pareciam estar acostumados com ele agora. **“Mas um indivíduo de alto escalão insistiu que ela não era adequada para o cargo, então ela foi retirada de consideração.”**

No momento em que a aberração estava olhando com mais intensidade, dois de seus subordinados surgiram por trás e o afastaram da janela, arrastando-o para longe. Maomao desejou que ele não voltasse, mas ela sabia que não deveria esperar mais do que alguns minutos de descanso.

“Eles querem você lá amanhã. Eu sei que é repentino”, disse o médico.

En'en não respondeu. Até o rosto dela permaneceu impassível, mas de alguma forma ela ainda conseguiu emitir uma aura de absoluto desgosto com a ideia. Ela olhou para Yao, procurando ajuda, mas Yao simplesmente disse: **“Se for uma questão de antecedentes familiares, não há muito que possamos dizer”.** Maomao pensou que ela poderia estar com ciúmes, mas estava surpreendentemente disposta a mudar de ideia quando confrontada com essa lógica. Talvez fosse porque ela sabia o quão boa En’en era no seu trabalho. **“Eles poderiam mandar você para qualquer lugar, En’en. Espero que tudo corra muito bem”,** disse ela e lançou um sorriso brilhante para a outra mulher. Maomao pensou brevemente que essa poderia ser sua pequena maneira de reconquistar En'en por conduzi-la pelo nariz o tempo todo, mas não parecia ser assim. Yao estava

realmente dando sua bênção a essa transferência de pessoal, completamente alheia a como En'en se sentia ou ao que ela esperava. Classicamente ingênua Yao era.

En'en fez uma careta novamente. Se sua senhora tivesse intercedido naquele momento, isso poderia tê-la salvado, mas Yao simplesmente lhe dera o velho até logo, boa sorte. O que mais En'en poderia fazer?

“Boa sorte, então”, disse o médico, dando um tapinha no ombro dela. En'en deu-lhe um aceno desanimada.

○●○

“É muito mais movimentado por aqui com um par de mãos a menos”, disse Yao enquanto organizava os remédios em algumas gavetas. Ela já estava conversando mais com Maomao, e o ritmo realmente acelerou agora que En'en se foi.

“Definitivamente”, disse Maomao. **“En'en trabalhou duro.”** Ela estava examinando os remédios e os separando em pilhas. De vez em quando elas conseguiam algo incomum, mas hoje tudo era apenas para completar o estoque de drogas comuns.

“Espero que ela esteja bem... gostaria de pensar que ela não seria rude com o irmão mais novo de Sua Majestade.”

“Tenho certeza que ela está bem.”

"Sim você está certo. É de En’en que estamos falando. Tenho certeza que está tudo bem.”

O que eu quis dizer foi que ele não executará ela por ser um pouco rude com ele... Maomao estava pensando menos em En'en e mais na personalidade de Jinshi. Ele nunca estava muito ansioso para punir as pessoas. Houve momentos em que suas mãos estavam amarradas e ele tinha que fazer isso, mas Maomao duvidava seriamente que En’en fizesse algo terrível o suficiente para se colocar nessa posição. Contanto que ela não tente matá-lo ativamente.

Enquanto isso, Maomao continuaria fazendo seu trabalho normalmente.

○●○

O escritório de Jinshi estava mais lotado do que o normal. Ele segurava sua papelada com uma das mãos enquanto olhava para os funcionários civis, soldados e damas da corte que lhe eram apresentados. Normalmente, alguém da posição de Jinshi não teria se incomodado em conhecer cada nova pessoa que recebesse um emprego. Foi ideia dele garantir que ele visse cada um deles.

“Estaremos bastante ocupados, mas tenho certeza de que vocês trabalharão duro”, disse ele e sorriu. Ele não pretendia semear boa vontade, nem mesmo fazer com que seus subordinados se sentissem à vontade.

Nenhuma outra pessoa estava sorrindo. Sorrir para alguém pode deixar uma boa impressão na outra pessoa – mas para Jinshi, também pode ser um prenúncio de desastre. Em seu primeiro dia como “eunuco” no palácio interno, um dos outros eunucos o cumprimentou com um sorriso. Gaoshun desviou o olhar por um instante e Jinshi se viu arrastado para o mato. Os homens por ali poderiam estar sem o seu bem mais importante, mas isso não era suficiente para roubar-lhes completamente o desejo sexual. O homem queria fazer de Jinshi seu brinquedo. Jinshi não tinha certeza de como tudo começou, mas estava claro que ele estava em perigo.

"Engraçado. Nunca cheguei a ponto de poder olhar para trás e rir”, ele murmurou para si mesmo. Ele deu um soco no eunuco e fugiu, mas aprendeu que tais relacionamentos não eram incomuns entre os homens do palácio interno, que se referiam a seus amantes como “cunhados”. Ele não queria pensar sobre isso. Infelizmente para todos os envolvidos, Jinshi não tinha interesse nessas coisas.

“Acontece alguma coisa, Mestre Jinshi?”, perguntou Basen, que finalmente se recuperou dos ferimentos. Pelo que Jinshi ouviu, ele continuou seu treinamento militar diário inabalável, apesar de seu corpo estar em frangalhos. Gaoshun parecia não acreditar na durabilidade de seu próprio filho.

“Não é nada”, disse Jinshi. Todo o novo pessoal parecia estar seguro. Ele ficou um tanto nervoso quando soube que simplesmente precisavam contratar uma jovem dama de companhia, mas até agora tudo parecia bem. E agora Suiren pararia de repreendê-lo toda vez que ele estivesse em seu quarto.

Ele não poderia ser muito cauteloso, especialmente à luz da recente tentativa de envenenamento. Ele tinha que ficar de olho nas coisas. O próprio Jinshi esperava trazer a bordo uma certa conhecida de longa data, mas em vez disso acabou com uma das colegas dessa conhecida. Quer dizer, uma das damas da corte do consultório médico.

Como o cargo era novo, o teste tornou-se particularmente difícil e, uma a uma, as mulheres sem aptidão para a medicina foram eliminadas. Isso lhe assegurou que pelo menos essa jovem sabia o que estava fazendo.

Todos teriam muito o que fazer em breve, com a apresentação do príncipe chegando. Jinshi precisava voltar ao trabalho sozinho, então disse-lhes para irem embora.

Assim que a multidão se foi, Jinshi soltou um suspiro. Apenas Basen estava na sala com ele, e ele deixaria o gesto passar.

“Gostaria que eu preparasse uma bebida para você, Mestre Jinshi?”

“Não, eu não preciso de nada. E você? Você está se sentindo melhor?"

“Peço desculpas sinceramente, senhor, mas minhas corridas matinais ainda duram apenas 2 quilômetros. Eu as farei voltar ao normal em pouco tempo.” Isso pareceu mais que suficiente para Jinshi. Ele ficou maravilhado com as capacidades físicas de Basen.

O trabalho de Basen se acumulou durante sua ausência e agora ele estava tentando se atualizar. Ele não tinha talento para papelada, mas estava fazendo o melhor que podia, o que agradou Jinshi.

“Mestre Jinshi”, disse Basen, segurando um pedaço de papel. **“O que você deseja fazer com a donzela do santuário Shaoh que mora na vila?”**

A política pode ser um tipo muito especial de dor de cabeça. Coisas que poderiam ter sido facilmente comunicadas oralmente tiveram que ser anunciadas em memorandos minuciosamente detalhados. A donzela do santuário havia chegado à vila dias atrás e agora os papéis sobre o assunto estavam chegando? Quanto à donzela do santuário, Jinshi foi dar suas saudações formais, mas isso foi tudo. Ele tinha a impressão de que outra pessoa estava lidando com o assunto, então imagine sua surpresa quando o assunto caiu em seu colo.

“O problema é meu agora, não é?” Ele olhou para a montanha de papelada e suspirou novamente. O que mais havia para fazer? Assuntos relacionados ao palácio interno ainda estavam chegando a ele, e parecia que cabia a ele (assim ele sentia) preencher o buraco deixado pela ausência do Clã Shi. **“Você acha que todos eles me odeiam?”,** ele perguntou.

"Não senhor. Na verdade, eu deveria pensar que eles adoram você.”

"Eu gostaria que você não dissesse isso com uma cara tão séria."

"Não? Acho que todos vieram aqui com um desejo genuíno de conhecê-lo, senhor.”

A pior parte é que não havia nenhum sinal de malícia na voz de Basen.

A razão pela qual as damas da corte não eram permitidas em seu escritório era que muitas delas “deixavam cair” seus papéis apenas para ter uma desculpa para prolongar seu tempo lá. Na verdade, algum burocrata masculino ocasional tentava a mesma coisa,

de modo que, hoje em dia, qualquer pessoa que deixasse seus papéis no escritório de Jinshi era impedida de entrar. Na verdade, Jinshi não considerou isso uma marca negra para os perpetradores, mas para quem estava de fora era impossível não pensar que havia algo estranho acontecendo ali. Algumas pessoas tiveram a ideia de que o escritório de Jinshi era um lugar onde o menor deslize seria severamente punido.

Apesar de tudo isso, a quantidade de papelada nunca pareceu diminuir.

“De qualquer forma, a donzela do santuário Shaoh. Sim. Os médicos ainda não foram vê-la, não é?” Jinshi perguntou.

"Não, senhor. O plano é que o médico Kan e as novas assistentes médicas sejam os únicos a examiná-la.”

Aquela mulher era uma dignitária estrangeira, uma sacerdotisa. Eles não poderiam submetê-la alegremente a exames por homens, mesmo que ela estivesse aqui para tratamento médico. Eles enviariam o eunuco Kan Luomen – pai de Maomao, tio de Lakan. As damas da corte seriam as que fariam o exame propriamente dito, com Luomen fazendo o diagnóstico com base no que lhe contaram. Na melhor das hipóteses, um método indireto.

Rotatório, mas necessária. Foi o que a delegação Shaohnese pediu. Jinshi acabara de se apropriar de uma das assistentes médicas, deixando apenas duas delas, mas pelo menos Maomao estaria lá. Ele esperava que ela e Luomen trabalhassem bem juntos.

"Tudo bem. Descubra os horários de todos e avise o consultório médico para marcar um exame. Idealmente, um que acomode as necessidades e disponibilidade da sacerdotisa tanto quanto possível.”

"Sim, senhor." Basen rapidamente anotou as ordens e as passou para um mensageiro que esperava do lado de fora do escritório.

"Mais alguma coisa?" Jinshi perguntou. Ele queria tirar os assuntos mais importantes do caminho primeiro. Os incômodos aborrecimentos que pareciam voltar para assombrá-lo podiam esperar.

“Nada para falar, senhor. Oh! Exceto..."

"Sim?"

Basen parecia desconfortável. **“Já recebemos um pedido de transferência.”** Ele entregou o pedido por escrito, que Jinshi aceitou e estudou. Foi escrito com uma caligrafia muito

talentosa. Deve ter vindo de uma das pessoas que ele conheceu antes. **“Uma senhora da corte chamada En’en pede para ser transferida de volta para o consultório médico.”**

“Ela era uma das assistentes médicas?”

Pássaros da mesma pena, como diziam. Um trabalho um tanto incomum pode atrair pessoas um tanto incomuns. Jinshi não estava ansioso para ter muitas jovens damas de companhia ao seu redor, então, depois que as outras mulheres aprenderam o básico, ele pensou que seria claramente possível que elas pudessem se dar bem com uma pessoa a menos. Se esta En’en pudesse simplesmente aguentar até então, ela poderia muito bem realizar seu desejo.

“Com base em que contratamos En’en?”, ele perguntou.

“Ela é diligente em todos os aspectos de seu trabalho e excelente em apoiar as pessoas ao seu redor. Ela também é dama de companhia desde os dez anos de idade, então já sabe o que está fazendo nesse sentido. Ela aprende rápido, mas não demonstra nenhum desejo de progredir no mundo – o que suponho ser uma força e uma fraqueza.”

“Sim, isso parece promissor.”

“Ela também... Bem, isso não é exatamente sobre suas capacidades...” Basen parecia estranho; ele não conseguia olhar diretamente para o papel.

"Sim? Fale logo."

"Senhor. Há uma nota adicional aqui. Não é que ela se sinta desconfortável perto dos homens ou até mesmo

não goste deles...” Ele hesitou brevemente antes de dizer: **“Mas ela demonstrou uma certa preferência por mulheres.”**

Preferência para mulheres! O que significa que ela estava romanticamente interessada em outras mulheres, apesar de ela mesma ser mulher.

"Ela fica!" Jinshi exclamou, descartando o pedido de transferência.

“M-Mestre Jinshi!”

“Ela é a escolha perfeita. Não vou deixar essa escapar!”

Ele estava sorrindo amplamente quando eles voltaram ao trabalho.

Capítulo 14: Encontrando a Donzela do Santuário

Perto da vila de Ah-Duo, perto do tribunal, havia outro edifício semelhante, cujo objetivo principal era abrigar visitantes estrangeiros. No momento, a donzela do santuário de Shaoh e sua comitiva estavam lá. Foi lá que Maomao, Yao, Luomen e vários guarda-costas foram realizar o exame. Maomao reconheceu os guardas – eram eunucos que ela conhecia do palácio interno. Com a presença da donzela do santuário, a vila era, em certo nível, um lugar onde os homens não eram permitidos, daí as escoltas castradas.

“Que lugar estranho”, comentou Yao. Embora estivesse perto da quadra, ficava na direção oposta do dormitório de Yao e Maomao, então elas nunca tiveram a chance de dar uma boa olhada nele. Maomao olhou para ele algumas vezes quando estava indo para a vila de Ah-Duo, mas só agora percebeu que Yao estava certa. Parecia estranho.

Talvez o estilo pudesse ser caracterizado como estrangeiro. A arquitetura não parecia tanto Shaohnese, mas parecia vir de algum lugar mais a oeste. Maomao nunca tinha visto um prédio assim, mas havia imagens de um em um livro que ela havia emprestado há muito tempo. A construção utilizava madeira e ocasionalmente tijolo, e os topos dos caixilhos das janelas tinham o formato de luas crescentes. O uso do vidro em alguns locais apenas enfatizou o luxo do local. O jardim continha arcos de rosas que deviam ser magníficos quando as flores desabrochavam.

Os uniformes das criadas eram igualmente impressionantes, embora todas as criadas tivessem olhos e cabelos escuros que sugeriam que eram pessoas de Li. *Acho que você não pode contratar estrangeiras para atender um dignitário estrangeira.* Se uma delas

fosse uma agente secreta, a culpa seria sua. Maomao tinha certeza de que até mesmo a senhora de meia-idade coberta de lama que cuidava do jardim havia sido examinada minuciosamente.

Eles entraram no prédio e foram recebidos por uma mulher cuja aparência gritava estrangeira. Ela era alta, com cabelos castanhos claros, enquanto seus olhos eram de cor oliva, abrangendo a linha entre o verde claro e o verde amarelado.

"Estávamos esperando por vocês", disse ela com o tom Shaohnês único. **"Por favor, entre."**

Ela os conduziu para dentro, onde descobriram que o interior do prédio era muito mais elaborado que o exterior. Havia lajes sob seus pés, enquanto muitos dos pilares de pedra ao redor do edifício eram decorados com esculturas. Várias peças de exibição estavam aqui e ali. Pareciam importados; se um plebeu derrubasse um, eles poderiam trabalhar a vida inteira e nunca pagar de volta, suspeitava Maomao.

À medida que se aprofundavam cada vez mais no prédio, ficava cada vez mais escuro. As cortinas foram fechadas nas janelas, bloqueando a luz externa.

Certo. Ela é albina... Ou seja, alguém com cabelos brancos, pele clara e olhos vermelhos. Dizia-se que alguns tinham olhos azuis ou algumas mechas douradas no cabelo, mas todos eram sensíveis à luz solar. O pai de Maomao dissera-lhe que os albinos não tinham a substância que normalmente dava a cor da pele às pessoas, por isso o sol era mais forte para eles do que para a maioria das pessoas. Para compensar as janelas bloqueadas, havia velas espalhadas pelo chão em intervalos regulares, acesas mesmo ali no meio do dia.

"Por aqui, por favor", disse a mulher. **"Peço desculpas sinceramente, mas devemos pedir aos homens que esperem aqui."**

"Nós entendemos, é claro", disse Luomen, e ele e os guardas pararam na entrada.

Maomao e Yao entraram na sala. Estava escuro e cheio de cheiro de incenso. Uma luz laranja brilhou, revelando uma silhueta em uma cama com dossel.

"Eu as trouxe, senhora."

Uma mulher que parecia ser uma assistente estava ao lado da cama. Ela tinha pele escura e parecia familiar. Maomao estava inclinando a cabeça, tentando descobrir quem era, quando Yao exclamou: **"Oh!"**

Maomao deu-lhe uma cutucada, mas no mesmo momento ela percebeu por que a mulher parecia tão familiar. Foi ela quem esteve com a jovem Jazgul outro dia. O pano bordado que ela lhes deu como agradecimento levou Maomao a presumir que ela era uma mulher rica – mas ela nunca teria imaginado que era a assistente da donzela do santuário.

Então a donzela do santuário também come sapos, hein? Ela tinha certeza de que a donzela do santuário evitava carne e peixe, alegando que não era suposto tirar uma vida. Quando soube que a mulher estava doente, Maomao imaginou que poderia ser devido à desnutrição por não comer carne, mas ela parecia estar errada sobre isso.

A mulher bronzeada pareceu se lembrar delas também, pois pareceu assustada – mas apenas por um momento. Ela logo se recompôs, seu rosto impassível mais uma vez. Maomao e Yao estavam ali a negócios. Nenhuma delas poderia reservar tempo para reminiscências pessoais enquanto estivessem em serviço oficial.

"Se você quiser", disse a assistente, com seu sotaque forte. Ela abriu a cortina, revelando uma linda mulher que era de fato albina. Ela parecia jovem para alguém que deveria estar na casa dos quarenta. Maomao achou que ela parecia bastante alta, embora fosse difícil dizer quando ela estava deitada. Ela também tinha uma leve barriga, embora suas mãos fossem longas o suficiente para que ela não parecesse gorda.

Se ela fosse um pouco mais jovem e um pouco mais magra... Maomao pensou. Bem, então ela seria exatamente igual à mulher estrangeira que o pintor havia visto. E então havia... Sim, elas se parecem.

Significava a donzela do santuário e a Dama Branca.

Maomao também teve sua missão secreta, que lhe foi confiada por Lahan. *Ele quer saber se essa "donzela do santuário" realmente tem as qualificações para ser uma donzela do santuário, ou se...*

Ou se as suas "qualificações" já não existiam há muito tempo, quando ela deu à luz a Dama Branca.

Terei que ver se há algum sinal de que ela deu à luz. A maneira mais rápida seria simplesmente espiar entre as pernas dela, mas isso estava fora de cogitação. Era rude. Há outra maneira, no entanto. Durante a gravidez, a barriga expande-se rapidamente ao longo de nove meses. Ficava tão grande que quase poderia estourar, apenas para murchar assim que a criança nascesse. Isso resultava em estrias, que ocorriam porque a pele nem sempre conseguia crescer rápido o suficiente para acompanhar a rápida expansão da barriga durante a gravidez, causando sua ruptura física.

A imperatriz Gyokuyou e a consorte Lihua conseguiram evitá-las...

Normalmente, o nascimento resultava em estrias. Não era uma garantia, mas era uma prova que Maomao poderia usar. *Espero que ela pelo menos me deixe olhar sua barriga.*

Maomao fez uma reverência e se aproximou da cama. Ela e Yao já haviam discutido suas respectivas responsabilidades. Maomao faria o exame propriamente dito enquanto Yao tomava notas. Yao queria fazer o exame sozinha, mas um dos médicos disse que Maomao media pulsos mais precisos e Yao teve que concordar. Mesmo que ela odiasse saber que não estava tão bem quanto Maomao.

Maomao estava começando a entender os muitos motivos pelos quais En'en achava Yao tão adorável. Ela era quase insuportavelmente sincera e aberta, e quando alguém discordava dela ela podia ser desagradável e inspiradora. Assim como ela aceitou a escolha de En'en por Jinshi como uma de suas damas de companhia, ela foi boa o suficiente para admitir que Maomao a superava em habilidades médicas.

Elas já tinham visto um relatório escrito detalhando a natureza da queixa da sacerdotisa e quais tratamentos haviam sido tentados anteriormente. Maomao e seu pai discutiram o assunto juntos e chegaram a uma série de diagnósticos possíveis.

"Gostaria de começar medindo seu pulso, senhora, se me permite?" Maomao disse, falando lenta e distintamente.

"Por favor, faça isso", disse a sacerdotisa, estendendo a mão. Maomao achou macio ao toque. A pele pálida tornava fácil ver onde estavam as veias. Ela colocou três dedos no pulso da donzela. Ela podia sentir as batidas do coração da mulher nas pontas dos dedos, *ba-bum*, *ba-bum*, *ba-bum*, e mediu quantas batidas ocorreram em um determinado período de tempo. Ela gesticulou para Yao, usando os dedos para comunicar o número, que Yao escreveu com um gravador portátil para escrita.

"Você está nervosa? Seu pulso está um pouco rápido", disse Maomao.

A pergunta deve ter escapado à donzela do santuário, pois ela lançou a Maomao um olhar interrogativo. A mulher ao lado delas disse algumas palavras em Shaohnese, após o que a donzela do santuário sorriu e disse: **"Sim, um pouco".**

De qualquer forma, o número não era anormal, então Maomao não viu motivo para alarme. Ela disse: **"Posso tocar seu rosto, senhora? Eu gostaria de examinar seus olhos e sua língua."**

"**Por favor, vá em frente.**"

Maomao colocou as mãos nas bochechas da donzela do santuário. Ela tinha rugas de expressão, mas fora isso sua pele era firme e bonita. Maomao puxou a pele sob os olhos da mulher para que ela pudesse ver melhor o globo ocular. Então ela a fez abrir a boca e mostrar a língua.

De certa forma, tivemos sorte, pensou Maomao. Ela estava pensando no encontro delas com a garota Jazgul outro dia. *Romãs e hasma...*

Os itens que a assistente comprou naquele dia eram de natureza medicinal. No entanto, o relatório que lhes foi dado não dizia nada sobre isso – implicando que o medicamento era simplesmente parte da dieta regular da sacerdotisa. Maomao olhou para a mulher parada ao lado da cama. Toda a sua surpresa desapareceu; agora, ela parecia como se nada estivesse fora do comum.

Talvez ela não estivesse fazendo remédio. Talvez tenha sido uma coincidência completa.

Tomar muito remédio pode ter um efeito deletério no corpo. **"Perdoe-me, mas posso incomodá-la a escrever em detalhes as comidas favoritas da sacerdotisa?"** Maomao disse.

"Muito bem", disse a assistente. Ela fez algumas anotações rápidas, mas infelizmente estavam em Shaohnese. Maomao não conhecia todas as palavras. Ela teria que traduzi-las mais tarde e então considerá-las. De qualquer forma, seria o pai dela quem daria o diagnóstico final; ela esperava que ele pudesse ler a lista melhor do que ela.

"Você poderia fazer a gentileza de remover sua roupa?"

"Certamente", disse a sacerdotisa e começou a tirar a roupa. Sabendo que o exame estava chegando, ela comprou uma roupa de dormir que fechava na frente. Maomao agora podia ver claramente seus seios e umbigo.

"Posso realizar um exame físico?" Maomao perguntou.

"Vá em frente."

Maomao começou a bater no corpo da sacerdotisa, ouvindo diferenças sutis no som. Enquanto isso, ela olhou para a barriga da mulher. Sem estrias. A barriga da donzela do santuário teria tornado as estrias menos prováveis – mas havia também a possibilidade de que toda a sua hipótese estivesse errada. Que ela nunca teve um filho. O que faria Maomao pensar isso? Seus seios são pequenos para a quantidade de carne em seus ossos.

Quando a menarca não chegava, uma pessoa poderia acabar sendo metade yin e metade yang, nem exatamente um homem, nem exatamente uma mulher. Isso poderia explicar o tamanho do seu peito, mas talvez os seus seios sempre tivessem sido pequenos. Era impossível saber com certeza se a donzela do santuário havia dado à luz ou não. Se ela estava ou não doente, dependia da chegada da sua visita mensal.

A sobrancelha de Maomao se contraiu enquanto ela conduzia o exame; era frustrante não saber exatamente com o que ela estava trabalhando. O exame não estava deixando as coisas mais claras. E ainda assim, ela sentiu uma suspeita assustadora. *Eu devo estar esquecendo alguma coisa.* Algo estava errado, mas ela não sabia o quê – e ela não havia descoberto quando o exame terminou.

Eu gostaria de ter inspecionado sua metade inferior, ela pensou, mas sabia que era pedir demais. Só de dar uma olhada no peito nu da sacerdotisa foi uma conquista para seu primeiro exame. Até mesmo alguns das consortes no palácio interno resistiram à ideia de estranhos tocá-las.

"Você pode vestir suas roupas de volta", disse Maomao. Ela sabia que nunca iria descobrir tudo numa única visita; o mundo simplesmente não funcionava assim. Continuar pressionando não a levaria a lugar nenhum. Melhor voltar e contar ao pai o que ela descobriu. **"Vou discutir as coisas com o médico com base no que vi e ouvi aqui",** disse ela.

"Entendido", disse a assistente, ajudando a donzela do santuário a vestir sua roupa. Maomao e Yao saíram da sala.

Assim que elas estavam em segurança em uma carruagem e voltando para casa, Yao exclamou: **"Meu Deus, eu estava nervosa!"** De repente, ela percebeu que havia falado em voz alta e se esforçou para parecer que não havia dito nada, mas era tarde demais. Se En'en estivesse lá, ela estaria fazendo uma *minha amante é fofa não é* quando ela deixa escapar algo na cara. Mas ela não estava lá. Em vez disso, Maomao estudou Yao de perto.

Os resultados do primeiro exame, na opinião de Maomao, só poderiam ser considerados inconclusivos. Especialmente quando ela não pôde nem consultar o pai naquele momento, mas teve que esperar até que eles saíssem da villa.

Tem que haver uma maneira melhor. A mulher tinha vindo de um país estrangeiro, fazendo uma viagem marítima inteira só para receber tratamento aqui, então Maomao presumiu que ela acreditava que os médicos em Li poderiam ajudá-la. No entanto, agora que ela estava aqui, um médico de verdade não tinha permissão nem para olhar para ela.

“Como foi?”, perguntou o pai, mas Maomao tinha a sensação de que aquele homem gentil, agradável e infinitamente afável já sabia a resposta. Por isso ela mergulhou de cabeça.

“Você acredita que a honrada donzela do santuário está realmente doente?”, ela perguntou.

"**O que você quer dizer? Ela veio de Shaoh, não foi?”** Yao disse.

“Sim, uma viagem longa e difícil. Suspeito que ela esteja doente, mas tenho dúvidas se é algo que ela precisava vir até Li para curar”, disse Maomao, tendo o cuidado de falar educadamente com o pai quando estava na presença de Yao.

“E qual você acha que é a natureza da indisposição dela?” Luomen perguntou.

Maomao consultou as anotações de Yao enquanto respondia. **“Ela relata cansaço e insônia, falta de vigor físico e ganho de peso. E outra coisa que me preocupa mais do que qualquer outra coisa.”** A donzela do santuário supostamente tinha um osso quebrado que se recusava a cicatrizar, o dedo mínimo da mão esquerda. Não era um obstáculo para sua vida diária, mas não poderia tornar as coisas mais fáceis para ela.

Maomao concluiu: **“Acho que o qi*[1] feminino dela está diminuindo, levando a esses problemas. Não é incomum à medida que as mulheres envelhecem.”** Na verdade, era uma doença bastante comum quando a *visitante* mensal parava de chegar. Com a queda do qi feminino, o corpo e a mente podem sofrer. Por um lado, os ossos frequentemente ficavam frágeis. Quarenta era um pouco tarde para a *visitante* deixar de chegar, mas dificilmente inédito. Se isso nunca tivesse acontecido, poderia tornar a donzela do santuário muito mais propensa a tais problemas.

“Entendo, entendo. Tudo bem, vamos supor que você esteja certa, Maomao. Você sabe que diferentes países têm maneiras diferentes de tratar doenças. Talvez eles realmente acreditassem que não poderiam ajudar a donzela do santuário em Shaoh e a enviaram para Li. Você tem alguma evidência de que é o contrário?”

"**Eu tenho.**" Maomao apresentou a folha de papel detalhando a dieta da sacerdotisa. **“Ela não recebeu nenhum remédio específico para aumentar seu qi feminino – mas ela não precisaria dele. A comida que ela está comendo teria sido mais que suficiente para compensar.”**

“Você quer dizer todas aquelas coisas que a mulher estava comprando na loja?” Yao disse, entendendo. A assistente havia feito um número substancial de compras, incluindo muitas coisas que poderiam tratar problemas de saúde das mulheres. A

donzela do santuário sabia perfeitamente como tratar sua própria condição, mas ela percorreu todo o caminho até Li. Tinha que haver política envolvida.

"**Posso entender que vocês duas concordam com isso?**" Luomen perguntou a Yao.

"Não tenho tanto conhecimento médico quanto Maomao, mas também vi a honrada assistente da donzela do santuário comprando muitos remédios outro dia, então não tenho objeções." Ela parecia um tanto magoada por ter que admitir sua própria ignorância em assuntos médicos. Ela estava disposta a ser honesta sobre isso, porém, tinha um charme próprio. Maomao estava virtualmente se tornando uma segunda En'en.

Então ela sabe que foi remédio. Isso significava que ela também sabia que seus lanches hasma eram medicinais? Talvez um dia Maomao perguntasse.

Enquanto isso, Luomen parecia preocupado. Isso era típico dele; neste momento, porém, ele parecia um pouco mais perturbado do que o normal. **"Eu simplesmente lembraria vocês de uma coisa."**

"**Sim, senhor?**" Maomao e Yao disseram cada uma.

"Quando fazemos nosso trabalho, a vida das pessoas está em jogo." Claro, ambas sabiam disso. **"Não importa como tratamos a donzela do santuário, não devemos arriscar a vida e a integridade física ao fazê-lo."**

"**Sim, senhor. Eu deveria ter pensado que isso era óbvio...**" Yao disse, perplexa.

"Sob nenhuma circunstância a sacerdotisa ou seu povo poderão ouvir o que acabamos de falar. Precisamos apenas encontrar e administrar o tratamento apropriado."

Mesmo que fosse o que essas pessoas já estavam fazendo.

Yao não parece feliz com isso. Compreensivelmente. Ela devia estar se perguntando por que eles fariam a mesma coisa que a assistente da sacerdotisa já estava fazendo. Isso não seria o mesmo que admitir que eram incompetentes? Mas saber quando bancar o bobo também é uma habilidade importante.

Seu pai havia dito que eles não deveriam arriscar "a vida e a integridade física", mas ela suspeitava que ele não estava se referindo tanto à donzela do santuário quanto à sua própria. Com o odor desagradável da política flutuando por aí, dizer a verdade inadvertidamente poderia de fato colocar suas vidas em perigo. Talvez um conceito difícil para uma jovem que ainda não se desiludiu de sua inocência em relação ao mundo.

Se En'en estivesse aqui, tenho certeza que ela poderia encontrar uma boa maneira de comunicar isso a Yao... Infelizmente, En'en estava ausente em missão.

“Diga, estamos quase lá”, disse Maomao a Yao, numa tentativa de mudar de assunto. Ir da vila até o tribunal demorava ainda mais do que chegar ao consultório médico depois de chegarem, então poderia ser uma viagem cansativa. **“Quando chegarmos ao escritório, que tal procurarmos algum remédio? Algo que você só encontra em nosso país. Se ajudar um pouco, deve resolver.”**

“Certo... Claro”, disse Yao. Ela era inteligente o suficiente para saber que fazer barulho naquele momento não ganharia nada. Para alívio de Maomao, ela tomou uma atitude madura e manteve a calma.

Assim que voltaram ao escritório, Luomen foi imediatamente colocar os papéis em ordem e fazer o relatório. Com sua permissão, Maomao e Yao foram até a sala onde ficavam os remédios e começaram a procurar algo que pudesse ajudar. Decidiram verificar tudo, embora soubessem que alguns medicamentos não funcionariam devido à constituição da sacerdotisa, enquanto outros já haviam sido experimentados.

Elas retiraram os remédios um por um, Maomao trabalhando de memória enquanto Yao consultava um livro. Embora tivessem permissão para estar lá, elas monopolizaram o depósito de remédios. Por fim, um dos médicos enfiou a cabeça e disse: **“O que está acontecendo aqui? Há remédios em todos os lugares! O que vocês estão procurando, caramba!”**

Era um velho conhecido de Luomen, um dos médicos que veio consultar sobre a situação da virgindade da consorte Lishu. Às vezes, ele fazia uma visita amigável ao consultório médico.

“Há algo de errado? Alguma dessas combinações preocupa você?” Maomao perguntou, olhando para ele.

“Er, não, eu só pensei... Por um segundo eu tive medo... que eles estivessem me mandando de volta para lá.”

"Onde?"

"Você sabe, aí." O homem apontou para a zona norte do tribunal. **“O palácio interno!”**

“O que faria você pensar isso? Admito que todos estes são tratamentos para problemas de saúde das mulheres, mas isto não tem nada a ver com o palácio interno.” Maomao deixou seus olhos vagarem pelos remédios reunidos.

“Ah, reclamações de mulheres... Sim, entendo. Só que eu lido principalmente com homens aqui na corte. Quando vi esses ingredientes específicos apresentados, entrei em pânico.”

O homem parecia ter algum tipo de memória traumática do palácio interno. Isso lembrou a Maomao que, no passado, os médicos que não eram eunucos tinham permissão para ir e vir lá. **“Isso mesmo, você era médico no palácio interno há algum tempo, não era? Eu ouvi”**, disse Maomao. **“Aconteceu alguma coisa lá?”**

"**Praticamente nada. Apenas uma lembrança ruim. Você pega isso, e isso, e alguns desses...”** Ele começou a retirar ingredientes da coleção de Maomao e Yao. **“Misture-os e eles se tornarão um remédio especial para falsos eunucos.”**

“Remédio de falso eunuco?” Maomao e Yao perguntaram em uníssono.

“É uma questão bastante simples. Às vezes, um homem que não é eunuco precisa entrar no palácio interno, mas isso pode levar a... problemas. Eles não forçaram você a se tornar um eunuco, mas fizeram você tomar esse remédio, que suprime as funções masculinas.”

"**Ahh.**" Agora Maomao entendeu. Ela sempre se perguntou como Gaoshun entrou e saiu do palácio interno sem problemas. (Jinshi era outro assunto.) Ele provavelmente estava tomando esse remédio. **“Eu admito, parece que teria um gosto bastante desagradável.”**

"**O pior.**" O médico estava falando claramente por experiência própria. **“E pode começar a ter efeitos colaterais estranhos à medida que você se acostuma.”**

“Eu sabia que devia ter efeitos colaterais!”

“Meu Deus, é isso. Qualquer medicamento tomado em excesso pode ser prejudicial. É por isso que fiquei preocupado quando vi essas coisas.”

Estava bastante claro por que ele estava tão perturbado. Maomao queria perguntar exatamente quais eram os efeitos colaterais, mas o homem saiu da sala antes que ela pudesse pronunciar as palavras.

“Sinto que En’en saberia o que fazer nesta situação”, disse Yao.

"**Concordo. É uma espécie de forte dela.”**

“Com toda essa conversa sobre efeitos colaterais... Você acha que deveríamos escrever uma carta para ela e pedir sua opinião?”

“Acho que é uma excelente ideia. E En’en ficaria feliz em ouvir de você.” Ela provavelmente estava prestes a sofrer de abstinência por deficiência de jovem amante. Sua ausência, porém, fez com que Maomao e Yao conversassem mais, o que foi uma compensação.

Os pensamentos de Maomao voltaram para a combinação de medicamentos que deveriam usar.

[1] Qi gong: é um termo de origem chinesa que se refere ao trabalho ou exercício de cultivo da energia.

Capítulo 15: “Mãe”

Elas foram examinar a sacerdotisa várias vezes. No caminho para casa depois de uma dessas visitas, a cena fora da carruagem parecia tão animada quanto uma celebração de Ano Novo.

“Quase teria sido mais rápido andar”, disse Yao. Maomao, que sabia que o pai tinha uma perna ruim, ficou quieto.

Luomen sorriu sem jeito. **"Me desculpe. Não posso ir muito longe nesta perna, sabe.”** Yao parecia mortificada, mas era tarde demais. Ela teve sorte de ter sido Luomen. Ele aceitaria o deslize dela de bom humor; qualquer outro personagem importante poderia muito bem ter ficado ofendido.

Ainda não estava claro se os exames que estavam conduzindo tinham algum sentido, mas a pequena equipe pelo menos conseguiu ajudar de alguma forma. Infelizmente, não nas seleções medicinais de Maomao, mas sim em termos de conselhos de vida. Elas conseguiram dizer à sacerdotisa para se certificar de que ela bebia bastante água. Em Shaoh, a água era preciosa demais para ser bebida. Além disso, a sacerdotisa não podia exatamente pedir licença para usar as instalações a qualquer momento, então ela não tinha o hábito de beber água com frequência. Quando ela começou a tomar mais líquidos, felizmente relatou que estava tendo menos dores de cabeça.

Ela também estava satisfeita, mencionou de passagem, por poder fazer mais caminhadas. Como albina, ela só conseguia sair à noite em Shaoh, mas o sol era menos intenso e a chuva era mais frequente em Li. Durante os períodos de mau tempo, ela pegava um guarda-chuva.

Acho que estou feliz que ela esteja se divertindo, pensou Maomao, mas ela estava quase começando a se perguntar se a sacerdotisa teria vindo a Li para passar férias simples.

Não que a mulher não tivesse nada para preencher o seu horário, é claro. Ela recebia visitantes ocasionais. Algumas delas eram pessoas importantes, mas também havia

aqueles que simplesmente queriam trocar algumas palavras com a sacerdotisa estrangeira "pela experiência". Muito parecida com a Dama Branca antes dela, esta sacerdotisa estrangeira parecia atrair pessoas intrigadas com a cor de sua pele.

"Ela disse que alguém que a visitou hoje queria que sua sorte fosse lida", disse Maomao.

"O prognóstico certamente é algo que uma sacerdotisa às vezes faz, mas é um pedido um tanto rude. Afinal, ela é uma dignitária estrangeira", disse Luomen. Maomao concordou inteiramente. Sem falar que, pelo menos publicamente, ela estava aqui para tratamento médico. Ir até alguém nessa posição e pedir-lhe que lhe contasse a sua sorte cheirava a uma certa falta de empatia, mas, infelizmente, muitas pessoas pareciam ser assim.

"Dizem que a sorte dela é precisa, mas questiono viver a vida com base em coisas assim – deixar que previsões infundadas ditem o seu futuro", disse Maomao. Era isso que a incomodava. Não havia razão para acreditar que a leitura da sorte funcionasse. Se as previsões da donzela do santuário tivessem alguma validade, provavelmente apenas mostravam que ela tinha o dom de ler as pessoas.

"Eu sei que você prefere que as coisas sejam claras, Maomao", disse Luomen.

"Você não gosta de adivinhação?" Yao interrompeu.

"Isso não faz você se sentir engraçada?" Maomao perguntou. Ela sabia que nem tudo no mundo era preto e branco, mas na sua opinião, a maioria dos "mistérios" da vida representavam simplesmente uma limitação do próprio conhecimento ou informação. Sempre houve algo real por trás deles. **"Quero dizer, queimar cascos de tartaruga e deixar que isso lhe diga onde localizar sua capital? Método bastante duvidoso."**

"Ouso dizer que é surpreendentemente racional, na verdade", rebateu o pai. **"Usar partes da vida selvagem local pode dar uma ideia de quão bem os animais estão comendo. Em outras palavras, se a terra é abundante. Chame isso de leitura da sorte, atribua-a aos deuses ou a um imortal – se isso for necessário para fazer as pessoas acreditarem. Talvez tenha sido aí que começou o que chamamos de política."**

Entendo, pensou Maomao. Ela poderia aceitar isso. Yao também estava ouvindo atentamente.

"Há apenas um problema. Um ritual pode ter significado alguma coisa quando foi realizado pela primeira vez, mas se você esquecer por que começou ou perder o conhecimento do que significa, apenas a forma permanecerá. Isso, meninas, é perigoso." Luomen parecia triste. **"Certa vez, fui a uma aldeia onde, quando havia uma**

má colheita, sacrificavam todas as crianças nascidas naquele ano, enterrando-as na terra. Mas um ano isso não conseguiu melhorar a colheita, então eles fizeram mais sacrifícios, até que quase não sobrou ninguém na aldeia. Foi quando passei por lá em minhas viagens."

Acho que vejo onde isso vai dar. Seu pai havia passado por muitas dificuldades e, a essa altura da história, Maomao tinha uma boa ideia do que queria dizer.

"Quando me amarraram e me jogaram num buraco, tive certeza de que iria morrer. Minha sorte é que meu companheiro de viagem apareceu um pouco mais tarde e me encontrou, ou eu poderia estar alimentando os vermes lá até hoje."

Yao ficou sem palavras diante da compostura com que Luomen transmitiu essa história sombria. Por mais perspicaz que fosse, ele ficava um pouco insensível às histórias de seu próprio infortúnio. (Basta dizer que ele não escolheu se tornar um eunuco.)

"Podemos considerar o sacrifício humano um absurdo, mas em algum momento no passado foi eficaz. Nesta aldeia em particular, tinham o hábito de plantar a mesma cultura nos campos todos os anos. Eles usaram fertilizante, mas faltava um nutriente – algo produzido no corpo humano."

Essa lógica, é claro, só seria válida se a monocultura fosse o problema real. Porém, quando o pai de Maomao visitou a aldeia, uma doença transmitida por insetos foi a causa da má colheita; os sacrifícios foram inteiramente em vão.

"Às vezes as pessoas continuam a fazer coisas simplesmente porque trabalharam no passado. Escolha um local que promova boas colheitas com sacrifícios humanos – a colheita melhora porque os sacrifícios foram enterrados na terra nua. Com o tempo, porém, os deuses ou imortais entram nisso e isso se torna um ritual. O divino é uma desculpa poderosa e conveniente."

Talvez a donzela do santuário de Shaoh tenha se tornado sagrada através de um processo semelhante.

A conversa os levou até a porta do consultório médico. Maomao gostaria de ouvir mais notícias do pai, mas isso seria tudo por enquanto. Ela o ajudou a sair da carruagem. Havia relatórios para escrever. Sempre reportar.

Eles descobriram uma grande comoção quando entraram no escritório. O que estava acontecendo?

"Graças a Deus você está aqui!", disse um médico que se aproximou deles parecendo muito angustiado.

"Qual é o problema?" Luomen perguntou.

"Qual é o problema? Qual é o problema?! Não acredito que ele apareceria quando vocês duas estavam fora. Dissemos a ele que você não estava aqui, mas ele insistiu que esperaria até você voltar! Não sabíamos o que fazer!"

Maomao e o pai se entreolharam. Havia uma pequena lista de pessoas que poderiam causar consternação como essa.

"Acho que é melhor cuidar disso", disse Luomen e entrou no consultório médico. Lá dentro, sem surpresa, estava o monstro de monóculo, reclinado em um sofá que ele trouxera para si.

"Tio! Achei que você nunca chegaria aqui!", a aberração disse, sorrindo.

"Venha agora, Lakan! Já falamos sobre trazer seus móveis para os escritórios das pessoas sem serem convidados. Além de jogar as embalagens de salgadinhos no chão, elas devem ser jogadas na lata de lixo. E não venha chorar até mim se seus dentes apodrecerem por beber nada além de suco! Você não está bebendo direto da vasilha, está?" Luomen se abaixou e começou a pegar as embalagens.

"E-Ele parece uma velha avó", disse Yao, e mesmo aqueles que trabalham no escritório e não tiveram uma educação refinada provavelmente concordaram com ela.

Os médicos aprendizes e os subordinados da aberração correram para se juntar a Luomen em sua tarefa. Maomao provavelmente deveria ter ajudado também, mas se ela chegasse perto deles, a comoção recomeçaria. Sem mencionar que ela simplesmente não estava com vontade. Em vez disso, ela observou por trás de um poste.

"Tio! Onde está Maomao? Ela está perto, não é!", disse a aberração, com o nariz se contorcendo como o de um cachorro.

Maomao não conseguiu evitar murmurar: **"Ugh..."**

"Talvez você pudesse fazer algo a respeito do seu... seu rosto, Maomao? É assustador", disse Yao. Se ela disse isso, então. Maomao massageou a boca e as sobrancelhas até relaxarem um pouco. Ela não conseguiu evitar que suas bochechas se contraíssem, no entanto.

"Maomao! Dê-me Maomao!", a aberração estava gritando.

"Venha agora. Eu avisei que se você fizesse barulho, haveria muitas cenouras no seu jantar. Hoje à noite é mingau de cenoura", disse Luomen. Se as pessoas já não pensassem que ele parecia uma senhora idosa, pensariam agora. Várias pessoas seguravam o estômago, cheias de alegria. O resto estava olhando em volta, sem saber o que fazer.

"Quero ovo no meu mingau, tio! Eu quero dizer não! Onde está Maomao? Tenho um motivo legítimo para estar aqui hoje!"

"Isso é um pouco difícil de acreditar, com você deitado em um sofá que você mesmo trouxe, espalhando restos de lanches por toda parte", disse Luomen. Ele abriu uma gaveta, tirou uma escova de dente e entregou ao estrategista maluco. A mensagem parecia ser: escove os dentes. **"Você pode começar me dizendo qual é o seu 'motivo'. Eu sei que você perde todo o senso de proporção quando se trata de Maomao. Se eu concordar com o motivo de você estar aqui, podemos partir daí."**

O estrategista, enfiando a escova de dentes na boca, assentiu ansiosamente. Maomao pegou uma cesta de bandagens usadas no corredor. Ela confiava em seu pai para cuidar das coisas. Se ela tivesse sorte, os dois terminariam a conversa enquanto ela ainda lavava a roupa.

Foi talvez uma hora depois, quando ela já havia terminado de lavar a roupa e começava a pendurar as ataduras para secar, que a chamaram. Seu pai chegou parecendo cansado.

"O que ele queria?", perguntou não Maomao, mas Yao.

"Algo bastante surpreendente, devo dizer", respondeu Luomen.

"Sim?"

"A apresentação do príncipe será em breve e Lakan quer que Maomao seja sua provadora de comida no jantar."

Ele realmente planeja estar lá? Maomao pensou. Lahan afirmou que dificilmente havia uma festa ou reunião no jardim à qual o estrategista se preocupasse em comparecer. Isso incluía, segundo ela soube, a última festa imperial no jardim em que ela havia provado comida.

"Por quê?" Maomao perguntou. Ela sabia perfeitamente bem que devia haver muitas pessoas por aí com rancor dele, então isso explicava a necessidade. Mas pensar que ele iria perguntar por ela pessoalmente! Não que ele parecesse se opor sempre que alguém pedia a Maomao para verificar se havia veneno na comida.

“Se ele tivesse pedido que você fosse sua dama de companhia, isso poderia ser uma coisa, mas uma provadora de comida? Esse é um pedido mais difícil de recusar. Ninguém vai se opor a que ele tenha seu próprio provador, principalmente depois do incidente com a intoxicação alimentar. Como você gostaria de lidar com isso?”

“Isso é realmente uma pergunta?” Maomao disse. Quando o pai dela disse que o pedido era “difícil de recusar”, foi o mesmo que dizer a ela que eles não podiam dizer não. De qualquer forma, seu velho sempre foi um homem gentil. Depois do que acabara de acontecer, as pessoas começaram a chamá-lo de “mamãe”, o que não importava para Maomao. Não que isso importasse.

“Posso perguntar uma coisa?” Yao disse, levantando a mão. Luomen assentiu. **“Maomao e eu não deveríamos comparecer ao banquete da donzela do santuário?”**

“Sim, essa era a intenção. Ela terá que sobreviver com apenas umade vocês.” Ainda não foi determinado se seria Maomao ou Yao. A donzela do santuário deveria ter duas provadoras de comida, um de Shaoh e outro de Li; dado seu status e todas as assistentes, guardas e outras pessoas ao seu redor, o de Li teve a sorte de simplesmente poder estar perto dela.

"Tudo bem. Então você vai com ele, Maomao. Será mais simples se eu cuidar da donzela do santuário.”

Yao foi firme, mas Maomao disse: **"E-Espere, não tenho uma palavra a dizer sobre isso?"** Ela estava, francamente, com medo do que En’en poderia fazer se deixasse Yao provar comida como veneno. Além disso, ela queria fazer isso.

“Ele pediu por você especificamente, então acho que você deveria aceitar. De qualquer forma, pense no que aconteceria se você atendesse a donzela do santuário e o Grande Comandante Kan estivesse à espreita.”

Para isso, Maomao não pôde dizer nada. Seu pai também ficou em silêncio. O comportamento impetuoso do estrategista foi, na sua maior parte, educadamente ignorado pelos seus compatriotas, mas estes não iriam querer que ele agisse daquela forma perto de uma dignitária estrangeira. Especialmente alguém com quem nem mesmo homens castrados podiam entrar em contato.

“Maomao...” Luomen disse, dando um tapinha em seu ombro.

“Você pode deixar a sacerdotisa comigo”, disse Yao, dando um tapinha no outro ombro.

“T-Tem certeza de que não podemos reconsiderar?” Maomao perguntou, acenando com as mãos e olhando para eles.

“Receio que simplesmente não possamos recusar este pedido, Maomao. Considerando as implicações para a sacerdotisa, você tem que comparecer a Lakan. Não gostaríamos de um incidente internacional.”

“V-Vamos, pai, você ainda deve ter um truque na manga...”

Dando-lhe outro tapinha no ombro, Luomen disse: **“Receio que não”.**

Capítulo 16: O Jantar

O tempo nem sempre flui na mesma proporção. Os momentos agradáveis são muito breves, enquanto os trechos difíceis se arrastam indefinidamente. Os dias anteriores ao banquete passaram tão rápidos quanto um raio, pois o tempo também passa rápido quando algo desagradável se aproxima.

Maomao foi enfática ao dizer que até o dia do evento ela não queria ir à casa do estrategista a menos que fosse absolutamente necessário. Enquanto isso, Yao estava positivamente entusiasmada por ter sido encarregada de cuidar de um trabalho sozinha. Ela ficou na vila da sacerdotisa por vários dias antes do banquete, conforme solicitado pela própria sacerdotisa, a fim de se familiarizar com o tipo de comida que comia diariamente. Embora os detalhes de sua dieta tivessem sido cuidadosamente enumerados e revisados, a mulher queria ter certeza de que não haveria erros.

Maomao estava ansiosa para provar a comida estrangeira. Ela colocou a culpa diretamente no estrategista maluco por fazê-la perder essa chance.

Yao nunca havia provado comida daquele tipo antes, então, antes de se mudar para a vila, Maomao mostrou-lhe o que fazer. Yao era uma estudante entusiasmada e fazia muitas anotações. Maomao estava confiante de que havia conseguido tudo.

No dia do banquete, elas tinham que chegar ao trabalho uma hora mais cedo do que o habitual. *Eca. Eu não quero fazer isso.* Quantas vezes Maomao teve esse pensamento? Ela havia perdido a conta. Ela se forçou a trocar de roupa, saindo do quarto apenas no último momento possível. Mesmo assim, ela não se esforçou para parecer entusiasmada com isso.

"Ah, En’en."

"Bem! Faz um tempo que não vejo você.”

Quem ela deveria encontrar no corredor senão En'en? A outra mulher não dormia no dormitório desde que foi designada como dama de companhia de Jinshi, mas tinha um lugar diferente para ficar. Ela estava claramente cansada, porém, com o olhar vazio e os lábios secos. Ela balançou ligeiramente enquanto caminhava, como um fantasma.

Sofrendo com a falta de Yao? Maomao se perguntou.

"Maomao... Onde está a jovem amante?"

"Ah, ah, Yao? Ela não está aqui..."

Com a notícia, En'en parecia que uma estrela havia caído do céu e atingido sua cabeça. Ela tropeçou e encostou-se na parede, deslizando gradualmente até o chão. Ela parecia estar derretendo ou como um caracol salpicado de sal.

"Você está bem?", disse Maomao. Ela claramente não estava, mas pareceu educado perguntar.

"Jo-jovem amante..." foi tudo o que En'en disse.

Ela realmente está apaixonada. Maomao cutucou En'en algumas vezes, sem saber o que fazer. Ela não queria ir trabalhar, mas chegar atrasada por motivos pessoais não seria bom, então ela não poderia ficar aqui para sempre. **"O que você está fazendo? Você não precisa trabalhar? Presumo que você deveria ficar com certa pessoa o dia todo hoje."**

En'en fez um som gorgolejante. **"Essa foi a única chance que tive de escapar. O Príncipe da Lua tem uma dama de companhia com olhos na nuca..."**

"Ahh." Maomao poderia simpatizar.

O "Príncipe da Lua" era Jinshi – ele tinha um nome, mas como irmão mais novo do imperador, mais ou menos apenas outros membros da família imperial tinham permissão para usá-lo. Todos os outros o chamavam por um apelido. Quanto à sua principal dama de companhia, ela era uma mulher idosa chamada Suiren e era uma capataz. Mesmo En'en não conseguia fugir dela.

"Ela não ficará com raiva se você não voltar correndo?"

"Sim, suponho que você esteja certa... está tudo bem. Eu só queria poder sentir o cheiro dela de perto. Para arrumar o cabelo corretamente. Só não quero pentear o cabelo de um cara, mesmo que seja liso e sedoso."

Então Jinshi é "um cara", hein? Mais uma prova da devoção de En'en à sua amante. Se En'en era confiável para cuidar do cabelo de Jinshi, isso significava que Suiren devia gostar muito dela. A título de curiosidade, depois que Maomao se estabeleceu ao serviço de Jinshi, ela foi convidada a pentear o cabelo dele em diversas ocasiões, mas sempre recusou, alegando que nunca havia feito tal coisa antes.

En'en levantou-se. Ela ainda estava balançando quando começou a se afastar. Então ela se virou para Maomao como se tivesse se lembrado de algo. **"Nunca consegui responder à sua carta... por causa de você-sabe-quem."**

Envie muitas cartas e eles poderão começar a pensar que você é um espião. Estar aqui assim já era bastante suspeito; se alguém começasse a fazer perguntas, Maomao teria de testemunhar em nome de En'en.

"Obrigada por se dar ao trabalho", disse Maomao, aceitando a carta de En'en. (Essa foi a resposta à carta perguntando sobre como lidar com a condição da sacerdotisa, já que En'en parecia ter uma boa ideia de como tratar as doenças das mulheres.)

Maomao abriu a carta e descobriu que sua resposta era bastante detalhada. Descrevia principalmente tratamentos com os quais ela já estava familiarizada, mas também algumas aplicações que a surpreenderam. Ela ficou impressionada.

Então ela notou uma linha no meio da carta. **"Ei, isso aqui..."** Ela segurou En'en, que estava mais uma vez tropeçando no caminho de volta ao trabalho. **"Essa parte sobre hasma é verdade?"**

Depois de um segundo, En'en disse: "**Sim, é.**"

"E você ainda deixa Yao comê-la?" (Sim, Maomao sabia que isso deveria tornar uma mulher maior.)

"Quero que Lady Yao seja linda", disse En'en. Por um segundo o brilho voltou ao seu rosto, mas logo ela parecia morta por dentro mais uma vez.

Maomao partiu para sua própria missão, agora com novas pontadas de simpatia por Yao.

Maomao não sabia exatamente o que aconteceria antes do jantar. Haveria algum tipo de cerimônia, mas teria muitos passos e, para ser totalmente sincera, ela não sabia quais eram todos eles. Aconteceu em uma área separada, onde apenas os diretamente envolvidos eram permitidos. Maomao e outros em sua posição simplesmente tiveram que esperar, e ela ficou muito irritada por ter que chegar ao trabalho uma hora mais cedo, se eles apenas quisessem fazê-la ficar parada.

Ela pensou em dar uma olhada nos armários cheios de remédios, mas então um dos médicos a chamou. Para sua consternação, ele precisava de uma intermediária.

"Leve isso para as consortes", disse ele. Banquetes, festas no jardim e eventos semelhantes eram algumas das poucas oportunidades que as flores do palácio interno tinham para sair. Seria inapropriado enviar um homem como mensageiro – e sem Yao ou En'en por perto, não havia ninguém para ir além de Maomao.

Quando ela olhou para o que havia recebido, descobriu bastões de incenso. O consultório médico os mantinha à mão porque, na verdade, tinham aplicações medicinais. A fumaça ajudava a manter os insetos afastados, enquanto o aroma tinha um efeito calmante nas pessoas.

"Eles querem manter os mosquitos afastados. A coisa normal estava muito esfumaçada, eu acho", disse o médico. Normalmente, o incenso seria luxuoso demais para ser usado simplesmente para deter alguns insetos; era comum queimar galhos de árvores com qualidades repelentes de insetos. Até mesmo a fumaça comum ajudaria um pouco, mas certamente seria, bem, esfumaçada.

"Eu me pergunto qual senhora augusta poderia ter feito tal exigência", disse Maomao.

"Ahh, foi a nova. Você sabe, a estrangeira."

Isso surpreendeu um pouco Maomao. *Ainda não fizemos um relatório adequado para ela sobre o segredo da donzela do santuário.* Ela realmente deu à luz uma menina? Parecia que ela poderia voltar para casa antes que descobrissem a verdade.

"Sendo de Shaoh, acho que não importa se ela é nova aqui. Ela estará no banquete de qualquer maneira. Seja como for, dê um pouco do incenso a todos as consortes e certifique-se de fazer isso na ordem certa." O médico deu a Maomao uma lista de todas as consortes presentes e mostrou-lhe um mapa de onde cada uma delas estava no seu prédio. A imperatriz Gyokuyou estava presente, é claro, assim como a alta consorte Lihua. Aylin foi uma das três consortes intermediárias presentes. Assustador se você cometesse um erro sobre a ordem correta de distribuição do incenso.

Devo dizer, porém, que a política de poder de Shaoh não faz muito sentido para mim, pensou Maomao enquanto cumpria sua missão. Aylin é uma refugiada política e Ayla é sua inimiga política, mas Aylin quer obter vantagem sobre a donzela do santuário para forçá-la a ajudá-la. Essa, pelo menos, foi a melhor compreensão que Maomao teve da situação. Ela estava curiosa, mas sabia que enfiar o nariz era uma boa maneira de perder a cabeça. O máximo que ela podia fazer era ficar quieta, ouvir com atenção e tentar escapar se as coisas começassem a ficar muito perigosas.

Cada uma das consortes recebeu seu próprio quarto para descansar e se preparar. Apenas a imperatriz Gyokuyou estava esperando em um lugar totalmente diferente. Maomao supôs que seria apropriado dar o incenso primeiro a consorte Lihua, mas parecia provável que ela quisesse ter uma longa conversa. Em vez disso, Maomao esperou do lado de fora do quarto de Lihua por alguma dama de companhia que ela conhecesse. Todas as senhoras menos prestativas de Lihua foram dispensadas, mas as que restaram ainda olhavam para Maomao com um medo distinto nos olhos, e ela desejou que parassem.

Então ela distribuiu o incenso uma pessoa após a outra até chegar ao quarto de Aylin. Lá, ela deu uma cheirada. *Isso é estranho*. Mesmo de fora, ela já podia sentir o cheiro de incenso lá dentro. Ela bateu na porta.

"Por favor, entre", disse Aylin. Sua voz era inconfundível. Maomao abriu a porta e descobriu que estava sozinha, sem damas ou acompanhantes. Ela estava pressionando algo contra o peito. À medida que Maomao se aproximava, o cheiro ficou um pouco mais perceptível.

"Trouxe seu repelente de mosquitos", disse ela.

"Meus agradecimentos. Você poderia fazer a gentileza de deixá-lo aí? Minha dama de companhia acabou de sair."

Precisava usar o banheiro, talvez? A senhora da consorte estava lá tanto para observá-la quanto para atendê-la, mas ela deve ter pensado que era seguro deixar Aylin sozinha por um momento. A sala tinha uma única janela pequena e apenas uma porta, e havia um guarda do lado de fora.

"Então irei embora", disse Maomao, e estava prestes a sair quando Aylin puxou sua manga. **"S-Sim?",** disse Maomao.

"Você foi ver a honrada donzela do santuário, não foi? Como ela é?"

Ei cara. Como devo responder a isso? Maomao pensou, mas levou apenas um segundo para decidir simplesmente dizer a verdade. **"Ela não mostra nenhum sinal de cansaço em sua jornada. Quanto à doença dela, estamos examinando-a o mais minuciosamente possível. Você não precisa se preocupar com isso."**

Foi uma resposta tão banal que até Maomao poderia ter rido. A consorte poderia agir de forma solícita, mas Maomao sabia perfeitamente que ela estava tentando identificar a fraqueza da donzela do santuário. Ela é uma ótima atriz. Se Maomao não estivesse a par do pedido secreto de Aylin, ela poderia muito bem ter se convencido de que a mulher estava realmente preocupada. *A palidez dela não é muito boa...*

“É possível que você também esteja se sentindo indisposta, senhora?” Maomao perguntou. Ela não tinha essa intenção. Foi um risco ocupacional.

Os olhos de Aylin se arregalaram. **“Meu Deus, pareço doente? Admito que estou um pouco nervosa com a chegada deste banquete.”**

“Se você não tem nenhuma reclamação específica, tudo bem”, disse Maomao. Ela não tinha motivos para pressionar mais.

"Sim. Está tudo bem”, disse Aylin, mas ela quase parecia estar falando sozinha, e havia um olhar distante em seus olhos. Só por um segundo, porém; ela rapidamente se concentrou novamente em Maomao. **"Obrigada. Ouvi dizer que, entre todas as damas da corte, você era excepcional. Espero muito de você.”**

Sem pressão, então. Aylin inclinou-se para frente e o cheiro ficou mais forte novamente.

Sério, o que é isso? Maomao se perguntou. Ela ainda estava se perguntando quando saiu do quarto de Aylin. *Aquele cheiro pegajoso...*

O cheiro não era a única coisa que parecia pairar no ar. Perguntas sobre Shaoh a incomodavam. Ela pensou que tinha várias pistas de que precisava, mas ainda não eram suficientes para chegar a uma resposta. Ainda havia mais algumas peças desse quebra-cabeça a serem encontradas.

Tenho certeza de que meu velho já teria descoberto isso há muito tempo. Ela suspirou consternada com sua própria inexperiência e voltou para o consultório médico.

Em teoria, um jantar formal deveria ser uma atividade agradável, passada com tranquilidade e relaxamento. Não é assim na alta sociedade.

O meio da sala era dominado por uma única mesa comprida com cadeiras de cada lado e outra mesa na cabeceira. O imperador e a imperatriz sentaram-se na extremidade, junto com Jinshi e a sacerdotisa, sua convidada. Ela usava um véu para protegê-la do sol.

Também estavam presentes dignitários de outros países no jantar formal, mas a maioria deles eram de estados vassalos e foram tratados como tal. A maior parte do resto da multidão alinhou-se na longa mesa. A ordem dos assentos era praticamente a mesma das festas no jardim, com a diferença de que desta vez eles estavam dentro de casa e tinham cadeiras para sentar.

Maomao ficou perto da parede, fazendo uma cara de *espero que isso acabe logo*. Ela percebeu que a maioria dos provadores de comida comparecia ao imperador, aos convidados e às consortes. As pessoas realmente importantes.

Ele não precisa de seu próprio provador de comida, ela pensou, observando o maluco estrategista por trás e resistindo à vontade de vomitar. Ele era de estatura média, ligeiramente curvado. Além de seu monóculo, ele era um homem comum, com pouco que o distinguisse de qualquer outra pessoa que você pudesse conhecer. É estranho pensar que ele era um comandante do exército nacional.

Na maior parte, até mesmo esse título era tão honorário quanto qualquer outra coisa. Sua posição oficial era Grande Comandante, mas Maomao não sabia o que isso implicava. Tudo o que ela sabia era que o assento dele indicava que se tratava de uma posição de status bastante elevado.

Se ele pensou que precisaria de um provador de comida, por que se preocupou em vir?

Os rostos das pessoas ao redor do estrategista sugeriam que eles estavam pensando a mesma coisa. Pois quando o velhote ficava entediado, ele se distraía pregando peças nas pessoas próximas. Era por isso que ninguém reclamava quando ele faltava às festas no jardim e a outros eventos importantes; tê-lo lá não era melhor.

A aberração pareceu ficar entediada muito rapidamente nesta ocasião e começou a sussurrar para o homem ao lado dele, que parecia um soldado. Maomao olhou carrancuda para ele e puxou um pano que segurava. O pano estava preso a um barbante amarrado no tornozelo da aberração. Cada vez que ela o puxava, ele se encolhia na cadeira. Ele olhava para trás, uma expressão de felicidade cruzava seu rosto e ele se sentava direito novamente. Maomao já tinha ouvido falar em guiar alguém pelo nariz, mas conduzi-lo pelo tornozelo – isso era novidade para ela.

Sua pele se arrepiava quando ele olhava para ela, mas era assim que o jogo seria jogado hoje. Lahan, o mesquinho, não queria pagar para que outra pessoa tomasse conta do estrategista no jantar formal; ele disse a Maomao para fazer isso além de suas tarefas de degustação de comida. Não que ela se importasse com o que ele queria, mas o pai dela acrescentou seu pedido pessoal e até disse que lhe daria em troca algum remédio incomum, algo do exterior.

Foi assim que eles acabaram colocando uma corda no tornozelo da aberração, como ratos colocam um sino em um gato. Maomao não conseguia afastar a sensação de que as pessoas lhes lançavam olhares estranhos, mas contentou-se com a suposição de que os olhares eram para a aberração. Como ninguém era audacioso o suficiente para dizer nada, ela não deixou que isso a incomodasse.

De alguma forma, a comida nunca é realmente a primeira tarefa em um jantar formal. Outras coisas sempre precisam acontecer antes que você possa comer. Ao contrário da festa no jardim ao ar livre, não houve danças de espadas selvagens, mas eles puderam ouvir uma boa música. Parecia vagamente "estrangeiro". Talvez os músicos estivessem tentando fazer com que a performance soasse Shaohnese.

"Essa música foi escrita sobre a donzela do santuário", ela foi informada por Lahan, que se aproximou dela. **"A consorte Aylin escreveu ela mesma. Com um pouco de ajuda de um compositor profissional, mas ainda assim. Não é um trabalho ruim."**

"A consorte escreveu isso?" Maomao disse e olhou para Aylin. A estrangeira sentou-se entre as outras consortes do meio, sorrindo enquanto ouvia a música.

"Sei que as coisas podem estar complicadas entre elas agora, mas acredito que o consorte está grato à donzela do santuário", disse Lahan. **"A consorte Aylin diz que quando ela era aprendiz, a sacerdotisa garantiu que ela recebesse uma educação adequada. Você deve saber que algumas mulheres em Shaoh se casam ainda mais cedo do que aqui."**

Sim, Maomao tinha ouvido uma coisa assim, rumores de que o povo da areia às vezes levava noivas com menos de dez anos.

"E uma menina sem educação não pode nem fugir do casamento para o qual foi enviada."

"É verdade."

Aconteceu também em Li: mulheres incapazes de escapar aos seus maridos, por mais cruéis que fossem, pois se abandonassem os seus casamentos, não haveria trabalho que pudessem fazer. Eventualmente, alguém as enganaria e as venderia para um bordel.

Maomao acreditava que a ignorância era um pecado. No entanto, ela sabia que o conhecimento não era dado igualmente a todos. Se o pai dela não a tivesse educado pessoalmente, ela teria acabado servindo clientes na Casa Verdete. Da mesma forma, Aylin recebeu educação da donzela do santuário. Ela poderia simplesmente ter visto isso como algo que lhe era devido, mas em vez disso ela estava grata por isso. E ela ainda tenta explorar as fraquezas da donzela do santuário. *Acho que a gratidão não torna o mundo menos cruel.* Maomao suspirou.

Parecia que o estrategista não tinha interesse na música, pois havia tirado um livro sobre Go das dobras de seu manto e começado a ler. Maomao puxou a corda novamente. Ele teria sorte se o imperador não achasse adequado colocar a próxima corda em seu pescoço.

Então alguma pessoa presunçosa fez um discurso presunçoso e, finalmente, a comida começou. En'en ficou logo atrás de Jinshi. Ele poderia ter desejado que Suiren o atendesse, mas provavelmente isso foi culpa dela: ela viu que a maioria das damas de companhia eram jovens, e tomou isso como uma deixa para deixar En'en fazer o trabalho.

Pelo menos significa que En'en está se dando bem, pensou Maomao. Ela não podia fingir estar completamente desinteressada. Enquanto isso, En'en continuava olhando furtivamente para um lado – especificamente, para o lado em que a donzela do santuário estava sentada. Pois assim como Jinshi tinha En'en para atendê-lo, a sacerdotisa tinha Yao. Yao parecia pálida. Nervosismo, talvez.

A visão de Yao iluminou um pouco a palidez mortal de En'en naquela manhã, mas ela ainda precisava mais de sua jovem amante. Ela estava olhando em volta, claramente esperando que o jantar formal terminasse logo. Ela estava preocupada com a cor ruim de Yao.

Maomao não pôde deixar de se divertir ao pensar que elas haviam sido testadas e treinadas para se tornarem assistentes médicas, mas as três estavam ali como provadoras de comida, uma posição normalmente ocupada pelos de origem inferior e pelos dispensáveis. Yao pelo menos era de origem melhor que essa; Maomao ficou surpresa – pode-se até dizer preocupada – por seus pais não terem intercedido para impedir essa designação.

Pelo menos consegui ensinar-lhe o básico, pensou ela. Não importa o quão bem você soubesse o que estava fazendo, as coisas poderiam e eventualmente iriam ficar em forma de pêra como um provador de comida. Um novo veneno apareceria ou você ingeriria alguma toxina de ação lenta. *Acho que todo mundo vai quando chega a hora. Era tão simples assim.* Se Maomao fosse morrer, ela esperava poder fazê-lo experimentando algum novo tipo de veneno. Especialmente se ela durasse o suficiente para saborear seus efeitos antes de expirar. Talvez isso fosse ser ganancioso. Mas uma garota poderia sonhar.

O primeiro prato chegou. Maomao pegou o pratinho com a amostra do provador. Ela podia sentir o estrategista observando-a. Ela só esperava que a degustação transcorresse sem intercorrências para que pudessem continuar com a refeição.

Eles realmente se deram bem e o jantar formal logo terminou. O próximo seria o banquete. Isso deixou Maomao perplexa e irritada, que não tinha ideia de qual era a diferença. Este último evidentemente significava mudar-se para outro lugar e envolvia menos pessoas. Yao e En'en estariam de serviço novamente, mas Maomao já havia encerrado o dia. Um excelente motivo para sair da sala e se despojar de seu estrategista.

Quando ela estava prestes a fazer exatamente isso, porém, houve um estrondo. Ela se virou e descobriu uma dama da corte caída no chão. Era Yao.

"Amante!" En'en gritou, mergulhando em sua direção. Ela tentou apoiar Yao. Maomao jogou o barbante fora e se aproximou. Yao foi jogada para frente, o chão coberto de vômito. Outras damas da corte próximas começaram a gritar. Alguém gritava sobre a insolência de vomitar na frente de tantas pessoas extremamente importantes. O que significava que alguém não estava vendo o verdadeiro problema aqui.

"Amante! Amante!" En'en gritou, sacudindo os ombros de Yao e dando tapas em suas bochechas.

"Certifique-se de que nada disso ainda esteja na boca dela!" Maomao comandou. **"Se ficar preso na garganta, ela pode sufocar!"**

"Certo", disse En'en, controlando-se o suficiente para enfiar um dedo na boca de Yao. A outra mulher parecia estar respirando, mas tremia e segurava o estômago, e suas pupilas estavam dilatadas.

Se Yao desmaiou... Então o que aconteceu com a donzela do santuário? Uma multidão já havia se formado ao seu redor. A outra mulher que estava de serviço para ela com Yao estava branca como um lençol e não parecia muito firme. Ela se afastou, com as mãos pressionadas sobre a boca, e a donzela do santuário também saiu.

Então elas também foram envenenadas. Maomao

colocou um cobertor sobre a trêmula Yao. En'en continuou chorando **"Senhora, Senhora!"** Ela estava tão pálida quanto qualquer uma das mulheres envenenadas. **"Água! Água salgada! E e...!"**

Maomao puxou En'en de Yao. Elas não sabiam com que tipo de veneno estavam lidando, então o melhor que puderam fazer foi tentar esvaziar o conteúdo do estômago. Maomao enfiou um dedo na garganta de Yao, tentando induzir mais vômito, mas então um velho apareceu mancando. **"Maomao, En'en. Deixa eu cuidar disso."**

Era o pai dela, carregando uma jarra e um balde. Ele também tinha outro cobertor, que usou para apoiar os quadris de Yao. Se houvesse dor de estômago e vômito, havia uma boa chance de que também houvesse diarreia. O cobertor era sua pequena gentileza, uma forma de tornar menos óbvio caso ela se sujasse.

"Você precisa cuidar da donzela do santuário", disse Luomen. **"Eu posso cuidar de Yao."** Ele puxou a corda que Maomao havia abandonado, chamando a atenção do estrategista maluco, que estava simplesmente parado. **"Traga-me um pouco de carvão, sim? Pó em almofariz, se possível. E prepare alguns quartos, algum lugar onde possamos examinar essas jovens e a donzela do santuário. Acredito que você possa fazer isso, Lakan."**

"Sim, claro, tio. Vou prepará-los imediatamente." Foi o estrategista quem respondeu, mas foram seus subordinados que entraram em ação. Foi mais rápido fazer com que o estrategista desse as ordens do que Luomen tentar fazer com que as pessoas o ouvissem pessoalmente.

"Cuide de Yao, papai", disse Maomao, e então foi até a donzela do santuário.

Capítulo 17: O Suspeito

A sacerdotisa e as outras mulheres foram rapidamente transferidas para seus quartos de enfermo. A donzela do santuário e a segunda provadora de comida vomitavam copiosamente. Era crucial dar-lhes água salgada para garantir que seus estômagos estivessem completamente vazios, e também recebiam carvão em pó e laxantes. Não é a coisa mais saborosa, mas necessária para eliminá-los.

O pai de Maomao ainda não conseguiu examinar a donzela do santuário, então a responsabilidade recaiu sobre Maomao. Ela não só queria tirar tudo de seus estômagos, ela também queria limpar as entranhas. Se os laxantes não funcionassem, ela estava preparada para colocar remédios diretamente no ânus delas, a fim de induzir a purgação de que precisava, mas duvidava que algum delas estivesse ansiosa por isso. Felizmente, os laxantes fizeram seu trabalho.

Tanto a sacerdotisa quanto a segunda provadora de comida estavam em melhor situação do que Yao. Elas poderiam ter sintomas de envenenamento, mas pelo menos ainda estavam conscientes. Yao estava em péssimas condições e En'en, esquecendo-se completamente a quem supostamente servia agora, estava com ela constantemente. Jinshi não era um monstro. Maomao presumiu que deixaria En'en em paz.

No dia seguinte ao banquete, quando a condição da sacerdotisa se estabilizou um pouco, Jinshi fez uma visita a Maomao. Ele estava vestido com ainda mais simplicidade do que de costume, mas seu brilho permanecia. O agora recuperado Basen estava com ele. Maomao ainda usava a roupa do dia anterior; ela nem teve a chance de tomar banho. Este, porém, não era o momento para se preocupar com essas coisas.

“Como está a donzela do santuário?” Jinshi perguntou.

"Mais calma. O caso dela não era tão sério quanto o de Yao ou da outra mulher que estava provando sua comida.” Um dos médicos aprendizes estava relatando a ela todos os detalhes do progresso de Yao, e ela, por sua vez, contou-lhe como a donzela do santuário estava se saindo. Se alguma coisa acontecesse com a donzela, poderia se tornar um incidente internacional. Eles não podiam permitir que as coisas piorassem. Sem dúvida, a mesma preocupação foi o que trouxe Jinshi até ali tão prontamente.

“Yao... sim, esse era o nome dela. Aquela a quem En’en se refere como sua amante.”

“Você parece ter gostado bastante de En’en, mas talvez você pudesse devolvê-la para nós um dia desses? Receio que ela morra por falta de Yao.”

En'en deve ter ficado fora de si com Yao em tal estado. Quanto a Maomao, ela já estava se sentindo composta o suficiente para fazer uma piada. Humor negro? Talvez. Impertinente? Alguns podem dizer. Mas era assim que ela sobrevivia.

“Você não está preocupada com seu colega?”

"Estou preocupada. Eu não sou tão sangue-frio. Mas meu trabalho neste momento é cuidar da sacerdotisa. Além disso, meu pai está cuidando de Yao.” Maomao tinha fé que encontraria uma maneira de ajudá-la. E En’en sabia uma ou duas coisas sobre medicina, então, se ela se mantivesse sob controle, poderia ser uma enfermeira bastante eficaz. Não há necessidade de Maomao trazer mais trabalho para si mesma. De qualquer forma, as relações internacionais de Li dependiam da saúde da sacerdotisa. Era fundamental que nada acontecesse com ela.

“Se posso perguntar, eles descobriram quem envenenou a donzela do santuário?” Ninguém, exceto a donzela e aqueles que estavam com ela, ficaram doentes, o que

significava que, mesmo que as mulheres sobrevivessem, continuava sendo um claro atentado contra a vida da donzela do santuário. Quanto mais cedo pudessem encontrar e punir o culpado, melhor.

Jinshi parecia angustiado e então olhou para Basen. O outro homem também fez uma expressão bastante estranha, mas pegou algo embrulhado em pano das dobras de suas vestes. Acabou sendo uma pequena garrafa. Maomao abriu a tampa e descobriu algum tipo de pó.

"**O que é isso?",** ela perguntou, cheirando. O odor era familiar. Ela sentiu o cheiro muito recentemente, na verdade. Ela engasgou quando percebeu o que era e pegou a garrafa, mas Basen embrulhou-a novamente.

"Presumo que você saiba de alguma coisa", disse Jinshi.

"Isso é pó de incenso?" ela perguntou.

"**É sim.**"

O pó de incenso era feito de material vegetal, incluindo shikimi. Era intensamente venenoso e causava vômitos, dores de estômago e diarréia.

"Dr. We me informamos que é venenoso", disse Jinshi.

"**Ele tem razão. Seus efeitos são exatamente os que vimos ontem."** Os sintomas podem ocorrer a qualquer momento, várias horas após a ingestão do veneno.

Jinshi estudou o rosto de Maomao. **"Esta garrafa em particular foi encontrada em posse da consorte Aylin."**

Eu sabia. Ela sentiu aquele odor quando distribuiu o incenso repelente de mosquitos. Estava no quarto da consorte Aylin.

Yao, a donzela do santuário e a outra provadora de comida da donzela do santuário foram todos envenenadas, mas Yao estava de longe em pior estado. Seus sintomas diminuiriam, apenas para voltar. Agora, três dias após o incidente, ela estava em condições muito melhores, mas eles ainda não conseguiam relaxar.

Maomao assumiu o lugar de Yao na vila da donzela do santuário, ficando lá para ministrar à donzela e ao seu servo. Os seus sintomas eram suficientemente pequenos para que a presença de Maomao fosse mais preventiva do que qualquer outra coisa. A questão de quem plantou o veneno era muito mais premente.

E parece que Aylin está envolvida novamente.

Por que uma mulher de Shaoh envenenaria a donzela do santuário Shaohnese? Ela não estava tentando fazer com que a donzela do santuário a ajudasse? Ou esse era seu verdadeiro objetivo desde o momento em que entrou no palácio interno? Ela não se sentia em dívida com a mulher que ela supostamente tentara assassinar?

No momento, ela é uma suspeita, Maomao pensou. Havia provas contra ela: o pó de incenso encontrado em suas vestes. Uma de suas damas de companhia descobriu isso enquanto a ajudava a se trocar e relatou.

Maomao conhecia alguns fatos. Por exemplo, que Aylin obteve uma grande quantidade de pó de incenso venenoso antes do banquete. E que no banquete ela foi sentada por sua compatriota, a donzela do santuário. Além do mais, Maomao sabia que Aylin não era vigiada o tempo todo. Afinal, ela estava sozinha quando Maomao chegou com o incenso, nem mesmo uma dama de companhia para atendê-la. Talvez ela tivesse esperado a hora certa no banquete, esperando o momento oportuno para envenenar a comida.

A possibilidade não poderia ser descartada. O depoimento das testemunhas e as provas circunstanciais foram considerados suficientes para justificar o interrogatório pessoal de Aylin.

Temos que encontrar o perpetrador o mais rápido possível. Antes de se tornar um problema diplomático. Mas e se o culpado for alguém do mesmo país?

Isso seria muito conveniente para Li. A tentativa de assassinato da donzela do santuário poderia ser considerada uma disputa civil entre visitantes Shaohneses. Sim, se Aylin fosse a responsável, isso tornaria tudo muito simples.

Eu me pergunto o que Lahan faria. A imagem do homenzinho obcecado por números (e aparências) flutuou em sua mente. Tudo isso começou quando ele e Aylin discutiram o envio de comida para Shaoh ou a concessão de asilo político. Lahan era inteligente demais para se deixar levar pelas consequências desse incidente, mas, de qualquer maneira, não poderia ser divertido para ele.

Deve haver mais nisso, pensou Maomao. Havia muitas perguntas, muitas coisas que não se encaixavam. Ela não gostou nada disso.

Na manhã do quinto dia, a assistente da sacerdotisa informou a Maomao: **“A honrada sacerdotisa está muito bem agora. Você pode ir."**

“Não tenho certeza se ela ainda parece bem”, respondeu Maomao.

“O problema é do coração. Como ela poderia se sentir bem, considerando quem está envolvido?”

Justo. Seria uma pílula amarga quase ser assassinado num país distante e saber que o suposto assassino era da sua terra natal. **"Eu entendo. Uma conhecida dela, certo?”**

“Sim”, disse a outra mulher depois de um segundo. **“Pois ela poderia ter se tornado a próxima donzela do santuário, uma vez.”**

Parece que minhas informações são sólidas.

“Ela e sua prima Ayla viveram com a honrada sacerdotisa até os doze anos de idade.” A assistente suspirou como se dissesse: *Como isso pôde ter acontecido*? Maomao também se perguntou, mas não cabia a ela fazer muitas perguntas.

Em vez disso, ela simplesmente disse: **“Obrigada”.**

Uma carruagem esperava por Maomao quando ela saiu da vila da sacerdotisa. Ela subiu a bordo e encontrou seu pai lá dentro. **“Yao está bem?”,** ela perguntou.

"Para o momento. En'en está observando ela. Ela me avisará se a jovem piorar.”

Maomao tinha ouvido falar que Yao ficou estável por um breve período, apenas para piorar e depois estabilizar novamente. Claramente, a sua condição ainda exigia cautela, o que significava que se o seu pai estava aqui, deveria haver uma razão.

Então ficou provado. Olhando pela janela, o velho disse: **“Não voltaremos ao consultório médico. Vamos passar por lá”** Passando pelo consultório médico — isso significava entrar na parte do tribunal onde moravam as pessoas importantes. Maomao conseguia pensar em uma razão pela qual eles poderiam estar indo para lá.

“Isso é sobre o jantar?”, ela perguntou. Maomao e seu pai cuidavam dos envenenados no evento. Com Aylin sob suspeita, não surpreende que as autoridades queiram falar com Maomao e Luomen. A carruagem passou pelo consultório médico em direção ao seu destino: o palácio de Jinshi.

"Por favor entre." Suiren os cumprimentou, educada como sempre, embora Maomao pensasse ter percebido um leve sorriso quando a mulher de cabelos grisalhos olhou para ela. Ela era uma coisa velha e astuta. Maomao inclinou a cabeça em resposta. Suiren os levou para uma sala onde Jinshi, Basen e Lahan esperavam. O homenzinho de óculos fez uma careta notável; esses eventos o enfraqueceram.

“Presumo que você saiba por que o chamamos aqui”, disse Jinshi. Sua cor não era muito boa – ele estava se sobrecarregando de novo, suspeitava Maomao. Antes de ir para casa, ela teria que fazê-lo tirar uma soneca. À força, se necessário.

“Isso tem a ver com a consorte Aylin?” Maomao perguntou.

"De fato. Gostaríamos de começar ouvindo o senhor Luomen.” Ele obviamente não iria perder tempo com gentilezas.

“Receio que só posso falar sobre o que aconteceu com Yao, a assistente médica.”

Isso não é verdade, pensou Maomao. Bem... Era e não era. Seu pai era uma pessoa muito cuidadosa. O que ele quis dizer é que só poderia falar com confiança sobre o que havia acontecido com Yao. Todo o resto seria suposição e Luomen não gostava de especular.

“Seus sintomas eram graves, incluindo cólicas estomacais, vômitos e diarreia. A certa altura, pareceram estabilizar, apenas para piorar novamente. No entanto, no momento, eles melhoraram.”

Tudo isso estava de acordo com o que Maomao tinha ouvido: os sintomas eram precisamente os do envenenamento por pó de incenso. A seriedade da apresentação deles, porém, e a forma como pioraram depois de uma vez terem diminuído, deixaram-na intrigada. O pó de incenso incluía shikimi, que era altamente tóxico – o suficiente para matar uma pessoa. As bagas eram especialmente venenosas, mas o pó de incenso era produzido moendo apenas a casca da fruta e as folhas.

Tenho certeza de que ela teria notado se tivesse comido o suficiente para ficar tão doente. Maomao deu a Yao algumas dicas sobre como procurar veneno nos alimentos, incluindo cheirá-los em busca de odores incomuns. Por outro lado, a cor de Yao não estava boa antes da refeição. Talvez seu nariz estivesse entupido.

As palavras seguintes do pai transformaram as suspeitas de Maomao em certeza. **“Suspeito que estamos lidando com uma micotoxina – algo proveniente de um cogumelo ou fungo. Não é veneno de shikimi.”**

O público de Luomen ficou pasmo; o que ele estava dizendo ia contra todas as suas suposições. Sem dúvida eles o trouxeram aqui para encerrar o caso contra Aylin. Eles devem ter pensado que tinham todas as evidências de que precisavam.

"Entendi!" Maomao disse. Fazia sentido para ela agora. Muitas toxinas fúngicas eram muito mais potentes que o shikimi, embora produzissem sintomas semelhantes. E Yao não teria reconhecido o cheiro ou o sabor da maioria dos cogumelos tóxicos.

Enquanto todos os outros estavam ocupados em ficar chocados, Lahan se inclinou para frente. **"Você está sugerindo que a consorte Aylin foi incriminada? Diga-me, tio!"** Havia uma nota inconfundível de vertigem em sua voz, e com razão. Se alguém que ele trouxesse para Li cometesse um crime como esse, parte da responsabilidade teria que recair sobre ele. Toda essa situação estava fora dos cálculos de Lahan.

"Só estou dizendo que não estamos lidando com incenso em pó venenoso aqui", respondeu Luomen. Sua maneira indireta de falar estava obviamente frustrando o público.

"Posso interromper?" Maomao disse, esperando levar as coisas adiante com suas próprias observações. Ela expôs os fatos, tentando ser o mais objetiva possível para não se deixar levar pelo que o pai havia dito. **"A sacerdotisa e a outra provadora de comida apresentaram sintomas muito semelhantes: dor de estômago e vômito. No entanto, os sintomas delas foram muito menos graves que os de Yao e desapareceram em cerca de três dias. Tenho algumas dúvidas sobre a hipótese de que uma micotoxina esteja envolvida aqui. Especificamente, acho que a sacerdotisa e sua atendente ingeriram muito pouco para ter os efeitos observados, e acredito que o início dos sintomas foi muito rápido."**

Os sintomas a fizeram pensar no cogumelo tóxico Amanita virosa, que era extremamente venenoso, mas de ação lenta. O terrível é que, quando os efeitos da toxina começaram a aparecer, ela já havia sido absorvida pelo corpo, por isso só poderia parecer curada se os sintomas voltassem. Maomao não questionou o tratamento dado por seu pai a Yao, mas se fosse verdade que havia um fungo venenoso envolvido, então o caso deveria ser considerado mais sério do que um episódio de envenenamento por shikimi.

Ocorreu a Maomao que poderiam estar a lidar com um cogumelo venenoso, mas ela descartou a possibilidade com base no fato de que, se fosse esse o caso, demoraria cerca de seis horas até os sintomas aparecerem. As três mulheres mostraram sinais de envenenamento muito antes disso.

Tenho certeza de que meu velho deve saber disso, pensou ela. Então por que ele diria tal coisa? Ele deve ter um motivo. Poderia ser...

E se consumissem os cogumelos antes da degustação da comida?

Antes que ela soubesse o que estava fazendo, Maomao bateu as mãos na mesa. A conversa na vila da sacerdotisa! Como ela poderia não ter notado?

"Mestre Jinshi!", ela disse.

"O que é?"

“Você disse à donzela do santuário que a consorte Aylin era suspeita de envenená-la?”

“Não quero contar nada a ela até termos certeza. Isso apenas criaria ansiedade desnecessária.”

Sim. Sim claro. E ainda assim o assistente da vila havia falado sobre isso:

“O problema é do coração. Como ela poderia se sentir bem, considerando quem está envolvido?”

“Ela pode ter se tornado a próxima donzela do santuário, uma vez.”

Maomao presumiu, a partir dessa conversa, que a sacerdotisa já sabia quem era o suspeito. A própria Maomao estava ciente, então ela não pensou duas vezes sobre a donzela do santuário também saber. Mas como ela sabia?

Agora Maomao entendia por que o caso de Yao tinha sido tão grave, mas os da sacerdotisa e de sua assistentes eram muito mais leves. Ela poderia explicar o atraso no início dos sintomas.

“Pai”, ela começou, lançando-lhe um olhar sério, **“Estaria tudo bem se eu me envolvesse em alguma especulação?”**

Ele parecia desconfortável. **“Você terá que estar preparado para ser responsabilizada por tudo o que disser.”** Uma vez que as palavras saíssem de sua boca, ela não seria capaz de retirá-las.

“Às vezes é preciso falar do mesmo jeito”, disse ela. Seu pai ficou em silêncio; Maomao interpretou isso como uma permissão tácita.

“Parece que você tem algo para nós”, disse Jinshi.

"Sim, senhor. Embora seja apenas uma possibilidade.” Talvez tornar isso explícito lhe desse uma rota de fuga, se precisasse. Ou talvez ela simplesmente não estivesse disposta a falar com absoluta confiança. **“Acredito que não foi a consorte Aylin quem plantou o veneno.”**

"Por que então?" Jinshi nunca iria simplesmente acreditar na palavra dela. Ele queria razões. Lahan e Basen também a observavam.

“Se aceitarmos o que meu velho... aham, o que o Dr. Kan sugeriu, de que o caso envolve um cogumelo venenoso, fica difícil sustentar a crença de que a consorte Aylin contaminou a comida.”

Considerando o tempo que os sintomas demoraram para aparecer, as vítimas teriam que ter contraído a virosa muito antes do banquete. Aylin estava sob guarda desde o momento em que deixou o palácio interno; mesmo quando sua dama de companhia a deixou sozinha, ela não conseguiu sair do quarto e não teve cúmplices para ajudá-la. Ela não poderia ter envenenado a comida antes do banquete.

“Então quem fez isso?”

“Se a comida estava realmente envenenada, senhor, isso teria que ter acontecido na vila.”

Yao estava morando com a donzela do santuário dias antes do banquete, comendo a mesma comida que ela. Fazia mais sentido presumir que Yao havia sido exposta ao veneno enquanto ainda estava na residência, e isso restringia a lista de possíveis perpetradores.

“Acredito que foi uma das assistentes da donzela do santuário. Em outras palavras, ela se envenenou.”

Isso provocou nova consternação nos ouvintes — todos, exceto Luomen, que permaneceu impassível. Ele provavelmente chegaria à mesma conclusão, mas permanecera fiel à sua relutância em especular.

Se o envenenamento tivesse sido, em essência, um espetáculo, também explicaria por que a sacerdotisa e sua assistente sofreram sintomas menos graves do que Yao. Yao teria sido a única a consumir seriamente o veneno; as outras duas teriam ingerido apenas o suficiente para apresentar uma “atuação” convincente ou poderiam ter usado uma toxina diferente e menos grave.

A mesma linha de raciocínio poderia explicar por que a assistente sabia quem era o suposto autor sem ser informada - se tudo isso tivesse sido feito com a intenção de atribuir o crime a Aylin. Ela e a donzela do santuário se conheciam há tempo suficiente para que a donzela estivesse ciente da propensão de sua velha amiga por incenso em pó. Pó de incenso venenoso.

Maomao entendeu por que seu pai insistia em não trabalhar com suposições, mas algumas coisas poderiam levar até mesmo Maomao ao limite. *Elas tiveram que arrastar Yao para isso*! Elas a usaram insensivelmente. A gravidade dos sintomas de Yao daria credibilidade à ideia de uma tentativa de envenenamento. Yao podia ser um pouco

condescendente, mas no fundo ela era uma jovem decente, dedicada aos estudos. Maomao não era nenhuma En'en, mas isso foi o suficiente para fazer a bile subir até sua garganta.

Ela percebeu tardiamente o entorpecimento em suas mãos, e isso a fez parar e se perguntar se estava falando racionalmente. Luomen ainda estava em silêncio, enquanto Jinshi estava praticamente boquiaberto.

"Tenho uma pergunta", disse Basen, falando pela primeira vez. Ele era rápido em reagir em situações como essa. **"Por que a sacerdotisa iria querer prender a consorte Aylin?"**

"Acredito que tenho uma ideia", disse Lahan, levantando a mão. **"A consorte Aylin me disse que achava que a donzela do santuário poderia ter dado à luz um filho – e que poderia ter sido a Dama Branca. Pedi a Maomao para ver se ela sabia se a donzela do santuário havia dado à luz."**

Se descobrisse que a sacerdotisa não estava mais qualificada para seu cargo, ela poderia ser destituída desse cargo. Na verdade, ela poderia muito bem ser punida.

"A donzela do santuário, a mãe da Dama Branca? Isso seria explosivo", disse Jinshi. Significaria que Aylin procurou asilo político não só por causa dos seus inimigos no governo, mas porque sabia algo sobre o segredo da donzela do santuário. Isso também explicaria por que a donzela do santuário a seguiu até Li.

"Mas se tudo isso fosse para manter a consorte Aylin quieta..." Maomao disse. A sugestão de Lahan deveria ter parecido perfeitamente razoável, mas algo nela a incomodava. Ela olhou para o pai. Ele apenas ficou ali sentado, em silêncio, sem afirmar nem negar nada.

Capítulo 18: Um homem e uma mulher jogam o jogo

"Você não vai para casa com senhor Luomen?" Jinshi perguntou a Maomao. Ela ficou para trás e estava fervendo um pouco de água.

"Você parece muito pálido, Mestre Jinshi. Quantos dias desde a última vez que você dormiu bem?"

Uma pergunta por pergunta. Ela misturou algumas ervas que o ajudariam a dormir na água e lhe passou uma xícara. Lahan saiu com Luomen, enquanto Basen foi se despedir dos dois.

“Tenho dormido todas as noites”, respondeu Jinshi.

“Vamos tentar uma pergunta diferente. Quantas horas no total você dormiu nos últimos dias?”

Jinshi começou a contar nos dedos. Ele não parecia capaz de passar uma mão inteira. Ele fez uma careta e bebeu o chá.

“Amanhã de manhã cedo?”, ela perguntou.

“Não, pela primeira vez as coisas estão relativamente calmas. Na verdade, hoje é o primeiro dia em que consigo voltar ao meu palácio em algum tempo.” Então ele realmente estava trabalhando duro.

“Lady Suiren deve estar preocupada com você.”

“E você não está?” Jinshi disse, a xícara ainda nos lábios. Ele afrouxou o peito do manto, fazendo com que Maomao procurasse alguma roupa de dormir. Suiren entrou exatamente naquele momento - felizmente - mas assim que entregou um conjunto de pijamas a Maomao ela desapareceu novamente. *Quer que eu o ajude a mudar, hein?*

Ela já tinha feito isso antes, quando servia na residência de Jinshi, mas nunca gostou. Francamente, Maomao achava que conseguiria vestir-se sozinho, enquanto Jinshi tinha a convicção fundamental de que deveria ser ajudado em todas as coisas. Nunca os dois se encontrariam. No final das contas, porém, um deles tinha um status muito mais elevado do que o outro, e era Maomao quem teve que se curvar.

Ela colocou a roupa de dormir nele quase no mesmo momento em que ele jogou a capa no chão. Ela jogou o cinto em volta da cintura dele, amarrou-o frouxamente e depois pegou a roupa do chão. **“Você fez En’en fazer isso por você também?”,** ela resmungou.

"Não, acontece que não."

"Mas você a fez amarrar seu cabelo." Maomao considerou isso parte integrante de ajudá-lo a mudar.

“Isso eu faço, mas sempre sob a supervisão de Suiren.”

"Sempre?"

“Para evitar a possibilidade de uma facada rápida por trás.”

“Ela...” nunca faria isso, Maomao começou a dizer, mas ela parou. Num estado de extrema privação de Yao, não havia como dizer o que En’en poderia fazer.

“Suiren pode ser superprotetora. Ela nunca nos deixou sozinhos em um quarto.”

No entanto, aqui estavam Jinshi e Maomao exatamente nessa situação. Maomao não disse nada.

“Suiren tem você em alta conta”, disse Jinshi.

"Não é minha culpa." Ter a estima de Suiren não trazia benefícios para Maomao. Na verdade, ela teve dificuldade em pensar em alguma coisa boa que pudesse resultar disso. Ela pegou a xícara de chá vazia e estava prestes a sair, mas Jinshi segurou seu pulso.

“Você está sempre tentando me afastar”, disse ele.

“Não consigo imaginar o que você quer dizer, senhor.”

Ficar neste quarto era perigoso. Ela queria sair enquanto era bom, mas ele não a largava.

“Suiren sente com urgência que eu deveria arranjar uma consorte para mim”, disse ele. **“Ela afirma que isso significaria menos trabalho para mim.”**

“Tenho certeza que ela está certa.” Maomao pretendia agir como se o assunto não lhe preocupasse. Isso, no entanto, só poderia agravar Jinshi.

“Você sabe o que estou tentando dizer. Como você pode agir de forma tão indiferente? Você está tão desesperada para me evitar?”

"S-"

Ela tapou a boca com a mão, mas já era tarde demais.

"Você estava prestes a deixar escapar sim?"

“Não se preocupe, senhor.”

Jinshi olhou carrancudo para ela. Ele estava ficando com bolsas escuras sob os olhos. Ele deveria parar de perder tempo comigo e dormir um pouco. Ele estava obviamente exausto, e ela desejou poder mandá-lo para a cama. Mas Jinshi ainda estava falando.

“Posso ver por que senhor Luomen parece tão incomodado o tempo todo. Praticamente consigo entender como nosso honrado estrategista deve se sentir!”

Os ouvidos de Maomao começaram a zumbir. Jinshi estava cansado; ela sabia disso. Ele não tinha onde desabafar suas frustrações, e tinha muitas frustrações para desabafar e, além disso, sofria de falta de sono. Em qualquer outro momento, ele poderia ter tomado mais cuidado. Talvez soubesse que não deveria dizer o que disse. No entanto, ele disse que sim.

Estranhamente, não foi a menção ao estrategista que mais incomodou Maomao. Era o nome Luomen que reverberava em sua mente. Hoje ela teve uma coisa muito rara: uma diferença de opinião com o pai. Jinshi aproveitou-se disso.

Talvez ele não fosse o único que estava cansado. Maomao também não estava dormindo tão bem. E finalmente ela explodiu.

“Você está sempre me dizendo que preciso usar minhas palavras, Mestre Jinshi, mas você está em posição de criticar? Tudo o que você diz para mim, tudo o que você faz, é como se fosse calculado para evitar que você tenha que realmente dizer o que quer dizer! Para me fazer descobrir tudo! Você sabe, você me lembra alguém. Você age exatamente como um homem que costumava passar pelo nosso bordel o tempo todo. Ele estava apaixonado por uma das garotas, mas nunca iria simplesmente dizer isso. Ele achou que deveria ser óbvio pela maneira como agiu. Ele tinha tanta certeza de que tinha algo de bom com aquela mulher que nunca lhe enviou sequer uma carta. Lembro-me de como ele parecia desamparado quando alguém apareceu e a arrebatou! Depois disso, ele continuou indo ao bordel para ficar bêbado e reclamar com as mulheres. Bem, na minha opinião, ele poderia ter evitado todo aquele sofrimento se tivesse contado à mulher como se sentia. Claramente, inequivocamente, para que ela soubesse onde eles estavam. Foi o mínimo que ele poderia ter feito!”

Tudo saiu em uma vez. Ela sentiu como se tivesse dito tudo de uma só vez. *Era estranho*, pensou ela, ouvir tantas palavras saírem de sua própria boca. Ela ficou perplexa. Jinshi não ficou menos surpreso, mas o choque logo deixou seu rosto, sendo substituído por outra coisa. Ele se levantou da cama e olhou para Maomao.

Merda. Agora eu fiz isso. Ela lhe disse o que pensava e ele estava prestes a retribuir.

“Então eu deveria ser claro, deveria? Inequívoco? Eu deveria dizer o que quero dizer? Se eu fizesse, você realmente me ouviria? É isso que você está me dizendo? Eu vou cobrar isso de você! Neste minuto. Eu direi tudo. Não tape os ouvidos, ouça-me!” Ele agarrou as mãos dela enquanto ela tentava colocar os dedos nos ouvidos.

Ele respirou fundo. Ele estava olhando para Maomao, mas de alguma forma parecia quase envergonhado.

Finalmente ele conseguiu dizer: **“Agora me escute, v... quero dizer, Maomao! Ouça com atenção! Vou fazer de você minha esposa!”**

Ele disse isso. Ele realmente disse isso. Para ela, parecia uma sentença de morte. Toda a sua imprecisão, toda a sua ambiguidade tinham sido, na verdade, uma demonstração de bondade para com Maomao. Pois com seu status social, as palavras ditas uma vez eram tão boas quanto uma ordem. Ela não poderia lutar contra elas, não poderia contrariar o que ele desejava.

Jinshi estava corando, mas Maomao estava completamente pálida. **“Eu gostaria que houvesse um imortal aqui que pudesse voltar no tempo,”** ela murmurou.

“Seu monólogo interno está aparecendo”, Jinshi retrucou. Ele não conseguia olhar nos olhos dela, mas não soltou seus pulsos. Um sentimento profundamente desconfortável pairava entre eles. Por fim, ele suspirou. **“Seja como for, você está certa ao dizer que, com as coisas como estão, fazer de você minha esposa só poderia prejudicá-la. Nenhum de nós quer isso.”**

Ele tomou um gole da jarra ao lado da cama, em um esforço para diminuir o rubor.

“Por você, removerei todos os obstáculos que nos separam. Um dia. Apenas saiba disso.” Com isso, Jinshi se enterrou debaixo das cobertas. **“Eu não vou deixar o que você teme acontecer. Eu juro.**"

Logo ela o ouviu respirando uniformemente durante o sono. *O que eu temo...* Maomao imaginou a imperatriz Gyokuyou. *Não acho que Mestre Jinshi saiba*, ela pensou. Ela não achava que ele estivesse ciente do segredo de seu próprio nascimento. *E a imperatriz Gyokuyou? Ela sabe*?

E o que Sua Majestade queria para Jinshi? E Ah-Duo?

Nunca é bom saber muito.

Quando Jinshi descobrisse a verdade, ele ainda tentaria encontrar uma maneira de tornar as coisas palatáveis para Maomao? Ela não era a única preocupada. Ele poderia inventar circunstâncias que evitariam conversas de todos ao seu redor?

Não... Nem ele poderia fazer isso. Era difícil, senão impossível, fabricar uma situação que agradasse a todos, e isso só ficava mais difícil à medida que se subia na escala social.

Maomao balançou a cabeça e fez menção de sair da sala. Na porta, ela encontrou Suiren, que estava sorrindo e por algum motivo inexplicável fazendo sinal de positivo com o polegar. Tudo o que Maomao pôde fazer foi encarar a velha senhora enquanto ela passava.

Capítulo 19: A verdade por trás da verdade

Durante vários dias, não houve nenhuma palavra de Jinshi. Maomao não acreditava que suas especulações fossem inquestionáveis, mas também não achava que tivesse sido um erro contradizer seu pai. O caso da tentativa de envenenamento da sacerdotisa continuou, entretanto, e Aylin continuou sendo a principal suspeita.

Quando questionada, Aylin confessou. Seu motivo (ela alegou) era que ela não queria ir até Li, mas foi levada a isso, e ela guardava rancor da donzela do santuário, que era uma das responsáveis por sua fuga. Afinal, Aylin poderia ter se tornado sacerdotisa – ela foi criada para isso – se a atual ocupante do cargo não tivesse permanecido por tantos anos.

Para confessar abertamente uma antipatia não apenas pela sacerdotisa, mas pela própria Li, ela devia estar realmente desesperada. Tudo o que ela teria que fazer é adicionar o nome do imperador a essa lista para se tornar a mulher mais odiada de Li. Do jeito que estava, a história parecia ser a de que uma estrangeira indolente atacara a sacerdotisa por animosidade pessoal. Isso foi bastante simples. E conveniente.

"Mentira..." A palavra saiu de sua boca antes que ela pudesse se conter. Lahan estava lhe contando tudo. Isso não era algo que pudesse ser resolvido por um mensageiro, então ele a convocou sob o pretexto de que precisava de algum tipo de remédio.

"Você está me dizendo", ele respondeu enquanto tomava um remédio para o estômago. Maomao ficou um tanto surpresa ao perceber, tardiamente, que até ele às vezes podia sentir dor de estômago. **"Acho que isso é tão suspeito quanto você. A própria consorte me disse o quanto ela respeita a donzela do santuário. E agora ela a odeia o suficiente para tentar matá-la?"** Ele balançou a cabeça e suspirou profundamente. **"Falando nisso, como está aquela jovem? Yao ou o que quer que seja?"** Como responsável pelo menos em parte por todo o caso, Lahan sentiu-se culpada pelo que havia acontecido com ela.

"Ela escapou com vida, mas acho que pode haver consequências."

Yao melhorou muito sob os cuidados de Luomen e En'en. Ela não estava completamente recuperada, sem mencionar que ficou perturbada ao saber que havia ingerido veneno sem perceber. Maomao não a culpava, pois cogumelos venenosos podiam ser surpreendentemente deliciosos, e ela estava prestes a dizer isso quando seu pai a

interrompeu gentilmente. Ele parecia pensar que poderia não ser tão reconfortante quanto ela imaginava.

Maomao visitava a sacerdotisa diariamente para ver como ela estava, mas, para ser franca, ela não tinha certeza se a mulher estava agindo ou não. Se ela estivesse apenas fingindo estar doente, então não havia necessidade de Maomao bombardeá-la com perguntas sobre sua condição – na verdade, isso poderia torná-la cúmplice na incriminação de Aylin. Então ela teve ampla oportunidade de conversar com a sacerdotisa, mas não teve o direito de fazer as perguntas que realmente queria.

O maior problema foi que tudo o que Maomao disse era, em última análise, especulação, sem nenhuma evidência específica para apoiá-lo. Se fosse verdade que a donzela do santuário tinha vindo até aqui simplesmente para fazer Aylin cair, então qual era a fraqueza que Aylin estava tão empenhada em aproveitar? Todo esse esforço não era muito arriscado?

"Eu me pergunto o que ela tem sobre a donzela do santuário", refletiu Maomao.

"Eu tinha tanta certeza de que elas eram boas amigas. Não obstante as tentativas da consorte de explorar essa vulnerabilidade. Ela nunca pareceu ter rancor da donzela do santuário. Ela parecia respeitá-la genuinamente."

Lahan apoiou os cotovelos na mesa e bebeu água. **"Você precisa tomar com comida ou vai fazer mal ao estômago"**, disse Maomao, lembrando. Com certo aborrecimento, Lahan pegou um lanche na prateleira. Um pão recheado com pasta de batata. Quando Maomao perguntou se eles não tinham pães de carne por perto, ela foi brevemente informada de que não.

"De qualquer forma, se elas fossem tão boas amigas, não creio que estaríamos nesta situação neste momento", disse Maomao.

"Ainda estou convencido de que a consorte Aylin tem profundo respeito pela donzela do santuário. Se as acusações fossem falsas, por que ela prestaria o testemunho que prestou?"

"É verdade", admitiu Maomao.

"Eu disse a ela que se ela tiver algo a dizer em sua própria defesa, estou mais do que aberto a ouvi-la, mas em vez disso ela vai e se incrimina..." Ele estava realmente convencido pelas acusações contra ela? **"Ela é uma ótima atriz." Ela havia falado mal da donzela do santuário, mas também confessou o crime, essencialmente assumindo a culpa."**

“Exatamente quanto você ouviu sobre o relacionamento entre Aylin e a donzela do santuário?” Maomao perguntou.

“Exatamente o que eu te disse. A Senhora Aylin era uma das potenciais futuras sacerdotisas e passou quase cinco anos como aprendiz da atual. Normalmente, as aprendizes vivem no palácio da sacerdotisa durante todo o seu mandato, até que seu “tempo mensal” chegue e elas percam o direito de serem sacerdotisas. Normalmente, um casamento é encontrado para elas assim que deixam o palácio da donzela, mas a consorte Aylin era veementemente contra esse acordo. Em vez disso, ela e a prima procuraram refúgio com o avô. Ele era um homem prático e viu quanto uso poderia ser feito da educação que receberam da sacerdotisa.”

Foi assim que elas acabaram como emissárias. Maomao se perguntou como algumas mulheres viajaram sozinhas para um país estrangeiro nessa posição, mas parecia que não tinha sido um caminho fácil. No entanto, se Aylin tivesse sabido do bebê da donzela do santuário, ou pelo menos adivinhado sua existência, durante seu tempo como aprendiz...

“Você normalmente não exporia o que sabia antes?” Maomao disse.

"O que você quer dizer?"

“Quero dizer sobre o bebê.” Sua suspeita de que a sacerdotisa tivesse dado à luz um filho. E se ela não estivesse procurando a fraqueza da donzela do santuário, mas apenas estivesse curiosa? **“Se ela sabe sobre essa criança desde que era aprendiz, por que trazer isso à luz agora?”**

“Um ponto justo.” Talvez tenha sido o gosto de Lahan por um rosto bonito que criou esse ponto cego para ele. Ele ajeitou os óculos, depois cruzou os braços e fechou os olhos. **“Que tal isso, então? E se investigar se a sacerdotisa tinha um filho fosse apenas um pretexto?”**

“Então você também pensa assim?”

Lahan tinha algumas... qualidades nada ideais, mas era inteligente. Quando ele se dedicava a alguma coisa, ele conseguia descobrir muito rapidamente. **“Suponha que isso fosse um blefe. Uma cobertura para algo ainda maior. Suponha que essa coisa maior seja a razão pela qual estamos nesta situação agora.”**

“Eu admito, isso conectaria muitos pontos.” A questão então passou a ser o que era “algo ainda maior”. Maomao e Lahan fizeram barulhos pensativos. **“Se meu velho estivesse aqui...”** começou Maomao.

“Admito que meu honrado tio parece saber de alguma coisa. Mas há todas as chances de ele se recusar a nos contar se o faz.”

Luomen parecia o tempo todo como se algo na situação o incomodasse. Teria ele chegado a alguma conclusão que ainda escapava a Maomao? Talvez ele tivesse um palpite, mas enquanto continuasse sendo um palpite, era improvável que ele falasse sobre isso. Maomao sentiu que estava ficando com raiva novamente.

“Se meu honrado tio pudesse ter examinado pessoalmente a donzela do santuário, poderíamos ter aprendido alguma coisa...”

“Puxa, desculpe por ser tão inexperiente”, rebateu Maomao. Mas ela concordou que algo estava estranho. Certamente não haveria problema para um eunuco tocar na donzela do santuário, mesmo que ele fosse, ou já tivesse sido, um homem. Ela ficou em silêncio por um longo momento.

"Qual é o problema?" Lahan perguntou.

Ela apenas murmurou: **“Eunuco...”** Ela pressionou a mão na testa. Ela sentiu como se tivesse os pedaços dispersos de uma resposta. Ela tentou lembrar o que sabia. Ela tirou as anotações das dobras de suas vestes. Ela registrou detalhes de seus exames da donzela do santuário. Ela colocou a carta de En’en ao lado também.

"O que é isso?" Lahan perguntou.

“Uma lista de alimentos que a donzela do santuário come com frequência. Todos eles tratam distúrbios femininos – ou seja, aumentam o qi feminino. Essa é uma lista de suas aplicações.”

A lista incluía os ingredientes que o simpático oficial médico dissera ter sido obrigado a levar em suas visitas ao palácio interno. A princípio, Maomao achou que estava muito abalado com a lembrança porque o gosto era horrível, mas quando viu os efeitos, teve que dar um sorriso solidário.

“Acho que você poderia usar algumas dessas coisas, Maomao”, Lahan zombou dela enquanto olhava a lista.

"Sim, claro. Questionário rápido: quais são as características de um eunuco?”

“Sabe, você poderia ser um pouco mais respeitosa com seu irmão mais velho. Bah, de qualquer maneira. O qi masculino de um eunuco diminui. Seu cabelo fica mais fino e sua voz fica mais alta.”

“Sim, e é mais provável que ele engorde à medida que envelhece, altura em que pode parecer envelhecer muito rapidamente. Você pode ver isso em meu próprio pai. Mas há outra coisa.” Lahan olhou para ela, muito curioso para saber o que poderia ser. **“Se um menino é castrado antes de seu desenvolvimento em homem começar, sua voz nunca muda e seus pelos corporais nunca aparecem. Como ele não tem o qi masculino que motiva o crescimento, seus braços e pernas podem se tornar desproporcionalmente longos.”**

“Eu nunca dei uma boa olhada na donzela do santuário. Você está insinuando...”

“Ela é um pouco alta para uma mulher e seus membros são bastante longos. Ela começou a adquirir um pouco de barriga nos últimos anos. E acontece que há uma doença que afeta os eunucos e que causa sintomas bastante semelhantes aos de uma mulher cujo qi está diminuindo.”

Todos os detalhes se encaixam.

"Espera. Eu sei que até você consegue perceber a diferença entre um homem castrado e uma mulher de verdade. Você deu uma boa olhada no peito dela, pelo menos! Espere...” Lahan evidentemente se lembrava do que estava escrito na lista de remédios.

“Sim, e estava presente e contabilizado.” Maomao pegou as notas novamente, sentindo a mesma onda de raiva. A carta de En’en enumerou os efeitos de vários medicamentos – incluindo o hasma.

Hasma: Excelente para uma boa pele e beleza geral. Reforçador de resistência; alto valor nutricional. O uso excessivo, entretanto, pode fazer com que o tórax aumente.

Essa era uma das coisas que En’en alimentava Yao. Isso certamente explicaria a extensão do seu desenvolvimento – na verdade, Maomao lembrava-se de En’en se gabando exatamente disso. Talvez tenha sido isso que fez o velho médico sorrir com tanta dor. Muito disso poderia fazer com que até um homem desenvolvesse um peito amplo, e isso não era brincadeira.

“O peito é obviamente a primeira coisa que você olha quando tenta distinguir entre um homem e uma mulher. A posição do umbigo deveria ter me avisado.” A barriga da donzela do santuário tornava difícil julgar, mesmo que Maomao se perguntasse sobre isso. Se até mesmo Maomao, que estava bastante familiarizado com os corpos nus de homens e mulheres, não tivesse ligado os pontos, quão mais difícil seria para Yao e En’en? A razão pela qual os eunucos não eram permitidos perto da donzela do santuário era porque eles eram ainda mais parecidos fisicamente com “ela” do que a mulher comum. O segredo pode ter sido revelado.

Este tinha sido o plano o tempo todo.

"Quero que você investigue se a sacerdotisa deu à luz um filho." No momento desse pedido, Maomao não imaginava que a sacerdotisa fosse um homem castrado.

Merda! A lã havia sido puxada completamente sobre seus olhos. O estranho olhar que o pai de Maomao lhe lançou quando ela relatou pela primeira vez as notáveis características físicas da donzela do santuário – talvez fosse porque a possibilidade já lhe ocorrera naquela época. Se ele próprio pudesse olhar para a sacerdotisa, quase certamente teria descoberto a verdade.

"É este o segredo que a donzela do santuário está tão desesperada para esconder?" Lahan disse. Seria certamente o tipo de vulnerabilidade que um oportunista poderia explorar facilmente. **"Mas espere... Se for, por que vir até outro país para tentar silenciar uma mulher que já se tornou consorte em uma corte estrangeira? E por que fazer isso de uma forma tão complicada?"**

A donzela do santuário não era uma mulher: se essa hipótese estivesse correta, que outras realidades aparentes ela poderia minar? A "donzela do santuário" estava tentando atribuir o caso a Aylin - ou, aliás, Aylin estava tentando assumir a culpa? Se sim, por quê? Ela não ganhou nada com isso, mas Li ganhou.

"Nesse ponto", disse Maomao. **"Considere o que aconteceria se o assassino da sacerdotisa fosse alguém do nosso povo."**

"Seria uma questão de face nacional", disse Lahan. **"Pode até significar guerra. Fico muito grato pela Senhora Aylin ter confessado tudo sozinha."**

"Então não há problema para nós se ela for a culpada?"

"Eu não diria que não há problema, mas é improvável que dê início a um conflito internacional. No entanto, isso sem dúvida nos colocará em desvantagem em relação a Shaoh."

Assim, Shaoh encontrar-se-ia numa posição vantajosa face a um dos seus maiores vizinhos, e sem guerra. Isso fez a cabeça de Maomao girar, mas ela sabia que precisava manter a calma e pensar sobre as coisas. *Comece com o gênero da sacerdotisa.*

"O que aconteceria se Shaoh descobrisse que sua sacerdotisa era um homem?", ela perguntou.

"O que aconteceria se descobríssemos que nosso imperador era uma mulher?" Lahan respondeu.

Maomao percebeu que sua pergunta era ridícula – parecia uma contradição de termos. Li nunca em sua história teve uma imperatriz como governante único. Sim, a mãe do ex-imperador era por vezes referida como a imperatriz reinante, mas isso era algo mais próximo de um apelido, não de um título propriamente dito. Se ela tivesse tentado assumir o trono fingindo ser um homem, não só teria sido punida, mas a confiança no governo teria sido profundamente abalada.

"Diz-se que o governo de Shaoh tem dois pilares, a donzela do santuário e o rei", disse Lahan. **"Tenho certeza de que há aqueles que ficariam felizes em ver isso reduzido a um pilar, mas em qualquer caso, a autoridade da próxima sacerdotisa estaria no fundo do poço – se é que haveria uma próxima sacerdotisa. Todos os avanços tão diligentemente feitos durante a era da atual donzela do santuário seriam desfeitos."**

O longo mandato da atual donzela do santuário permitiu que as mulheres expressassem suas opiniões mais livremente em Shaoh. Se se descobrisse que a "donzela" era um homem, tudo o que foi alcançado seria desarraigado. O que Aylin deve sentir sobre isso? Aylin, que graças à educação que a sacerdotisa lhe deu conseguiu evitar um casamento que não queria e até se tornar uma emissária apesar de ser mulher?

"Quem quer que sejam os inimigos da donzela do santuário, o rei ou seus associados, eles a teriam descoberto mais cedo ou mais tarde. Então, em vez disso, ela fez algo sem precedentes: fez uma viagem", disse Maomao. Ela não tinha certeza, apenas testando a ideia. **"O objetivo principal era evitar que seus inimigos descobrissem a verdade, por..."**

Ela parou. A sacerdotisa tinha ido a algum lugar onde não seria descoberta, algum lugar onde não pudessem alcançá-la. Então ela não deixaria nenhuma evidência. Sem dúvidas. Maomao pressionou a mão na testa dela. Ela cerrou os dentes. Isso não poderia significar o que ela pensava, poderia? No entanto, a compreensão que surgiu foi a que fez mais sentido à luz de tudo o que a donzela do santuário havia feito.

Finalmente ela deu voz à sua terrível suspeita.

"Ao cometer suicídio."

Capítulo 20: Congee de Cogumelo

A brisa estava úmida. Muito mais fresco do que o clima de onde ela veio – ela não conseguia se acostumar com a sensação disso em sua pele. O sol estava menos intenso aqui, no entanto. Mesmo dentro de casa, ela sabia. Ela conseguia fazer caminhadas um pouco mais longas do que o normal, e isso a deixava feliz.

Ela pensou nas aventuras que teve nos últimos meses. Antes, ela passava todo o tempo em sua residência, sendo adorada. Ela já estava acostumada com as pessoas a venerando, mas isso poderia ficar chato. Ela estava preparada para entregar o cargo a quem quisesse, mas sua própria existência impedia qualquer chance de isso acontecer. Donzela do Santuário, como a chamavam, e já fazia tanto tempo que ela não se lembrava mais do próprio nome. Se ela abdicasse de seu assento agora, ela nem saberia como se chamar.

E agora, tudo estava finalmente chegando ao fim. Esse lânguido período de tempo foi o último adiamento.

Seu quarto estava escuro por uma série de cortinas. Houve um farfalhar de tecido na penumbra. Ela se perguntou por um segundo o que seria, mas então viu uma garota espiando para ela. O nome dela era Jazgul. Significava "flor da primavera". A menina, nascida sem voz, havia sido trazida até ela cerca de um ano antes.

Talvez tivesse sido rude perguntar por que caminho ela veio parar com a donzela do santuário. Ela era muito bonita à sua maneira, mas seus membros longos denunciavam desnutrição. Ela não sabia ler nem escrever, mas ouvia e entendia o que lhe diziam. Quanto à falta de realizações, isso era exatamente o que a donzela do santuário precisava.

A donzela do santuário acenou para Jazgul, que veio até ela feliz. Não houve visitantes hoje. Já fazia alguns dias que a sacerdotisa estava doente de cama, incapaz de entreter Jazgul. Agora ela sentia que precisava compensar isso.

Ela sorriu para Jazgul quando a garota se aproximou dela. Ela deslizou para fora da cama e trouxe alguns itens de um lado do quarto. Eles incluíram algum pigmento. A sacerdotisa mergulhou o dedo na coisa vermelha e pintou-o na testa de Jazgul, desenhando a tatuagem no rosto para enfatizá-la. Jazgul simplesmente ficou de pé e deixou-a trabalhar, claramente satisfeita. Talvez fosse sua falta de aprendizado ou o fato de não conversar, mas ela parecia ainda mais jovem do que era.

Depois de pintar o rosto de Jazgul, a sacerdotisa tirou várias folhas de papel de pele de carneiro, colocou um pouco de tinta e deu a Jazgul a pena de uma ave aquática. **"Que tipo de sonho você sonhou hoje?",** ela perguntou.

Jazgul começou uma ilustração instável. Incapaz de falar ou escrever, essas imagens grosseiras eram o seu único meio de comunicação. Quando ela estava desenhando, ela ficava bastante absorta no que estava fazendo. Mas ela não podia ficar no quarto da sacerdotisa. Na verdade, logo chegaria a hora de comer.

“Volte para o seu quarto”, disse a donzela do santuário, recolhendo o papel e a tinta e entregando-os a Jazgul. O papel era muito pesado para a garota segurar, e ela deixou cair um pouco. Enquanto ela lutava para pegá-lo, ela olhou para a sacerdotisa, implorando silenciosamente para ficar com ela, mas havia coisas que nem mesmo a sacerdotisa poderia mudar. Ela deu um tapinha na cabeça de Jazgul, ainda mais gentilmente do que o normal. **“Você não pode ficar comigo para sempre. Eu sei que você pode fazer desenhos sozinha.”**

Jazgul assentiu e a donzela do santuário sorriu. Poucos momentos após a criança sair da sala, entrou a assistente de pele bronzeada. A donzela do santuário a chamou de “oráculo”. A palavra significava algo muito semelhante a “donzela do santuário” e, como a donzela do santuário, o oráculo também havia esquecido seu próprio nome. Já se passaram quase vinte anos desde que ela assumiu o comando do último oráculo.

A donzela do santuário lembrou-se de algo que o último oráculo lhe dissera: que a palavra para “donzela do santuário” era um homófono para outra palavra, que significava “filho dos deuses”. Era apropriado que alguém chamado oráculo servisse ao filho dos deuses, pois não era dever de um oráculo ouvir as vozes dos deuses?

Em algum momento ao longo do tempo, o “filho dos deuses” tornou-se a “donzela do santuário”. Foi porque apenas mulheres foram escolhidas para o cargo? Ou porque só sobraram mulheres? Ela não sabia. Ela, porém, achava que era certo e apropriado que ela mesma fosse uma “donzela do santuário”. Ela havia sido descoberta pelo oráculo anterior quando era muito jovem. Na verdade, ela morava no palácio da donzela do santuário desde antes de se lembrar.

Disseram que ela era especial. Seus cabelos brancos e pele branca e olhos vermelhos. A falta de cor em seu corpo, disseram, permitiu-lhe ouvir as vozes dos deuses com mais clareza. Cada movimento seu passou a ser considerado uma profecia, lida e interpretada pelo oráculo. Todos sabiam que os prognósticos de uma sacerdotisa pálida se tornariam realidade. Ela era a única pessoa que nem o rei ousava olhar nos olhos; ela mal era humana, mas estava sentada entre as sombras de seu palácio, entronizada como uma deusa.

Uma sacerdotisa não precisava de aprendizado. Seu próprio ser era supremo. Ao longo dos tempos, os oráculos nunca deram às donzelas do santuário nada que se assemelhasse a uma educação. No entanto, foi isso que o oráculo anterior fez por esta donzela do santuário. Talvez ela só tivesse sido um pouco... diferente. Ela ensinou a donzela do santuário a ler e escrever, graças às suas cartas.

Nada disso mudava o fato de que a sacerdotisa nada sabia sobre o resto do mundo.

Ela sabia que a donzela do santuário não poderia mais ocupar seu cargo quando começasse a menstruar, mas o que ela não sabia era o que aconteceria com ela depois de ser destronada. Incapaz de imaginar que destino a aguardaria, ela completou dez anos, depois quinze.

A menstruação chegava em um momento diferente de pessoa para pessoa, e ela tinha ouvido falar que houve sacerdotisas no passado para quem ela nunca chegou. Então ela não questionou sua própria falta de menstruação, mas simplesmente continuou como sacerdotisa. No entanto, ela não pôde deixar de notar que havia outras coisas em seu corpo que a diferenciavam. Por um lado, ela não se desenvolveu como as mulheres. Seu peito nunca cresceu, embora seus braços e pernas continuassem ficando mais longos. Mesmo alguém tão protegido como ela sabia das diferenças entre homens e mulheres. Quando ela perguntou ao oráculo, lhe disseram: **"Você é especial".** Depois disso, porém, ela descobriu que recebia alimentos novos e desconhecidos para comer. Seu peito começou a inchar, mas ainda assim seu sangue não veio.

Os meses e anos se passaram com ela ainda ignorante, ainda sem compreender. Sua fama como donzela do santuário aumentou, assim como o número daqueles que procuravam seus augúrios. Disseram-lhe que enquanto adivinhava, ela poderia fazer o que quisesse, mas não deveria falar. O oráculo diria tudo em seu nome.

O oráculo que lhe contou tudo isso, fez tudo isso por ela, finalmente encontrou seu fim quando a donzela do santuário tinha vinte anos. Simplesmente tinha chegado a hora dela, mas como nunca tinha visto ninguém morrer, a donzela do santuário não tinha entendido completamente. O velho e enfermo oráculo foi substituído por este novo: sua neta. Antes de ela falecer, o velho oráculo disse à sacerdotisa por que sua menstruação nunca havia começado, por que seu corpo não se comportava como o de uma mulher.

A donzela do santuário, disse ela, nasceu numa pequena aldeia, um lugar raro de vegetação luxuriante entre as terras áridas de Shaoh. Foi estabelecido como um refúgio onde as sacerdotisas que haviam deixado seus cargos poderiam se aposentar, e muitos dos aldeões tinham o sangue de gerações de sacerdotisas em suas veias. Algumas daquelas donzelas também deviam estar pálidas. Foi lá que nasceu a atual donzela do santuário – um homem.

Pareceu ridículo quando o oráculo revelou a verdade. Como uma piada de mau gosto. Mas o oráculo continuou falando com sua voz murcha e quebradiça. Ela disse que o rei naquela época era um rei ruim. Shaoh floresceu como uma encruzilhada de comércio, mas tinha ideias ultrajantes sobre fazer guerra em outras terras. Seus conselheiros tentaram dissuadi-lo, mas ele era jovem e teimoso e não quis ouvir.

A donzela do santuário era o outro pilar, aquela que poderia controlar o rei. Mas a donzela do santuário naquela época não tinha a força de vontade necessária e, de

qualquer maneira, na sua idade, ela parecia prestes a se aposentar. Se uma nova sacerdotisa surgisse, ela poderia ser capaz de se opor ao rei. Especialmente se ela fosse a coisa mais sagrada, uma donzela pálida.

Então o oráculo usou a sacerdotisa para cortar o tolo rei pelos joelhos. Ela fez com que a donzela do santuário não fosse um homem. Ele foi castrado ao mesmo tempo que os cabritos machos.

Agora uma mulher, a donzela do santuário foi apresentada ao rei. Parecia que ela chorava diante do ambiente incomum - pouco é incomum em uma criança chorando, mas o oráculo aproveitou o momento para declarar o rei inapto.

As revelações pareciam invalidar toda a vida da sacerdotisa. No espaço de um instante, seus vinte anos no escritório foram transformados em mentira. Ela sempre acreditou que era especial, mas agora sabia que não passava de um peão, usado para destronar o rei. Ela desejou poder repreender o oráculo moribundo, dar vazão à sua fúria e vergonha. A donzela do santuário, porém, estava tão protegida do mundo que nem sabia que palavras usar num momento como aquele. De que adiantaria isso para ela, afinal? Mesmo o modesto conhecimento que ela tinha, o oráculo lhe deu na tentativa de salvar sua própria consciência.

Após a morte do oráculo anterior, a donzela do santuário foi morar perto da aldeia onde nasceu, sob o pretexto de "se recuperar". O agora falecido oráculo foi brilhante à sua maneira. Ela usou seu fantoche, a donzela do santuário, ao máximo e estabilizou a política da nação. Sua neta, agora oráculo, era quase tão capaz quanto sua avó, mas faltava-lhe experiência. Talvez fosse justo dizer que eles fugiram até que ela obtivesse a compreensão necessária.

Havia um entendimento tácito de que, com a ascensão de um novo oráculo, a sacerdotisa também mudaria. Várias jovens de excelente formação foram enviadas à donzela do santuário para se tornarem aprendizes, e ela as educou, assim como o oráculo fez por ela. Talvez ela estivesse simplesmente tentando expiar o fato de tê-las enganado, mas pelo menos isso serviu para ampliar suas perspectivas futuras.

Ela sabia que poderia ter entregado o assento da sacerdotisa a uma delas a qualquer momento, mas não pôde deixar de se agarrar ao escritório. Afinal, ela foi criada para ser donzela do santuário. Ela nem tinha um nome para chamar de seu.

Aylin era amigável com ela, mas muitas das jovens viam a donzela do santuário como nada além de um obstáculo. Ayla estava entre as suas inimigas – ela parecia a gêmea de Aylin, mas as duas mulheres dificilmente poderiam ser mais diferentes. Mais ou menos na época em que a sacerdotisa soube que não poderia fingir que estava se recuperando para sempre, um mensageiro chegou de sua aldeia. Nasceu uma criança. Foi trazido até

ela envolto em panos brancos, sua pele pálida o suficiente para ver os vasos sanguíneos abaixo.

"Honrada donzela do santuário", disse uma voz familiar, tirando-a de seu devaneio. O oráculo estava diante dela. A donzela do santuário devia estar completamente perdida em suas reminiscências. **"Você tem certeza disso?",** o oráculo perguntou. Na frente da donzela do santuário havia uma tigela de mingau de arroz. Ah sim. Ela estava prestes a comer.

"Vai levantar suspeitas se eu demorar mais", disse a sacerdotisa bruscamente.

O oráculo não disse nada, mas sua expressão escureceu. Como ela poderia fazer aquela cara quando sabia de tudo? Ela cerrou os punhos e olhou para o chão, recusando-se a olhar nos olhos da donzela do santuário.

"Vou fazer minha refeição sozinha. Você vai esperar em outro lugar." A donzela do santuário sorriu. Ela teve que sorrir. **"Eu sei que posso confiar em você com tudo o que vem depois."**

Ela estava prestes a levar a colher aos lábios quando percebeu uma comoção lá fora. Franzindo a testa, ela e o oráculo se entreolharam – e então a porta se abriu.

"*Por favor, com licença!*", gritou uma mulher diminuta na língua Li. Um pedido e tanto para alguém invadindo a sala de uma dignitária. Mas a sacerdotisa a conhecia: ela era uma das assistentes médicas, aquela que a examinou antes. Mas ela não deveria estar aqui hoje.

"C-Como você ousa ser tão rude!", disse o oráculo, tentando bloquear seu caminho, mas a jovem disparou ao redor dela e foi até a donzela do santuário. O que aconteceu com os guardas?!

"*Rude, não eu. Esse. Meu trabalho!*" Ela falou hesitantemente em Shaohnese. Ela aproveitou o espanto da sacerdotisa para arrancar-lhe a colher. Ela enfiou na boca e engoliu. A donzela do santuário e o oráculo ficaram brancas, mas a dama da corte apenas sorriu – na verdade, ela fechou os olhos em êxtase. Ainda sorrindo, ela olhou para a donzela do santuário. **"Muito saboroso. Mingau de cogumelos."**

Ela parecia absolutamente triunfante.

Capítulo 21: A Confissão da Donzela do Santuário

Maomao tomou outra colherada antes que a assistente da sacerdotisa pegasse o mingau. **“O-o que você pensa que está fazendo?!”,** ela exigiu.

"**Simples. Estou com gosto de veneno”,** respondeu Maomao, voltando para sua própria língua. A assistente fez isso primeiro - claramente, o Shaohnese de Maomao não estava à altura. Francamente, ela estava feliz por conduzir aquela conversa em sua língua nativa. **“Dê-me esse mingau, por favor. Ainda não terminei de verificar. Ou você pretende deixar a honrada donzela do santuário comer o resto?”**

A assistente ficou em silêncio, o que Maomao considerou motivo para continuar.

“Devo dizer que estou impressionada, embora provavelmente não devesse. A maneira como você colocou as mãos naquele veneno sem deixar rastros.”

“Você não tem provas!” A assistente fez uma careta, mas apenas por um segundo; ela prontamente recuperou seu comportamento imperturbável. Naturalmente, qualquer pessoa que pudesse estar envolvida em uma trama de tão grande alcance teria que ser um bom ator. A donzela do santuário também parecia imperturbável.

Faz sentido, pensou Maomao. Ela nunca iria explodir convenientemente com uma confissão.

“Se você pudesse fazer a gentileza de esperar um momento, então?” Maomao disse. **“Se o mingau foi envenenado, devo começar a apresentar sintomas a qualquer momento. Como não tenho certeza de quão repentinos ou intensos os efeitos do veneno podem ser, por favor, deixe-me ficar com o resto.”** Ela estendeu a mão, mas a assistente não fez nenhum movimento para entregá-lo a ela. **“Havia apenas um pedaço de cogumelo na mordida que eu comi! Isso não é quase uma dose fatal! Vamos, dê!”**

"**Você não pode estar falando sério. Se você acha que está envenenado, cuspa!”**

“Não farei tal coisa”, disse Maomao. Ela tirou algumas anotações das dobras de seu manto.

"**O que é isso?",** a assistente perguntou.

“As anotações mantidas por uma mulher da corte chamada Yao – aquela que estava provando veneno na comida da honrada donzela do santuário. Ela é uma estudante muito diligente, e uma das coisas que lhe ensinei foi que se uma comida tivesse um

cheiro estranho, ela não deveria comê-la. Se a consorte Aylin tivesse envenenado a comida com seu incenso em pó, Yao teria sentido o cheiro. Ela pode não ser muito experiente, mas não cometeria um erro tão fundamental."

As notas continham observações detalhadas de vários dias antes do jantar.

"Ela fez um registro cuidadoso do que a honrada donzela do santuário comia. No café da manhã do dia do jantar formal, parece que ela comeu um mingau muito parecido com este."

As notas diziam: *Bom dia. Congee (papa de arroz) com cogumelos.*

"Tenho certeza de que você estava bem ciente dos efeitos do veneno. Que você cronometrou para que eles aparecessem imediatamente após o jantar. E posso arriscar que você estava sentindo um pouco de culpa? Você usou uma quantia tal que, com os devidos cuidados, Yao ainda poderia ser salva."

Yao estava em muito melhor forma agora. Não havia como saber se poderia haver danos persistentes em seus órgãos internos, mas pelo menos ela não corria mais perigo imediato de vida. En'en também estava se sentindo muito tranquila.

"Receio que você não esteja fazendo nenhum sentido. A criminosa já confessou o crime, não é?"

"Sim, ela confessou. Posso presumir que foi hoje que você recebeu a notícia de que a culpada foi encontrada e tratada? É por isso que Sua Donzela se sentiu confiante o suficiente para seguir em frente e se matar."

Na medida em que Aylin teve que assumir a responsabilidade, a donzela do santuário só poderia cometer suicídio depois que a culpa da consorte fosse assegurada. Talvez tenha sido por isso que ela escolheu um veneno que poderia reaparecer em uma segunda "onda". Melhor ainda para ela, se ela morresse depois que Aylin fosse confirmada como criminosa, sua morte provavelmente seria encoberta. Ninguém queria que Li acidentalmente tropeçasse no verdadeiro culpado.

Maomao olhou para as mulheres. Calma, fria. *Não acho que elas tentariam me calar aqui e agora...* Lahan estava esperando na vila da sacerdotisa. Eles enviaram um mensageiro para o pai de Maomao e ela os esperava em breve. *Não seria fácil para elas calarem minha boca...* mas ter seus planos desfeitos nesta fase não pode ser uma perspectiva bem-vinda para elas.

Ela entendeu. Ela sabia que não havia nada a ganhar fazendo isso. O tom ameaçador que ela usou com elas não era realmente sobre revelar seus planos, mas foi simplesmente uma estratégia inicial, uma forma de fazer com que elas a ouvissem.

"Honrada donzela do santuário. Acredito que você e a consorte Aylin se conhecem bem, não é?" Maomao disse.

"Sim", respondeu a donzela do santuário. **"Pela primeira vez, há muito tempo, ela poderia ter se tornado minha sucessora."** Uma expressão de tristeza passou por seu rosto.

Eu pensei assim.

Aylin estava tentando proteger a donzela do santuário. Ela teria feito isso se a sacerdotisa realmente estivesse tentando atribuir tudo a ela? Conhecendo a relação entre elas, parecia possível que esse fosse o plano deles desde que Aylin chegou ao palácio interno.

"Isso significará a forca para ela, você sabe", disse Maomao.

A donzela do santuário estremeceu com isso. Comparada à sua acompanhante, ela deixou a desejar como intérprete. Se Maomao esperava fazer com que uma delas quebrasse, a sacerdotisa parecia ser o seu melhor alvo.

"Não sei como você faz as coisas em Shaoh, mas em Li, assassinato – até mesmo tentativa de homicídio – é punível com a morte. Ela dedicou a vida dela a você. Você simplesmente vai deixar que eles a matem?"

Nenhuma das outras mulheres disse nada.

"Você é, então? Consorte Aylin, a mulher que você educou para que ela pudesse ter um futuro. Agora você mesmo vai arrancar esse futuro dela?"

Mesmo assim, Maomao não teve reação. *Não adianta. Imaginei.* Entretanto, enquanto ela tentava decidir o que dizer em seguida, a cabeça da donzela do santuário caiu onde ela estava sentada na cama e ela soltou uma espécie de gemido.

"H-honrada donzela do santuário", disse sua atendente.

"O que eu deveria fazer?", a donzela do santuário disse. As palavras não tinham nada da força de seu ofício; elas pareciam suplicantes. Como se a brisa pudesse afastá-las. Quando a donzela do santuário começou a falar novamente, foi em Shaohnese. Maomao lutou para acompanhar. ***"Desde o momento em que nasci, minha vida foi distorcida e tudo***

que pude fazer foi seguir o caminho que foi traçado para mim. Eu não tinha nada, nada além de ser a donzela do santuário. Então pensei que poderia pelo menos ser a donzela do santuário até o amargo fim."

"Honrada donzela do santuário!", disse a assistente, sacudindo-a, mas ela continuou sua confissão em Shaohnese fluente, salpicado com algumas palavras ocasionais na língua Li. Foi substancialmente como Maomao havia adivinhado. A facção real em Shaoh via a sacerdotisa, nessa época bastante poderosa, como um obstáculo, e procurou desalojá-la de seu cargo. Talvez ela pudesse ter suportado isso, mas eles também pretendiam entregá-la em casamento assim que ela fosse deposta. Um toque de pânico era compreensível.

"Suponho que eles queriam arrastar a donzela do santuário de volta à terra", disse ela na língua Li, com sotaque forte. **"Aquela criança me odiava tanto. Ayla..."**

Ayla... Maomao pensou.

A outra emissária. Portanto, nem tudo o que Aylin disse foi uma invenção. Ela habilmente entrelaçou alguns fatos também. Talvez o ciúme de Ayla pela posição da sacerdotisa tenha sido o que fomentou o seu ressentimento em relação aos albinos. Isso explicaria por que ela usou a Dama Branca daquele jeito.

Não estava claro se a facção real tinha alguma noção de quem realmente era a sacerdotisa ou se simplesmente esperava degradar a mulher sagrada, tornando-a uma noiva comum após removê-la do cargo. De qualquer forma, a simples instalação de uma nova sacerdotisa reduziria drasticamente o poder do cargo.

Maomao não disse especificamente que a sacerdotisa era na verdade um homem, mas pelo contexto, elas provavelmente entenderam que ela sabia. As emoções estavam intensas e talvez tenha sido um lapso de língua, Maomao não sentiu vontade de chamar a atenção para isso.

"Foi Aylin quem me falou sobre isso pela primeira vez", disse a donzela do santuário. Aylin e Ayla eram como irmãs, e Aylin revelou que havia descoberto o que a outra mulher estava pensando. Seu plano de usar a Dama Branca.

"Pois para ela, a donzela do santuário era algo especial", acrescentou a assistente. Aylin conhecia bem os costumes de Li. Ela sabia, por exemplo, que se a donzela do santuário morresse fora das fronteiras de Shaoh, os seus restos mortais seriam enviados de volta para a sua terra natal – e esse enterro era o costume em Li, com a queima de corpos reservada a criminosos. Uma simples diferença cultural. Em Shaoh, eles acreditavam que cremar a donzela do santuário a devolvia ao sol, de onde ela veio.

E se tudo o que eles querem são alguns fragmentos de osso, Aylin só precisa devolver alguns pedaços que não revelam o sexo da donzela do santuário. A morte da donzela do santuário deixaria Li com uma dívida a pagar a Shaoh, mesmo que o assassino fosse outro Shaohnese. No entanto, Shaoh, por sua vez, estaria livre da problemática donzela do santuário. O rei ficaria muito satisfeito com isso.

"Não seria tudo igual, desde que você estivesse fora?" Maomao perguntou à donzela do santuário.

"Não", ela respondeu. **"Posso ir, mas haverá outra sacerdotisa."**

Então é isso. Outra jovem que ainda não menstruava seria encontrada e estabelecida como donzela do santuário, e a assistente, que retornaria de Li, seria o poder por trás dela.

"A próxima sacerdotisa é muito mais capaz do que eu. É por isso que posso entregar o cargo a ela."

Maomao se perguntou o que fazia a atual donzela do santuário ter tanta certeza de que sua sucessora era mais adequada do que uma pessoa com mais de quarenta anos de idade e experiência. Ela guardou suas dúvidas para si mesma.

"Não haverá problemas sem mim."

Desta vez Maomao não conseguiu se conter. **"Você tem certeza disso?",** ela perguntou. **"Isso só se tudo correr como você prevê. Você já considerou o que pode acontecer se Sua Majestade souber do seu plano e ficar com raiva?"**

Tudo o que a donzela do santuário havia falado até agora beneficiou Shaoh e apenas Shaoh. Li, que ficaria segurando a sacola, não ganhou nada. Nem mesmo com Aylin e a donzela do santuário se sacrificando. A donzela do santuário estava pensando no bem do seu país – mas ela conseguiria isso às custas de outro.

"O que você pretendia fazer se Yao morresse?" Para essa pergunta, pelo menos, Maomao queria uma resposta. Ela bateu nas anotações de Yao. O que Yao fez de errado? Elas poderiam contar a ela?

"B-Bem... Bem..."

As outras duas mulheres claramente se sentiram culpadas. Elas sabiam que não poderiam usar um veneno muito fraco, ou poderia não funcionar. Para tornar plausível a morte da donzela do santuário, elas tiveram que demonstrar que havia uma toxina

potente envolvida. Sim, elas tentaram atenuar isso, mas um movimento errado poderia ter resultado na morte de Yao.

“Seu plano era que Shaoh colhesse todos os benefícios e Li arcasse com todos os custos? Se for esse o caso, não ficarei calada sobre isto”, disse Maomao.

“Mesmo se eu morrer?”, a donzela do santuário perguntou longamente.

“Odeio quando as pessoas pensam que tudo acabou só porque estão mortas!” Era tão bom quanto recusar-se a enfrentar as consequências do que quer que você tivesse feito. Maomao sentiu-se melhor por ter conseguido dizer o que mais queria dizer.

De repente, ela se viu pensando numa jovem alegre que adorava insetos. Uma jovem que desapareceu na neve e nunca foi encontrada. Maomao ocasionalmente espiava as lojas, imaginando se um dia poderia tropeçar no palito de cabelo que havia dado àquela garota.

“Como você pode ter certeza, honrada donzela do santuário, de que Shaoh não começará a fazer exigências a Li depois que você partir?”

“Achei que talvez você pudesse ceder a alguns dos desejos de Shaoh.”

"Como o que? Por comida?"

“Isso seria uma coisa, sim. E pensei... Talvez você pudesse ser induzida a entregar a mulher pálida, aquela que acredito que você mantém sob custódia.”

“Você quer dizer... a Dama Branca?”

A Dama Branca não poderia ser filha da donzela do santuário. Não era possível. Pensando bem, Aylin sugeriu a mesma coisa desde o início. Então, qual era a relação entre as duas? No mínimo, parecia que a Dama Branca provavelmente era de Shaoh, visto que Ayla a estava usando.

“Por todos os direitos, aquela garota deveria ter sido criada como a próxima sacerdotisa”, disse a sacerdotisa. A Dama Branca nasceu na aldeia das donzelas do santuário; ela e o atual ocupante do escritório tinham uma ligação sanguínea. Mesmo admitindo que crianças albinas pareciam nascer com mais frequência do que a média nessa linhagem, ainda assim algo a distinguia. **“Se eu simplesmente tivesse desocupado meu escritório e entregado a ela, nada disso teria acontecido. Mas porque senti que tinha que me agarrar ao meu lugar, mandei a criança pálida de volta para sua casa.”**

De alguma forma, isso fez com que a criança viajasse para outro país e causasse problemas, até que acabou tratada como uma criminosa comum.

“Tive medo de que, se se soubesse que havia outra criança albina para assumir o manto de donzela do santuário, só haveria mais conflitos. Então pedi que ela fosse criada em segredo. Mas então..."

“Então ela se tornou um peão no jogo de outra pessoa.”

"Sim. Usado por Ayla, que queria me destruir. Há cerca de cinco anos, ouvi dizer que a menina havia sido levada embora.” A donzela do santuário olhou para o chão, profundamente perturbada. A criança não conseguiu se tornar sacerdotisa e não havia outro lugar para ela ir.

"Uau. Você realmente causou apenas problemas ao nosso país”, disse Maomao.

"Meça suas palavras!", disse a assistente, sua compostura desaparecendo em um instante de fúria. A donzela do santuário, no entanto, conteve-a. Elas pareciam se equilibrar, uma ficando mais calma à medida que mais emocionada a outra ficava. Elas agiram como parceiras que se conheciam e trabalhavam juntas há muito tempo.

“Eu só lhe digo a verdade”, disse a donzela do santuário.

"Eu sei. Mas considere passar o resto da sua vida reparando o que você fez.” Foi a única coisa que Maomao pôde dizer, a única sugestão que lhe ocorreu, mesmo depois de muito pensar. Se isso não chegasse à donzela do santuário, não haveria mais nada que ela pudesse fazer. Ela olhou diretamente para a mulher. **"Morra por mim. De verdade desta vez.”**

Capítulo 22: A Futura Donzela do Santuário

Os ossos bateram quando foram colocados na jarra de cerâmica. Caberiam apenas alguns fragmentos, apenas o suficiente para preencher as palmas das mãos.

O cabelo branco como uma borla decorativa era preso por uma faixa de tecido azul.

A garota sem nome cujos ossos estavam agora na jarra certamente nunca sonhou que seria venerada em um país distante. Ela nunca teria imaginado as multidões de pessoas assistindo à partida de seus restos mortais, não poderia ter imaginado as canções de paz e descanso cantadas para seu repouso enquanto seus ossos seguiam seu caminho.

Ao sair de cena, Maomao tocou a faixa preta que ela usava, um sinal de perda - mas não mais do que um sinal.

Depois de tudo o que aconteceu, a donzela do santuário morreu conforme planejado. Não só Maomao, mas até o pai dela esteve presente para inspecionar o corpo. Se fosse qualquer outro médico, Maomao pretendia que a donzela do santuário tomasse a droga que fazia alguém morrer de verdade por um breve período.

Mas meu velho nunca seria enganado. Ela se sentiu mal por ameaçar a donzela do santuário, mas também sabia que seu pai era um homem muito gentil no que dizia respeito à vida das pessoas. Ela fez dele algo como seu cúmplice.

Quanto à verdadeira donzela do santuário...

"Este lugar é aceitável para você, donzela do santuário?", perguntou Jinshi. Ele não tinha certeza de como chamá-la agora que ela não estava mais no cargo, mas decidiu continuar a usar seu título anterior. Como ela não ocupava mais sua posição sagrada, homens como Jinshi poderiam agora se aproximar dela.

Eles estavam em uma sala com camadas de cortinas, especialmente preparadas para protegê-la da luz solar. **"Sim, é bastante tranquilo"**, disse ela.

"Fico feliz em ouvir isso. Eu ficaria feliz em mudar qualquer um dos móveis se eles não atenderem às suas necessidades", disse uma pessoa bonita em roupas masculinas atrás de Jinsh, Ah-Duo. Sua vila estava rapidamente se tornando um refúgio para pessoas como a sacerdotisa, que não podia aparecer em público. O imperador ainda visitava Ah-Duo de vez em quando, pois embora ela não fosse mais uma consorte, ela era muito mais perspicaz e atenciosa do que a média dos burocratas desajeitados. Então, novamente, talvez Sua Majestade simplesmente quisesse uma amiga com quem compartilhar uma bebida.

Eles tinham todos os motivos para manter a donzela do santuário em tal lugar. Ela não queria desistir de seu cargo enquanto estivesse dentro das fronteiras de Shaoh. Em vez disso, ela viajou para o exterior para morrer e deixar seu corpo desaparecer. O asilo político estava fora de questão para ela; sua autoridade como sacerdotisa teria despencado. Talvez ela tenha procurado a morte porque sentiu que não havia mais nada que pudesse fazer na sua posição.

Mas isso não é verdade.

Será que ela percebeu o quão valiosa poderia ser se continuasse a ocupar o topo da sua hierarquia, mesmo aqui num país estrangeiro? Mesmo depois de ela ter saído publicamente do palco? Tudo o que ela sabia, todas as informações que coletou ao longo

de décadas, eram um recurso inestimável. Talvez parecesse que ela estava traindo a terra onde viveu tantos anos – mas ela não estava em posição de dizer isso neste momento.

"Você honrará os termos do nosso acordo?" Jinshi disse, educado, mas firme.

"**Claro. Você não tem dois reféns contra mim?"** A donzela do santuário respondeu. Ela estava pensando na Dama Branca e em Aylin, ambas presas como criminosas. Considerando o que fizeram, teria sido e ainda seria perfeitamente normal decapitá-los a qualquer momento. **"Eu peço sua ajuda para Shaoh, no entanto."** Uma coisa audaciosa de se dizer.

"Se o que você compartilha conosco faz valer a pena." Jinshi deu a ela seu sorriso mais luminoso. Poderia não funcionar com a donzela do santuário, que de alguma forma estava além do gênero, mas de alguma forma parecia ofuscante mesmo em sua câmara escura.

Não havia falta e justiça na política, apenas coisas que terminavam bem ou não. Situações como esta não eram incomuns.

Maomao começou a seguir Jinshi quando ele saiu da sala, mas ela se virou quando a sacerdotisa disse: **"Ah, posso ter um momento?"** Ela estava segurando algum tipo de pergaminho. "**Pegue isso.**" Ela não o deu para Jinshi, mas para Maomao, que o abriu, imaginando o que poderia ser. Era um simples rolo de várias folhas de pergaminho de pele de carneiro, cada uma coberta com desenhos toscos.

"Os rabiscos de uma criança?" Maomao perguntou antes que ela pudesse se conter.

"Sim", disse a donzela do santuário. Maomao tentou se lembrar se havia alguma criança por perto — e seus olhos se arregalaram ao lembrar. Havia. Uma. A garota sem fala que estava com a assistente naquele dia. Jazgul ou algo parecido. Maomao lembrou-se de como ela e suas amigas suaram para encontrar o tutor da criança. *Eu não a vi pela vila, no entanto...*

Maomao olhou para os desenhos de Jazgul, perguntando-se qual o significado que eles tinham. **"Hum?"** ela grunhiu. Uma das imagens, desenhada em tintas, mostrava duas pessoas vestindo roupas brancas. *Mulheres jovens*, pensou Maomao. Uma delas tinha bandagens enroladas no braço. "**Essa sou... eu?",** ela perguntou.

"Sim."

Se Jazgul tivesse desenhado ela e Yao, Maomao supôs que ela era obrigada a aceitar o desenho. Mas era estranho – quando elas conheceram Jazgul, En'en estava com elas. E

nenhuma delas usava roupas de assistente médica. Enquanto ela se intrigava com esse mistério, Maomao notou alguns números no verso do pergaminho. Provavelmente uma data, mas escrita em números que ela não reconheceu.

"Então... o que é isso?", ela perguntou.

"Jazgul desenhou antes de deixarmos Shaoh."

"Antes de você sair?" Mas isso não fazia sentido. Isso teria acontecido muito antes de ela conhecer Maomao e as outras. A donzela do santuário estava fazendo algum tipo de piada?

Pela primeira vez, a sacerdotisa pareceu divertida. **"Eu não te disse que quando eu fosse embora, haveria outra donzela do santuário? Naquele dia, no dia em que ela se perdeu, Jazgul estava estranhamente exigente. Ela insistiu em sair. Conhecer você, tenho certeza."**

"Eu... eu duvido muito disso." Maomao só acreditava em coisas para as quais havia evidências concretas. A donzela do santuário deve estar brincando; ela tinha certeza disso. Ela enrolou o primeiro pergaminho. A segunda folha mostrava uma figura brilhante que se parecia com a donzela do santuário, juntamente com uma figura esbelta e outra ilustração rabiscada de Maomao. Precisamente as pessoas nesta sala neste momento.

Maomao não disse nada, apenas olhou para o pergaminho. **"Há mais um. Estude-o atentamente quando tiver tempo"**, aconselhou a donzela do santuário.

Maomao ficou de pé, quase confusa; ela não sabia o que dizer.

A donzela do santuário continuou: **"Desejo que você saiba que eu também tive isso, uma vez. Falta algo às donzelas do santuário de Shaoh, mas elas possuem algo mais. Não tenho cor na pele e Jazgul não tem voz. Embora eu tenha medo de que minhas habilidades tenham desaparecido no momento em que descobri a verdade sobre quem eu era."** A sacerdotisa evidentemente aprendia rápido, pois se tornara muito mais fluente na língua local durante sua breve estada.

Maomao ainda estava pasma quando Jinshi voltou para a sala. **"O que está prendendo você? Vamos",** disse ele.

"Certo... Claro", disse Maomao e o seguiu. Jinshi lançou-lhe um olhar curioso, mas seguiu em frente. Ele não deve ter ouvido o que a donzela do santuário disse.

A donzela do santuário... *Quem é ela, realmente*? Maomao se perguntou. Tinha que haver algum tipo de explicação lógica, mas se houvesse, Maomao não sabia qual era. Ela ainda estava pensando nisso enquanto subia na carruagem. Talvez os desenhos fossem uma coincidência; talvez a donzela do santuário estivesse se esforçando para ajustá-los às circunstâncias.

Sentada na carruagem, Maomao virou-se para a última folha de pergaminho, mas era tão desconcertante quanto o resto.

"O que deveria ser isso?" Jinshi perguntou.

"Não me surpreende", disse ela.

A "imagem" consistia apenas em uma linha na página, cujo espaço acima estava rabiscado em preto.

Epílogo

As cigarras silenciaram e foram substituídas por grilos. *Talvez estejam jogando críquete e sumô na cidade*, pensou Maomao. Era um entretenimento simples em que os insetos eram obrigados a lutar entre si. Tal como acontece com as brigas de galos, as apostas eram comuns. No momento, porém, Maomao estava num quarto de uma casa na periferia da capital, um pouco afastada da agitação do centro da cidade. Ela estava olhando para Yao, que estava deitada na cama. Essa era a casa dela.

"Eu realmente gostaria de voltar ao trabalho o mais rápido possível", disse Yao, olhando para fora. Ela estava vestindo roupa de dormir. Já se passaram mais de duas semanas desde o envenenamento. Ela ficou inconsciente por um tempo, mas agora parecia ter se recuperado.

"Tenho certeza de que isso deixaria En'en muito feliz", disse Maomao. En'en estava trabalhando naquele momento – não mais para Jinshi; ela voltou ao consultório médico. Maomao suspeitava, porém, que ela ainda não estava se concentrando muito bem. Ela havia sido demitida do serviço de Jinshi por não cumprir seus deveres. Em vez disso, ela passou todo o tempo ao lado de Yao, mas Maomao percebeu que Yao finalmente a expulsou.

"Eu realmente pensei que poderia viver sem ela", disse Yao, mais para si mesma do que para Maomao.

"Não creio que alguém pudesse ter evitado o que aconteceu", disse Maomao.

“Nem mesmo você, Maomao?”

Ela ficou quieta com isso. Ela tinha o hábito de colocar qualquer objeto venenoso de aparência interessante na boca e, sim, ela já havia experimentado Amanita virosa antes, embora a tivesse vomitado antes de ser absorvida pelo trato digestivo. (Aliás, ela fez o mesmo depois de provar o mingau de cogumelos nos aposentos da donzela do santuário, colocando devidamente um dedo na garganta antes de poder digerir o que havia comido. Ela não deve ter comido tudo, pois ela teve um leve caso de vômito mais tarde.)

A *velha com certeza enlouqueceu comigo daquela vez.* A senhora foi impiedosa, valendo-se de toda a sua experiência ajudando as cortesãs com abortos. Maomao pensou que ela poderia tossir o próprio estômago. Então, sim, ela estava familiarizada com o sabor e as qualidades culinárias dos cogumelos. Ela poderia até ter notado o fungo venenoso, se não tivesse sido picada muito.

“Acho que ainda não sei o que estou fazendo”, disse Yao, afastando a franja. Ela havia perdido muito peso por causa do veneno, mas seu peito ainda estava bastante saudável.

Maomao passou-lhe um pouco do chá medicinal que o pai lhe dera. Agora que Yao estava fora de perigo, ela estava sendo tratada em sua própria casa – mas Maomao olhou ao redor daquela casa com alguma surpresa. Era uma casa linda, é verdade, mas de alguma forma parecia solitária. Mesmo os criados que vieram cumprimentá-la pareciam poucos, considerando o tamanho da mansão.

“Lamento não poder mostrar-lhe mais hospitalidade”, disse Yao.

Provavelmente era aqui que Maomao deveria dizer algo como **“Ah, de jeito nenhum”**, mas ela nunca foi boa em sutilezas sociais.

“Esta costumava ser nossa segunda casa”, continuou Yao. **“Mas meu tio tirou a casa principal de nós.”**

“Entendo”, disse Maomao. Então era por isso que ela estava morando em um lugar tão afastado. Maomao sabia que Yao vinha de uma boa família, mas agora ela achava que entendia por que a jovem demonstrava tanta ambição, tanto desejo de se tornar assistente médica.

“Tentei dar um empurrão em En’en, mas ela voltou. Não creio que ela possa esperar chegar a algum lugar do mundo me servindo.”

O pai de Yao estava morto e, embora ela tivesse uma herança, seu tio era o sucessor na chefia da família. Em Li, esperava-se que as mulheres obedecessem aos homens. Agora

que ele era o chefe da casa, o futuro de Yao estava nas mãos de seu tio. Se ele fizesse um casamento para ela, ela seria obrigada a aceitá-lo.

O que explica por que ela está tão ansiosa para aprender um ofício. Era uma forma de a jovem controlada resistir ao seu destino.

"É uma pena que En'en tenha jogado fora. Presumo que o Príncipe da Lua gostava muito dela."

"Sim, é o que parece."

Maomao achava que tinha pelo menos alguma noção do que Jinshi gostava em En'en. Ele podia ser uma pessoa distintamente estranha (não que ela fosse de falar), e parecia mais confortável com pessoas que tinham exatamente o que era necessário para fazer com ele, em vez de bajulá-lo ou se envolver demais. Maomao estava um pouco preocupada com o que Jinshi poderia decidir fazer a seguir, mas imaginou que elas estariam seguras por um tempo.

"Eu tinha certeza de que En'en faria um excelente trabalho, não importa onde fosse", disse Yao.

"Pode-se dizer que o verdadeiro valor dela só se revela quando ela está com você, Yao", respondeu Maomao. Na verdade, às vezes isso se revelava um pouco demais. Poderia ser assustador. Especialmente quando se tratava do peito de Yao – não havia como negar que En'en havia fornecido todos os nutrientes necessários a cada passo.

Definitivamente preciso de um gráfico do que ela está alimentando, pensou Maomao. Ela inconscientemente começou a flexionar os dedos.

"Sim... Foi exatamente por isso que eu queria dar a ela uma chance de fugir. Mas vejo agora que é impossível. Não só para mim, se En'en realmente precisa tanto de mim, quem sou eu para recusar?"

Maomao suspeitava que essas mudanças sentimentais eram uma das coisas que atraíam En'en para Yao. Ela adoraria descobrir como En'en reagiria caso Yao se tornasse esposa de alguém.

"Sem esperança", Yao repetiu com carinho. Então ela olhou para Maomao. **"E acho que você tem feito algum trabalho sobre o qual não nos contou."**

"O que você quer dizer?" Maomao disse. Ela se sentiu culpada por tentar se fazer de boba. É verdade que Yao sobreviveu ao envenenamento, mas Maomao permitiu especificamente que a criminosa que o cometeu sobrevivesse. Enquanto isso,

publicamente, acreditava-se que Yao havia fracassado como provadora de comida e sido indiretamente responsável pela morte de uma pessoa muito importante, uma mancha em sua reputação com a qual ela teria que conviver.

E ela não ganha nada com isso.

“Eles estão me tratando muito bem”, disse Yao. **“Eu estraguei tudo, baguncei tudo e ainda assim eles estão sendo decentes comigo, me permitindo continuar trabalhando. Não sou criança para pensar que o mundo é tão gentil com as pessoas.”**

Maomao prendeu a respiração.

“Não, você não precisa dizer nada. Finja que estou falando sozinha. Você pode simplesmente tomar um gole de chá e olhar para longe.” Ela continuou, as palavras saindo com facilidade. **“Acredito que aqueles ao meu redor são gentis o suficiente para simplesmente não se livrarem de mim, mas isso também mostra que eles não acreditam que estou no nível deles. Sei que pode não ser sensata dizer isso em voz alta, e talvez o fato de que o sou seja apenas mais uma prova de que ainda tenho muito que crescer, mas preciso tirar isso do meu peito. Sim... Mesmo que eu esteja apenas dizendo isso para mim mesmo.”**

Por outras palavras, ela compreendeu, mesmo que vagamente, que o caso não tinha terminado da forma como o público foi informado. Sem dúvida, Yao não era a única que tinha suas suspeitas, mas fingir que nada havia acontecido era a coisa mais inteligente a fazer, e todos mantinham a boca fechada.

“Se En’en descobrisse, não sei o que ela poderia fazer. Posso aceitar, mas ela pode não me ouvir. Então, só espero que você tome cuidado para que ela nunca descubra a verdade.” En’en poderia de fato questionar o que aconteceu com a donzela do santuário. Se ela descobrisse quem era o verdadeiro autor do envenenamento e que eles ainda estavam vivos, ela poderia decidir se vingar no lugar de Yao. **“Eu odiaria que En’en fizesse algo precipitado, algo que pudesse impedi-la de encontrar um lugar melhor no mundo. Isso é tudo."**

Olha? Sentimental.

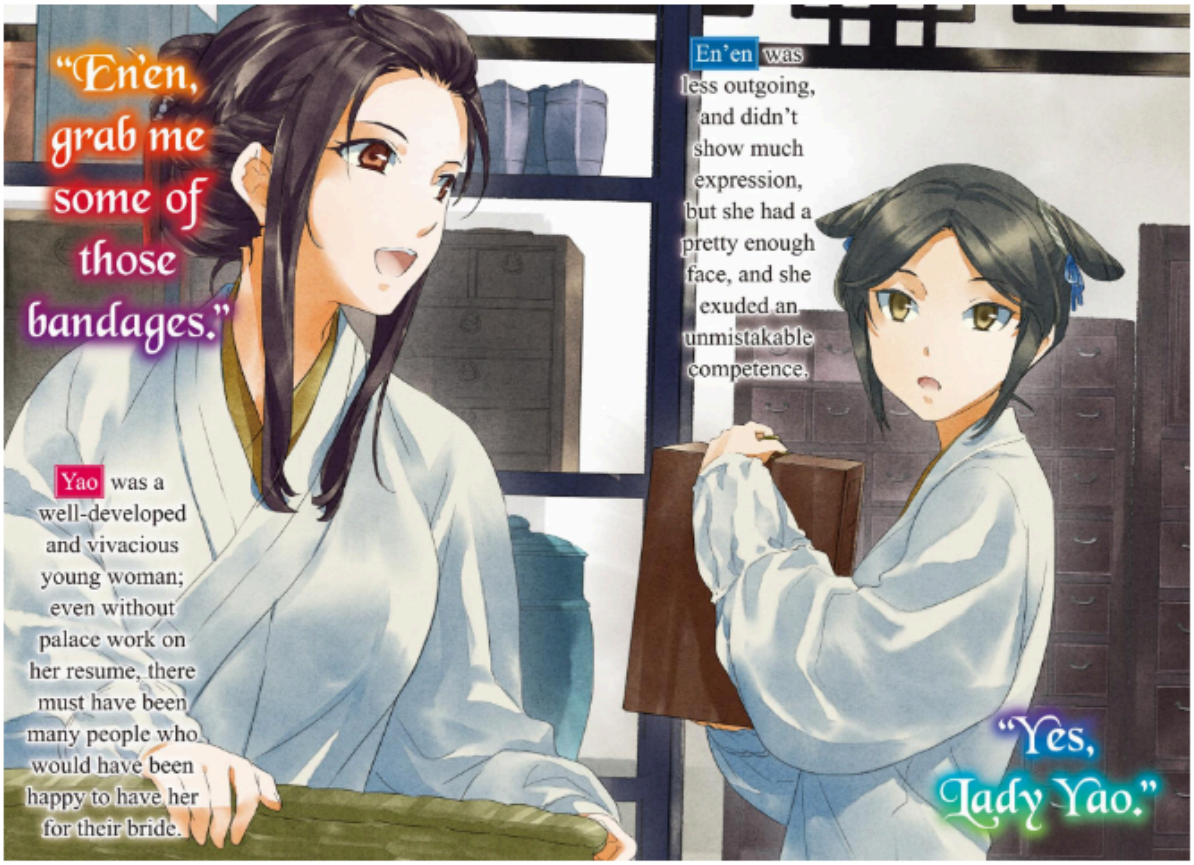
Aqueles acima delas determinaram que aquele assunto estava encerrado, então na mente de Maomao estava tudo acabado. Ela não gostaria de mexer na panela. **“Receio que meus ouvidos não sejam muito bons, então não ouvi a maior parte do que você estava dizendo. Sim?"**

“Meu Deus, deve ser difícil ter uma audição tão ruim”, respondeu Yao, com um toque de provocação. Ela informou a Maomao que voltaria às suas funções dentro de alguns dias.

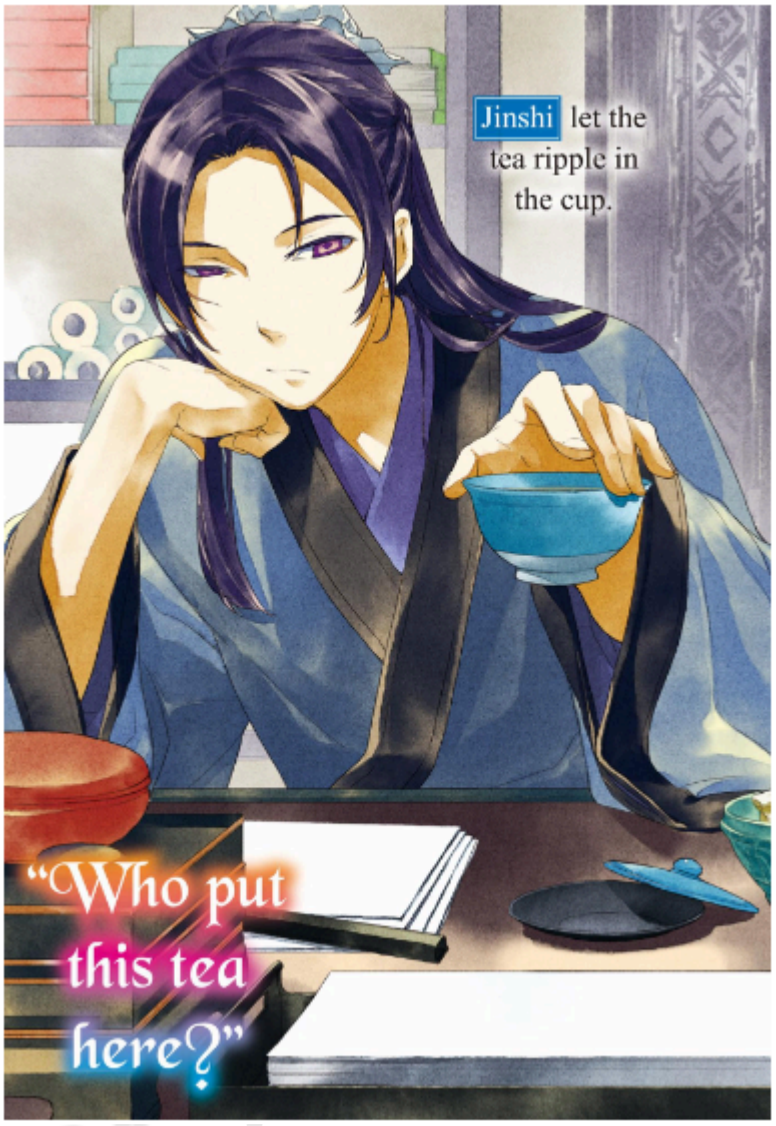
Maomao saiu da mansão. Ela tinha o dia de folga, então não havia carruagem esperando por ela. A caminhada para casa foi um pouco longa, mas ela conseguiria. As crianças corriam, carregando pequenas gaiolas com insetos. A atmosfera festiva havia diminuído, substituída por uma preguiça confortável. Para os habitantes da cidade, a morte da sacerdotisa estrangeira era apenas uma preocupação passageira. A última energia do festival logo seria superada mais uma vez pelos ritmos da vida cotidiana.

Maomao cheirou o ar. Estava ficando frio. Ela partiu para casa.

Ilustrações coloridas



Jazgul was practically bouncing up and down with excitement. She was so eager to get on the boat.


Jinshi let the tea ripple in the cup.
"Who put this tea here?"

And somewhere in the middle of it all was a most unsettling shadow, following the group from behind. Maomao tried to ignore it, but she kept seeing it out of the corner of her eye. Maybe the person thought they were being sneaky, but they were terrible at it. Who was this strange figure? He had no facial hair, eyes like a fox, and a pointless monocle (maybe he thought it made him look fashionable). By now you ought to know who we're talking about. One wouldn't wish to say his name.
"Who's that?"
Some of the ladies began to whisper.
(He's more important than you might think around here...)